FUNDADOR — JOAQUIM MANSO SÁBADO, 23 DE JANEIRO DE 1960 ANO 39.º — NÚMERO 13 334

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O ministro da Presidência visitou no Paquistão *o centro industrial de Carachi*

CARACHI, 23. — O ministro da da Presidência de Portugal; dr. Pedro Teotónio Pereira, visitou esta manhã, acompanhado da sua comitiva, a zona industrial da cidade de Carachi, tendo percorrido, demoradamente, as instalações de várias fábricas de tecidos e tabacos, famosas em toda a Asia.

O ilustre visitante felicitou os industriais paquistanianos, manifestando o seu apreço por ter tido ocasião de admirar excelentes e modernas instalações fabris.

Depois do almoço visitou a nova cidade de Korangi, situada nos arredores de Carachi e onde já se encontram reinstalados cerca de 40.000 deslocados, em harmonia com um plano do Governo do presidente Ayub, para socorrer as populações obrigadas a abandonar as suas terras da União Indiana, quando esta e o Paquistão se tornaram independentes.

À tarde, efectua-se uma recepção oficial oferecida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, em honra do ministro da Presidência de Portugal, assistindo o corpo diplomático e altas individualidades pasquitanianas e estrangeiras.

O dr. Teotónio Pereira, regressa amanhã a Lisboa, depois de concluida a sua visita oficial ao Paquistão. Esta noite é homenageado com um jantar oferecido pelo embaixador de Portugal, dr. João de Deus Bataglia Ramos, encontrando-se entre os convidados o embaixador do Brasil, Murilo Tasso Fragoso, o embaixador da Espanha, marquês de Orellana la Vieja, o ministro paquistaniano dos Negócios Estrangeiros, Ikra Mullá, e o chefe do protocolo, M. Rabb. — (A. N. I.).

A princesa Michiko, do Japão, recebe hoje, da corte, o «cinto da maternidade». (Ler notícia na página central)

Há esperanças de que os mineiros emparedados *possam ainda estar vivos*

JOANESBURGO, 23 — Já quase não há esperanças de encontrar vivos os 500 mineiros soterrados na mina de Clydesdale, visto os esforços para colocar uma conduta de ar exigirem muitos dias.

Muitos mineiros africanos que não se encontravam nos locais na altura da catástrofe, tentaram não responder aos apelos para ocuparem os seus lugares, mas as autoridades intervieram.

Ao mesmo tempo, os telefonemas de voluntários não cessaram durante todo o dia, mas a maioria dos candidatos não tinha nenhum conhecimento de trabalhos de mina.

Ao princípio da madrugada de hoje, as brigadas de socorros tinham já perfurado cerca de 900 metros em direcção á galeria. Segundo os cálculos feitos, será preciso perfurar ainda 1.500 metros para alcançar o local do sinistro. — (F. P.).

Os trabalhos de salvamento

BLOEMFONTEIN, 23 — Gigantescas brocas mecanicas estão a perfurar o subsolo. Uma broca especial, trazida da Bechuanalandia, está a tentar abrir um orifício de cerca de dois metros de diametro até á galeria. Através do buraco poderiam passar os alimentos, a água e o ar, a fim de sustentar os mineiros até ser aberto um buraco maior através do qual viriam a ser retirados. Os mineiros encontram-se a 198 metros de profundidade e a cerca de dois quilómetros de distancia da entrada da mina.

Não há a certeza de serem encontrados sobreviventes. Isolados há mais de 24 horas, e quase sem ar, os mineiros têm poucas probabilidades de sobreviver.

Na galeria em que os mineiros se encontram, é possível que se tenha também formado uma alta concentração de gás metano.

Ao mesmo tempo que as brocas procuram abrir caminho directamente até junto dos mineiros, brigadas de socorro, enfrentando o risco de novos desabamentos, estão a abrir caminho através das galerias desmoronadas. Terão de remover cerca de 8.000 toneladas de entulho antes de atingir a entrada da galeria.

As brigadas de socorro trabalham em condições perigosíssimas. A' medida que vão abrindo cami-

(Continua na ultima página)

FILTRO DE CIGARRO à base de queijo

MADISON (Wisconsin), 23. — O professor Henry Lardy, bioquímico da Universidade de Wisconsin, anunciou que um filtro de sua concepção, á base de queijo e carvão, reteria 90 por cento dos alcatrões absorvidos normalmente pelos fumadores.

As possibilidades de aplicação deste novo filtro são muito satisfatórias e económicas, e no caso de se generalizar o seu uso, serão necessárias 200.000 toneladas de queijo por ano para a sua fabricação.

O professor Lardy estudou as possibilidades do novo filtro durante um ano de intensivas experiências. — (A. N. I.).

A obra desenvolvida pela Fundação Gulbenkian em Portugal e no estrangeiro expressivamente documentada

Não é só a impressão dos bons princípios de administração orientadores do trabalho complexo da gerência da Fundação Gulbenkian que ressalta da análise do comunicado que hoje reproduzimos na íntegra, relativo ás actividades daquela benemérita instituição, no segundo semestre do ano que findou. E' também a possibilidade de verificar, em face de uma exposição clara e metódicamente ordenada, a extensão da obra que se está a levar a efeito, sob a égide de um nome digno de todo o respeito, pelo interesse que lhe mereceu o País e pela generosidade com que criou um instrumento de valorização que está, na verdade, a ser utilizado com notável ponderação. Bastará, com efeito, percorrer a elucidativa lista dos subsídios concedidos e o destino que eles tiveram para se ficar a fazer uma ideia da amplitude dessa obra, do valor que ela representa e do critério com que se está a orientar o conselho de administração a que preside a figura vigorosa do dr. José de Azeredo Perdigão, que tão bem tem sabido corresponder ás intenções do generoso testador, a quem se deve a criação da Fundação, e que, numa acção inteligente e cheia de ponderado equilibrio, tem conseguido ir ao encontro das mais variadas necessidades de Portugal e de outros países, nos domínios mais diversos da cultura, da técnica e da assistência.

Eis o texto do comunicado:

Em observancia de uma norma de conduta que vem sendo prati-

(Continua na 11.ª página)

40 CRIANÇAS SOTERRADAS VIVAS NUMA ESCOLA

MANILA, 23. — Segundo relatórios chegados hoje a Manila, 40 crianças ficaram ontem soterradas vivas sob toneladas de terra, devido a um desprendimento de terreno que se produziu perto de Zamboanga, ao sul da ilha de Mindanao. A escola, feita de madeira, encontrava-se no sopé da montanha. As autoridades receiam que quase todas as crianças tenham morrido. Brigadas de socorros trabalham febrilmente para desobstruir o local. — (F. P.).

Eis o mais novo manequim de França, o Zoé, de oito meses, apresenta na Televisão a toalha «Nicolas Charrier». Admirável publicidade, que levará milhares de mães a envolver os bebés num pano turco com o nome da criança mais célebre do momento — o filho de B. B.

PARA ELAS E PARA ELES

1960 decreta a moda. Eis três modelos envergando trajos que são o «non plus ultra» da elegancia. Da esquerda para a direita: um fato para viagem e desporto, de lã, aos quadrados cor de laranja, um vestido para viagem de lã e um fato de «fim de semana», com casaco «pied-de-poule». Modas para eles e para elas — eis a questão.

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

O Mar e a saúde dos povos

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

NUM breve estudo, editado em 1951: «Ramalho Ortigão, hidroclimatologista», Mário Rosa, professor do Instituto de Hidrologia, soergue dois livros esquecidos daquele escritor: «Banhos das Caldas e Águas Minerais» e «As praias de Portugal», recordando a propósito a introdução de Júlio Cesar Machado, que termina com esta frase:

«Sempre que temos sido grandes, o havemos devido às águas. Mas agora já seria caturreira querermos ser heróis por ter andado ao de cima delas: façamos melhor: bebamo-las».

O grande Ricardo Jorge, recordando Ramalho, mestre dos escri-

(Continua na 11.ª página)

Diario de Lisbôa PUBLICA HOJE 32 PAGINAS QUE INCLUEM MAGAZINE * JUVENIL * DE UMA SEMANA PARA A OUTRA

2.ª TIRAGEM

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

ESTAÇÕES FLORIDAS

DESDE há um século as vias férreas estenderam-se por esse país fora, cortando-o e recortando-o em todas as direcções e sentidos; e a qualquer hora do dia ou da noite deslizam ligeiros por essas linhas os comboios. Aqui e além param ofegantes na pacatez de uma estação e, por essa província fora, a hora do comboio é ainda o acontecimento de todos os dias, como a chegada do correio. A' estação acorrem rapazes e raparigas que miram as janelas das carruagem de onde olhares de fogo se cruzam com os deles. Depois o comboio parte e estação, aldeia ou vila regressam á pacatez normal. O chefe tira o seu casaco de alpaca negra, pousa o seu boné de pala hirta e pega num sacho cultivando as flores nos canteiros da estação Essas flores frescas e mimosas onde se amaciam os olhos cansados dos viajores e que alegram o ambiente de ferros, estalidos, sacas e poeira são elemento de primeiro plano na campanha para tornar Portugal um país alegre. Trepadeiras verdes de folhas de veludo e rosas lindas de pétalas vaidosas e menineiras atraiam as atenções do S. N. I. neste XVIII Concurso das Estações Floridas. O juri constituido pelos srs. eng. Augusto José Simplício Duarte, Arcelino Nogueira de Faria e D. Aurea Batalha Reis visitou nada menos de 277 estações de caminho de ferro antes de atribuir as classificações. No final, o 1.° prémio foi para a estação de Fronteira, nesse alentejo vasto; o 2.° para Fornos de Algodres, nas faldas da Estrela, onde o frio no Inverno é de rachar; o 3.° vai para a beirinha do Porto, para Contumil; o 4.° para Luso-Buçaco, o 5.° para Valado e o aridez do viajante e dão as boas-vindas a quem chega, canteiros alearidês do viajante e dão as boas-vindas a quem chega, canteiros alegres de Portugal, como podem elas contribuir para o optimismo dos que partem de quem chega ou passa! Estações floridas, hino á alegria de viver!

FEIXE DE NOTICIAS

SEGUIA na estrada de Loures o soldado Francisco Soares Tomás Ramos, de 21 anos. Ia numa dessas cigarras que enchem as nossas estradas que são as bicicletas motorizadas. Foi ultrapassar uma camioneta de carga, mas com imprudência, pois, em sentido contrário, vinha outra camioneta. O condutor desta ainda meteu travões a fundo, mas não foi a tempo de evitar a morte do imprudente Francisco Ramos. São horas dos diabos e que custam vidas preciosas.

*** Albertino Joaquim dos Santos, de 48 anos, de Covas, concelho de Oliveira do Hospital, não é para brincadeiras. Alto lá com o homem que atira a matar. Teve uma discussão com a mulher de Julio Gouveia dos Santos e quando este apareceu o Albertino, zás, põe a sua caçadeira á cara e ai vai disto! Felizmente que a carga atingiu de raspão o Julio Santos. O insofrido vizinho foi acalmar nervos e temperamento na cadeia que é lugar pacato.**

*** Américo Guimas Matos, de 30 anos, era um operário conscienciosso. Vivia na Moita e ia para o seu trabalho na C. U. F., pela berma da estrada. Sem mais nem quê, vem de lá uma camioneta. Colheu-o e matou-o. O motorista foi entregue ás autoridades.**

*** O José Manuel Russo Rosado nasceu em Evora, cidade-monumento. Vivia com os pais na Quinta Velha do Degebe. 13 anos vivos e irrequietos que ontem tiveram fim. Na sua bicicleta fazia avarias e atirava-se pela Ladeira da Boa Morte. Nessa ladeira caiu e morreu o pequeno José Manuel Russo Rosado.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Nacional de Belém, os srs. embaixador dr. Marcelo Matias, ministro dos Negócios Estrangeiros; ministro da Tailandia; generais Luís da Camara Pina e Carlos da Silva Freire; dr. Barradas de Oliveira, director do «Diário da Manhã»; presidente da Camara Municipal de Elvas; e José Ferreira Canelas, a sr.ª D. Oliva Guerra e os cadetes da Escola Naval srs. Baptista Lopes e Moitinho de Almeida. * O sr. Presidente do Conselho trabalhou com o sr. presidente da Camara Corporativa e recebeu o sr. ministro da Tailandia. * A Inspecção Superior dos Tribunais do Trabalho elaborou um parecer, segundo o qual deverão ser considerados empregados para efeitos do imposto profissional os mestres de traineiras e os profissionais de café que servem ao balcão. * Um automóvel de praça que fôra de Coimbra a Soure despistou-se, embateu numa árvore e morreu o motorista José Maria de Oliveira, de 42 anos. * O carregador Basílio da Costa Martins. de 48 anos, descia de uma camioneta da Ceramica de Nariz. Por imperícia caiu de cabeça para baixo e teve morte quase imediata.

AGRADECIMENTO

Ao Ex.mo Snr. Dr. Leopoldo Laires

Gustavo Batista dos Santos, vem por este meio, patentear o seu reconhecimento ao Ex.mo SR. DR. LEOPOLDO LAIRES, seus ajudantes e anestesista por lhe terem salvo a vida na grave intervenção cirurgica a que se sujeitou. Neste agradecimento envolve o seu médico assistente e grande amigo, DR. A. PIRES DE ANDRADE. AO PESSOAL DO HOSPITAL DE JESUS pelo carinho e competência e a todos os amigos que o visitaram os meus mais sinceros agradecimentos. GUSTAVO BATISTA DOS SANTOS.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
SIMPLES OU COM SODA

«DIÁRIO DE LISBOA»

O «Diário do Alentejo», num balanço da actividade desenvolvida na reunião, em Lisboa, do conselho geral da Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Motoristas, enaltece o significado e o valor da importante manifestação e presta homenagem ao «Diário de Lisboa» exaltando o magnífico espírito de cruzada que informou a «Campanha de Segurança no Transito», organizada pelo nosso jornal com a colaboração prestimosa de entidades como a Mobil Oil e a P. V. T., ás quais o articulista do «Diário do Alentejo» presta também a sua homenagem, e que, repetidas vezes, foi louvada pelo conselho geral da Federação durante a sua reunião de Lisboa.

Chegaram as andorinhas...

MARVÃO, 22 — Chegaram a esta localidade as primeiras andorinhas.

Clínica Dentária Santa Joana

RUA BRAAMCAMP, 88, 1.º ESQ. TELEFONE 733257
Director clínico: DR. ARMANDO FERREIRA E SILVA
Corpo clínico: DR. JOÃO BAÇÃO LEAL — DR. A. FALCATO SIMÕES — DR. C. LOBATO CORTESÃO — DR. LÉLIO MARQUES — DR. MANUEL VASCONCELOS
DIAS UTEIS — das 9 à Meia-noite
DOMINGOS — das 9 à 1 da Tarde

Portugal estará presente na reunião de navegação aérea a realizar em Roma

Em Roma, a partir de 26 do corrente, vai realizar-se a I reunião regional de navegação aérea Africa-Oceano Indico, na qual Portugal estará presente com uma importante missão, chefiada pelo sr. eng. Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil, da qual fazem parte o sr. António Francisco Aguiar, director dos Serviços Técnicos da D. G. A. C., eng. Rui Sampaio e Melo, director dos Serviços de Obras Publicas do mesmo organismo, tenente-coronel Euripedes Sousa da Silva, director do Serviço de Aeronáutica Civil de Angola, capitão-de-fragata Cardoso Barata, director do Serviço de Aeronáutica Civil de Moçambique, eng. Secundino de Almeida, meteorologista-chefe e director do Serviço de Meteorologia de Angola, dr. António Silva de Sousa, meteorologista-chefe do Serviço Meteorológico Nacional, tenente-coronel Jacinto da Silva Medina, director da Divisão de Exploração dos Transportes Aéreos de Angola, tenente-coronel Armando Silva Pais, director da Divisão de Exploração de Transportes Aéreos de Moçambique, eng. Penha Lopes, chefe da Divisão de Segurança Aérea do Serviço de Aeronáutica Civil de Moçambique, eng. Luís Duarte Lopes, chefe da Divisão de Segurança Aérea do Serviço de Aeronáutica Civil de Angola, eng. Herculano Barbosa, chefe da Repartição de Segurança Aérea da D. G. A. C., eng. Adriano Barreira, chefe do Centro de Controle Regional de Navegação Aérea do Continente, eng. Tomás do Espírito Santo, meteorologista de 1.ª classe do S. M. N., dr. Nuno Bessa Lopes, cônsul de 1.ª classe do Ministério dos Negócios Estrangeiros, comandante António da Silva Soares, piloto de estudos da TAP e eng.º Fernando Belém Monteiro, chefe do Serviço de Telecomunicações da TAP.

A partida dos principais componentes da missão está marcada para amanhã, num avião da Alitália, que descolará do aeroporto ás 15 e 15. Alguns dos elementos das províncias ultramarinas de Angola e Moçambique, seguirão directamente para Roma.

O principal objectivo da reunião é alterar o plano regional das instalações e serviços necessários á segurança e á regularidade da navegação aérea internacional. Nas oito regiões de navegação aérea da I. C. A. O., esses planos prescrevem a entrada em vigor e colocação de cerca de 50 000 instalações e serviços de navegação aérea, tais como aeroportos, meios de telecomunicações e de meteorologia, ajudas á navegação, regiões de informação de voo, serviços de «contrôle» da circulação aérea e bases de buscas e salvamento. Trata-se da primeira reunião para a região Africa-Oceano Indico, depois da entrada em exploração dos aviões de jacto, cujas necessidades serão tomadas em conta dentro da revisão do plano regional.

Tomam parte na importante reunião delegações dos seguintes países, além de Portugal: Austrália, Ceilão, Etiópia, Ghana, Guiné, India, Libéria, Marrocos, Republica Arabe Unida, Sudão, Tunísia, União Sul Africana, os restantes membros da Organização Internacional de Aviação Civil (I. C. A. O.).

A «MOBIL OIL»

distingue os seus funcionários mais antigos

Em obediência a uma tradição que já conta cerca de 30 anos, a Mobil Oil Portuguesa vai galardoar, com emblemas de antiguidade, os funcionários que a servem.

Assim, nos escritórios daquela importante empresa, Rua da Horta Seca, 15, realizar-se-á, na segunda-feira, ás 18 e 15, um «cocktail», durante o qual serão entregues emblemas especiais aos empregados que em 1959 completaram 20, 25, 30 e 35 anos de serviço.

Estranhas experiências

sobre seres vivos na Amazonia

Numa viagem feita através da misteriosa Amazonia, foi encontrado, em região inóspita e pouco acessível, um médico alemão que tinha montado um hospital, onde fazia as mais estranhas experiências sobre seres vivos. O caso, que despertou o mais vivo interesse nos meios científicos, foi relatado pelo malogrado escritor brasileiro Gastão Cruls no seu livro «A Amazonia Misteriosa», agora editado em Portugal.

A Universidade de Coimbra e as comemorações henriquinas

COIMBRA, 23. — Sob a presidência do reitor, dr. professor Maximino Correia, reuniu-se o Senado Universitário, que aprovou votos de pesar pelo falecimento do professor Feliciano Guimarães, cujo elogio foi feito pelos professores Maximino Correia e Carlos Moreira, pelo professor Matos Romão e pelo dr. Alberto Sá de Oliveira.

O professor Maximino Correia, presidente da delegação em Coimbra da Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique apresentou o programa das comemorações a levar a efeito em Coimbra, já completamente delineado e aprovado pelo sr. Presidente do Conselho, do qual constam, no dia 4 de Maio, início das comemorações, um solene «Te-Deum», na Sé Catedral, para o qual o sr. arcebispo-bispo-conde deu benévola anuência, e á tarde ou á noite, sessão solene na Camara Municipal, cuja organização ficará a cargo do presidente do município, dr. Joaquim de Moura Relvas.

No dia 7 de Maio, cerca de 400 estudantes universitários a que poderão agrupar-se delegações de outras escolas, irão em romagem ao tumulo do Infante D. Henrique, na Batalha, onde ouvirão uma alocução patriótica. No dia 12 de Maio, haverá, na Sala dos Capelos, uma solenissima sessão, na qual usarão da palavra os professores Manuel Lopes de Almeida, pelo corpo docente da Universidade, dr. Armando Cortesão, pelo Instituto de Coimbra, e o presidente da Associação Académica, pelos estudantes, encerrando a sessão o reitor da Universidade.

Durante o curso de férias da Faculdade de Letras, serão proferidas séries de lições sobre o Infante D. Henrique, a sua influência e repercussão da navegação e das descobertas na civilização.

O Senado Universitário deu a sua concordancia a este programa e, por fim, foram tratados vários assuntos universitários.

Recenseamento eleitoral

na freguesia do Socorro

Na sede da Junta de Freguesia do Socorro, Rua da Mouraria, edifício do Amparo, encontra-se em funcionamento a comissão recenseadora da freguesia do Socorro, podendo a inscrição dos paroquianos não inscritos no recenseamento eleitoral fazer-se todos os dias uteis, até 15 de Março. A comissão funciona com o seguinte horário:

Nos meses de Janeiro e Fevereiro até ao dia 15 de Março de 1960, todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 15 ás 18 horas; e ás terças e sextas-feiras, durante o mesmo período, também se poderá fazer a inscrição das 20 ás 21.

COM CEM ANOS

vive em Ilhavo e encara o futuro a sorrir

ILHAVO, 23. — Os casos frequentes de gente nova ou de meia idade que encara a vida como um «acontecimento passado», salienta ainda mais o exemplo de pessoas como o sr. Sebastião António Loureiro que vive na Rua do Casal desta vila, na companhia de dois sobrinhos. Fez 100 anos há dias e, gozando de óptima saude, afirma com grande convicção que ainda vai durar uma boa dezena de anos.

Sempre simpático e afável, o sr. Sebastião só lamenta a falta de vista que não o deixa fazer os seus passeios, pois forças não lhe faltam. É viuvo e não tem descendentes. De novo, começou a trabalhar nas companhas de pesca de S. Jacinto (concelho de Aveiro) e, nesse serviço duro passou grande parte da sua vida. Não sabe ler, mas conta com muita graça episódios curiosos da sua mocidade, alguns deles relativos ao valente arrais Gabriel Ançã com quem trabalhou.

Diário da

OUTRA BANDA

O «Diário de Lisboa» tem agora

cinco «placards» em outras tantas localidades do concelho de Almada

Foi recebida com vivo interesse a iniciativa do «Diário de Lisboa», da inauguração de cinco «placards» nos pontos mais centrais do concelho de Almada.

Foram hoje colocados nos seguintes locais:

Almada

Nos estabelecimentos de café, pastelaria e restaurante, *Dragão Vermelho*, de que são sócios os srs. João Isidro da Silva, Rafael Silva e Rogério Furtado de Freitas. Aqui o nosso «placard» ficou colocado em local bem visível, onde serão afixados além dos resultados dos jogos das 1.ª e 2.ª Divisão, notícias de interesse publico.

No Monte de Caparica

Leitaria do Monte, no Largo do Monte de Caparica, que é também a agência de venda do «Diário de Lisboa» e outros jornais, pertencente ao sr. Luciano Caetano, que fica no centro da freguesia. Antes, porém, da afixação do «placard», a esposa daquele senhor, em belo talhe de letra, escreveu o seguinte:

— Em nome do povo do Monte de Caparica muito agradeço o termos sido distinguidos com a vossa iniciativa. Luciano Caetano, em 23-1-1960.

Costa de Caparica

Na Costa de Caparica, foi afixado o nosso «placard», no edifício da Casa de Turismo, por especial deferência do seu presidente dr. Aquiles Monteverde. Assistiu ao acto o nosso correspondente sr. António Correia, director do mensário «Costa do Sol».

Cova da Piedade

No Largo de 5 de Outubro de 1910, na Cova da Piedade, no café e leitaria «Desportivo», de que é proprietário o sr. Pedro Lopes Rodrigues, foi também hoje inaugurado o «placard» do «Diário de Lisboa», no centro mais concorrido e de maior movimento.

Trafaria

Na Avenida Bulhão Pato, na Esplanada Tejo, café e cervejaria, que fica em frente do cais fluvial, também foi inaugurado o nosso «placard», onde o publico poderá tomar conhecimento das conclusões dos desafios de futebol, da 1.ª e 2.ª Divisões.

A todas estas cerimónias assistiram os donos dos respectivos estabelecimentos, estando presente o chefe dos serviços administrativos do «Diário de Lisboa», sr. João Crisóstomo de Sá, um funcionário dos nossos escritórios e um dos nossos reporteres.

A colocação dos «placards» do «Diário de Lisboa» no concelho de Almada. De cima para baixo e da esquerda para a direita: na leitaria e café do Monte da Caparica; na «Esplanada Tejo», na Trafaria; no «Dragão Vermelho», em Almada; na «Desportiva», na Cova da Piedade; e na «Casa de Turismo», na Costa da Caparica

Uma cidade-satélite

para 50 mil habitantes vai erguer-se no Seixal

• O Município gastará vinte mil contos para comprar terrenos

A vila ribeirinha do Seixal, outrora pobre povoação de pescadores, está a passar por grande metamorfose, mercê de algumas importantes instalações fabris radicadas no seu termo. De entre elas, salienta-se a Siderurgia Nacional, que ali instalou o seu centro-sul e ocupa, presentemente, mais de 7.000 técnicos nacionais e estrangeiros e operários.

A localização das instalações siderurgicas trouxe ao concelho do Seixal consequências benéficas imediatas, permitindo debelar a crise do desemprego motivada pela quase paralisação da industria corticeira. Por outro lado, obriga o Município a cuidados especiais, devido ao acréscimo vertiginoso da população, que se computa em vários milhares de pessoas, com tendência para aumentar nos próximos anos.

Perante a evolução demográfica do concelho, é fácil adivinhar a necessidade que se impõe á Camara de enfrentar, sem demora, problemas graves nos sectores da instrução primária e técnica, assistência hospitalar, do abastecimento publico, e tantos outros.

Quanto ao problema da habitação, de especial acuidade, decidiu agora o Governo mandar erguer, no território do Seixal, em zona apropriada para o efeito, uma cidade-satélite apta a comportar uma população de cerca de 50 mil habitantes, dentro de cinco anos. Correspondendo a essa planificação, o Município, por intermédio do seu plano de actividades e bases do orçamento para o decorrente ano, prevê a verba de vinte mil contos para adquirir os terrenos necessários. Esta vultosa quantia excede as actuais possibilidades camarárias, pelo que os edis se dispõem a contrair um empréstimo, a longo prazo.

Estamos, portanto, em presença de uma obra de fomento de larga envergadura, capaz, só por si, de alterar profundamente a fisionomia do concelho seixalense.

OS CURSOS INFANTIS DA SINGER

As mais pequeninas dos Cursos de Corte Singer, deste ano, exibem os vestidos das suas bonecas

TODOS os anos, na quadra do Natal e Ano Novo, a Singer realiza em todo o País os seus Cursos para Crianças. Este ano, para a festa final dos Cursos de Lisboa, reuniram-se no vasto salão da Casa do Alentejo 200 gentilíssimas pequenas alunas, entre os 7 e os 11 anos, que tinham frequentado as aulas das 13 Lojas Singer da Capital.

A festa foi presidida pelo sr. Eduardo Nery, subdirector da Singer em Portugal, ladeado pelos srs. Raul Silva e Henrique Horta, respectivamente Chefe da Direcção e Gerente de Lisboa, todos acompanhados de suas esposas. As encantadoras «modistas», assistidas pelas suas 14 professoras, exibiram em vistosa «passagem de modelos» as lindas bonecas que tinham vestido, recebendo os merecidos prémios e diplomas, sublinhados por inumeros e entusiásticos aplausos da numerosíssima assistência, que enchia literalmente o salão.

Em seguida, essas graciosas pequenas alunas tiveram a gentileza de exibir numeros de canto, danças regionais e clássicas e declamação, em conjunto e individualmente, salientando-se, em muitas delas, reais faculdades artísticas.

Para fechar a encantadora festa, houve vários numeros de palhaços que as pequenas alunas, esquecidas por momentos das suas novas responsabilidades de «modistas diplomadas», acolheram com veementes gargalhadas e aplaudiram com o mais sincero entusiasmo.

Movimento marítimo

O «Vulcânia» vai fazer novas carreiras

O paquete «Vulcania», que durante muitos anos escalou o porto de Lisboa, entrou hoje no Tejo, pela ultima vez, antes da empresa armadora o retirar da carreira que habitualmente fazia. O «Vulcania» foi construído há aproximadamente três dezenas de anos, e, durante o período da ultima guerra, foi utilizado como transporte de tropas. O «Vulcania», continuará, no entanto, a fazer uma carreira entre os portos italianos e a América do Norte.

Em Lisboa embarcarão, amanhã, entre outras personalidades o coronel John Corbly Junior, que deixa o cargo de chefe da missão do S. H. A. P. E. em Portugal, acompanhado de sua esposa e filhos, e o tenente-coronel André Pinto Bessa que vai ocupar o cargo de ajudante da Missão Militar Portuguesa em Washington. Os passageiros em transito percorreram o circuito turístico da capital.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

No Hospital de Almada

Um valentão

A sr.ª Maria dos Santos Dias, de 38 anos, reside com seu marido num quarto da Rua Comandante António Feio, lote 1, 1.º dt.º, na Cova da Piedade. Ontem á noite o marido, Eugénio Dias Joaquim, de 28 anos, que se encontra desempregado, entrou em casa bastante embriagado e começou a discutir com ela e a bater-lhe. A pobre mulher fugiu para o corredor da casa. Uma hóspeda de nome Adeliria e a dona da casa, Virginia, em vez de acalmarem a contenda, começaram a animar a discussão e a dizer ao agressor que ele fazia muito bem em bater na mulher. Este vendo-se apoiado cada vez agredia mais a sua mulher. A soco, deixou-lhe o corpo cheio de equimoses e os ossos do nariz com suspeita de fractura. A agredida teve que receber os primeiros curativos no Hospital de Almada, seguindo para os serviços clínicos da C. U. F., visto ser empregada na União Fabril.

Acidente no trabalho

O encadernador José Manuel de Sousa, de 19 anos, residente na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, 76, na Cova da Piedade, quando trabalhava com uma guilhotina de cortar papel na oficina Gráfica Almadense, fez um profundo golpe numa das mãos. Recebeu curativo no Hospital de Almada.

Atropelado por um automóvel

Um automóvel, cujo motorista se desconhece, atropelou o menor de 4 anos, José Manuel da Costa Cerqueira, residente na Rua Bernardo Francisco da Costa, em Almada, produzindo-lhe escoriações na face e um derrame na cabeça. Depois de tratado no Hospital de Almada, recolheu a casa.

Queda na rua

Caiu numa rua e bateu com a cabeça numa pedra, o menor, de 7 anos, Carlos Manuel Pereira da Silva, residente na Rua Serpa Pinto, 30, 1.º, em Almada, que sofreu ferimentos na cabeça e uma ferida contusa na testa. Depois de tratado no Hospital de Almada recolheu a casa.

Cartaz de cinemas

CINE-ACADEMIA — «O agente secreto n.º 1».

CINE-INCRIVEL — «Da terra nascem os homens».

Farmácia de Serviço

Farmácia Magalhães — Praça Luís Camões, 10 e 12 — Telefone 070242.

A FISCALIZAÇÃO

actuou em Almada

Em Almada, foram ontem instaurados 15 processos, dos quais 7 por especulação em peixe, carne, batata e toucinho, 6 por venda de fruta ao quilo em vez de a conto e faltas de letreiros com os preços um por falta de peso no fabrico de pão e falta de peso e outro por venda de presuntos, banha, chouriço e manteiga impróprios para consumo.

Verificou-se que a presença das brigadas provocou uma baixa sensível nos preços do peixe.

TEATROS E CINEMAS

«Do tamanho de um defunto» e «A falecida», no Capitólio

O programa do quarto espectáculo do Teatro Popular de Arte, do Brasil, no Capitólio, apresenta-nos algo de macabro: «Do tamanho de um defunto», de Millor Fernandes; e «A falecida em dó-ré-mi», de Nelson Rodrigues.

Este programa que, quanto a nós, é o melhor dos que Della Costa e a sua companhia nos deram esta temporada, seria um muito bom espectáculo se autores, intérpretes e encenadores não tivessem escolhido o caminho da facilidade. Caminho da facilidade na concepção e na realização.

A pequena peça de Millor Fernandes, o humorista que todos nós conhecemos como Vão Gogo, através do «Cruzeiro», é construida sobre uma trama cheia de possibilidades cómicas, mas, mais do que isso, rica no seu retratar de um mundo absurdo. A situação criada é francamente hilariante, mas, muito simplesmente, Millor Fernandes preferiu dispersar a peça por pequenos jogos de humor, em lugar de a condensar numa sintética e eficiente parábola. A linguagem não é cuidada e, depois de criadas, as personagens aparecem demasiado abandonadas a si mesmas. As figuras do Polícia e a do Ladrão são as mais ricas de humanidade pois que no triangulo que define a peça a lei, o transgressor da lei e o conservador da lei, as unicas verdadeiras vítimas são o agente e o transgressor da lei. O conservador da lei é excessivamente espectador e a peça desiquilibra-se. A própria interpretação acentua este desnível. Benjamin Cattan faz um óptimo polícia, Oswaldo Lousado, tantas vezes justo, perde-se muito na composição exterior da personagem, e o casal, proprietário da casa onde o ladrão se introduz, interpretado por Eugénio Kusmet e Ilema Castro é nos dado num tom de farsa excessivo. O pouco domínio do texto dificultou algumas vezes o conveniente acerto de ritmos.

A encenação de Eugénio Kusmet é quase espectacular e não deixa que o pequeno desenho de Millor Fernandes se apresente puro em toda a sua timidez.

Os males de facilidade são mais graves em «A falecida em dó-ré-mi», de Nelson Rodrigues, pois esta peça tem em si o potencial bastante para gerar uma grande obra. O primeiro acto, testemunha a justiça do elogio de Manuel Bandeira que nos diz ser Nelson Rodrigues «o maior poeta dramático que já apareceu na nova literatura». O «puzzle» vai-se definindo, as formas começam a ganhar o seu recorte e a acção torna-se transparente, mas, no final, com os «flash back» que nada acrescentam á linha dramática e são apenas para o espectador ver, tudo perde intensidade e o «caso» que se queria dissecar torna-se banal e mesquinho. A rica poesia do quotidiano do primeiro acto, torna-se inutilmente agreste e, nesta agressividade vazia o próprio sentido da «Falecida» desaparece.

A encenação de Sandro, cheia de pequenos efeitos carnavalescos, destoa muito da densidade da peça. Tal como no teatro medieval, o palco devia poder ostentar a sua vastidão e conter todos os lugares da acção tudo se devia passar a claro, sem os jogos de projectores; primeiro, para que o realismo poético da peça se não transforme em fantástico e perca sentido; depois, para que o ritmo se não encha de pausas inuteis que proporcionam ao publico uma espectativa prejudicial. Em «A falecida» tudo deve ser simples e claro.

A clareza e a simplicidade são as qualidades que Maria Della Costa exibe na sua acertada personificação da «Falecida». O seu trabalho é meticuloso e, através das pequenas pinceladas do diálogo, encontramos toda a inteireza da personagem. Os restante actores são bons agentes da acção. Congratulamo-nos por ver que Rubens Teixeira, do Grupo de Cacilda Becker, continua em Lisboa, agora integrado na companhia de Maria Della Costa.

A musica de fundo de António Vitorino, a que falta muita qualidade, é inutil e justifica-se, apenas, pela necessidade que Sandro terá sentido de encher os vazios provocados pela maneira como parcelou a sua encenação.

A terminar, afirmamos de novo a nossa certeza na total realização deste espectáculo se todos os colaboradores fizerem um trabalho de introversão e abandonarem as exibições de brilhantismo com que insistem em brindar-nos. — *J. E. S.*

Três figuras da peça, vistas por Fernando Bento

Atrás do reposteiro

- Apesar das desinteligências surgidas entre Sandro Polónio e Gianfrancesco Guarnieri, o empresário brasileiro tenta uma plataforma de entendimento para poder apresentar, no Festival do Teatro das Nações, a peça «Gimba».
- O T. N. P. deve estrear a 5 de Fevereiro o original de Olavo d'Eça Leal, «O amor, o dinheiro e a morte».

(Continua na 13.ª página)

RITZ CLUB
EMPRESA RITZ CLUBE
Adu. s (Maiores 17 anos)

HOJE: NOITE DE GRANDE ESTREIA
A FAMOSA VEDETA **ROSITA DEL PINO** EM CANÇÕES ADMIRÁVEIS
EM ÊXITO SENSACIONAL:
LES VILLALTAS | LOLITA CALVO
QUINTEROS ESPAÑA | ANA MARIA E O SEU BALLET
MUITO BREVE: EM ESTREIA:
B A L L E T E S P E C T Á C U L O
ONZE NOTÁVEIS E ESCULTURAIS BAILARINAS

Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO: CEIAS FADOS E GUITARRADAS

TRINDADE Hoje, ás 21,45 — (17 anos)
O Teatro está aquecido
ULTIMA SEMANA
12 HOMENS FECHADOS
de REGINALD ROSE, tradução de LUIS GALHARDO (Filho)
A abrir o espectáculo — A FARSA de GARCIA LORCA
AMOR DE D. PERLIMPLIM

EXPOSIÇÃO
de pombos-correios
O Clube Columbófilo Estrela leva a efeito hoje e amanhã, uma exposição de pombos-correios, no amplo ginásio do Clube Atlético de Campo de Ourique. A exposição ficará patente ao publico, das 21 ás 24 horas, e, amanhã, das 15 ás 24 horas.

BEBA BARRITOS
VERMUTE INDIVIDUAL

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II
Todas as noites, ás 21 e 45, e aos sábados em tarde popular a preços reduzidos (12 anos)
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
Diálogos das Carmelitas
AMANHÃ, ás 16 horas, «Teatro por novos para novos», (preços reduzidos) com Strindberg e Lorca (M/17 anos)

FIM DE SEMANA ESPECIAL
E
Diárias Inverno
São condições originais do
HOTEL DE TURISMO DA ERICEIRA
e do
Hotel Vale de Lobos
Informações e reservas pelos Telefs. 25 e 130 Ericeira e 094846 ou 726111

É UM AUTÊNTICO TRIUNFO NO
VARIEDADES
EMP.ª TEATRAL AVENIDA, LDA. — T. 26037
O CRIME DE ALDEIA VELHA
DE BERNARDO SANTARENO
Pelo TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO — Hoje, às 21,45
AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 16 H., ESPECTÁCULO À TARDE
17 anos

Dalila Rocha

CARMEN ESBRI
AMANHÃ
1.ª MATINÉE
ÀS 16 HORAS

JOSÉ MIGUEL apresenta | 17 ANOS
NO ABC
EMP.ª TEATRAL ABC, LDA.
HOJE, em ESTREIA
Às 20,30 e 22,45 horas
A NOVA REVISTA DE ANÍBAL NAZARÉ e ANTÓNIO CRUZ, COM MÚSICA DE FERNANDO DE CARVALHO e JOÃO DE VASCONCELOS
«QUEM SABE, SABE...»
Interpretada por um grande elenco, com a «vedeta» internacional **Carmen Esbri, Álvaro Pereira, Maria Adelina, Raul Solnado, Helena Tavares, Max, Antónia Montes, Carlos Coelho** no «compère», e, em estreia, **Maria João.**

ATENÇÃO
BELINDA LEE
DANIEL GÉLIN
DANY CARREL
MAURICE RONET
A MULHER DESEJADA
— CE CORPS TANT DESIRÉE —
PARA ADULTOS MAIORES DE 17 ANOS
2.ª FEIRA
GRANDE ESTREIA DO TIVOLI
EXCLUSIVO MOMENTO FILMES

TEATRO T. 55133

MONUMENTAL

HOJE À TARDE, ÀS 18,30 H.
AMANHÃ
DOIS ESPECTÁCULOS
ÀS 16 H. E 18,30 H.
TEATRO
PARA CRIANÇAS
2 HORAS de SONHO
COM A PEÇA INFANTIL
«CINDERELA»

a Gata Borralheira

DE *TOMAZ RIBAS*
DESEMPENHO
DO *TEATRO DO GERIFALTO*
com
MARIA JOSÉ na protagonista

UM ÊXITO! **M/4** ANOS

AVISO — Entrada gratuita a todas as crianças dos 4 aos 7 anos, quando devidamente acompanhadas
PREÇOS: Plateia, a 15$00; 2.º balcão, a 10$00; 3.º balcão de frente a 5$00

UM ESPECTÁCULO DE **VASCO MORGADO**
UMA REVISTA?... NÃO!!!
UMA COMÉDIA?... NÃO!!!
UMA OPERETA?... Também NÃO!!!

MARGARIDA DA RUA

Original de Alexandre Breffst e musica de Marguerite Monnt

É TUDO ISTO! PORQUE SERÁ UM ESPECTÁCULO QUE VAI DESLUMBRAR LISBOA
NO DESEMPENHO DE
LAURA ALVES • JOÃO VILLARET
RUI DE CARVALHO | **LUIS TITO** ARTISTA CONVIDADO | **PAULO RENATO**
Uma encenação do espanhol **ANTÓNIO DE CABO**
Direcção musical e orquestra **ISSI FABRA** que actua em piano electrónico

NA PRÓXIMA SEMANA
Adultos M/17 anos

NO TEATRO **MONUMENTAL**
Espectáculos Vasco Morgado, Ld.ª

AVISO: Em virtude de se encontrar esgotada a lotação para a Estreia, as marcações só se respeitam, impreterívelmente, até ás 22 horas de hoje.

HOJE ás 21.45 h.
ADULTOS M/17 ANOS
11 SEMANAS NO CARTAZ

3 horas a RIR!

Notáveis criações de
HENRIQUE SANTANA
Henrique Santos
Maria Helena
Virgílio Macieira
Maria Schulze
Carmen Mendes
Alina Vaz
Rui Luís
Pedro Bandeira

Amanhã á tarde ás 16 h.

AVISO: Por ordem superior não é permitida a entrada do Publico na sala de espectáculos, depois do início da sessão.

PENSÃO MONUMENTAL COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X 29807

UMA PEGA 6$50

DOÇARIA CASEIRA — CAFÉ DE BALÃO — Praça do Areeiro, 11-D, no

BAR RIBATEJO

Recintos de diversões

Tristão da Silva, que brevemente partirá para o Brasil terá a sua festa de despedida no dia 22 de Fevereiro, no Império.

— Eduardo Franco estreou-se, no Luso, como profissional.

— No dia 20 de Fevereiro, na Voz do Operário, o cantador Vítor Nunes apresenta uma festa em que colaborarão Tristão da Silva, Manuel Fernandes, Celeste Rodrigues, António Nobre, etc.

TEATRO

CAPITÓLIO

ÀS 16 e 21,45 (TEL. 27493)
SANDRO apresenta
MARIA DELLA COSTA
na comédia

HOJE À TARDE
ÀS 16 HORAS
ESTUDANTES 10$00

A FALECIDA
E
DO TAMANHO DE UM DEFUNTO

UM EXCEPCIONAL ESPECTÁCULO NUMA NOVA TÉCNICA TEATRAL

TRAGÉDIA? DRAMA? NÃO!!

UMA SÁTIRA SOCIAL, IMPIEDOSA e SARCASTICA QUE O FARÁ RIR E PENSAR
(M/17 A.)

UM ARROJADO ESPECTÁCULO DE VANGUARDA

NAU CATRINETA

Trav. de S. Miguel 22 — ALFAMA
HOJE, SENSACIONAL REAPARIÇÃO
Depois da sua triunfante digressão por terras Africanas
MONIZ TRINDADE
e ainda
MALY SOCORRO — JOSÉ BORGES
QUINITA GOMES — ADA DE CASTRO — RAUL DIAS
Guitarra **JORGE FERNANDES** Viola **JOSÉ INÁCIO**
FADOS E GUITARRADAS M/17 ANOS

BOITE DE NUIT **N-I-N-A** Adultos M. 17 anos
APRESENTA
LIDIA GUILLEN
Cantora internacional de excepcional categoria
Brevemente — **LOS CARIBES**
TRIO MEXICANO

SEMPRE O MELHOR EM MUSIC-HALL

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 17 anos)

UM EXITO EXCEPCIONAL EM VIBRANTES APLAUSOS
A SURPREENDENTE ATRACÇÃO ESCULTURAL:
BALLET
OLGA y SANTIAGO
8 VEDETAS NUM CONJUNTO EXTRAORDINÁRIO
E, AINDA, OUTROS NOTÁVEIS ÊXITOS
Musica de baile por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA
com os cantores ANTÓNIO ALVARINHO e MANUEL SERRANO

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — Telefone 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
A história de um dos elos da resistência francesa
BABETTE VAI À GUERRA
com **Brigitte Bardot, Jacques Charrier e Francis Blanche**

ÉDEN — Telefone 20768
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
O filme excepcional em Tecnicolor
PROFISSÃO PERIGOSA
com **James Stewart e Vera Mills**
A história completa do F. B. I.
A carreira inédita de heroismo e abnegação dos agentes do F. B. I.

ALVALADE — Telefone 763080 (M/17 anos)
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme que nos marca a odisseia de um nucleo da resistência francesa
BABETTE VAI À GUERRA
com **Brigitte Bardot, Jacques Charrier e Francis Blanche**

ODEON — Telefone 26283
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Mamie Van Doren e António Cipariello em
AS BELÍSSIMAS PERNAS DE SABRINA
Uma mulher diabólica, mas com umas pernas maravilhosas...

ROYAL — Telefone 845037
21.00 (M/12 anos)
DUELO NO ATLANTICO
BONS DIAS, MISS DOVE

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos)
Uma produção de excepcional categoria
UM LUGAR NA ALTA RODA

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/12 anos)
A famosa comédia
O RATO QUE RUGE
com **Peter Sellers e Jean Seberg**
No programa: **A história dum Peixinho Vermelho**
A's 18.30 horas — **Recital Chopin.**

POLITEAMA — Telefone 26305
15.15 - 18.15 e 21.30
Sensacional êxito!
A história de três jovens e das suas paixões secretas
DESEJO DE AMOR
com **Hope Lange, Suzy Parker, Diana Baker, Louis Jourdan e Joan Crawford**
Um filme que revela ás mulheres o perigo de amar certos homens... insaciáveis.
Cinemascope Adultos (M/17 anos)

CONDES — Telefone 22523
15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
As aventuras trepidantes de **Totó** á conquista da mais extraordinária cidade do Mundo
TOTÓ EM PARIS
com a bela **Sylvia Koscina e Fernand Gravey**

AVIS — Telefone 47163
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
3.ª SEMANA
Um espectáculo picante, gracioso, hilariante e terno
JÚLIA... A RUIVA
com **Pascale Petit e Daniel Gelin**

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
21.00 (M/12 anos)
RUMO AO SOL
(em Superscope)
O FILHO DE LAGARDÈRE

IMPÉRIO — Telefone 55134/5
15.15 e 21.15 (M/17 anos)
(Devido á longa metragem do filme), a obra-prima do grande OTTO PREMINGER
em 2.ª SEMANA
ANATOMIA DE UM CRIME
com **James Stewart e Lee Remick**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Milene Demongeot, Michael Graig, Anne Heywood, James R. Justice em
ESCADA ACIMA, ESCADA ABAIXO
Eastmancolor
Uma história incrível de comicidade

ROMA — Telefone 727779
15.30 - 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
4.ª SEMANA
Uma viagem maravilhosa através dos mais famosos Night-Clubs do Mundo
EUROPA DE NOITE
com **Domenico Modugno, Carmen Sevilha e muitos outros astros**

MONUMENTAL — Telefone 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos)
A odisseia de um bravo que, á machadada, abriu um império no seio de uma floresta
GIGANTES DA FLORESTA
com **Kirk Douglas e Patricia Whymore**

TERRASSE — Telefone 20917
21.00 (M/17 anos)
FÉRIAS EM ISCHIA
O HOMEM DO BRAÇO DE OIRO

LIZ — Telefone 48560
21.00 (M/17 anos)
A LEI
CORAÇÃO SELVAGEM

CASINO ESTORIL
O MAIOR CIRCO DO MUNDO
21.00 (M/17 anos) com Victor Mature

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Outra jornada difícil para o Sporting

que no seu campo defronta o F. C. Porto

O Benfica desloca-se a Evora

Amanhã, cumpre-se mais uma jornada do «Nacional» da 1.ª Divisão, a 16.ª, 3.ª da segunda volta — e com propriedade pode afirmar-se que os sete jogos programados oferecem real interesse, em especial aqueles em que intervêem além do Benfica e do Sporting as equipas classificadas nos ultimos lugares.

O facto do «leader» jogar fora de casa assume uma importancia particular, dado que os «leões» actuam, em Alvalade, contra um adversário que não deve rotular-se de fácil.

Sporting-F. C. do Porto
Lusitano-Benfica
Belenenses-C. U. F.
Vitória de Setubal-Atlético
Leixões-Académica

Boavista-Vitória de Guimarães
Spt. de Braga-Spt. da Covilhã

EM ALVALADE — A mudança operada na direcção técnica do Sporting (25 pontos), uma espécie de vigorosa chicotada psicológica, oferece evidentes dificuldades para o F. C. Porto (18 pontos). Todavia, os campeões nacionais, que sob as ordens de Daucik sómente perderam uma vez, constituem um grupo poderoso capacissimo de contrariar os desígnios dos sportinguistas.

A previsão de um jogo disputadissimo, enérgico e altamente emotivo, reforça a duvida sobre o desfecho, embora o grupo de Alvalade suscite o favoritismo, com uma vitória tangencial, pensando, como é óbvio, na deslocação do Benfica a Evora, facto que pode provocar uma mudança na vanguarda da classificação.

EM EVORA — O Lusitano (12 pontos) precisa de pontos e decerto tentará obtê-los no seu próprio campo. Todavia, o Benfica (26 pontos) constitui um adversário de envergadura especial e que ainda não perdeu neste campeonato. A oposição tenaz dos Eborenses não será talvez suficiente para contrabalançar a força dos «encarnados» que estão á altura de vencer.

NO RESTELO — O Belenenses (20 pontos) recebe a C. U. F. (9 pontos), mas a diferença pontual não indica tarefa fácil para os «azuis». Os cufistas, numa classificação inquietante, devem procurar insistentemente arrecadar dois pontos.

EM SETUBAL — Deslocação replecta de escolhos para o Atlético (10 pontos). O Vitória (11 pontos), num bom momento de forma, reunem as melhores condições para triunfarem.

EM MATOSINHOS — O Leixões (16 pontos) e a Académica (15 pontos estão á altura de travar um despique bastante interessante. O vaticínio afigura-se problemático, mas os locais parecem mais aptos para a vitória.

NO PORTO — Com 6 pontos, ao Boavista só lhe interessa a vitória e qualquer que seja o adversário essa ideia não fenecerá. Portanto, os Vimaranenses, com 18 pontos, depararão com extraordinárias dificuldades que podem até resultar uma derrota.

EM BRAGA — O Sporting da Covilhã (15 pontos) vai defrontar um Sporting de Braga (9 pontos) sedento de pontos. Jogo interessante em perspectiva e vaticínio favorável aos Bracarenses.

Equipas prováveis

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Mendes, Lucio e França; Hugo, Faustino, «Vadinho», Diego e Seminário.

F. C. PORTO — Acursio; Virgílio e Barbosa; Luís Roberto ou Pedroto, Paula ou Arcanjo e Monteiro da Costa; Morais ou Daucik, Haasz ou Daucik, Noé, Teixeira e Humaitá.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Pisca ou «Joab», Falé e Vicente; Antunes, Ivson, Caraça, José Pedro e Fialho.

BENFICA—Costa Pereira; Serra e Mário João; Saraiva, Artur e Cruz; José Augusto, Coluna ou Santana, Aguas, Mendes ou Coluna e Cavém.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Rosendo; Marciano, Paz e Vicente; Yauca, Mendes, Dimas, Matateu e Estevão.

C. U. F. — José Maria; Orlando e Durand; Oliveira, Palma e Carlos Alberto; Costa, Faia, Pedro Silva, Salvador e Uria.

VITORIA DE SETUBAL — Mourinho; Polido e Manuel Joaquim; Sidney, Vaz e Alfredo; Inácio, Bira, Mendonça, Casaca e Pompeu.

ATLETICO — Ramin; Ferreira e Nunes; Tomé, Germano e Coelho; Puché, Gomes, Albano, Orlando e Tito.

LEIXÕES — Rosas; Pacheco e Raul I; Raul II, Ventura e Carlos Alberto; Medeiros, Osvaldo, Jaburu, Oliveira e Nunes.

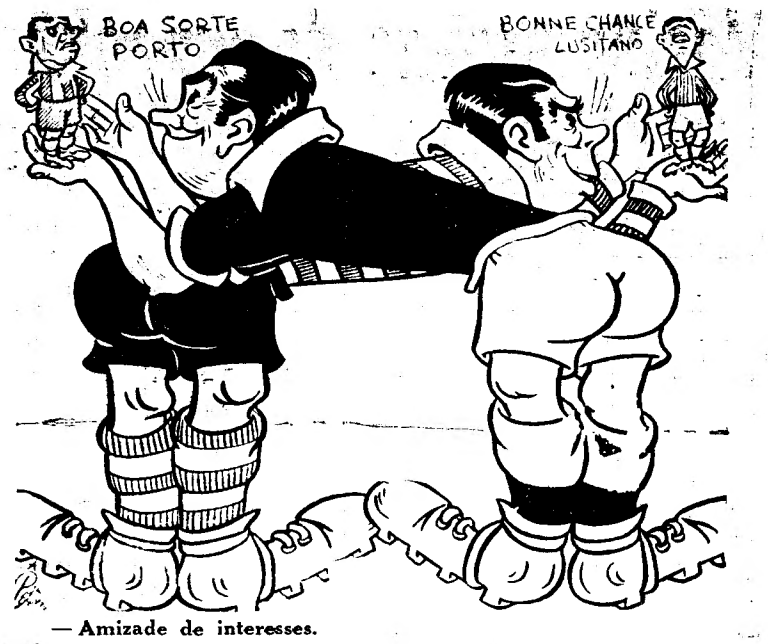
ACADEMICA — Maló; Araujo e Mesquita; Curado, Wilson ou Torres e Torres ou Samuel; Jorge Humberto, Rocha, Chipenda, Miranda e José Julio.

BOAVISTA — Levi; Franco e Artur; Alcino, Manero e Campos; Garcia, Monzon, Adriano, Guilherme e Germano.

VITORIA DE GUIMARAES — Pinho; Daniel e Abel; Barros, Silveira e João da Costa; Azevedo (Bártolo), Edmur, Celu, Ernesto e Rola.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Azevedo e Narciso; Armando, Calheiros e Osvaldo; Teixeira, Rafael, Caraballo, José Maria e Mendonça.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Pires e Couceiro; Cavém, Lourenço e Lázinha; Amilcar, Martinho, Suarez, Walter e Ilo Caldas.



— Amizade de interesses.

O «NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

O Peniche e o Barreirense

embora jogando nos seus campos

correm o perigo de perder o "comando"

Vence-se amanhã a 16.ª jornada do campeonato nacional da 2.ª Divisão, quer na Zona Norte, quer na Zona Sul. A «ronda» resveste-se de bem maior interesse do que há oito dias se poderia prever, dado que a circunstancia dos «guias» da classificação — Peniche e Barreirense—não terem podido vencer os jogos do ultimo domingo, lhes limitou o avanço sobre os mais proximos competidores e lhes acarretou o perigo de serem ultrapassados no comando da classificação.

Por coincidencia ambos jogam amanhã perante o seu publico, mas nem por isso se lhes pode conceder franco favoritismo, porque os adversários tem capacidade para regressar a Viana do Castelo e a Lisboa (Marvila) com os dois pontos da vitória.

Não se acautelem os penichenses e os barreirenses... e poderemos ter novos «guias em cada Zona.

Vejamos, entretanto, as perspectivas para amanhã.

Atenção a Peniche e a Vila Real

Os desafios da Zona Norte constituem o seguinte programa:

Acad. Viseu-Chaves (3-4).
Sanjoanense-Torriense (1-3).
Espinho-Caldas (1-1).
Peniche-Vianense (0-2).
Marinhense-Oliveirense (1-2).
U. Coimbra-Beira Mar (2-3).
Vila Real-Salgueiros (0-4).

Entre parentesis os resultados dos desafios da primeira volta, ressaltando que nenhum dos visitados de amanhã conseguiu ganhar na 1.ª volta. Daqui se pode concluir que todos os grupos que amanhã jogam em casa vão há procura de desforras, que se na maioria dos casos, não parecem muito dificeis de obter.

Com efeito, não se afigura estultícia conceder favoritismo ao Académico de Viseu, á Sanjoanense, ao Marinhense, como se deve acreditar que o Espinho, o União de Coimbra e o Vila Real vão ser obtsáculos muito dificeis para os que os visitam.

Mas... a ideia de que esta jornada pode ser uma das melhores da competição não deve pôr-se de lado.

1.º contra 2.º, no Barreiro

Na Zona Sul estão previstos os seguintes encontros:

Arroios-Desp. Beja (1-5).
Lusitano-Juventude (3-3).
Montijo-Portimonense (1-4).
Barreirense-Oriental (1-0).
Farense-Estoril (4-1).
Almada-Olivais (2-0).
Serpa-Olhanense (0-4).

Entre parêntesis os resultados dos desafios da 1.ª volta.

O Barreirense (25 pontos) recebe o Oriental (24) e ninguém pode duvidar de que é este o «grande jogo» do dia. A ambos só a vitória pode servir e daí a perspectiva de uma luta cerrada, de princípio a fim. O vaticínio é, sem duvida, muito difícil.

Segue-se em importancia o jogo Montijo-Portimonense, também de resultado problemático.

Relativamente aos outros encontros pode, duma maneira geral admitir-se lutas pouco desniveladas. Talvez mereçam favoritismo o Lusitano V. R., o Farense e Olhanense. Quanto aos jogos de Moscavide e Almada a previsão é mais difícil.

PROVAS DA A. F. L.

Os 25 jogos

de amanhã

A actividade dos filiados da A. F. L. apresenta-se amanhã muito semelhante á de domingo passado, com jogos respeitantes aos campeonatos distritais da 2.ª e 3.ª Divisões e da 1.ª e 2.ª Divisões de Juniores.

Eis o programa estabelecido:

Campo distrital da 2.ª Divisão (jogo atrasado) — Vialonga c. Ericeirense, em Vialonga, ás 15 horas.

Campo distrital da 3.ª Divisão — Série A (jogos em atraso) — Bom Sucesso c. Algés, em Algés; B. Inglaterra c. Carcavelos, na Picheleira. *Série B* — Lourel c. Montelavarense, no Lourel; Vila Verde c. Belas, em Vila Verde; Mucifalense c. Malveira, no Mucifal; 1.º de Dezembro c. Cacém, em S. Pedro de Sintra. *Série C* — Zambujense c. Camarate, no Zambujal; Bucelenses c. Tojal, em Bucelas; Pinheiro de Loures c. Povoense A. C., em Pinheiro de Loures; Caneças c. Loures, em Caneças; Ponte de Frielas c. Castanheira, em P. de Frielas.

Todos estes encontros se efectuam ás 15 e 30 horas.

Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão — 2.ª fase — Série A — Atlético c. Vilafranquense, na Tapadinha, ás 10 e 30 h.; Benfica c. Belenenses, no Campo Grande, ás 10 h. *Série B* — Casa Pia c. Estoril, em «Pina Manique» (treinos), ás 11 h.; Sporting c. Oriental, em «Alvalade» (treinos), ás 10 e 30 h.

Campeonato de Juniores da 2.ª Divisão — 1.ª fase — Série A — Mirantense c. Operário e Santa Catarina c. Cascalheira, no campo «Eng.º Carlos Salema», respectivamente, ás 9 e ás 11 h.; Tarungense c. Vitória, em «Pina Manique» (treinos), ás 9 h. *Série B* — Amadora c. Carcavelos, na Amadora; Fut. Benfica c. Sintrense, no campo «Francisco Lázaro»; Cacém c. Cascais, no Cacém — todos ás 10 e 30 h. *Série C* — Alverca c. União Povoense, em Alverca; Odivelas c. Camarate, em Odivelas; Desportivo dos Olivais c. Sacavenense, em Moscavide — os dois primeiros ás 10 e 30 h. e o ultimo ás 11 horas.

3.ª DIVISÃO NACIONAL

Os desafios

da 2.ª jornada

Iniciado no ultimo domingo, o Campeonato Nacional da 3.ª Divisão prossegue amanhã com mais 32 desafios, correspondentes á 2.ª jornada. Igual numero de equipas faz a sua primeira apresentação para o seu publico, pois todos os visitantes da 1.ª jornada são amanhã visitados.

Eis os encontros previstos:

ZONA A — 1.ª SÉRIE — Murça S. C. c. S. C. Régua, em Murça; G. D. de Bragança c. S. C. de Mirandela, em Bragança; Gil Vicente F. C. c. F. C. de Famalicão, em Barcelos; C. A. de Valdevez c. F. C. de Penafiel, em Arcos de Valdevez.

2.ª SÉRIE — Pejão A. C. c. F. C. de Avintes, em Castelo de Paiva; C. D. Arrifanense c. C. D. Feirense, em Arrifana; Leça F. C. c. Varzim S. C., em Leça da Palmeira; A. Desp. Ovarense c. Académico F. C., em Ovar.

Todos os jogos se efectuam ás 15 horas.

ZONA B — 3.ª SÉRIE — Mortágua F. C. c. S. Benfica e Castelo Branco, em Mortágua; Sporting de Gouveia c. G. D. Santacombadense, em Gouveia; Futebol Clube Estrela c. Lusitano F. C. (de Vildemoinhos), em Unhais da Serra; Sporting de Lamego c. G. D. Viação Sernache, em Lamego.

4.ª SÉRIE — G. C. Figueirense c. F. C. Marrazes, na Figueira da Foz; C. F. «Os Marialvas» c. U. R. Mirense, em Cantanhede; G. C. de Alcobaça c. C. D. E. F. Norte e Soure, em Alcobaça; G. D. «Os Nazarenos» c. A. Naval 1.º de Maio, na Nazaré.

Todos os jogos se efectuam ás 15 horas.

ZONA C — 5.ª SÉRIE — U. D. D. Vilafranquense c. S. G. Sacavenense, em V. F. de Xira; G. D. «O Coruchense» c. C. D. de Torres Novas, em Coruche; S. G. S. «Os Leões» c. G. D. de Benavente, em Santarém; Tramagal S. U. c. Alhandra S. C., no Tramagal.

6.ª SÉRIE — Seixal F. C. c. G. D. Cova da Piedade, no Seixal; S. U. Sintrense c. U. F. C. Moitense, em Sintra; Casa Pia A. C. c. G. D. Sesimbra, em Lisboa — «Pina Manique»; Luso F. C. c. C. D. dos Olivais, no Barreiro.

Todos os jogos se efectuam ás 15 horas, excepto o ultimo que é ás 11 horas.

ZONA D — 7.ª SÉRIE — R. A. Calipolense c. «O Elvas», em Vila Viçosa; Estrela F. C. c. G. U. Sport, em Vendas Novas; S. C. Estrela c. G. D. Portalegrense, em Portalegre; S. L. e Evora c. S. C. Campomaiorense.

8.ª SÉRIE — S. C. M. Aljustrelense c. Spt. C. Ferreirense, em Aljustrel; Louletano D. C. c. S. Domingos F. C., em Loulé; F. C. Unidos Sambrasense c. C. D. de S. Brás, em S. Brás de Alportel; Despertar S. C. c. Silves F. C., em Beja.

Todos os desafios se efectuam ás 15 horas, excepto o ultimo da 7.ª série, que é ás 13 horas.

Na cidade de Port Said

foi declarado o estado de emergência

por causa de um jogo de futebol

PORT SAID, 23.—As autoridades declararam o estado de emergência na cidade de Port Said, após uma desordem num desafio de futebol realizado ontem e que alastrou por toda a cidade, transformando-se numa batalha campal á pedrada entre duas facções da população.

Quatro pessoas morreram e, pelo menos, 67 ficaram feridas nos motins que alastraram a toda a cidade. Reforços de polícia foram chamados das cidades próximas para auxiliarem a restabelecer a ordem.

A desordem no campo de futebol teve início quando os espectadores enfurecidos começaram a atirar pedras, cadeiras e garrafas vazias uns contra os outros depois da marcação de um golo contra a equipa local.

As desordens alastraram á cidade. Os restaurantes, os teatros e as lojas foram atacados. Depois começou a luta aberta com cacetes e armas brancas.

O ministro do Interior seguiu de avião para Port Said a fim de investigar a causa exacta dos incidentes.

A equipa visitante pertencia á vizinha cidade de Suez. Os visitantes ganharam por 2-0. As desordens só começaram depois do segundo golo. Os partidários da equipa local consideraram que os jogadores de Suez estavam «off-side». No momento em que o desafio acabava, as cenas de pancadaria alastravam a todo o campo.

Os entusiastas do clube local de Port Said têm fama de receber mal as equipas visitantes e já em outros jogos tinham sido assinalados incidentes.—(A. N. I.).

Uma nova filial do Benfica em Lourenço Marques

VILA PERY, 23. — O Benfica vai ter uma nova filial em Moçambique. Trata-se do Sport Chimoio e Benfica, com sede em Vila Pery, que usará, tal como o grande clube lisboeta, camisola encarnada e calção branco.

O Sport Chimoio e Benfica dedicar-se-á á prática do futebol, atletismo e outros desportos. — (L.).

Pensão Policarpo

Se V. Ex.ª for a Évora não tenha preocupações com o seu alojamento. Tem a **PENSÃO POLICARPO** instalada no Palácio dos Condes da Lousã, **família de Lencastre**, que serve **óptimamente** dispondo de **30 quartos**. Águas quentes e frias.

PENSÃO POLICARPO — ÉVORA

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P. — Prosseguem as várias competições que a Mocidade tem em curso. O programa para amanhã apresenta-se assim:

Futebol — Escola Manuel Bernardes c. Colégio Militar, no Estádio Nacional (relvado), ás 10 h.

Voleibol — Infantis: C. E. 31-A c. C. Militar A, C. E. 33-A c. Colégio Militar B, C. E. 36 c. C. Militar C; Vanguardistas A: C. E. 48 c. C. Militar B; Vanguardistas B: C. E. 59 c. C. Militar. Jogos na Escola Nuno Gonçalves, ás 9, 9,30, 10, 10,30 e 11,15 horas.

Ténis de mesa — Encontros de infantes, vanguardistas A e B (2.as séries), nas mesas da Escola Nuno Gonçalves.

ATLETISMO — A secção de atletismo do S. L. Benfica organiza, na pista do Campo Grande, ás 10 horas, um torneio para sócios e simpatizantes com as seguintes provas: 80, 250, 700 e 2.000 metros, peso, disco e comprimento.

BASQUETEBOL — Prosseguem os campeonatos regionais de juniores e infantis, estando marcados os encontros: Tabacos c. Benfica, Carnide c. Liberdade, Nacional c. Belenenses, C. Quebradense c. Rio Seco, Boa Hora c. Sacavenense, Algés c. Queluz, Sporting A c. Atlético, E. Física c. Moscavide, C. de Ourique c. Alvalade, Benfica A c. Casa Pia, Nacional A. c. Paço de Arcos e L. Ginásio c. Universitário. Jogos nos campos dos clubes indicados em 1.º lugar, ás 10 e ás 11 horas.

CICLISMO — A Federação Portuguesa de Ciclismo faz disputar, no Porto, ás 9 horas, o Grande Prémio de Corta-Mato, ciclopedestre.

DESPORTO CORPORATIVO — Continua o 18.º Campeonato Nacional de Futebol (distrital de Lisboa) da F. N. A. T. Jogos marcados:

Em Alvalade — Amadeu Gaudêncio c. Simca Portuguesa (2.ª Div.-B), Fábrica Simões c. C. M. de Cascais (2.ª-B), Covina c. Org. Teodoro dos Santos (2.ª-B) e S. C. Cervejas c. Companhia Carris (2.ª-C), respectivamente, ás 9, 11, 13 e 15 h.

Em Belém — F. C. Regina c. Standard Electrica (2.u-C) e Ref. Ultramar-F. C. Regina (1.ª), respectivamente, ás 9 e as 11 horas.

Na Picheleira — C. Telefones c. Comp. Carris (1.ª Div.), ás 9 horas.

Em Sacavém — F. L. Sacavem c. S. C. Cervejas (1.as), ás 10 e 15 horas.

FUTEBOL MINIATURA — O Cruzeirense Atlético Clube promove com o patrocínio do «Diário Popular», do «Record» e do nosso jornal um festival para distribuição dos prémios do Campeonato de Futebol Miniatura de 1959, estando assegurada a colaboração da equipa da velha guarda do Sporting C. P. (com os seus antigos internacionais) contra a equipa de veteranos do Cruzeirense A. C. e jogos entre todas as equipas que participaram no torneio.

HANDEBOL DE 7 — Continua o Campeonato de Lisboa, de juniores, com os encontros da 3.ª jornada:

Na Madre de Deus — Ávila c. Sporting A, Ateneu da Madre de Deus c. Benfica, e C. D. U. L. c. Sporting B, respectivamente, ás 9, 10 e 11 horas.

Em Campo de Ourique — C. de Ourique c. Liberdade F. C., ás 11 e 30 horas.

Em Almada — Monte Pedral c. Almada, e Cova da Piedade c. Glória, respectivamente, ás 9 e ás 11 horas.

HÓQUEI EM CAMPO — Prossegue o Campeonato de Lisboa, com os jogos da 3.ª jornada C. F. Benfica c. Hóquei C. P., no campo «Francisco Lázaro», ás 9 horas; S. C. Palmense c. S. L. Benfica, em Palma, ás 15 horas; Atlético c. Belenenses, na Tapadinha, ás 9 horas (reservas) e ás 10 e 30 (honra).

RAGUEBI — Continuação do Campeonato Nacional (1.ª categoria), com os seguintes encontros: Académica de Coimbra c. Benfica, em Coimbra, ás 15 horas; Sporting c. Agronomia, em Alvalade, ás 11 horas.

TÉNIS DE MESA — Continuação do Campeonato Regional de Infantis: Paço de Arcos c. Benfica B, Mirantense c. Arroios A, Musical União c. Católico A, Ateneu Comercial c. Belenenses A, F. C. de Lisboa c. Sporting, C. Católico B c. Benfica A, Arroios B c. Estoril e Belenenses B c. E. Amadora. Jogos ás 10 horas, nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar.

TIRO A CHUMBO — Provas aos pratos e aos pombos, organizadas pelo C. P. T. C., no «stand» do Lumiar, a partir das 14 horas.

— O Clube de Caçadores Portugueses organiza um torneio no Pavilhão dos Soeiros, em Benfica, a partir das 10 e 30 horas.

ATLETISMO

Nova sessão esta noite no pavilhão da F. I. P.

Organizada pela Associação de Lisboa, efectua-se, esta noite, ás 21 e 30 horas, no pavilhão da Feira das Industrias Portuguesas, a segunda reunião de atletismo em pista coberta na qual intervêm os categorizados atletas espanhois Julio Gomez e Jesus Hurtado.

A ordem do programa é a seguinte:

1 — Meias-finais de 60 metros barreiras (jun. e sen.), salto em comprimento.
2 — Meias-finais de 60 metros planos (asp.).
3 — Meias-finais de 60 metros planos (princip.).
4 — Meias-finais de 60 metros planos (convites).
5 — Meias-finais de 600 metros (asp.). e altura (convites).
6 — Estafetas 4X640 metros.
7 — Final de 800 metros (convites).
8 — Estafeta 4X1.200 metros.
9 — Final de 3.000 metros.
10 — Final de 60 metros (asp.).
11 — Final de 60 metros (principiantes).
12 — Final de 60 metros (senhoras).
13 — Final de 60 metros (convites).
14 — Final de 60 metros barreiras.
15 — Final de 600 metros (aspirantes).

O Sporting está interessado num jogador Mocambicano

LOURENÇO MARQUES, 23—Sob o título «Mais um que parece ir na onda?» o «Notícias» de Lourenço Marques informa que o Sporting Clube de Portugal enviou á sua filial desta cidade um pedido telegráfico para a cedência do jovem e esperançoso futebolista Eusébio. Trata-se de uma das maiores esperanças do Sporting laurentino que na temporada passada fez furor no campeonato de juniores desta cidade.

Eusébio irá para a Metrópole «por enquanto a título experimental», com passagens pagas, ida e volta, e uma certa importancia de ordenado enquanto estiver em Lisboa, isto no caso de não fechar logo contrato. A partida do jovem futebolista deve verificar-se nos próximos dias e o «Notícias» termina a sua informação com a seguinte frase: «Viva o futebol moçambicano!...». — (L.).

HOJE À NOITE

BADMINTON — No ginásio do Técnico, ás 21 horas, prossegue o Campeonato da 2.ª Divisão (seniores) com os encontros: Oriental-Benfica e Angola-Sporting.

BASQUETEBOL — Começo do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Barreirense-Belenenses, no Barreiro, ás 21 horas; Académica-F. C. Porto, em Coimbra, e Ginásio Figueirense-Vasco da Gama, na Figueira da Foz, ambos ás 21 e 30 horas.

LUTA — No ginásio da Faculdade de Ciências, ás 21 e 30 horas, principia o Campeonato Nacional de luta greco-romana (2.as séries).

GINÁSTICA — Apresentação, as 21 e 30 horas, das classes de ginástica da Sociedade Ordem e Progresso.

TÉNIS DE MESA — Em Alvalade e no Passadiço, prossegue o torneio feminino com os encontros Sporting (A)-Benfica e Sporting (B)-Belenenses; no Casino das Caldas da Rainha, ás 11 horas, defrontam-se as equipas do Sporting e Caldas para disputa da taça «C. A. T. Capristanos». A seguir realiza-se um torneio individual, em que participam, entre outros, Sebastião de Carvalho, dr. António Obório, João Campos e João Amado.

Pugilismo

Paul Pender derrotou Ray «Sugar» Robinson

BOSTON, 23. — O pugilista norte-americano Paul Pender, de 29 anos, derrotou aos pontos o seu compatriota Ray «Sugar» Robinson e ganhou o título de campeão do Mundo dos «médios».

O combate, de quinze assaltos, foi disputado no estádio de Boston Garden e presenciado por mais de dez mil espectadores que aclamaram o vencedor. Foi a primeira vez que Robinson defendeu o título desde que o conquistou a Carmen Basílio, em 25 de Março de 1958.

No encontro de ontem á noite, Robinson, por vezes, mostrou-se lento, reclamando os espectadores mais vivacidade no combate.

O título é sómente reconhecido pelos Estados de Nova York e Massachusetts. Para N. B. A. Gene Fullmes continua a ser o campeão.

O pugilista Ray «Sugar» Robinson, recebeu uma bolsa de noventa mil dólares, o equivalente a 2.610 contos, enquanto Paul Pender recebeu 812 contos.—(A. N. I. e F. P.).

Ingemar Johansson recebeu uma garantia de 11.600 contos para defender o título mundial dos «pesados»

NOVA YORK, 23. O empresário desportivo Edwin Ahlqvist anunciou que garantira uma bolsa de 400.000 dólares, o equivalente a 11.600 contos, ao sueco Ingemar Johansson, para que o campeão mundial dos «pesados» dispute um combate com um pugilista norte-americano, cujo nome não revelou. O combate realizar-se-ia em Goteborg, no mês de Setembro. Ahlqvist acrescentou que no estádio de Goteborg haverá lugares para sessenta e oito mil espectadores, afirmando que poderia vender toda a lotação em duas semanas (A. N. I.).

TAUROMAQUIA

Manuel Jimenez «Chicuelo II»

Entre as 48 vítimas do desastre do quadrimotor que caiu em chamas na ilha de Jamaica conta-se o matador de touros Manuel Jimenez, de Albacete, «Chicuelo II», por ter o mesmo nome e apelido que

«Chicuelo II» dando alternativa a José Júlio em Saragoça

o artista sevilhano. Com ele seguiam para as corridas de Manizales, na Colombia, seu irmão Ricardo Jimenez e o picador sevilhano José Diaz, ficando os três cadáveres irreconhecíveis. «Chicuelo II», já milionário, regressara ao toureio na época finda e somara 38 corridas, sendo seu apoderado André Gago que o acompanhara em recente viagem aérea á América.

Homenagem a Pepe Luís

O sr. embaixador do México, Don Leobardo Reynoso, digna-se presidir ao jantar de homenagem ao escritor e cronista José Luís Ribeiro «Pepe Luís», que hoje se realiza, ás 20 e 30, na Casa do Alentejo.

BODAS DE PRATA

da Sociedade Columbófila Eborense

EVORA, 23 — A Sociedade Columbófila desta cidade está a preparar a comemoração das suas «Bodas de prata», de cujo programa faz parte uma exposição, nos dias 30 e 31 do corrente. A Camara Municipal decidiu oferecer uma taça para este certame.

A CIDADE

Munícipes zelosos

Por vezes acontece encontrarem-se acesos, durante o dia, alguns candeeiros de iluminação publica por necessidade que se relaciona com a reparação de avarias.

Existem, felizmente, munícipes zelosos que o comunicam ao Município, supondo que se trata duma falta de atenção por parte dos serviços municipais. A Camara, dando esta explicação, liberta os serviços da responsabilidade que lhes pode atribuir quem desconhecer a razão por que se encontram acesos os candeeiros de iluminação publica, mas testemunha os seus agradecimentos a quem, na melhor das intenções e com o fim de boa colaboração se lhe tem dirigido comunicando o sucedido.

Pelos hospitais

CAIU AO PORÃO — Quando trabalhava no paquete «Pátria», acostado á doca de Alcantara, caiu ao porão Alberto Maia Godinho, de 38 anos, morador na Rua Garcia da Horta, 17, pátio. Recolheu á sala de observações, em estado grave.

ATROPELADA POR UM AUTOMOVEL — Foi atropelada por um automóvel, na Rua Gomes Freire, Guilhermina Pires Bernardo, de 47 anos, moradora na Rua D. Estefania, 61, 3.º, esq. Encontra-se na sala de observações em estado grave.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados e entregues, ontem, no Governo Civil de Lisboa: um par de luvas; um novelo de guita; um porta-moedas; um rosário; uns óculos; um cachecol; diversas peças de veículos; diversas luvas desirmanadas e um par de luvas de senhora; uma mala de plástico; uma mala de senhora; duas bolsas de plástico; dois livros; sete chapas esmaltadas; o bilhete de identidade de Ana da Silva Carvalho; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas.

MOVIMENTO JUDICIAL

Foi promovido á 2.ª instancia e colocado como juiz desembargador no Tribunal da Relação do Porto o juiz de direito de 1.ª classe dr. Fernando Bernardes de Miranda, que servia, em comissão, o lugar de corregedor do círculo judicial dos Açores.

Foi nomeado, em comissão, para o lugar de corregedor do círculo judicial dos Açores o juiz de direito de 1.ª classe dr. Manuel Julio Gonçalves Salvador.

Os juizes de direito de 1.ª classe drs. Alberto Alves Pinto e Manuel Arelo Ferreira Manso actualmente exercendo os cargos de corregedores adjuntos dos 1.º e 4.º juizos criminais de Lisboa, foram designados para exercer também idênticas funções no 3.º juizo criminal da mesma comarca.

Foi nomeado, em comissão, ajudante no 1.º Juizo da comarca do Funchal o juiz de direito de 2.ª classe dr. Orlando de Paiva Vasconcelos Carvalho.

O juiz de direito de 2.ª classe dr. Manuel Flamino dos Santos Martins, foi colocado como juiz de direito da comarca de Castelo Branco.

Foi nomeado, em comisáso, ajudante do procurador da Republica no círculo judicial de Castelo Branco o juiz de direito de 3.ª classe, dr. José Neto do Amaral e Pereira da Silva.

O delegado do procurador da Republica de 1.ª classe dr. Joaquim Manuel Rendeiro de Araujo e Sá foi nomeado juiz de direito de 3.ª classe e colocado na comarca de Vinhais.

REGIONALISMO

Conselho Regional da Casa do Alentejo

Efectuou-se a primeira reunião do Conselho Regional da Casa do Alentejo, eleito para o corrente ano a fim de proceder á eleição da respectiva mesa, que ficou assim constituida: presidente, eng.º António Casimiro de Costa; vice-presidente, dr. João Bação Leal; 1.º secretário, capitão Joaquim Varela Gusmão; e 2.º secretário, José Gromicho Pereira Marques. Foram trocadas impressões sobre os assuntos de maior interesse para a causa regionalista alentejana, a tratar nas reuniões mensais do mesmo Conselho, que ficaram marcadas para as segundas-feiras de cada mês, pelas 21 e 30 horas.

O VOO DAS AVES

MAÇÃO, 23 *(Pelo telefone)*.—Pelo sr. António Dias Pinarreira, desta vila, foi abatido um tordo, trazendo, numa das patas, uma anilha, com as seguintes indicações: «Stavanger — Museum n.º 748 637 — Norway».

VIDA ARTISTICA

Exposição de pintura

Inaugura-se na segunda-feira, ás 16 horas, no Palácio Galveias, a exposição do pintor madeirense José de Lemos Gomes, promovida pela Camara Municipal de Lisboa.

Dentro de cinco anos iremos a Nova York numa hora e quinze

afirmou o director da «Sabena», na inauguração das novas instalações daquela companhia em Lisboa

A «Sabena», a prestigiosa companhia belga de aviação que, há anos, serve o nosso País, inaugurou, ontem, as suas novas instalações, na Avenida da Liberdade. A nova sede da «Sabena» é ampla, moderna e plena de conforto tendo sido meticulosamente delineada pelo arquitecto António Gomes Egea.

Após a visita ás instalações foi servido um «cocktail» no Hotel Aviz durante o qual o sr. Anselme Vernieuwe, director-geral da Companhia, que se deslocou propositadamente a Lisboa, referiu-se ao ambiente de compreensão e amizade que a «Sabena» tem encontrado em Portugal; salientou a importancia de Lisboa, nas rotas aéreas e, seguidamente, dissertou sobre o progresso da aviação—o orador tem o «brevet» n.º 1 de aviador de helicóptero e foi piloto-aviador durante a ultima guerra—e, referindo o enorme volume de capitais de que as empresas aéreas são obrigadas a dispor, justificou a colaboração concertada entre a Sabena, Alitália, Air France a Lufthansa, para afirmar que em 1965 os aviões supersónicos, que custarão 20 milhões de dólares, farão o percurso Lisboa-Nova York em 1 hora e 15 minutos.

Entre a assistência viam-se os srs. eng. Vítor Veres, director-geral da Aeronáutica Civil, em representação do ministro das Comunicações; embaixador da Bélgica; dr. Norberto Costa, representando o governador civil: dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação; tenente-coronel Carlos Beja, director do aeroporto, etc.

TAVIRA FESTEJA

a criação da sua Escola Industrial e Agrícola

TAVIRA, 23 — (Pelo telefone) — Esta cidade esteve em festa ontem á noite ao ter conhecimento de que o presidente do Município, dr. Jorge Augusto Correia, conseguira em Lisboa uma das grandes aspirações locais, a criação da Escola Industrial e Agrícola, já a abrir no próximo mês de Outubro, e que vem completar a satisfação já produzida pela colaboração do Governo na urbanização da Horta de El-Rei, e pela construção do estádio do Ginásio Clube Tavirense. A população, que ontem á noite percorreu as ruas com a banda municipal, agradecendo ás autoridades e aos representantes da Imprensa, entre os quais o do «Diário de Lisboa», vai esta tarde esperar e festejar o presidente do Município no seu regresso de Lisboa.

CONFERÊNCIAS

De Gastão de Bettencourt, sobre «Afrânio Peixoto, consagrado camonologista brasileiro»

Depois de amanhã, ás 17 horas, o publicista Gastão de Bettencourt realiza, no Centro de Profilaxia, na Praça do Príncipe Real, 5, uma conferência subordinada ao tema «Afranio Peixoto, o maior tratadista de «Os Lusíadas», no Brasil».

Nessa conferência, á qual assistirá o embaixador do Brasil, serão focados não só os aspectos que caracterizaram a devoção de Afranio Peixoto a Portugal e a sua profunda cultura lusíada, mas também o seu verdadeiro culto camoniano em que se impôs como um dos maiores tratadistas de «Os Lusíadas» no Brasil, verdadeiro criador dos estudos de camonologia.

No Instituto Britânico

No Instituto Britanico, o sr. Duck A. Traversi faz, no dia 27, ás 18 e 30 horas, uma conferência sobre a obra de Aldous Huxley.

A moda para a praia

ditada pelos costureiros italianos

roça pelo picaresco

FLORENÇA, 23. — «Tudo vale» — é o lema que parece ter contribuido para que os acessórios italianos para a moda de praia deste ano sejam tão exóticos, inesperados, picantes e, por vezes, até picarescos.

Uma fantasia sem freio apossou-se dos chapéus. Embora continue a imperar o petulante «derby» do ano passado, Emílio Puccini adicionou-lhe uma nota original — um par de orelheiras de seda, que podem atar-se sob o queixo. Myricae apresentou um chapéu vermelho de aba larga, de cuja copa pendem gotas de vidro cristalino, cintilantes como lágrimas, e do alto da copa de alguns dos seus modelos de palha emergem laços feitos com o fio de palha, enfeixado e aberto em leque, nas pontas, como vassouras. Um extraordinário artesão florentino, Paoli, que transforma a palha em urdiduras e formas fantásticas, criou uma rosa vermelha, perfeita de realismo nos seus minimos pormenores, que se assenta no cimo da cabeça.

Perrucas brancas...

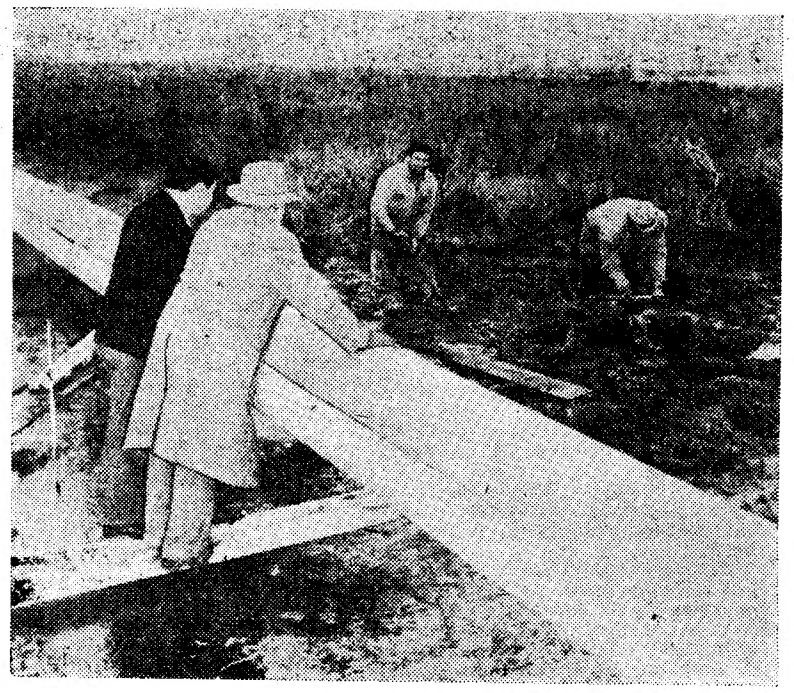
Mas a grande sensação para toucado de praia são as perrucas brancas e as toucas em forma de flor ou de mariposa. Capucci criou uma vaporosa semiperruca, que é metade chapéu, em «chiffon» castanho, para os momentos de maior cerimónia — o meio-chapéu termina num basto e comprido «rabo de cavalo» que, de longe, tem o aspecto alarmante de cabelo natural. Paola Nucci emparelha a perruca branca com vestuário de praia em seda estampada de cores garridas e propõe dois estilos: um, muito gracioso, procura reproduzir o «rabo de cavalo» das estátuas gregas, e o outro imita o penteado liso, á pagem, mas mais curto e descuidadamente aparado — escusado seria dizer que o efeito é surpreendente. Falconetto, por seu turno, fez passar uma borboleta gigantesca, de asas caídas, em preto e oiro, usada com um casaquinho direito, cor de alfazema, apertado com um cinto sobre o fato de banho.

«Arcas» de mão

Quanto a malas de mão, a moda parece tender para o género «arca» em que tudo cabe. Macatti apresentou uma cesta de vime com cerca de metro e meio de largura e um metro de altura, ao passo que Simonetta manifestava decidida predilecção pelas enormes cestas esféricas, em palha preta e creme. Mas qualquer delas fica a perder de vista ao lado da colecção Glans, que resolveu adiantar-se, já que para aí é que a moda caminha, e apresentou maletas de viagem pura e simplesmente, como acessórios — são forradas de felpa em cores vivas e alegres, igual á da toalha de banho.

Luciana tenta restabelecer uma bizarria da época do «charleston»: braceletes no tornozelo, a condizer com colares e gargantilhas. Alguns são correntes de oiro muito delgadas, enfeitadas com uma borla ou com berloques ou ainda com contas cor de turquesa.

E os costureiros italianos não esqueceram a elegancia do «caniche»: o unico «manequim canino» que foi incluído na passagem dos modelos de Verão e Inverno realizada no Palácio Pitti era um cãozinho preto, felpudo, que levava uma coleira de seda branca entrançada e coberta de contas de cores variadas. — (A. N. I.).



A zona da Matinha, onde se supõe estar localizada a rotura de uma das linhas da Soponata, está a ser escavada por operários.

A rotura na Matinha

de uma conduta de petróleo

causou interrupções do trânsito

Os directores e técnicos da Sacor e da Soponata estiveram de novo esta manhã na Matinha a fim de apreciarem os factos que teriam motivado a rotura numa das condutas de petróleo que ligam o cais da Matinha á refinaria que não teve proporções alarmantes. Tiveram todavia de ser tomadas medidas de segurança. Assim foi proibido o transito de veículos e de peões e até um comboio de mercadorias dos muitos que utilizam as linhas que servem os cais próximos foi desviado para outra linha.

Os vestígios do derramamento de petróleo são bastante visiveis ainda, sobretudo em determinado ponto, onde aflorou com maior intensidade. Operários da Soponata fizeram uma escavação para localizar a rotura.

Ocorreu ela na linha de petróleo bruto a qual, como as restantes, se encontra a uma profundidade de cerca de dois metros. Entretanto, os bombeiros continuam de prevenção enquanto que o líquido derramado foi recolhido para bidons.

O «Sameiro» chegou hoje, para descarregar, e amanhã são esperados mais dois petroleiros estrangeiros

O petroleiro «Sameiro» no momento em que se localizava a rotura estava a meio do rio a fim de atracar. Ao que apurámos poderá descarregar normalmente, o mesmo sucedendo em relação a dois petroleiros estrangeiros que são aguardados no Tejo. Trata-se do «Sáremy» e do «Cetene». Na Matinha estiveram além do sr. comandante Gervásio Leite, director da Soponata, o comandante João Candido Martins, funcionário superior daquela empresa e outros técnicos. Compareceu igualmente o sr. comandante António Araujo, da A. G. P. L.

O plano de actividades

para o corrente ano

da Junta de Turismo de Cascais

Para expor o programa de acção, para o ano corrente, Junta de Turismo de Cascais, ofereceu hoje, na Choupana, um almoço aos representantes da Imprensa, Rádio e Televisão, e outros colaboradores e funcionários superiores do Secretariado Nacional da Informação. Também presentes os vogais da referida Junta de Turismo.

Durante a refeição que decorreu animada, o sr. Joaquim de Serra e Moura, presidente da Junta, expôs o plano das actividades previstas no referido programa do qual constam: concurso de cartazes e dos melhores pratos e ementas da Costa do Sol e também para o melhor artigo publicado em jornais e revistas; salões de Primavera e Outono para exposições e escultura, pintura, aguarela e desenho, para artistas nacionais e estrangeiros e exposições na sede da Junta, de artesanato. A Junta de Turismo edita este ano duas publicações, uma já no prelo, em fotografias coloridas e que se intitulará «Estoril 1960» e outra «Cabo da Roca, o ponto mais ocidental da Europa», da autoria do sr. dr. Sousa e Melo. Serão levadas a efeito festas em honra de Santo António, que constarão de duas partes, uma religiosa e outra pagã, esta sempre com folclore português. A Junta colaborará no Grande Carnaval Internacional do Estoril, organizado pela Sociedade de Estoril-Sol, com um grande artístico e vistoso carro com nove metros de altura e que representará «O mar encapelado».

Também continuará a promover espectáculos de musica e teatro, como o tem feito e ainda dentro do seu vasto programa de actividades patrocinará todas os organizações desportivas que se realizem na Costa do Sol e estejam ligadas nas várias modalidades ao turismo.

CHESSMAN FAZ

outra tentativa

para escapar

à câmara de gás

SAN FRANCISCO, 23. — Crayl Chessman, condenado á morte há 11 anos e meio, cuja execução já foi adido sete vezes em consequência de toda a espécie de diligências jurídicas, dirigiu-se mais uma vez a um tribiunal federal com a esperança de escapar á camara de gás, em 19 de Fevereiro, data marcada agora para a execução.

O seu advogado alega que os onze anos e meio de detenção, na expectativa constante da morte, constituem uma pena excessivamente cruel que viola os direitos constitucionais do cidadão Chessman. Com efeito, a Constituição americana proíbe na 14.ª emenda, as penas «inabituais ou excessivamente cruéis».

Esta nova argumentação torna possível uma longa série de recursos. — (F. P.).

INTERESSES

de Ponta Delgada

No avião da Canadiana, chegou a Lisboa o sr. eng. José Jacinto de Vasconcelos, governador de Ponta Delgada, que vem tratar, em diversos Ministérios, de assuntos de interesse para aquele distrito autónomo.

Danièle Darrieux

sofreu um acidente

PARIS, 23. — A actriz Danièle Darrieux sofreu esta manhã um desastre de automóvel quando ia participar na filmagem dos exteriores do «Crime em 45 voltas». Por causas ignoradas, o carro voltou-se. A vedeta, ferida, ficou internada numa clínica, onde se declara que o seu estado não é grave. — (F. P.).

Os funcionários das

do

Correspondendo aos anseios de milhares de funcionários das instituições de previdência, de que no «Diário de Lisboa» se fez eco, o ministro das Corporações modificou o horário de trabalho daquelas instituições, dentro do mesmo espírito das alterações do horário do funcionalismo publico. Reproduzimos a seguir o despacho do sr. dr. Veiga de Macedo.

«No sentido de facilitar aos empregados das instituições de previdência, suas federações e caixas de abono livre das do assim de descan virá a ref bem-estar viço, pass me de fin horário d é possive trabalho através d hora diár

EM 3 LINHAS

Foi criada, com carácter temporário, a brigada de estudo e fiscalização das obras de urbanização d S. Tomé e Príncipe.

///

Na Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas está aberto concurso publico para a execução de tratamentos de pragas, por meio de aviões, em montados com uma área de 20.000 hectares.

///

O eng. Rui Pacheco de Figueiredo foi nomeado para o cargo de investigador chefe de serviço do laboratório de física e engenharias nucleares do quadro permanente da Junta de Energia Nuclear.

///

Foi publicado um suplemento á segunda série do «Diário do Governo» n.º 303, com a lista provisória de antiguidades do pessoal dos quadros da Administração-Geral dos C. T. T.

///

A conta publica provisória dos meses de Janeiro a Novembro de 1959 acusa um excesso das receitas sobre as despesas orçamentais na importancia de 695.049 contos.

///

Os orçamentos de receita e despesa para 1960, das missões geográfica e de biologia marítima de Angola são, respectivamente, de 3000 e 1500 contos.

///

O professor Carlos Queirós Saiazar de Sousa foi nomeado bibliotecário da Faculdade de Medicina de Lisboa.

///

O engenheiro agrónomo Fausto Sacramento Marques foi nomeado vogal do conselho administrativo da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas.

Selo c

BRASIL
dar a emi
rativo da
foi nomea
tschek de
constituid
vários mi
nal de Be
Arte Mod
No acto
ministro
que dever
aspectos
na elabor
selo. —

A

O «

TÓQUI
cerimóni
do Japão
próximo
E' hoj
sa Michi
alto dign
maternid
A ceri
complica
o facto
uma ple

Começaram os t

da 2.ª reunião d

de Farmácia de P

No Sindicato Nacional dos Farmacêuticos começaram, hoje, as sessões de trabalhos da segunda reunião dos estudantes de Farmácia de Portugal.

Na sessão da manhã, usaram da palavra o sr. Vítor Manuel Guimarães, de Lisboa, que saudou os colegas do Porto e Coimbra e historiou a forma como decorreu a primeira reunião, realizada em Coimbra. Referiu-se á orientação a seguir nos trabalhos agora iniciados e a necessidade de interessar cada vez mais os estudantes por estas iniciativas. Usaram ainda da palavra a sr.ª dr.ª D. Maria Manuela de Cruz Godinho, de Coimbra; e Alberto Roque da Silva, do Porto.

Na sessão da tarde foi lido o trabalho elaborado por Emanuel Ricardo Costela e Vítor Manuel Guimarães, da Escola Superior de Farmácia de Lisboa, sobre «O curso de Farmácia no estrangeiro», que estabelece uma análise comparativa da orga cia nos Presid tor Mar Costela, da Silva do Port Godinho meida C Às 21 tes nest servatór colabora tima Fig versitári rigida p Amanh os traba

Ciclo de conferências

sobre produtividade

O sr. F. Raison, que ontem inaugurou o interessante ciclo de conferências sobre produtividade promovido pelo Instituto Nacional de Investigação Industrial, profere esta noite, ás 21 e 30, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, outra lição intitulada «A experiência francesa em matéria de produtividade, as soluções encontradas e a sua evolução».

Chefe do Serviço de Produtividade do Comissário-Geral do plano de Equipamento do Ministério das Finanças da França, o sr. F. Raison é uma verdadeira autoridade na matéria que vem versar a Portugal, no quadro da feliz e util iniciativa do Instituto Nacional de Investigação Industrial, que, sob o impulso dinamico do sr. eng. Magalhães Ramalho, se vai desenvolver no nosso País. Por esse, motivo, as suas conferências despertaram o maior interesse entre aqueles que se dedicam ao estudo dos problemas relacionados com o progresso económico da Nação.

O sr. eng. Magalhães Ramalho ofereceu hoje ao sr. F. Raison um almoço, a que assistiram vários convidados.

PÂNICO TRÁGICO

BUCARAMANOA (Colombia), 23 — Perderam a vida por asfixia e esmagamento cinco mulheres e crianças, por se ter incendiado um autocarro a vinte e oito quilómetros desta cidade. Os passageiros, tomados de panico, tentaram fugir todos ao mesmo tempo, espezinhando-se. — (A. N. I.).

Pretendem vender ouro, pratas ou joias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
R. DA PRATA, 257

ários

anseios de
s das ins-
de que no
fez eco, o
modificou
quelas ins-
no espírito
io do fun-
produzimos
sr. dr. Vei-

ar aos em-
es de pre-
s e caixas

S

ter tempo-
do e fisca-
anização do

s Serviços
está aberto
a execução
, por meio
com uma

e Figueire-
argo de in-
viço do la-
ngenharias
ermanente
uclear.

plemento á
do Gover-
provisória
al Jos qua-
Geral dos

visória dos
vembro de
las receitas
mentais na
contos.

eita e des-
issões geo-
arítima de
mente, de

eirós Saia-
do bibliote-
Medicina de

mo Fausto
i nomeado
inistrativo
Serviços

das instituições de previdência

passam a beneficiar

do horário que estabelece

a semana inglesa

de abono de família, maior tempo livre das suas ocupações, permitindo assim um período mais extenso de descanso, o que tudo indica se virá a reflectir na melhoria do seu bem-estar e no rendimento de serviço, passa a estabelecer-se o regime de fim-de-semana no respectivo horário de trabalho. Salienta-se que é possível fixar-se um horário de trabalho nas condições referidas, através da compensação de meia hora diária, o que reduz, no entanto, em meia hora por semana o tempo de trabalho constante do anterior regime. Nestes termos, determina-se que a base XLIII — n.º 2 — do despacho de 18 de Fevereiro de 1959 passe a ter a seguinte redacção:

«2 — o horário de trabalho para o pessoal maior é o seguinte:

Em Lisboa e Porto: a) De segunda a sexta-feira — Das 9 ás 18 e 30 horas, com intervalo das 12 e 30 ás 14 e 30 horas. b) Aos sábados — Das 9 ás 13 horas.

Fora de Lisboa e Porto: a) De segunda-feira a sexta-feira — Das 9 e 30 ás 18 e 30 horas, com intervalo das 13 ás 14 e 30 horas. b) Aos sábados — Das 9 e 30 ás 13 e 30 horas.

As instituições, seja qual for a localidade da sua sede, podem, no entanto, optar pelo seguinte horário de trabalho: a) De segunda-feira a sexta-feira — Das 9 ás 18 horas com intervalo das 12 e 30 ás 14 horas. b) Aos sábados — Das 9 ás 13 horas.

O pessoal menor ficará sujeito ao regime de horário de trabalho de mais uma hora por dia, dividido por dois períodos, segundo a conveniência dos serviços, salvo aos sábados em que haverá apenas um período de trabalho».

Selo comemorativo

de Brasília

BRASILIA, 23 — A fim de estudar a emissão de um selo comemorativo da inauguração de Brasília, foi nomeada pelo presidente Kubitschek de Oliveira uma comissão constituída por representantes dos vários ministérios, da Escola Nacional de Belas-Artes e do Museu de Arte Moderna.

No acto de posse da comissão, o ministro Amaral Peixoto declarou que devem ser observados todos os aspectos técnicos da nova capital na elaboração do desenho do novo selo. — (A. N. I.).

A princesa Michiko

receberá hoje da corte

o «cinto da maternidade»

TÓQUIO, 23.—Iniciam-se hoje as cerimónias que, na Casa imperial do Japão, assinalam o nascimento próximo de um príncipe.

E' hoje, com efeito, que a princesa Michiko recebe das mãos de um alto dignitário da corte o «cinto da maternidade».

A cerimónia não é longa nem complicada, mas tem de sensacional o facto de ser a primeira vez que uma plebeia é o centro de atenções durante a sua realização, desde há 26 séculos, pelo menos.

O cinto nada tem de especial: é uma longa faixa de seda branca, que a futura mãe deve usar, segundo a tradição nipónica, para auxiliar o bebé que vai nascer a tomar uma boa posição e para assegurar o necessário calor ao corpo da mãe.

A data em que a cerimónia se realiza varia conforme a indicação do médico, mas precede em cerca de mês e meio o nascimento da criança.

O filho do príncipe herdeiro do Japão deve nascer á volta de 2 de Março.

Há tanto tempo já que se efectuou na corte japonesa a última cerimónia do «cinto da maternidade» — há cerca de 20 anos — que os altos dignitários não puderam satisfazer a curiosidade dos jornalistas, dando-lhes os pormenores da cerimónia.

Sabe-se apenas que hoje, na residência oficial dos príncipes — o palácio Tokiwamatsu—um enviado da corte entregará á princesa, que o recebe ao lado do marido, num dos salões, o cinto: uma faixa de seda branca com cerca de 4 metros de comprimento e meio metro de largura.

Segue-se nova cerimónia, a que assistem apenas as damas de companhia da princesa, e durante a qual a futura mãe é auxiliada a colocar o cinto.

Outras cerimónias vão repetir-se nas semanas seguintes, todas tendentes a manter a lembrança da maternidade próxima no espírito de quantos cercam a princesa.

Assim, os preparativos vão activar-se para se preparar o quarto da criança que vai nascer — e que poderá vir a ser o futuro imperador do Japão.

Na ala do palácio destinada a servir de clínica ás pessoas da família imperial, está a ser especialmente decorado e preparado para a princesa o «quarto da maternidade», onde a criança há-de nascer.

Em fins do ano passado chegou a prever-se que a princesa fosse instalada numa clínica para o nascimento do seu primeiro filho.

A ideia foi recebida, porém, com tal indignação, que a corte resolveu que o nascimento se desse dentro do palácio: parece, com efeito, que o Japão — que saudou com entusiasmo a sua «Gata Borralheira» e considerou maravilhoso que o príncipe escolhesse a noiva entre as raparigas do seu povo—não aceitaria essa quebra de tradição, nem mesmo depois de ter assistido, sorridente e comovido, ao esfacelamento das rígidas tradições que impunham ao príncipe uma noiva com alta percentagem de sangue real.—(A. N. I.).

am os trabalhos

reunião dos estudantes

cia de Portugal

al dos Far-
hoje, as ses-
gunda reu-
e Farmácia

usaram da
uel Guima-
udou os co-
e historiou
a primeira
oimbra. Re-
seguir nos
os e a ne-
cada vez
estas inicia-
palavra a
ela de Cruz
e Alberto
to.
lido o trá-
manuel Ri-
Manuel Gui-
ior de Far-
O curso de
o», que es-
comparativa

GICO
lombia), 23
asfixia e es-
res e crian-
ado um au-
quilómetros
eiros, toma-
n fugir to-
espezinhan-

ro. pratas
ximo?
SARIA
257

da organica dos cursos de Farmácia nos diversos países.

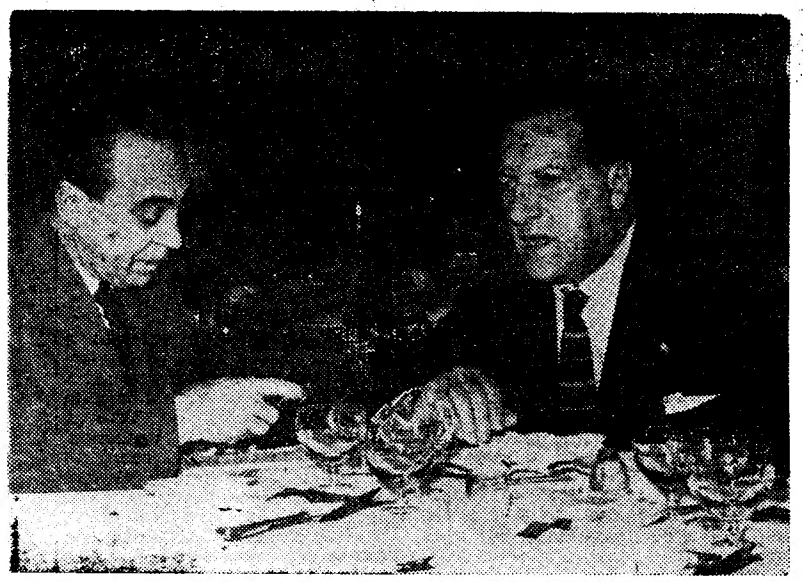
Presidiram ás sessões os srs. Víctor Manuel Guimarães e Emanuel Costela, de Lisboa; Alberto Roque da Silva e Albano Ramos Morgado, do Porto; e as senhoras Manuela Godinho e Maria da Graça de Almeida Correia, de Coimbra.

Às 21 e 30 horas, os participantes nesta reunião assistem, no Conservatório a um concerto em que colaboram a pianista Maria de Fátima Figueiredo e a Orquestra Universitária de Musica de Camara dirigida por Manuel Ivo Cruz.

Amanhã, de manhã, prosseguem os trabalhos.

Os novos preços dos automóveis

Já se encontra á venda em todo o País o n.º 55 da revista «Mundo Motorizado» que inclui a 6.ª edição da separata de 64 páginas «Principais características técnicas e preços dos automóveis á venda em Portugal». Esta edição apresenta já os novos preços da quase totalidade dos modelos importados após o aumento dos direitos alfandegários. Numero avulso 7$50. Contra-reembolso 10$00. Pedidos á S. E. Publitécnica, Rua do Alecrim, 53-R/c. — Lisboa — Telef. 23225.



O embaixador de Espanha em Cuba, á direita, fala ao nosso representante no Aeroporto da Portela

Passou por Lisboa

a caminho de Madrid

o embaixador de Espanha em Cuba

que teve um incidente com Fidel Castro

O embaixador de Espanha em Cuba, D. Juan Pablo Lojendio, marquês de Vellisca, esteve esta manhã em Lisboa, em escala da sua viagem de Nova York para Madrid. O embaixador Juan Pablo Lojendio foi o protagonista do escandalo político iniciado com uma agitada emissão de T. V. Doente, no leito, assistiu a um discurso de Fidel Castro, pronunciado perante as camaras da televisão, no qual o chefe do Governo de Havana o atacou vigorosamente. O embaixador ergueu-se e foi ao estudio emissor, onde teve uma acalorada discussão com Fidel Castro, á qual assistiram, através dos televisores, milhões de cubanos. Cuba considerou-o «persona non grata», apesar de ter publicado um comunicado sobre o que dizia ser uma calunia, pelo que foi obrigado a sair do país.

Interrogado pelos jornalistas, no aeroporto da Portela, D. Juan Pablo Lojendio começou por dizer:

— Como diplomata que sou, não devo fazer quaisquer declarações... Devo primeiro informar o meu Governo do incidente ocorrido em Cuba...

Alto e forte, rosto enérgico, o embaixador Juan Pablo Lojendio acrescentou:

— Tenho passado, como sabe, algumas vezes por Lisboa e tive a honra de receber a grã-cruz da Ordem de Cristo... Desejo aproveitar a oportunidade para reafirmar a minha simpatia e afecto por Portugal e destacar quanto importa á defesa da unidade do Ocidente a amizade entre Portugal e a Espanha, amizade fraterna que é um exemplo nesta Europa intranquila.

—O sr. embaixador teve dificuldades na saída de Havana?

— Nenhumas. Todo o corpo diplomático compareceu no aeroporto para se despedir de mim.

—O embaixador de Portugal também?

— Sim, esteve também o chefe da missão diplomática portuguesa, dr. João Simões Afra, em cujo automóvel, aliás, viajei para o aeroporto.

E continuou:

— Não voltarei a Cuba, de onde trago, porém, as melhores recordações não só do país, como de todo o corpo diplomático e do próprio povo...

— Como reagiu a Imprensa cubana?

O embaixador de Espanha sorri e responde:

— Naturalmente com os ataques «independentes» de uma Imprensa comandada... No entanto, pelo que verificaria, mais tarde, a Imprensa dos Estados Unidos deu um relevo extraordinário á minha atitude que não teve por fim mais do que defender a minha honra pessoal e a do meu país.

—O sr. embaixador poderá dizer-nos algo sobre a origem dos ataques de Fidel Castro?

— Não compreendi... Estava adoentado e fui surpreendido... Até esse momento as relações do Governo de Cuba com a embaixada e comigo mesmo eram perfeitamente normais e cordiais... O que estava a ouvir, em minha casa, era tudo completamente falso, não tinha a menor verosimilhança... O primeiro-ministro Fidel Castro surpreendeu-me com tais acusações.

O jornalista insistiu mas o embaixador negou-se terminantemente a falar.

— Não posso... Como dizem os americanos: «Non coments...»

Recepção calorosa em Madrid

MADRID, 23 — Foi calorosamente recebido no aeroporto de Madrid, o embaixador José Paulo Lojendio.

Lojendio, que tinha a aguardá-lo centenas de pessoas categorizadas, seguiu directamente do aeroporto para o Ministério dos Assuntos Exteriores, onde foi conferenciar com o ministro, prof. Fernando Maria Castiella. — (A. N. I.).

O novo director-geral

da Junta de Crédito Público

é o dr. José Sollari Allegro

Vai ser enviada para o «Diário do Governo» uma portaria do ministro das Finanças que nomeia o dr. José Luciano de Mendonça Camões Sollari Allegro director-geral dos serviços da Junta do Crédito Publico.

O novo director-geral tem 39 anos de idade e é licenciado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de Coimbra, com distinção. Iniciou a sua vida publica pela carreira diplomática, tendo prestado serviço no Ministério dos Negócios Estrangeiros, durante dois anos. Em Junho de 1950, foi nomeado Ouvidor da Junta do Crédito Publico, cargo que, efectivamente, desempenhou com alto mérito e reconhecida competência até á presente data. Tem exercido também as funções de secretário do Presidente do Conselho desde 1947.

Considera-se perdido

o "Estremadura 2"

encalhado em Faro

FARO, 23. — (Pelo telefone). — Considera-se perdido, por ter já metido água e ser de antiga construção, o pequeno barco português a motor «Estremadura 2» que, devido á forte serração na costa algarvia, encalhou na ilha de Anção, próximo de Faro, tendo a bordo cinco homens, que se salvaram fácilmente visto a embarcação ficar varada na areia. Trata-se de salvar apenas o motor do «Estremadura 2», que pertence a uma firma de Lisboa e está consignado ao seu representante em Olhão, sr. Domingos Matamouros.

O encalhe deu-se a 4 quilómetros da ilha de Santa Maria, conhecida pela Ilha Deserta, onde ainda se encontra também encalhado o barco espanhol «Virjen del Sufrajo», cujo salvamento vai ser tentado no próximo dia 28, tendo já começado os trabalhos preparatórios para tal.

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era moderado de Sul, o Sol estava muito nublado e chovia nas regiões do Tejo, por acção conjunta de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão complexa centrada a oeste da Irlanda e de um anti-ciclone centrado a sul da Península Ibérica.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS: Porto, 13°; Coimbra, 14°; Lisboa e Faro, 15°; Portalegre, 9°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 14°,5; na água do mar, 13°,1.

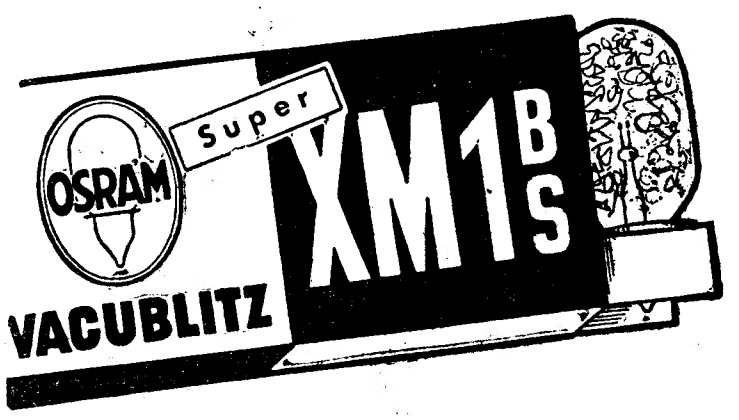
TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 15°,4; mínima, 11°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 17°,3; mínima, 12°,6.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu muito nublado, vento Sudoeste moderado, períodos de chuva a norte do Tejo.

Missão de estudos

Foi criada, com carácter temporário, a missão de estudos agronómicos do Ultramar.

Até uma criança
tira instantâneos
com



OSRAM-Vacublitz

Muito claro, muito rápido
e sem cheiro

IDEIAS OCASIONAIS

Os prós e os contras do Prémio Nobel

por CORREIA DA COSTA

O sentido universalista que a nossa literatura marcou no século XVI e depois no século XIX e na actual centuria, justifica amplamente o interesse suscitado pela ideia de galardoar com o prémio Nobel um escritor português, cuja obra total fosse o substracto de todas as nossas possibilidades criadoras e a nossa linguagem para o Mundo. Já há longos anos alguém tinha lançado, em 1939, a hipótese de a candidatura recair em Teixeira de Pascoais, poeta, doutrinador e biografista de altos recursos e ligado a todo o renovo da poesia moderna, a poesia saudosista, depois do movimento renascentista que foi a geração de «A Águia».

No penultimo ano e também nestas colunas em dois artigos justificativos se lançou também a candidatura de Aquilino, *ex-aequo* com a de Ferreira de Castro, escritor ficcionista de larga audiência nos meios internacionais que se interessam pela coisa literária, «la chose littéraire» de que falou, «et urbi et orbe», o espírito de Bernard Gasset, ensaiasta e editor. Nesses mesmos artigos era lembrada a título póstumo a inclusão de Fernando Pessoa e outra vez a de Teixeira de Pascoais, considerados *ad omnes et ad omnia* como grandes aedos da linguagem lusitana e cuja mensagem lírica ultrapassa a craveira dos grandes poetas latinos e novilatinos da hora presente. Acrescia também nessa ideia a da inclusão de seis grandes nomes da literatura brasileira, entre eles, Manuel Bandeira e Erico Veríssimo e a título póstumo, Jorge de Lima e Lins do Rego, além de outros mais colaterais e mais conjecturais e de renome mundial como Gilberto Freire e Jorge Amado, este conhecidissimo e traduzido em francês e russo.

E', portanto, um ponto de vista aceite, a possibilidade e a conjuntura de ser um escritor português o galardoado com essa homenagem simbólica e reparadora, perspectivando em todo o Mundo culto a obra e o país que honrados seriam com essa consequência justificativa e recompensadora.

A recente notícia de que um professor da Sorbonne, Aquarone, que rege a cadeira de estudos portugueses na Universidade de Paris, consultado, teria indicado directamente o nome de Miguel Torga, veio agitar, movimentar e até convulsionar o que é muito importante e muito responsável, a escolha do nome ou dos nomes que representariam o nosso País e a nossa língua-mater mas que também é a língua do Brasil com sessenta milhões de habitantes, e com um território continental cem vezes aproximadamente o tamanho do nosso, a camoniana e ocidental praia lusitana. Possibilitadas necessáriamente as candidaturas de Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro ou Miguel Torga, reconhecidos os altos nomes que essas obras individualizam e personificam e tomando em consideração o que há ou possa haver de candidaturas directas ou por interpostas pessoas ou sociedades culturais interessadas, como a Sociedade de Escritores Portugueses extinta há anos, a que pertencíamos, e de que é sucessora a actual Sociedade, com sede na Rua do Carmo, ou a Academia de Ciências de Lisboa, é absolutamente de louvar que tanto interesse se desenvolvesse sobre um assunto tão honroso para todos os que reconhecem e enobrecem a nossa linguagem e vocabulário comuns. Isto não obsta a que se complete a lista dos três candidatos hipotéticos com mais um nome honrosíssimo para a cultura, o doutrinarismo e o ensaísmo contemporaneos. Referimo-nos a Fidelino de Figueiredo, nome de alto e elevado prestígio intelectual, crítico e historiador da nossa literatura, divulgador de ideias e ensaista e psicólogo, possuidor duma obra cíclica que é conhecida lá fora, por traduções sobretudo nas Américas latinas e em Espanha, França, Argentina, Uruguai e no Brasil. O seu nome é toda a história de literatura que ele sistematizou, completou e fundamentou em volumes duma utilidade, duma visão e duma exigência que é justo realçar, sobretudo no seu ensaio já hoje clássico e indispensável, «As duas Espanhas», agora reeditado. Toda essa obra, todo esse conteúdo crítico, toda essa morfologia de análise e crítica literária, imbuída de Brunetiére, de Sainte-Beuve e de Thibaudet e de breviário de ideias em movimento, definem um grande nome e um grande historiador e crítico responsável e indispensável, no campo da especulação intelectual.

Assim em três nomes de escritores de ficção e de imaginação, cujas linguagens e cujo lexicon representam o que há de mais elevado e de mais afirmativo nas nossas letras actuais, salientando sobremaneira a linguagem nativa e rural de Aquilino que sobreleva pela sua riqueza e embelezamento a de Eça e se equipara á de Camilo, está nestes três nomes, repetimo-lo, nestes três grandes da literatura de ficção, a ascese e a exaltação das nossas virtudes de cultores da linguagem e de seus integérrimos paladinos como o foram Lucena, o padre António Vieira e Bernardes e até Fernão Mendes Pinto.

Entre Aquilino, Ferreira de Castro e Torga cabe bem a paridade especulativa e mental da obra de Fidelino de Figueiredo, síntese e elevação consciente das nossas possibilidades criticistas. Nestes quatro escritores da 1.ª e 2.ª metades do século XX está resumida a possibilidade de ser um o escolhido ou até de ser no ano presente também escolhido paralelamente pela Academia Real de Estocolmo, um outro escritor de outro qualquer país, que também se candidatasse, porque são ás dezenas os candidatos em cada ano de eleições e de escolha tanto em letras, poesia e filosofia como em Ciências e em Química e Física. Não se ignoram os esforços que a Grécia despende em obter essa honraria, ela descencente duma literatura que é espólio da Humanidade e da própria França de Descartes e de Valéry que lança *à outrance* o nome mundialmente conhecido de Sartre, escritor, homem de teatro e filósofo e criador do existencialismo, referenciado e analisado por centenas e centenas de ensaios e análises introspectivas.

E' sempre problemática e empírica a ideia de ser este ou aquele o escritor preferido, o que complica a esperança de alguns e compromete as possibilidades de outros candidatos. Não deve, portanto, constituir novidade para ninguém que as eleições ou a escolha pela Academia Real sueca de um candidato entre tantos candidatos e tantos países, suscita emulações e provoca disparidades, pondo nós próprios o caso flagrante de saber se o escritor francês, trágicamente falecido há semanas Camus, e o poeta italiano Quasímodo, seriam melhores ou mais representativos que outros candidatos que ficaram em segundo plano e na sombra e no anonimato. A virtude maior seria incontestávelmente que o escritor português escolhido, *primus inter pares*, fosse o melhor, e que legitimamente representasse todo o somatório das nossas possibilidades no campo da imaginação, da efabulação, do romance ou novela e em trabalhos de investigação narrativa histórica (é o caso de Aquilino com o volume «Avós de nossos avós» que o equipara a Herculano) ou exegese crítica, tomando em linha de conta a harmonia de linguagem e a perfeição e o aperfeiçoamento da língua herdeira das crónicas e dos cancioneiros.

De todos os elementos vitais duma nação tanto ou mais do que os seus grandes homens, cientistas, heróis, figuras morais ou filósofos e místicos e homens de ciência em todas as modalidades do pensamento humano, o poeta, o crítico, o escritor, são a matéria mais fecunda, mais reveladora e mais afirmativa, porque eles constituem e são a voz das coisas que povoam a imaginação e a inteligência do pensamento lusíada e o resumo imaginativo das nossas qualidades integrais e criadoras.

Desde que os primeiros prémios Nobel foram concedidos a língua portuguesa ou a língua luso-brasileira e as literaturas portuguesa e brasileira foram sempre postergadas e esquecidas sistemáticamente, e ainda mais do que isso, foram propositadamente ignoradas. Porquê? E' impossível responder tão injusta tem sido a não inclusão de dois escritores de língua comum entre Portugal e Brasil, na lista já longa e vastíssima dos contemplados que englobam quase todos os países europeus e sobretudo latinos. Será como há pouco insinuava, com insuficiência, um crítico literário profissional, porque a nossa literatura *up-to-date* não tem significado universal e os personagens dos nossos romances (a redundancia é nossa) e novelas são incompreensíveis á inteligência comum dos estrangeiros que os lêem?

A estas perguntas todas as respostas são possíveis, atendendo a que elas no fundo não sejam impossíveis, porque o facto latente é que desde os estudos de história da literatura de Camilo, de Teófilo, de Carolina Micaelis de Vasconcelos, de Fidelino de Figueiredo, de Albino Forjaz de Sampaio, de Aubrey Bell, inglês, do prof. Le Gentil, francês, e de Hernani Cidade, a nossa literatura corporizou-se e elevou-se e corporiza-se e eleva-se a um dos mais altos e alevantados atestados da responsabilidade humana. Somos uma nação com um passado histórico heróico e honroso e temos uma literatura honrosa e responsável, riquíssima de conteudo e fluência lírica e, repetimo-lo, acentuadamente sempre de significado universalista e ecuménico, o que adiciona a história da nação (1147-1960) á história da sua literatura do século XII ao século XX, apesar do ensaista Jean Cassou nos considerar apenas uma literatura «dialectal», sem qualquer universalismo.

Será o ano de 1960, o ano das comemorações henriquinas e nuno-alvarianas o mesmo ano venturoso em que Portugal será galardoado com o prémio Nobel da Literatura? Se o facto se desse, fosse o escritor escolhido, o peta, romancista, ensaista, justiceiramente, compensadoramente, esse prémio Nobel 1960 completaria o ciclo das comemorações das virtudes da raça com o alargamento, o universalismo e o humanismo das virtudes e grandezas da nossa língua comum a língua de Bernardim Ribeiro, Amador Arrais e Alexandre Herculano. E o nome preferido, o escritor maior de Portugal, será o escritor maior da Nação, o que contentaria gregos e troianos e todos os espíritos bem nascidos.

CORREIA DA COSTA

Importantes melhoramentos vão ser construidos este ano no concelho de Torres Vedras

TORRES VEDRAS, 23 — A Camara Municipal de Torres Vedras, presidida pelo sr. António Teixeira de Figueiredo, elaborou para este ano um vasto plano de actividades, cujo cômputo aproximado das despesas, incluindo as comparticipações do Estado, é avaliado em 14 500 000$00, distribuídos pelos encargos obrigatórios, manutenção de serviços, obras e melhoramentos na sede do concelho e nas freguesias rurais, zona de turismo, consignações e comparticipações.

Para obras e melhoramentos nas freguesias rurais, está prevista a verba total de 225 000$00; e para obras e melhoramentos na vila, a verba de 420 000$00, assim distribuídas: matadouro, 15 contos; edifícios municipais, 40 contos; arruamentos, 30 contos; reparações em edifícios escolares, 25 contos; esgotos, 80 contos; expropriações, 160 contos; estradas e caminhos municipais, 70 contos.

Entretanto estão em execução muito adiantada, na sede do concelho, a construção da cadeia comarcã e do abastecimento de água (reforço, com nova estação elevatória, modificação de tubagem, etc.), e, dentro de breves dias, vão ser postas a concurso as obras de pavimentação e alcatroamento das várias ruas e pracetas do Bairro Dr. Martins, uma das novas artérias da vila.

Além disto, a Camara Municipal espera iniciar este ano a construção dos novos Paços do Concelho e do Palácio da Justiça, obras orçadas no valor total de 12 000 contos, a ultima das quais custeada pelo Ministério da Justiça. Proceder-se-á, também, á ampliação do edifício das escolas técnica e secundária, á construção dos caminhos municipais de Runa a Figueiredo e de Torres Vedras a Ventosa (por Varatojo), e as grandes reparações nas estradas de Paio Correia a Cunhados e de S. Pedro da Cadeira a Caparosa, todas com o auxílio das comparticipações do Estado.

Por outro lado, a estrada municipal de Casal de Barbas e o abastecimento de água a Maceira, Freiria, Serra de S. Julião (esta obra comporta o fornecimento de água a nove povoações, e Varatojo), aguardam apenas as respectivas comparticipações, para as obras serem iniciadas.

Espera, ainda, a Camara Municipal, a par de outras pequenas obras, poder começar também ainda este ano, a construção do grande imóvel para instalação definitiva da Escola Técnica de Torres Vedras, que virá a ocupar uma área de 20 000 metros quadrados.

A' margem destes empreendimentos, que valorizarão extraordinàriamente esta progressiva e importante vila, está já em construção o Dispensário Antituberculoso e deve iniciar-se em breve a da Cantina Escolar de Torres Vedras, que, funcionando em instalações provisórias, presta assistência diária a mais de duzentas crianças pobres.

Prevê-se, para muito breve, também, a instalação da agência de turismo, dotada de todos os requisitos modernos, e a construção da estalagem de Torres Vedras, num dos locais mais aprazíveis dos arredores.

Vida religiosa

Semana de Estudos da Acção Católica

Com sessões de manhã e de tarde, prosseguiram hoje, em várias dependências do Pavilhão dos Desportos, os trabalhos da «Semana Diocesana de Estudos», para encerramento das comemorações jubilares da Acção Católica Portuguesa. Os «semanistas», em numero aproximado a mil e quinhentos, dividiram-se pelas cinco secções e tomaram parte na discussão das comunicações apresentadas. As sessões abriram pouco depois das 9 horas, discutindo-se o tema geral: «O apostolado e os sectores pré-juvenil e juvenil».

Foram debatidos, também, os seguintes temas:

«Fundamento do conceito cristão da educação — relator, dr. Octávio Dordonnat; presidente, dr. Sérvulo Correia; assistente, rev. dr. A. Alves de Campos.

«Contribuição do sector pré-juvenil na educação da criança». «A Acção Católica e a Catequese» — relatores, D. Maria Luísa Caldas e dr. Manuel Cabeçadas; presidente, D. Maria de Jesus Vassalo Santos; assistente, padre Aurélio Granada.

«Influências gerais da sociedade na formação dos jovens» — relator, dr. Rui Jorge Martins dos Santos; presidente, dr. José Maria Trocado; assistente, padre João Cabeçadas.

«A família e a escola na formação dos jovens» — relator, dr. José Francisco Rodrigues; presidente, dr. Delfino Viseu; assistente, rev.º dr. Manuel Joaquim Ochoa.

«A Acção Católica e a formação dos jovens» — relator, dr.ª D. Maria Celeste Vaz de Sousa; presidente, eng. António de Meneses e Cruz; assistente, padre Orlando Ferreira.

Ao meio-dia, no mesmo local, foi celebrada missa pelo sr. D. António de Campos, bispo de Febiana. Houve comunhão geral e ofertório solene, em que participaram toda a Comissão Diocesana das Comemorações e um representante de cada uma das subcomissões.

Pelas 15 horas, sob a presidência do sr. prof. dr. Lopes de Andrade, realizou-se a sessão plenária, em que foi relator o eng.º Rogério Martins, que apresentou um estudo acerca de «A evolução das condições de vida e os novos campos e aspectos do apostolado».

Às 16 e 30, e com grande concorrência os «semanistas» voltaram a reunir-se.

Às 21 e 30, realiza-se a segunda sessão geral, que será presidida pelo sr. prof. dr. Luís Pinto Coelho e em que é oradora a prof.ª dr.ª D. Maria de Lourdes Belchior, que falará sobre «A vida actual e a urgência da acção apostólica dos leigos». A sessão decorrerá no Liceu Camões.

Na paróquia de Santa Isabel

Têm decorrido com o maior interesse as conferências especializadas e a pregação geral, integradas na santa missão presentemente na paróquia de Santa Isabel.

A imagem de Nossa Senhora peregrina está na capela das Irmãs Missionárias de Maria, ao Rato, desde as 10 e 30 de hoje, regressando á igreja paroquial no mesmo dia ás 18 e 30. A procissão das velas amanhã, pelas 21 e 30, está a ser aguardada com o maior entusiasmo, encontrando-se a maior parte das ruas da paróquia engalanadas. Destaca-se a profusão de luzes, com variados motivos e invocações, num aspecto feérico. A procissão percorrerá as ruas Saraiva de Carvalho, Silva Carvalho e D. João V, o Largo do Rato, a Avenida Pedro Alvares Cabral e a travessa de Santa Quitéria, tendo sido pedido aos automobilitas o favor de não estacionarem os seus veículos nas ruas citadas, no período da procissão.

ELEIÇÕES ANUAIS

dos Bombeiros Voluntários de Viseu

VISEU, 23 — Efectuaram-se as eleições anuais dos Bombeiros Voluntários desta cidade, ficando a presidir aquela Associação os srs. dr. Afonso de Andrade, dr. José Alberto Rodrigues e dr. António Alberto Rodrigues, respectivamente na assembleia geral, direcção e conselho fiscal. As respectivas vice-presidências foram ocupadas pelos srs. Jacinto António Guerreiro, Mário Rodrigues Martins e Adolfo dos Reis Amaro.

Carreiras aéreas

Novo director-geral de Tráfego e Vendas da P. A. A.

A recente remodelação da organização central da P. A. A., em Nova York, que teve por base a absorção da divisão do Pacífico na do Atlantico, sob a denominação de Divisão Ultramarina, trouxe a nomeação de um novo director-geral de tráfego e vendas, o sr. Herbert F. Milley, sob cuja orientação central vão funcionar todos os escritórios da Europa, Ásia, África e Oceania e, naturalmente, o de Lisboa.

Tendo começado a sua carreira na P. A. A. em 1938, foi superintendente da rota de África e visitou várias vezes Portugal, país onde conta muitas amizades e que conhece profundamente. Durante a ultima guerra, chegou ao posto de coronel da Força Aérea; está há 10 anos colocado no Pacífico; e foi agora transferido para os novos escritórios da P. A. A. no aeroporto de Idlewild, em Nova York.

O sr. Milley deve visitar o nosso País, para se reunir com os principais representantes da P. A. A. na Península Ibérica e na África, nos primeiros dias de Fevereiro.

Nova linha com aviões «Comet»

Inaugura-se depois de amanhã a carreira Londres-Santiago do Chile, com passagem por Lisboa, com aviões «Comet», inteiramente a jacto da B. O. A. C. A duração total da viagem é de 25 e 15.

Os «Comets» transportarão 20 passageiros de 1.ª classe e 43 de classe turística.

Centros recreativos da Murtosa

MURTOSA, 23—Na sede do Sport Marítimo Murtosense realizou-se a assembleia geral dos seus associados, para prestação de contas e nomeação de nova direcção, que ficou assim constituida: António Lagoncha, presidente; António Barbosa, secretário; e Jorge Teixeira Cardoso, tesoureiro.

— Na sede do Centro Recreativo Murtosense houve igualmente eleições para a nova direcção, que ficou assim constituída: José Maria da Fonseca Calisto, presidente; António Tomás Junior, secretário; António Récio, tesoureiro; e Carlos de Sousa Ferreira, Tomás Reis e Joaquim Cascais, vogais.

Assembleias gerais

Sociedade Guilherme Cossoul

Na assembleia geral da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, foram eleitos: presidente e vice-presidente da assembleia geral os srs. Carlos Sousa e Alberto Martins Assunção; presidente e vice-presidente da direcção os srs. Francisco Frazão e Mateus António da Silva Valente; presidente do conselho fiscal o sr. Florentino Luís Guerreiro; e delegados á F. P. C. C. R. os srs. Francisco Frazão e José de Oliveira.

Diz o médico...

(Continuação da 1.ª página)

tores do século XIX, retrata-o com justeza:

«Alto censor, exerceu uma verdadeira correição na educação do espírito e na saúde do corpo, de tal arte que na história da pedagogia e da higiene em Portugal tem direito a um capítulo culminante pela sua compreensão e acção social, superior à dos especialistas do género».

Mário Rosa, por sua vez, afirma que «a hidrologia e a climatologia médicas são-lhe devedoras de homenagem e gratidão».

Ramalho Ortigão dedicou a existência a ensinar aos Portugueses do seu tempo a maneira fácil de melhor compreenderem os encantos da vida simples e natural, da vida em contacto com o campo e o mar, o grande aliado da gente lusa na epopeia dos descobrimentos.

Talvez ninguém melhor do que Ramalho se referiu, em páginas de impecável recorte literário, às nossas praias, ao encanto da nossa costa atlântica, ao areal sem fim que vai do Minho ao Algarve e se acaricia nos recantos rochosos e escalvados ou se espreguiça, tranquilamente, terra dentro.

Sabe-se hoje que a água do mar contém noventa e dois corpos simples ou elementos. As algas possuem os que existem no mar, alimentam-se deles; transformam-nos biológicamente em agregados assimiláveis pelo organismo animal. Concentram em altas doses esses corpos raros ou oligo-elementos, que se rastreiam na água em quantidades infinitesimais.

As algas contêm, ainda, todas ou quase todas as vitaminas. Muitos alginatos, sais de ácido algínico, são usados para potencializar alimentos pobres que, devido às condições do terreno, ficam aquém das médias necessárias.

No Extremo-Oriente tais sais são utilizados pela indústria dos produtos alimentares, visto os investigadores japoneses terem chegado à conclusão de que todos os elementos existentes no globo se encontram presentes na água do mar e são recuperados por intermédio das algas marinhas (Chester O. Wisler e Ernest F. Brater, «Hydrology», New York, 1959).

Em muitos países da Europa, cuja política alimentar constitui prima preocupação dos cientistas, assalariados pelo Estado, as algas e os sais algínicos representam o melhor veículo de vitaminas e oligo-elementos, tão necessários à saúde e conservação dos povos.

O Oceano fornece às algas o que possui de melhor e, por intermédio delas, o homem apropria-se dessa riqueza sem par.

E os banhos de mar? Os banhos quentes, enriquecidos com preparados de algas, são tonificantes e proporcionam ao organismo fatigado prolongado estado de euforia.

Nos institutos marítimos, situados nas costas de França (recordo, neste momento, o de Marselha), os banhos de água quente são sempre enriquecidos com pó de algas, acondicionado em pequenas almofadas, idênticas às que se usam para o chá.

Estes banhos de juventude eram já conhecidos dos antigos, e nos velhos livros de medicina e matéria médica encontram-se largas referências, algumas delas citadas por Sigerist no curso de história da medicina, realizado, em tempos, no México.

Parece que foi René Quinton, célebre naturalista francês, que afirmou, num dos seus trabalhos, que «o meio interior», em grande parte massa líquida, possui composição idêntica à da água do mar.

O banho quente dilata os poros (vasodilatação) e o tecido subcutâneo adquire maior volume de sangue. Juntando à água do banho pó de algas, realiza-se, através da pele e dos tecidos, uma «transmineralização», acompanhada de «penetração vitamínica».

O organismo humano retém, consoante as necessidades de momento, vitaminas e oligo-elementos, imprescindíveis ao metabolismo e equilíbrio mineral do organismo lapidado pela vida angustiante de todos os dias.

Este pó de algas, produzido em muitos países, tem de ser titulado, possuir todos os elementos minerais.

Consegue-se o enriquecimento lotando as algas, isto é, misturando algas provenientes de diferentes regiões costeiras.

Nos principais centros de talassoterapia aconselham-se vinte banhos por cura. O pó poderá ser usado na água doce.

Estes banhos de algas estão indicados, em especial, no tratamento do reumatismo.

No Congresso Internacional de Talassoterapia, a reunir na Costa do Sol nos dias 28, 29 e 30 do próximo mês de Maio, um dos temas oficiais é o do tratamento do reumatismo pelos banhos de mar e a permanência nas regiões marítimas (David I. Blumenstock, «The Ocean of Air», New Jersey, 1959).

O banho de água de mar quente, enriquecido com algas, constitui uma das indicações da balneoterapia, tal como a praticam os Franceses e Alemães. Seria, pois, interessante que por ocasião do próximo Congresso, se soubesse o que se tem feito em Portugal a bem do comum e dos doentes, conhecendo a opinião dos especialistas, que os deve haver por aí, enclausurados em gabinetes, auferindo subsídios e bolsas.

As ciências biológicas têm hoje, em todos os países, interesses teóricos e práticos.

Conforta saber como os peixes envelhecem («The Lifespan of Animals», «Ciba Foundation Colloquia on Ageing», Londres, 1959), mas útil será igualmente conhecer os benefícios que o homem aufere do estudo sistemático da biologia marítima.

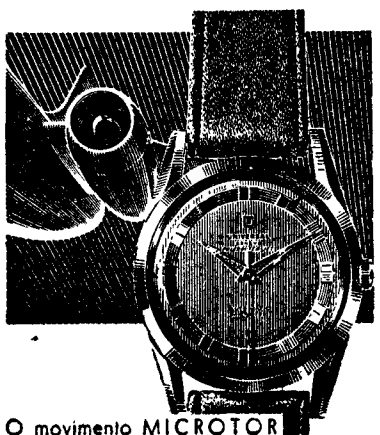
O País e o turismo científico muito lucrariam com isso. As costas de Portugal, mercê do esforço desses trabalhadores, transformar-se-iam em chamadoiro de viajantes e doentes asteniados e reumáticos.

Em «As praias de Portugal» (1876), Ramalho «encara os três elementos de cura marítima: a atmosfera marítima, o chamado ar do mar, o banho de mar, a água do mar como bebida».

Que dirão, agora, os nossos investigadores?

A. d'E.

Uma potência aumentada sob um menor volume



O movimento MICROTOR automático revolucionou a relojoaria como o turbo-reactor a aviação. Ele equipa o POLEROUTER JET e imprime-lhe a sua linha fina e elegante, a sua silhueta ultra-plana.
Existe em ouro, plaqué ouro e aço.

POLEROUTER JET

- movimento automático, o mais achatado do mundo
- até 2 dias de reserva de marcha
- 28 rubis
- impermeável
- antimagnético

UNIVERSAL GENÈVE

Fornecedores oficiais da S.A.S. (Scandinavian Airlines System)

A obra da Fundação Gulbenkian

(Continuação da 1.ª página)

cada desde o início da Fundação — consistente em publicar, periódicamente, um resumo das suas principais actividades — se anuncia que, *desde 1 de Junho do ano findo*, data a que respeita o seu último comunicado á Imprensa, *até 31 de Dezembro*, o Conselho de Administração concedeu os subsídios, fez as dotações e tomou as iniciativas que a seguir se especificam:

A — PORTUGAL

I — *ARTE* — a) Subsídios a artistas contemporaenos, para execução e exposições de obras plásticas, 112.300$00; b) Subsídios para viagens de estudo, obras em museus e restauro de painéis, 160.579$20; c) Subsídios para aquisição de instrumentos e patrocínio de diversos empreendimentos musicais, 176.500$00; d) Dotação para execução de um plano de auxílio a bandas regionais de musica, 300.000$00; e e) Dotação para estudo e execução de um plano de prospecção do folclore musical português, 560.800$00 — Total, 1.310.179$20.

Informações complementares

1.º) No mesmo período — 1 de Junho a 31 de Dezembro — foram concedidas as seguintes *bolsas de estudo:*

A) *ARTES PLÁSTICAS*

Destinadas a *aperfeiçoamento artístico* (pintura, gravura, desenho, escultura e ceramica), a *investigação* (museologia, restauro, estética e história de arte) e a *especializações* (arquitectura e urbanismo), sendo: a) para o estrangeiro, 21; b) para o País, 6. Valor total destas bolsas, Esc. 839.753$40.

B) *MÚSICA*

Destinadas a *aperfeiçoamento artístico* (canto, piano, violino, violoncelo, fagote, regência de orquestra e «ballet»), *composição, musicologia, pedagogia musical, construção e reparação de instrumentos de arco*, sendo: a) para o estrangeiro, 26; b) para o País, 2. Valor total destas bolsas, Esc. 511.797$00.

2.º) Completou-se o transporte, para Portugal, das obras de arte e livros raros que ainda se conservavam em Inglaterra;

3.º) Concluiram-se as diligências para a transferência, para Portugal, na próximo Primavera, das obras de pintura europeia e dé escultura egípcia que se encontram depositadas na «National Gallery of Art», de Washington;

4.º) Acabaram de ser impressas e entraram no mercado as seguintes publicações, subsidiadas e editadas pela Fundação:

a) «*The Tsisab Ravine and other Brandberg Sites*», de Henri Breuil, do Instituto de França — edição monumental; b) «*Carreau Céramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*», de J. M. dos Santos Simões, da Academia de Belas-Artes de Lisboa; c) «*Portugaliae Musica* — 1.º vol.; — «*Flores de Musica*», do P.e Manuel Rodrigues Coelho — Transcrição e estudo de Macário Santiago Kastner.

II — *CIÊNCIA*—a) Ao *Laboratório de Ginecologia da Faculdade de Medicina de Lisboa*, para completar o seu equipamento, um subsídio de 150.000$00; b) À *Faculdade de Ciências de Lisboa*, para instalação de uma Sala de Estudos de Ciências Naturais, um subsídio de 69.000$00; c) Ao *Laboratório de Microscopia Electrónica «Calouste Gulbenkian»*, da Faculdade de Medicina de Lisboa, para melhorar o seu apetrechamento e funcionamento, um subsídio de 375.000$00; d) Ao *Laboratório de Química Fisiológica da Faculdade de Medicina de Lisboa*, para custeio de investigações em curso, um subsídio de 400.000$00; e) Ao *Laboratório de Radioisótopos da Faculdade de Medicina de Coimbra*, para apetrechamento, um subsídio de 130.000$00; f) Ao *Instituto de Botanica da Faculdade de Medicina de Coimbra*, para completar o seu equipamento, 264.200$00; g) Ao *Instituto do Vinho do Porto*, para aquisição de um polarógrafo, um subsídio de 120.000$00; h) À *Ordem dos Médicos*, para possibilitar a organização de um curso de aperfeiçoamento profissional, em 1960, um subsídio de 410.000$00; i) À *Sociedade Portuguesa de Otoneuroftalmologia*, para organização de um curso de lições por especialistas estrangeiros, um subsídio de 25.000$00; j) *Subsídios diversos* para edição de obras científicas, 67.000$00; k) Dotação ao *Centro de Estudos de Economia Agrária*, para o prosseguimento das suas actividades, no ano de 1960, 2.500.000$00. Total 4,510.200$00.

III — *EDUCAÇÃO E CULTURA* — a) À *Associação de Jardins-Escolas «João de Deus»*, para lhe permitir a construção de um novo Jardim-Escola em Lisboa, uma comparticipação até ao limite máximo de 1.000.000$00; b) À *Academia de Santo Amaro*, em Lisboa, para a construção de um edifício destinado a aulas e anexos, uma comparticipação até ao limite de 700.000$00; c) Ao *Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra*, para assegurar a sua participação na Delfíada de Bristol, um subsídio de 150.000$00; d) À *Sociedade Portuguesa de Escritores*, para organização de uma série de conferências sobre o romance contemporaneo, a realizar em Lisboa, Porto e Coimbra, um subsídio de 100.000$00; e) À *Secção Portuguesa da União Internacional de Arquitectos*, para auxiliar a organização de um Congresso em Lisboa, um subsídio de 50.000$00; f) À *Biblioteca da Universidade de Coimbra*, para aquisição da obra «The Classical Library», um subsídio de 45.000$00; g) Para execução de um plano de actividades culturais circum-escolares, em prol das Academias das Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra, uma dotação, para o ano de 1960, de 1.500.000$00; h) Ao *Conselho dos Pais dos Estudantes do Liceu Normal de Pedro Nunes*, para a biblioteca e aquisição de material escolar, um subsídio de 100.000$00; i) Outros vários subsídios, para empreendimentos de carácter cultural, tais como edições de obras literárias, escavações arqueológicas, doação de livros, exposições didácticas, etc., na importancia global de 342.389$00; j) Dotação, ao *Serviço de Bibliotecas Itinerantes*, para prosseguimento da sua actividade, no ano de 1960, 5.500.000$00; k) Dotação, anual, destinada a permitir, de harmonia com o voto unanime do IV Colóquio de Estudos Luso-Brasileiros, a edição, em Portugal, de um *Boletim Bibliográfico*, trimestral e internacional, abrangendo todas as publicações que possam interessar áqueles estudos, 500.000$00 — Total 8.637.389$00.

Informações complementares

1.º) Desde 1 de Junho de 1959 a 31 de Dezembro próximo findo, foram concedidas as bolsas de estudo e os subsídios de viagem a seguir especificados:

A) *BOLSAS DE ESTUDO* — a) Para o *estrangeiro*, a licenciados, para estudos complementares ou de especialização, nos domínios das ciências físicas, ciências matemáticas, engenharia, medicina, agricultura, biologia, ciências sociais, filosóficas, históricas, etc.; 45; b) Para o País, também a licenciados e para estudos similares, 28; c) Para o País, a estudantes do ensino superior, secundário e equiparado, 568.

B) *SUBSÍDIOS DE VIAGEM*, 12. Valor total destas bolsas e subsídios, 6.944.361$60.

2.º) Em 31 de Dezembro de 1959, havia já em regular funcionamento 18 bibliotecas itinerantes, servindo 112 concelhos, com 90 344 leitores inscritos, elevando-se a 1 047 835 o numero dos livros requisitados e emprestados durante todo o ano.

3.º) A Fundação adquiriu, por 900 contos, em Braga, um imóvel, a fim de nele instalar, gratuitamente, as seguintes instituições culturais:

«*Associação Jurídica*», «*Convivium — Estúdio de Escritores e Artistas*», «*Associação Luso-Britanica do Minho*», «*Delegação da Sociedade Histórica da Independência de Portugal*», «*Delegação Portuguesa de Estudos Clássicos*».

IV — *BENEFICÊNCIA* — a) À *Associação do Hospital de Crianças Maria Pia*, Porto, para criação de um centro de recuperação de doentes de paralisia infantil, um subsídio de 289.790$00; b) *Leça da Palmeira*, para a construção de seis casas para pobres 120.000$00; c) Ao *Asilo da Infancia Desvalida de Elvas*, para alargamento das suas instalações, uma comparticipação de 250.000$00; d) À *Escola de Enfermagem de Castelo Branco*, para a construção de um lar de alunas enfermeiras, uma comparticipação de 350.000$00; e) Ao *Conselho Central das Conferências de S. Vicente de Paulo*, para a construção de uma colónia de férias infantil, no campo, uma comparticipação de 250.000$00; f) Ao *Lar da Criança Portuguesa*, Foz do Douro, para auxílio do seu funcionamento, um subsídio de 50.000$00; g) À *Associação Protectora dos Diabéticos Pobres*, para a compra de insulina, um subsídio de 60.000$00; h) Ao *Instituto de Socorros a Náufragos*, com destino ás famílias das vítimas dos ultimos naufrágios de barcos de pesca, um subsídio de 15.000$00; i) *Outros diversos subsídios para fins assistenciais*, tais como: Colónias Balneares Infantis, Associações Protectoras da Infancia, Asilos de Crianças e Velhos, Centros Sociais, Obras Missionárias, Lares, Lactários, etc., etc., 1.285.326$50 — Total 2.670.116$50.

B — REINO UNIDO E COMUNIDADE BRITÂNICA

I — *ARTE* — Para aquisição de obras de artistas contemporaneos, quer ingleses, quer estrangeiros; ao «*Trinity College*», de Dublin; á secção de Belas-Artes do «*King's College*», da Universidade de Durham, á «*Rural Music School Association*»; á «*South Western Arts Association*» e para outros fins artísticos, subsídios totalizando £ 60.875.

II — *CIÊNCIA* — Ao *Instituto de Agronomia da Universidade de Oxford*, um subsídio de £ 7,500.

III — *EDUCAÇÃO E CULTURA* — Ao «*Institute of Classical Studies*» e á «*St. Hubert's Secondary School*», subsídios totalizando £ 570.

IV — *BENEFICÊNCIA* — A «*The Royal National Lifeboat Institution*», «*Speech Research for the Deaf*», «*The Family Discussion Bureau*» e outras instituições, subsídios totalizando £ 36,110.

C — IRAQUE

EDUCAÇÃO E CULTURA — a) Bolsas de estudo, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, a 15 estudantes iraquianos, durante quatro anos US$ 139,205; b) Novo fundo especial para bolsas técnicas a 10 estudantes de Bassorá, com início no ano lectivo de 1960-61 £22,500.

Informação complementar

Os projectos para a construção, pela Fundação, em Bagodá, de um estádio e de um centro artístico, estão a ser elaborados, com o acordo do Governo iraquiano, por técnicos portugueses.

Em Novembro do ano findo, uma missão, composta por um arquitecto e por um engenheiro, deslocou-se de Lisboa a Bagodá, onde recolheu todos os elementos necessários á elaboração dos referidos projectos.

D — OUTROS PAÍSES

BRASIL

a) À *Casa de Portugal do Rio de Janeiro*, para obras de conservação, um subsídio de Cruzeiros 500.000; b) À *Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, para apetrechamento, um subsídio de Cruzeiros 500.000; c) Ao *Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro* 1) pra obras de conservação, um subsídio de Cruzeiros 500.000; 2) a verba necessária para aquisição de uma máquina de projectar sonora de 35"".

EQUADOR

À *Sociedade Internacional para a Conservação da Natureza*, para aquisição de um barco destinado á estação de biologia das Ilhas Galápagos, um subsídio de Esc. 320.000$00.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA DO NORTE

À *National Gallery of Art*, de Washington para assegurar a continuidade da organização de concertos gratuitos, um subsídio anual de US$ 30,000, durante três anos, no total de US$ 90,000.

FRANÇA

Para assistência ás famílias das vítimas da catástrofe de Malpasset (Fréjus), um subsídio de Frs. 10.000.000.

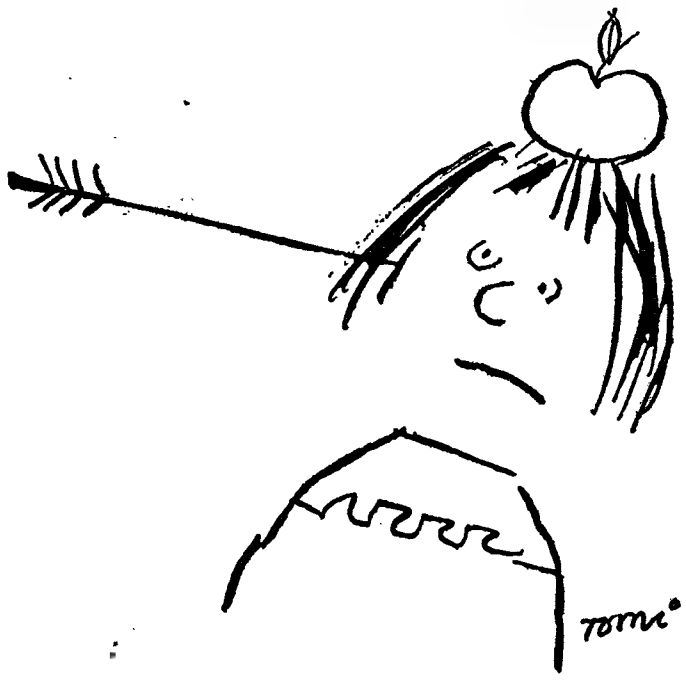
SUÍÇA

À *Fédération Mondiale pour la Santé Mentale*, subsídio para a realização do Congresso que terá lugar, em Paris, em 1961 Esc. 150.000$00.

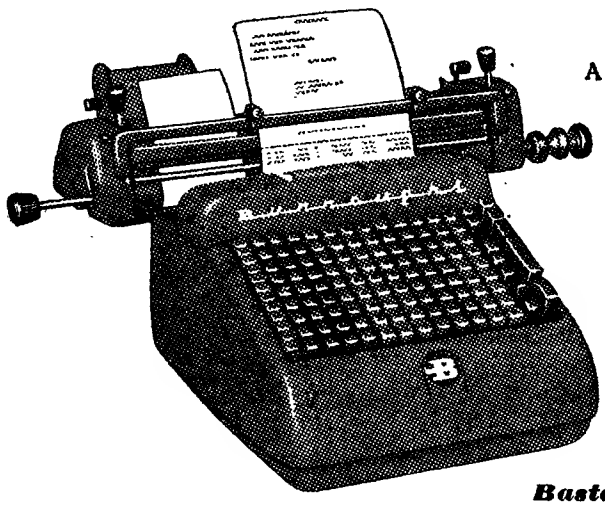
E — COMUNIDADES ARMÉNIAS NO MUNDO

I — *EDUCAÇÃO E CULTURA* — a) Bolsas a professores, para a sua formação e especialização e a estudantes US$ 223,600; b) outras formas de assistência para fins escolares e educativos, incluindo a construção e reparação de escolas e respectivo equipamento, US$ 123,755; c) Assistência a intelectuais e publicação dos seus trabalhos, US$ 28,000.

II — *BENEFICÊNCIA* — a) Patriarcado arménio de Jerusalém, para várias formas de assistência, incluindo a construção de apartamentos para refugiados arménios US$ 103.600; b) *Hospital Yedi Kule*, de Istambul US$ 5,500.



um simples erro de cálculo,
e... adeus!



A precisão é essencial para um negócio lucrativo... e não cometerá erros com uma Burroughs Director. De desenho moderno e atraente estas máquinas excepcionais prestam-se a inúmeras aplicações. O seu grande rendimento e fácil manejo traduzem-se em grande eficiência.

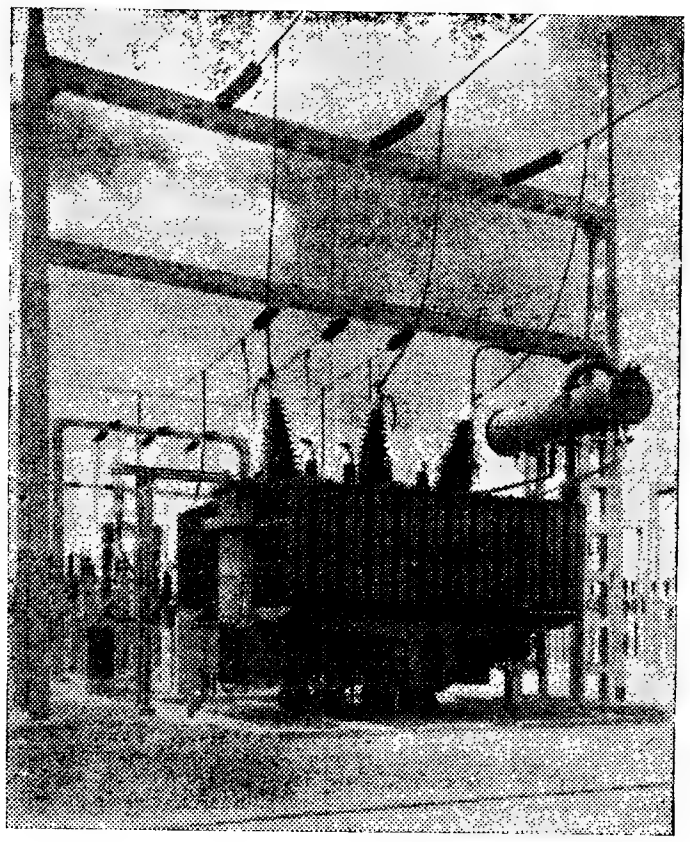
Basta telefonar ao representante da* BURROUGHS, *organização mundial ao serviço da contabilidade portuguesa há mais de 30 anos.

Burroughs

"SISTEMA" SOCIEDADE DE MÁQUINAS E SISTEMAS DE CONTABILIDADE, LDA.
(Associada de ROBINSON, BARDSLEY & CO., LTD.)
AV. 24 DE JULHO, 3, 1.º · TELEFONE 32991 (P. P C.) — LISBOA
PORTO — P Carlos Alberto, 128-A, 1.º — Tel. 24007 - 20293 • COIMBRA — Bairro Marechal Carmona, Rua C, 3 — Tel. 23228

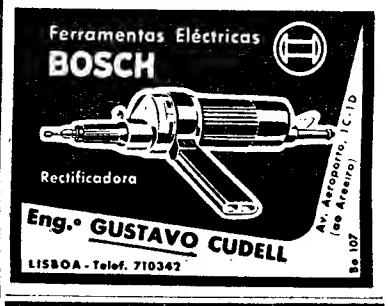
SAVOISIENNE

Ateliers de Construction de Transformateurs de la Compagnie Générale d'Electricité de Paris
TRANSFORMADORES DE GRANDE POTÊNCIA



Um dos dois Transformadores de 60.000 KVA, instalado na Subestação dos Pereiros da Companhia Nacional de Electricidade

DELEGADOS
AGÊNCIA GERAL DE MATERIAL ELÉCTRICO, LDA.
Rua dos Industriais, 4-1.º (ás Côrtes) — LISBOA
Telefones: 660692 - 666082 - 660604



S. R.

JUNTA DE FREGUESIA DE SANTO CONDESTÁVEL

EDITAL

Artur Afonso Tição, presidente da Junta de Freguesia de Santo Condestável, 2.º Bairro Administrativo de Lisboa.

Faz publico, nos termos e para os efeitos do disposto no Código Administrativo de 31 de Dezembro de 1940 que, a partir do dia 1 de Fevereiro e até ao dia 15 de Março, poderão os chefes de família requerer a sua própria inscrição ou a de terceiros no recenseamento eleitoral desta freguesia se uns ou outros, reunindo as condições de capacidade eleitoral, não estiverem inscritos.

A inscrição terá lugar ás segundas e quintas-feiras das 20 ás 21,30 horas na Sede e Junta de Freguesia, Rua Almeida e Sousa, 6.

Para constar se passou este e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares do estilo e publicados em dois jornais.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1960.

(a) *Artur Afonso Tição*

MOITA DO RIBATEJO

António Luís Bonjour Sobrinho

FALECEU

Maria Zulmira Paulino Bonjour, Vitor Luis Paulino Bonjour e sua esposa, Manuel Luis Paulino Bonjour e sua esposa, Domingos António Luís Bonjour, Armando Luís Paulino Bonjour cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu marido, pai e sogro e que o funeral se realiza amanhã, ás 17 horas para o cemitério local.

Olímpia Gonçalves Rodrigues

FALECEU

Olímpia Gonçalves Rodrigues Gil Lopes, seu marido e filhas, Maria Francelina Gonçalves Rodrigues Gil, Francelina Gonçalves Rodrigues e mais familia, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina presença a sua muito querida mãe, sogra avó, irmã e parente, e que o funeral se realiza amanhã, ás 16 horas, da Igreja de Santa Catarina, para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA BARATA

BENAVENTE

ANGELINA DE JESUS TAVARES

FALECEU

CONFORTADA COM TODOS OS SACRAMENTOS DA SANTA MADRE IGREJA

António Leitão Tavares, João Leitão Tavares, Maria Manuela de Jesus Tavares, e mais família, participam o falecimento da sua muito querida esposa, mãe e parente e que o funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, para o cemitério local.

Botões de Punho
Últimas novidades
TORRE EIFFEL
104 — RUA DO CARMO — 106

Automóveis de Aluguer sem Condutor

C O M A L

Av. Álvares Cabral, 45-B — Telefones: 680160 - 688525

43 milhões de contos

e o valor dos automóveis expòrtados pela Inglaterra no ano de 1959

LONDRES, 23. — A indústria britanica de automóveis bateu em 1959, os seus anteriores «records» de produção e exportação. O numero de automóveis expedidos para o estrangeiro, por via marítima ou aérea, ascendeu durante o ano passado a 568.846, ou seja mais 75.969 do que em 1958, que ao tempo constituiu um «record». Se a isto se adicionarem as exportações de autocarros, camiões e furgonetas, num total de 128.091 unidades, verifica-se que o numero de veículos exportados andou perto dos 700.000.

O aumento das exportações em relação a 1958 é de 100.891 veículos, o que significa que a Grã-Bretanha está actualmente a exportar 150 por cento do que produzia nos anos que precederam a ultima guerra.

O êxito desta campanha de exportação foi particularmente notável no que se refere ao mercado norte-americano. Em 1959 os Estados Unidos compraram 208.139 automóveis britanicos — ou seja, um terço de todos os carros importados por aquele país.

Também a exportação de tractores agrícolas registou notável progresso: 115.769 no ano findo, em comparação com 106.333 em 1958.

Estas exportações de veículos e as de outros produtos da industria renderam a quantia até hoje nunca atingida de mais de 546 milhões de libras (cerca de 43 milhões e 700 mil contos). Pode dizer-se, portanto, que a industria de automóveis contribuiu em 1959 para o comércio externo da Grã-Bretanha com cerca de mil libras por minuto.

A produção total das fábricas britanicas no ano que findou cifra-se em 1.560.427 veículos sendo 1.189.943 automóveis e 370.484 veículos comerciais. Em relação ás estatísticas de 1958, o «record» anterior, este total representa um aumento de 196.020 unidades.

A nossa acção em África

enaltecida por um diplomata estrangeiro

O diplomata dr. Hubert von Breisky, que viveu muitos anos em Portugal e se encontra acidentalmente entre nós, publicou recentemente em Viena um livro intitulado, «O colosso», que é uma descrição muito completa da África. Apontando as nossas províncias ultramarinas africanas como exemplo de um desenvolvimento calmo e perfeito, o autor afirma: «Nelas não existe o problema de diferença de classes entre brancos e pretos, em comparação com outros territórios africanos onde a Europa falhou em relação ao preto. Este tem mentalidade de criança e ás crianças não se pode ensinar uma sabedoria abstracta, mas sim orientá-las, moral e éticamente».

CANTINA ESCOLAR

António Vieira Pinto

TORREIRA, 22. — A Cantina Escolar António Vieira Pinto, da Escola Primária desta praia, que funciona há muitos anos, tem desenvolvido uma notável acção, permitindo que as crianças, na sua generalidade pobres, não faltem ás aulas, pois ali lhes são oferecidas diáriamente duas refeições: o pequeno almoço e o almoço. Muito tem feito pela sua manutenção através de subsídios e de géneros, diversas entidades particulares e oficiais, como a Caritas Portuguesa.

Esta instituição bem merece o amparo de todos aqueles que estão desejosos de fazer bem e o podem fazer.

HOMENAGEM

a uma professora

MURTOSA, 22. — Aguardando aposentação, passou á situação de inactividade, a sr.ª D. Helena Augusta Domingues, que durante longos anos exerceu com muita dedicação e competência, o cargo de professora de um dos lugares da Escola Feminina desta vila, onde gozava de muita consideração e estima, sendo muito respeitada e querida pelas suas colegas e alunas. O corpo docente daquelas escolas, por tal motivo, apresentou cumprimentos áquela professora, na sua residência, manifestando-lhe o seu apreço e estima e afirmando-lhe a saudade bem sentida com que a viam partir e deixar um lugar que tanto prestigiou e dignificou, e desejando-lhe as maiores venturas e felicidades.

BEBA BARRITOS
VERMUTE COM GIN
GELADINHO

TEATROS E CINEMAS

Na Província

✻ A companhia do Teatro Variedades tem aprazado um espectáculo no Teatro Circo de Braga, na próxima segunda-feira, com a revista «Isto é delas».

No Ultramar

✻ O artista Badaró tem já formada a companhia com que, em Abril, começará em Lourenço Marques, uma digressão pelo nosso Ultramar. São 14 artistas brasileiros e a revista de estreia intitula-se «Deu milando no samba».

✻ A cantora brasileira Maria Girão chega a Lisboa nos primeiros dias de Fevereiro, para seguir por via aérea para Lourenço Marques onde vai actuar.

No D. Maria II

Amanhã, «matinée», com «A menina Júlia» e «A sapateira prodigiosa»

O Teatro por Novos para Novos está a atrair ao Nacional uma multidão de espectadores jovens profundamente interessados por um espectáculo que lhes é especialmente destinado, no desejo de se lhes revelar duas grandes obras da literatura dramática europeia: «A menina Julia», de Augusto Strindberg, cuja encenação foi confiada a Jacinto Ramos; e «A sapateira prodigiosa», de Garcia Lorca, encenada por Varela Silva. Este espectáculo — o primeiro a contar para a atribuição dos «Prémios Robles Monteiro de Encenação e Interpretação», instituidos pela empresa — repete-se, amanhã, ás 16 horas, a preços reduzidos.

No Monumental

Prepara-se a estreia de «Margarida da Rua»

Tal como Paris, Roma, Milão, Madrid, Barcelona, Londres, Broadway Lisboa vai ter um espectáculo novo e diferente, com a musica e a comédia que triunfam em todo o Mundo: um original de Alexandre Breefort, com musica de Margueríte Monnot, numa versão em português de Armando Cortês, «Margarida da rua», que, com o título de «Irma la douce», é o grande cartaz das maiores capitais.

Espectáculo alegre, picante, sentimental e atrevido, «Margarida da rua» terá desempenho de Laura Alves e João Villaret, as duas grandes vedetas, que voltam novamente a trabalhar em conjunto, e a seu lado, como artista convidado, o grande valor do teatro brasileiro Luís Tito. O publco terá oportunidade de ver, ainda, Rui de Carvalho, Paulo Renato, Alberto Ghira e Luís Horta, seguindo-se os jovens Morais e Castro, Rui Mendes, António Anjos, Beja Filipe e Palma Vaz, colaborando também as atracções «4 de espadas», constituido pelos artistas Américo Lima, Fernando La Rua, Nuno de Almeida e Paulo Alexandre; o cantor brasileiro Ivan de Paula, e os acordeonistas João Aleixo e Isidro Baptista.

As bilheteras do Teatro Monumental abrem amanhã, para a venda de bilhetes para a estreia, que se efectua no sábado, ás 21 e 45. Para maiores de 17 anos.

No Avenida

«A Mala da Bernardette», em 11.ª semana

Todas as noites o publico que enche o Teatro Avenida, aprecia o grande êxito de gargalhada com Irene Isidro á frente de um magnífico elenco, «A mala da Bernardette».

No sábado, mais uma «Tarde popular de teatro», a preços reduzidos, com lugares desde 4$00, para todo o publico, e para os estudantes aos preços unicos de 7$50, a plateia e 5$00.

«A mala da Bernardette», em 11.ª semana, tem ainda no seu elenco os nomes de Henrique Santana, Henrique Santos, Maria Helena, Maria Schulze, Virgílio Macieira, Carmem Mendes, Alina Vaz, Rui Luís e Pedro Bandeira. Para maiores de 17 anos.

Primeiras exibições

«Profissão perigosa», no Eden

O F. B. I. (Federal Bureau Investigation) é uma das organizações policiais mais eficientes do Mundo. «Profissão perigosa» é a história do Bureau. Revela-nos alguns casos típicos que o F. B. I. enfrentou e solucionou.

Desde a luta contra o Klu-Klux-Klan, ainda não extinto, e as organizações nazis que apoiavam Hitler, ao tiroteio contra os «gangsters» dos anos vinte, o F. B. I. teve uma acção intensa. Organização poderosa, dotada dos mais modernos processos, o F. B. I. surge-nos neste filme em algumas das suas façanhas mais notáveis. E' claro que nem todos os seus casos nos são narrados por Mervin Le Roi, o que seria impossível, tantos são e tão complexos. De qualquer modo o publico pôde entender a engrenagem e os fins daquela organização.

«Profissão perigosa» não é um documentário, apesar de se apoiar sobre factos verídicos. James Stewart interpreta a figura do agente que percorre a hierarquia da organização desde que aquela foi criada. A seu lado, admirável de generosidade e estoicismo, Vera Mills.

Ao espectáculo assistiu o embaixador dos Estados Unidos. — *Visor 30.*

S. JORGE

«Escada acima, escada abaixo», com Mylene Demongeot

O problema das criadas (problema de as conseguir idóneas, competentes e dedicadas) é universal. Na Inglaterra, então, assume aspectos dramáticos. Por isso este problema serviu maravilhosamente de tema ao filme que o São Jorge apresentou esta semana: «Escada acima, escada abaixo», uma comédia irresistível de graça.

«Escada acima, escada abaixo», está no mesmo plano deliciosamente estonteante das comédias britanicas que o São Jorge apresentou no Verão passado. As atribulações por que passa um jovem casal para arranjar criada e as complicações que logo surgem quando o consegue, fornecem um manancial de situações inconcebíveis que sobem de tom quando as criadas são bonitas... e se apaixonam pelo marido da patroa. Para tornar mais aliciante a perspectiva desta graciosa comédia, atente-se nestes nomes do elenco de «Escada acima, escada abaixo», Mylene Demongeot (a criadinha que gostava do patrão), Anne Heywood (a esposa tolerante e compreensiva), Michael Craig (o felizardo da fita) e Claudia Cardinale (outra criada, esta com um fraco por marinheiros). Às senhoras (só ás senhoras) recomenda-se que reparem nas encantadoras «toilettes» íntimas de Anne Heywood. Este filme foi rodado em «Eastmancolor».

«Escada acima, escada abaixo», exibe-se em três sessões diárias, ás 15 e 15, 18 e 15, e 21 e 30, para maiores de 17 anos.

MONUMENTAL

«Gigantes da Floresta», com Kirl Douglas

Filmado em magnífico «technicolor» nas paisagens magníficas das florestas californianas, entre homens rudes e árvores milenárias, esta magnífica produção da Warner distribuida em Portugal pela Astória Filmes, é um manancial de aventuras empolgantes que prendem os espectadores da primeira á ultima imagem.

Kirk Douglas, num papel talhado para a sua forte personalidade de actor, dá-nos mais uma espantosa interpretação no papel de um aventureiro ambicioso. A seu lado as lindíssimas Eve Miller e Patrícia Wymore dão-lhe a réplica condigna nesta esplêndida produção da Buena Vista que vem obtendo assinalável êxito no Cinema Monumental.

TIVOLI

Domingo, «Duelo ao Sol», em última exibição

Por amável deferência de David O. Selznick será feita, no domingo, ás 1 horas, a ultima exibição do filme «Duelo ao Sol», na sessão clássica do Tivoli.

King Vidor dispôs de um elenco soberbo para a realização deste filme, onde figuram os nomes de Jennifer Jones, Gregory Peck, Joseph Cotten, Lionel Barrymore e Charles Bickford.

Cineclubismo

Sessão infantil em Setubal

Promovida pelo Cine-Clube de Setubal, haverá amanhã, ás 11 horas, no Salão Recreio do Povo, uma sessão de cinema infantil com os filmes «Gazouilly, passarinho desobediente»; «Um jardim publico» e «Pantomimas», por Marcel Marceau; «Casamento submarino»; «Zamzabelle em Paris»; e «O balão vermelho», de Lamorisse.

Coliseu

O Circo é o espectáculo dos nossos dias! Veloz e agil como a época em que vivemos! Hoje espectáculo às 21 e 30, a que podem assistir crianças

Os Croneras são os mais arrojados trapezistas volantes cruzados do Mundo. O seu numero é insuperável de audácia e engenho. Os Croneras são artistas dessa 1.ª Grande Companhia de Circo de 1960 que o publico aclama entusiásticamente — Kinito, o génio da pista, encontrou perigosos rivais nos Chabris, finos palhaços belgas. O Coliseu tem a atmosfera luminosa e vibrante dos maiores êxitos.

À noite, ás 21 e 30, para maiores de 6 anos.

Bing Crosby

é banqueiro desde ontem

HOLBROOK (Estado de Arizona), 23. — Bing Crosby, que participa em numerosos empreendimentos financeiros no Arizona, é desde ontem presidente do conselho de administração do Banco de Holbrook.

Crosby comprara, há tempos, uma participação no Banco quando um dos fundadores se retirou. — (A. N. I.).

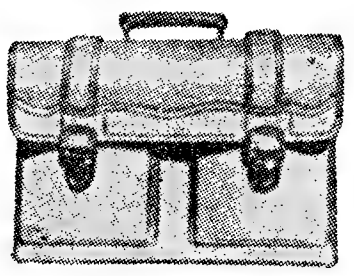
VIDA SOCIAL

DR. CANDIDO MARCIANO DA SILVA

Vai passar a desempenhar funções de assistente do Centro de Estudos de Química Nuclear de Lisboa da Comissão de Estudos de Energia Nuclear, o dr. Candido Marciano da Silva.

RESTAURANTE REGIONAL
VILA FRANCA DE XIRA
Açorda de Savel, Cabrito á Regional e Dobrada á Regional

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio
A. Comprido — R. Madalena, 97

Sapataria Pacheco
Rua Garrett, 47-2.º
Comunica ás suas Ex.mas clientes que começou a apresentar as ultimas novidades.

Histórias indiscretas

Com a sua bonomia e o seu espírito compreensivo, o eng. Armando Ferreira, crítico teatral de justo renome e administrador do D. Maria II, é o verdadeiro protagonista da nossa história de hoje.

Ao fim da tarde de ontem, um pequeno grupo de alunos da Academia Militar compareceu no Nacional e manifestou o seu desejo de falar com o sr. administrador, com o eng. Armando Ferreira. Este recebeu-os com toda a sua simpatia e dispôs-se a ouvir o que de si solicitavam. Um dos cadetes adiantou-se e expôs o caso. Sessenta estudantes da Academia Militar conseguiram reunir 700 escudos para ir ao teatro e escolheram o espectáculo do «Teatro por novos para novos», com as peças «A menina Julia», de Strindberg e «A sapateira prodigiosa», de Lorca, mas, como se podia verificar, a verba era diminuta para permitir comprar bilhetes para todos. Esta diferença entre os que desejam vir ao teatro e a soma conseguida era o motivo que ali os trazia com a certeza de que seria possível solucionar o seu problema.

O eng. Armando Ferreira congratulou-se com o entusiasmo daqueles futuros oficiais pela arte de Talma e desde logo se dispôs a estudar a situação, de modo a que tudo se resolvesse com a oferta aos estudantes das maiores facilidades. Assim, amanhã, 60 fardas estarão no Nacional, a aplaudir entusiasmados o espectáculo do «Teatro por novos para novos».

VII Assembleia Geral

do Centro Internacional de Adubos Químicos

Reune-se em Lisboa, no mês de Maio, a 7.ª Assembleia Geral do Centro Internacional de Adubos Químicos.

As sessões de trabalhos efectuam-se no Palácio Foz e estão anunciadas comunicações dos srs. prof. Valente de Almeida, engs. Rafael Monjardino, Sousa Rego, agrónomo Quelhas dos Santos e Brochado Miranda (Portugal); profs. Aguirre Andres (Espanha), Barbieri e A. Fabris (Itália), eng.º Daujat (França) e prof. Ludwig Schmitt (Alemanha).

Menor atropelado por um automóvel

ÉVORA, 23. — Em aldeia do Mato, um automóvel conduzido pelo dr. Joaquim Tavares Correia atropelou um menor de 5 anos, Luís Manuel Fialho Marques, filho de Joaquim Marques Delicado e de Catarina Rosado Fialho.

O pequeno sofreu fractura da perna esquerda e contusões várias pelo corpo, tendo sido internado no Hospital da Misericórdia de Évora.

Rotary Clube de Lisboa

A reunião semanal do Rotary Clube de Lisboa, do próximo dia 26, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, será dedicada á Cruz Vermelha Portuguesa, cujo presidente Nacional, professor Leonardo de Castro Freire, fará uma palestra intitulada «Cruz Vermelha, sua origem, evolução e significado».

HOMENAGEM

das classes marítimas aos tripulantes do «Monte Brasil»

A União de Sindicatos dos Officiais, Mestrança e Marinhagem da Navegação Marítima promove, no dia 28, ás 21 horas, na Casa dos Marinheiros Mercantes, uma sessão magna de filiados dos sindicatos unidos e de outros afins, para testemunho de publica homenagem aos esforçados tripulantes do navio «Monte Brasil».

No decorrer da sessão, que será publica, a direcção da União entregará a cada um dos tripulantes daquele navio o diploma de honra e de mérito profissional.

O PORTO pelo telefone

Nem tudo que vem à rede...

PORTO, 23. — Nas imediações da estação de S. Bento foram presos pela P. S. P., quando vendiam galinhas os pescadores António Ferreira Nunes e Manuel Isolino Ferreira da Silva, ambos residentes em Miramar. Na esquadra confessaram ter roubado as aves por haver muita falta de peixe.

O caso do Boal

No 1. Juízo Criminal foi hoje lida a sentença que condena o comerciante Joaquim Martins Cutelo, da Rua do Almada, 526, 1.º, pelo crime de perjurio, em 18 meses de prisão, remíveis a quinze escudos por dia, e mil e duzentos escudos de imposto de justiça. Era acusado de ter deposto favoràvelmente ao comerciante Alcides Boal, condenado a pena maior por simulação de casamento, contràriamente ao que antes afirmara noutro processo.

Queimou uma mulher com ácido

O ourives Eduardo Augusto Marques dos Santos, de 27 anos, solteiro, residente na Rua Azevedo de Albuquerque, 64, queimou, por ciumes, com ácido que lhe arremessou á cara, a costureira Hortense Narcisa Veiga das Neves, de 28 anos, solteira, que o abandonara depois de ter vivido com ele maritalmente durante alguns meses. Julgado no 1. Juizo Correccional foi condenado em oito meses de prisão, quarenta dias de multa a dez escudos por dia, quinhentos escudos de imposto de justiça e dois mil e quinhentos escudos de indemnização á ofendida.

Arrastão com avaria

O arrastão espanhol «Ducan», quando pescava ao largo de Leixões, sofreu avaria no hélice por se lhe ter enroscado o cabo. Entretanto pelos seus próprios meios, conseguiu demandar aquele porto, onde se procederá ao conserto.

VAI ACTUAR EM PARIS

uma grande representação do folclore português

PARIS, 23. A maior representação folclórica portuguesa que até hoje se deslocou ao estrangeiro visitará provàvelmente a França ainda este ano.

A convite da comissão que administra as arenas de Lutecia — os mais belos vestigios da civilização romana existentes em Paris — alguns grupos folclóricos portugueses deverão ir a Paris.

O rancho Tamar, da Nazaré, a orquestra do Orfeão Escalabitano, com os seus fandanguistas e quatro cançonetistas portugueses entre os de maior nomeada tomarão parte no espectáculo. A embaixada do folclore português será assim, constituida por mais de cem pessoas.

Sabe-se que o empresário de um dos maiores teatros de Paris, especializado em espectáculos de folclore, está interessado em apresentar os grupos em três récitas preenchidas unicamente com numeros portugueses.

A comissão das arenas de Lutecia pretende também realizar, pela primeira vez na França, duas corridas á portuguesa com a participação dos cavaleiros tauromáquicos João Nuncio, o filho deste e Manuel Conde, além de grupos de bandarilheiros e forcados.

A iniciativa está a despertar interesse entre os Parisienses que certamente gostariam de ter uma oportunidade para apreciar o folclore e a tauromaquia portuguesas.

O cantor português, António Rossano, vedeta do «music-hall» parisiense, ofereceu-se para apresentar os espectáculos, que serão, ao que consta, realizados entre os dias 9 e 12 de Junho. Uma das touradas será diurna e outra nocturna. — (A. N. I.).

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — Ás 21 e 45 — A revista «Isto é delas».
AGUIA DE OURO — Ás 21 e 30 — A revista «Tudo na Lua».
RIVOLI — Ás 15 e 30 e 21 e 45 — «Tormenta ao Sol»
COLISEU — Ás 21 e 30 — «Flor de Maio».
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Tavarin».
BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A Lei».
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30 — «A pesca de um marido».
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30 — «Destino ao Pacífico»
OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Amores reais».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Desfolhando a Margarida».

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Olimpia Gonçalves Rodrigues

Com 56 anos faleceu a sr.ª D. Olimpia Gonçalves Rodrigues, proprietária, natural de Lisboa. Era viuva do comerciante sr. Perfecto Lopez Gonzalez, mãe das sr.as D. Olimpia Gonçalves Rodrigues Gil Lopes e D. Francelina Gonçalves Rodrigues Gil e irmã da sr.ª D. Francelina Gonçalves Rodrigues. O funeral a cargo da Agência Barata, sai amanhã, ás 16 horas, da igreja de Santa Catarina para jazigo no comitério dos Prazeres.

FUNERAIS

D. Maria José Marques

NABAIS, 23 — (Pelo telefone) — Por determinação da extinta, seguiu para o cemitério da Conchada, em Coimbra, onde está o corpo de seu marido, falecido há anos, o funeral da benemérita senhora D. Maria José Marques, de 97 anos, natural da freguesia de São Cristóvão daquela cidade e viuva do sr. António Marques, que foi funcionário da Universidade coimbrã. Aquela abastada proprietária há muitos anos que residia nesta localidade, em casa de seu genro, sr. José Augusto Monteiro.

SUFRAGIOS

Maria Bernarda Moreira Salgado do Carmo

Na passagem do trigésimo dia da morte da sr.ª D. Maria Bernarda Moreira Salgado do Carmo, seus filhos, noras e netos e mais família mandam rezar missa de sufrágio, amanhã, ás 9 horas, na igreja da Madalena.

D. Helena Maria Xavier Gonçalves Dias

Mandada celebrar por seu marido, o sr. Alfredo Gonçalves Dias, funcionário dos escritórios da Companhia Nacional de Navegação, será rezada amanhã, ao meio-dia, no altar-mor da igreja da Encarnação, missa do 30.º dia por alma da sr.ª D. Helena Maria Xavier Gonçalves Dias.

O PERIGO das cancelas abertas em passagens de nível

LEIRIA, 23. — (Pelo telefone). — Esta manhã, cerca das 9 horas, na passagem de nível da Estrada de Amor, em Gandara dos Olivais, K. 162 da linha de Oeste, por poucos segundos se não deu uma tragédia. Foi o caso que uma pesada camioneta de carga, onde, além do condutor, seguiam mais dois homens, ter atravessado a via férrea, por estarem abertas as cancelas, quase ao mesmo tempo que ali passava o comboio 4120, da Figueira da Foz para Lisboa. As pessoas que presenciaram o caso sentiram a emoção do perigo corrido, e o condutor da camioneta, naturalmente alarmado, interpelou, acerca do descuido, a guarda da passagem de nível que, sem dar importancia ao sucedido, respondeu que as cancelas estavam abertas porque não tinha recebido sinal da saída do comboio.

Como já não é a primeira vez que tal acontece em estrada de tanto movimento, e porque as cancelas se conservam abertas toda a noite com evidente perigo para peões e veículos, pedem-se imediatas providências.

CICLO DE PALESTRAS

Na próxima segunda-feira, 25, o sr. Costa Brochado, vogal da Comissão Executiva da União Nacional, efectua, na sede daquele organismo político, uma conferência sobre a sua origem e os seus fins, na qual serão expostos assuntos políticos do maior interesse na hora que passa.

Esta conferência será proferida perante o ministro do Interior, a Comissão Executiva e as comissões políticas do distrito de Lisboa, e será directamente retransmitida, pela Emissora Nacional, ás 21 e 15.

Com esta conferência, iniciará a União Nacional um plano de acção de largo esclarecimento do País sobre os problemas políticos que estão na base do Estado Novo.

AS INVESTIGAÇÕES acerca do crime da Rua da Palma

Sob a direcção do inspector dr. Correia das Neves, auxiliado pelo agente José Dias, prosseguem as investigações para se apurarem as circunstancias em que se deu o crime da Rua da Palma. O criminoso continua detido na P. J., e, entretanto aguarda-se o resultado da autópsia para se averiguar da verdadeira causa da morte.

Roubaram um automóvel em Paço de Arcos e logo foram presos em Lisboa

Foram enviados á Polícia Judiciária, três individuos que, há já alguns dias, se dedicavam ao furto no interior de automóveis.

Ontem, em Paço de Arcos, apropriaram-se de um automóvel e dirigiram-se para Lisboa.

Na Avenida Infante Santo, porém, a viatura avariou-se, e então, os seus ocupantes depois de furtarem diversos objectos, resolveram abandoná-la. Um motorista de praça, que presenciou o facto, comunicou-o a um guarda da P. S. P., que com o auxílio de outros camaradas, detiveram os larápios.

Entregues á Secção de Justiça da mesma Polícia, confessaram a série de furtos que tinham praticado, sendo apreendidos a maior parte dos artigos subtraídos.

Os três meliantes são Emanuel José Capelo, natural de Idanha-a-Nova; Jorge Pedro Rodrigues, da Figueira da Foz, e João Alberto Palminha Agostinho, de Lisboa, os dois ultimos com prisões por assalto, furto e abuso de confiança.

QUATRO RETRATOS do cardeal Bórgia atribuidos a Velasquez que só pintou um

FRANCFORT, 23 — Onde está o verdadeiro «Bórgia»? — é a adivinha de mais difícil resposta que circula agora por esta cidade.

Durante 70 anos, os apreciadores de pintura de Francfort pensaram que o autêntico «Cardeal Borgia», do pintor espanhol Diego Velasquez se encontrava na Galeria «Staedel». Contudo, na terça-feira, outra galeria de pintura, a «Englert», apresentou novo «Cardeal Borgia», semelhante ao anterior, como o quadro original de Velasquez.

Mas a adivinha tornou-se logo mais difícil de responder, quando se soube existirem mais dois «Borgias», atribuidos a Velasquez, um na Catedral de Toledo e outro no Museu Metropolitano de Arte, de Nova York.

Mas não se trata apenas de uma simples adivinha, pois estão em jogo 6 750 contos, valor aproximado da obra autêntica. — (A. N. I.).

Festas associativas

Amanhã haverá bailes, de tarde, no Clube Estefania, na Rua Dr. Alexandre Braga, 24-A, com o conjunto José Barreiros, na Casa do Alentejo, na Rua das Portas de Santo Antão, com a orquestra Talismã, na Casa das Beiras, no Largo de S. Domingos, 14-2.º, na Casa do Minho, na Rua Vítor Cordon, 14, e na Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul, com o conjunto musical Porto Rico; e á noite, na Casa do Algarve, na Rua Capelo, na Casa de Ferreira do Zêzere, na Travessa dos Inglesinhos, 3-1.º, e na Casa de Lafões, na Rua da Madalena 199-1.º.

O DEGELO na Grã-Bretanha provoca inundações

LONDRES, 23. — A brusca subida de temperatura na Grã-Bretanha provocou muitas inundações, sobretudo no País de Gales, no Yorkshire, Worcester, Hereford, Westmorland e Lancashire.

No País de Gales, quatro estradas pelo menos tinham, em certos pontos, meio metro de água. — (F. P.).

VOROCHILOV ADOECEU na União Indiana

NOVA DELHI, 23 — O presidente da União Soviética, Vorochilov, que visita oficialmente a União Indiana, não saiu hoje dos seus aposentos, por estar a sofrer de «ligeira subida de temperatura», segundo foi anunciado pelos membros da comitiva do estadista russo.

Não foi revelado qual a verdadeira doença do presidente.

Vorochilov devia visitar hoje Bhilai, a cidade indiana da industria do aço, mas não o pôde fazer devido á doença. Os restantes membros da comitiva seguiram á hora marcada para a visita a Bhilai. — (A. N. I.).

Em ALHOS VEDROS o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

Gladíolos
para plantar agora

Lindas flores, de longa conservação em jarras. De cultura fácil.

Já recebemos 10 das mais robustas e bonitas variedades.

Peça a respectiva lista, que se envia absolutamente grátis

Vende-se um ou mais bolbos e expede-se a reembolso para qualquer localidade

JERÓNIMO PEREIRA MENDES & C.ª
ESPECIALISTAS DE SEMENTES
Praça da Figueira, 2-C, 2-D e 2-E
LISBOA

...nem mesmo o tempo passa por um

A FAMOSA MARCA ALEMÃ HONRA-SE DE EXPOR A LINHA COMPLETA DE TODOS OS SEUS MODELOS MAIS RECENTES E APRESENTA...

O NOVO E SENSACIONAL B. M. W. 700
«UM GRANDE SUCESSO MUNDIAL»

EM EXPOSIÇÃO
NO SALÃO DE VENDAS B. M. W.
até às 24 horas
Av. António Augusto de Aguiar, 3 — LISBOA

FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO
Telefones: 59979 - 50652 - 730123 (9 LINHAS)
LISBOA — PORTO

BOLETIM DO DIA

HÁ TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» ouvia no dia 23 de Janeiro de 1930 o actor Joaquim Almada, regressado a Lisboa após ano e meio de ausência, e que dizia:

— A Casa Gil Vicente deve constituir-se, sem duvida e rápidamente. E' uma necessidade imperiosa. Deve unificar todas as organizações da classe, e de carácter benéficente, respeitando, é claro, todos os direitos adquiridos, e integrá-los na Casa Gil Vicente.

— Concorda com a dissolução do Grémio dos Artistas Teatrais?

— Nunca!

EFEMERIDES

No dia 23 de Janeiro de 1950 foi Jerusalém proclamada capital de Israel.

PROGRAMAS DE RÁDIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A orquestra Mantovani em trechos de filmes; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de Jazz; 20 e 30: Album musical; 21: Junção de emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para trabalhadores; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «A» — A's 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: A Cantata «A Canção do Lamento», de Mahler; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de musica concreta, dir. de Jean-Etienne Marie com a colaboração do Club Feminin de Paris Lyceum; 20 e 30: Trio em sol maior op. 9 n.º 1, de Beethoven; 21: Junção de emissores; 21 e 15: Desdobramento; 21 e 20: Cantata dos camponeses, de Bach; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: Ciclo de sonatas: «A Sonata n.º 2 em lá maior, op. 100», para piano e violino, de Brahms; 22 e 20: Cartas a um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?», «Mazurka op. 7, n.º 1», de Chopin: «Sinfonia n.º 1 em ré maior», de Gustavo Mahler; 23 e 45: Junção de emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Alfarrábio; 17 e 45: Bing Crosby; 18: Teatro de brincar; 18 e 45: Ritmos de baile; 19: Orquestras e canções; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Solistas; 21 e 30: Lingua portuguesa; 21 e 50: Curso de língua inglesa; 22: Imagens por musica; 22 e 15: Brasil; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto, programa de divulgação; 23 e 30: Mário Lanza; 23 e 45: Noticiário; 2: Fecho.

Estação de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Trechos de operetas; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Variedades; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 20 e 40: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Um artista; 21 e 45: Brasil; 22 e 30: Artistas portugueses; 23: Programa de concerto; 23 e 30: Variedades; 24: Baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 15: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Boletim religioso; 19 e 10: Sobre os ramos da azinheira; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Encontro com o jazz; 21 e 30: Fados; 21 e 40: Rádio rural; 22 e 5: Quando o telefone toca; 22 e 45: Noticiário; 23: A 23.ª hora.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; das 22 ás 2: Club Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 20 e 30, abertura; 20 e 32, «Telejornal» (1.ª edição); 20 e 50, programa juvenil; 21 e 45, canções por Paula Ribas»; 22, transmissão directa, da Feira das Industrias Portuguesas, do festival de atletismo em pista coberta; 22 e 50, (Teledesporto» «programa semanal de actualidade desportiva); 23 e 10, «Telejornal» (2.ª edição), 23 e 25, «Naquela tempo...», pelo cónego dr. António dos Reis Rodrigues.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO E — Marques — Estrada de Benfica, 648, Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Aguiar — Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Universitária — Rua O, 29-D, Bairro Santos (Próximo ao Hospital de Santa Maria), Tel. 778953; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, Tel. 790942 Rainha Santa — Rua Afonso Lopes Vieira, 57-B, (Junto á Avenida Brasil), Tel. 765262; Europa — Estrada da Portela, lote 5-A, a Alvalade (Pote de Água), Tel. 710131; Cartaxo — Avenida da Igreja, 21-C, Tel. 776358; Avis — Avenida de Roma 56-B-C, Tel. 776070; Nova Lisboa — Rua Guilhermina Suggia, 12, Tel. 727721; João XXI — Avenida João XXI, 16-A, Tel. 726462; **FÁTIMA — Aven. de Berna, 24-B (junto á igreja de Fátima) T. 763107;** Sá da Bandeira — Avenida Duque de Ávila, 203-B, Tel. 41961; Cardeira — Avenida Duque de Ávila, 32-C, Tel. 43495; Oliveira Viegas — Rua Viriato, 29-29-A (Próximo da «Maternidade» e do «Avis Hotel»), Tel. 48966; Mundial — Largo D. Estefania, 9, Tel. 45578; Ascenso — Rua 27, 41 (Bairro da Encarnação), Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Ducal — Avenida Duque de Loulé, 21, Tel. 48946; Salter — Rua de Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Luzmar — Rua 2, 16-A Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Oriente — Rua Lopes, 120, Tel. 843381; Nunes — Rua Angela Pinto, 32, Tel. 49756; Europa — Avenida General Roçadas, 25-A Tel. 843880; Santo António — Rua Leite Vasconcelos, 72-C, Tel. 862333; Rosa & Veigas — Rua de S. Vicente, 31, Tel. 864351; Nacional — Rua de S. João da Praça, 26, Tel. 863632; Matos — Rua Álvaro Coutinho, 10, Tel. 40471; Lab — Rua Rodrigo da Fonseca, 101-101-A, Tel. 682333; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Pátria — Calçada dos Mestres, 30-A (Junto á Rua das Amoreiras), Tel. 680627; D. João V — Rua D. João V, 16-C, Tel. 682772; Castro Fonseca — Rua 4 de Infantaria, 28-A, Tel. 688857; Ourique — Rua Freitas Gazul, 32-B, Tel. 671667; Rodrigues & Aires — Rua da Lapa, 52-54, Tel. 662246; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remisio — Rua dos Jerónimos, 14-C, Tel. 631699; Sepol — Calçada da Boa Hora, 94-A, Tel. 631958; Teles — Rua João de Barros, 2, Tel. 638249; Nogueira — Rua da Creche, 2, Tel. 631635; Carrasco — Rua Presidente Arriaga, 39, Tel. 667460; Modelar — Largo Dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo), Tel. 27896; Véritas — Rua da Misericórdia, 132, Tel. 24554; Capuchos (Dos) — Rua Luciano Cordeiro, 2-A, Tel 52076, Nacional — Rua do Salitre, 7, Tel 46858; Costa — Praça da Figueira, 6-B-C, Tel. 28381; Barral — Rua Aurea, 126, Tel. 31535.

MARES

PREIA-MAR

Dia 23 — 22 e 4 (3,42 m.).
Dia 24 — 11 e 54 (3,56 m.).
Dia 25 — 0 e 32 (3,71 m.); 13 e 3 (3,73 m.).

BAIXA-MAR

Dia 24 — 5 e 30 (1,30 m.); 18 (1,21 m.).
Dia 25 — 6 e 22 (1,11 m.); 18 e 50 (1,05 m.).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — As 21 e 45 — «Diálogos das Carmelitas».
VARIEDADES — A's 21 e 45 — «O crime de Aldeia Velha».
AVENIDA — As 21 e 45 — «A mala da Bernardette».
TRINDADE — As 21 e 45 — «12 homens fechados».
CAPITOLIO — As 21 e 45 — «A falecida».
A B C — A's 20,30 e 22,45 — «Quem Sabe, sabe...»
COLISEU — A's 21 e 30 — «Circo».

CINEMAS

S. LUIZ — «Babette vai á guerra».
TIVOLI — «O rato que ruge».
S JORGE — «Escada acima, escada abaixo».
IMPERIO — «Anatomia de um crime»
EDEN — «Profissão perigosa».
POLITEAMA — «Desejo de amor».
MONUMENTAL — «Gigantes da floresta».
ODEON — «As belíssimas pernas de Sabrina».
ALVALADE — «Babette vai á guerra».
CONDES — «Totó em Paris».
ROMA — «Europa de noite».
AVIS — «Julia... a ruiva».
EDEN — «Profissão perigosa».
RESTELO — «Um lugar na alta roda».
JARDIM — «O julgamento do capitão Dreyfus».
IDEAL — «Rumo ao Sol».
PROMOTORA — «Feitiço ardente».
OLIMPIA — «Amor de gangster».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Esta noite, haverá bailes; na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, na Rua da Misericórdia, 20-2.º, com o conjunto Vela Azul; e na Casa da Comarca de Arganil, na Rua da Fé, 23-1.º, promovido pela Comissão de Melhoramentos da Mourísia, e abrilhantado pelo conjunto Melodia Azul.

Semana do contribuinte

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

Encontram-se a pagamento as unicas ou primeiras prestações das seguintes contribuições e impostos:

Contribuição Industrial — Grupos A, B e C; Contribuição Predial; Imposto Profissional — Profissões Liberais, Empregados p — Conta de Outrem e Assalariados cujo desconto não tenha sido feito em folhas de férias; e *Imposto sobre a Aplicação de Capitais — secção A.*

LICENÇAS

Pagam-se no corrente mês: *Acendedores e isqueiros; Tabacos; Imposto de Transito* de animais de carga ou sela, de veículos não automóveis, de bicicletas sem motor e triciclos; *Uso e Porte de Arma; Contrastaria;* no Governo Civil: *Porta aberta; Jogos lícitos; Toques de musica e Aguas minerais.*

ESTRANGEIROS

Visto anual — Os maiores de catorze anos residentes em Portugal devem apresentar os seus documentos de residência ao visto; *Empregados* — Todas as empresas devem enviar á P. I. D. E. uma relação nominal, em duplicado, dos estrangeiros ao seu serviço.

IMPOSTO DE COMPENSAÇÃO

Paga-se a primeira prestação deste imposto, lançado aos veículos automóveis que utilizam combustível de procedência estrangeira diferente da gasolina.

MATRIZES PREDIAIS

Estão patentes ao exame dos contribuintes durante o mês corrente.

CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

Está patente ao publico interessado o lançamento desta contribuição para efeitos de conferência ou de reclamação contra os elementos respectivos, se for caso disso.

RECLAMAÇÕES

Prédios devolutos: pode apresentar-se a reclamação para a anulação dos correspondentes duodécimos da colecta, respeitantes a prédios ou andares devolutos durante o ano de 1959. *Conhecimentos:* pode reclamar-se o seu desdobramento por se acharem indevidamente agrupados por dois ou mais contribuintes. *Lançamento:* pode reclamar-se contra o da Contribuição Predial desde que se verifique estar errado. *Contribuição Industrial e Imposto Profissional:* deve reclamar-se sobre as anulações de colectas respeitantes a anos posteriores áquele em que se tiver verificado a cessação de factos tributários.

IMPOSTO PROFISSIONAL — ASSALARIADOS

As entidades patronais devem pagar nas secções de finanças, até ao dia 31, o imposto correspondente aos descontos efectuados durante o ano de 1959.

IMPOSTO DE CAPITAIS

Secção A — *Bancos:* Deverão pagar durante todo este mês o imposto respeitante a juros e dividendos recebidos no mês anterior. *Companhias de seguros*: Devem pagar o imposto do selo até ao dia 30, enviando um exemplar da guia á Inspecção-Geral de Seguros até ao dia 5 de Fevereiro.

ACÇÕES CADUCADAS E DIVIDENDOS PRESCRITOS

Deverão ser apresentadas nos meses de Janeiro e Fevereiro as relações que compreendam os valores, depósitos e créditos caducados até 31 de Dezembro de 1959, ou certificados negativos, apresentação que se fará nas secções de finanças da área ou sede da companhia, sociedade ou banco.

VIDA MUSICAL

Sarau de encerramento do III Torneio Literário Corporativo

É hoje, ás 21 e 45 horas, na S. N. B. A., que se efectua o sarau de encerramento do III Torneio Literário Corporativo promovido pela Casa dos Empregados da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Do programa fazem parte um recital de piano por José Carlos Picoto, um recital de poesia por Maria Germana Tanger, um recital de dança pelo Círculo de Iniciação Coregráfica e uma serenata de Coimbra. O espectáculo é apresentado por D. João da Camara e haverá baile abrilhantado pelo conjunto de Mário Simões.

Obras de Fernando Lopes Graça nas Belas-Artes

No conforto da sala aquecida, e alegrada pela natural decoração das paredes ocupadas pela actual Exposição de Inverno, um publico numerosissimo em que predominava o elemento intelectual ouviu o concerto todo preenchido por primeiras audições em Lisboa de Fernando Lopes Graça, para canto e piano e para piano solo. O mesmo programa tinha sido dado em primeira audição mundial no Porto, no mês passado. E para a colaboração nas peças de canto e piano, deu-se outro facto importante a seu modo: a estreia em publico, como solista, do cantor português Fernando Serafim, que se revelou um elemento possívelmente de excepcional valor, se prosseguir na mesma orientação já definida presentemente.

A respeito das obras, primeiro, espanta-nos a fertilidade de produção do compositor, que junta á sua faina de escrever musica outras actividades musicais e literárias que também lhe tomam bastante tempo e dispêndio de forças cerebrais. Só o ciclo «As mãos e os frutos», sobre poesias escolhidas do fascinante livro de Eugénio de Andrade, é uma obra de folego, com certeza muito meditada e muito trabalhada. Os 11 numeros que compõem o ciclo são todos, sem excepção, de uma laboração em que a complexidade se funde em causa-razão-emoção. Valores ritmicos, harmónicos, subtis ou imperiosos, motivos de melodia pura, declamação lhana ou dramática, oposição ou combinação de impressionismo e expressionismo, tudo intervem com uma propriedade sem senão e com o timbre pessoal do compositor, aqui liberto de toda e qualquer influência aparente, para adomar-se aos textos e transferi-los do valor de leitura-imaginação para o envolvente mundo do som-absorção. Nesta obra eriçada de dificuldades, deu Fernando Serafim a prova a que não estamos habituados de um cantor que sabe musica, que respeita a sua escrita, e que abnegadamente coloca o sucesso de uma obra exigente em todos os sentidos, antes do seu sucesso pessoal. A sua voz de tenor ainda não tem tempo de ter adquirido toda a maleabilidade e toda a gama de coloridos que lhe antevemos possível, mas só podemos por isso admirar mais o jovem cantor e a sua compreensão da interpretação, não sacrifi-

O ciclo «As mãos e os frutos» fechava o ciclo, e o publico soube reconhecer o valor da obra que estava ouvindo — ou o seu encanto agiu espontaneamente sobre os ouvintes, que exigiram dois numeros em «bis», e que estimariam, estamos certos disso, tornar a ouvir o ciclo inteiro.

A 1.ª parte era preenchida por onze páginas para canto e piano. E' de nunca deixar de reparar na escolha dos textos, e nunca deixar de admirar o justo carácter que lhes imprime Lopes Graça, mas sem a profundidade e a segurança que alcança o ciclo «As mãos e os frutos». O Soneto de Bocage: «As predições de Adamastor realizadas contra os Portugueses», apresenta o poeta na sua mais dignificante veia, mas aqui já não temos a certeza de que são indispensáveis as desmedidas dificuldades da parte de piano; e o engodo da famosa «Barca bela» de Almeida Garrett torce-se de um modo um pouco híbrido. Não temos a certeza de que o hermetismo da «Dvindade da terra» de Afonso Duarte e de que as voltas do «Desafio» de Manuel Bandeira atingiram completa polidez de execução. Salientamos, pelo mais definido e talvez mais fácil interesse os dois romances — «...de três meninas num laranjal» e «...dos sete cavaleiros», de Armindo Rodrigues —, cantando especialmente bem Fernando Serafim a 1.ª, — e a segunda canção de Mário Cesariny de Vasconcelos, «O Príncipe da Dinamarca».

Afloremos agora, numa leve apreciação, as «Melodias Rusticas Portuguesas» (2.ª série) para piano, em numero de 15. Vemos nesta nova colecção, sobretudo, mais um meio de alargar a esfera de expansão das raízes de portuguesismo. Alguns ouvintes, que temos por bastante esclarecidos, tendem mais, ultimamente, para a obra pianística do que para a obra vocal de Fernando Lopes Graça. Dentro de uma parte de idêntica ordem de ideias, ninguém pode ter apreciado mais do que nós os Cinco Nocturnos para piano, 1.ª audição do ano passado, nem pode esperar mais ansiosamente a tão demorada 1.ª audição da 3.ª Sonata para piano. Mas a obra vocal de Lopes Graça continua a ser para nós, monumental, e nas canções populares preferimos nitidamente a realização voz-piano, ou mais ainda o coro, ao piano solo. O que há-de formular no compositor (como em qualquer outro compositor) é-nos também mais sensível na realização piano-solo. E verdade que na execução, faltou ao autor um bom piano; além disso, umas separações mais claras, mais ou menos espaçadas, fizeram falta, e já tínhamos notado o mesmo, mas muito mais atenuadamente, em «As mãos e os frutos».

FRANCINE BENOIT

O violinista Ralph Holmes na próxima «Quinta-feira musical», do T. N. P.

A próxima «Quinta-feira musical», do T. N. P., no Trindade, terá a colaboração do notável violinista inglês Ralph Holmes, «Grand Prix de la Ville de Paris», no Concurso Marguerite Long-Jacques Thibaud, de 1957

Apesar de muito jovem, Holmes é já considerado um dos mais brilhantes violinistas ingleses, desde sempre, e a sua carreira está já cheia de êxitos á frente das mais consagradas orquestras, como a Filarmonia, a Hallé, as Sinfónicas de Paris e da B. B. C., etc. A sua «tournée» pela U. R. S. S. foi um êxito

O Círculo de Cultura Musical de Évora retomou a sua actividade

ÉVORA, 23. — Depois de um longo interregno, o Círculo de Cultura Musical desta cidade promove amanhã, ás 21 e 30, no Teatro Garcia de Resende, a apresentação de «The Masterplayers of Sugano», que executará a «suite» da ópera «Rodrigo», de Haendel, o concerto em ré maior para piano e orquestra de Haydn, o concerto de camara para violino e orquestra de Harald Genzmer e a Sinfonia em lá maior, n.º 29, de Mozart.

É a primeira vez que esta conhecida orquestra suíça actua em Évora.

«The Masterplayers of Lugano»

Efectua-se amanhã, no Teatro Nacional de S. Carlos, ás 21 e 45 horas, o próximo concerto do Círculo de Cultura Musical, com a participação da orquestra «The Masterplayers of Lugano», constituida por vinte excelentes solistas, entre os quais o pianista Julian von Karolyi, galardoado com o «Prémio Chopin», em Varsóvia, e o «Prémio Liszt», em Budapeste, e o notável violinista Denes Zsigmondy. No programa figuram obras de Haendel, Haydn, Mozart e a revelação de um dos mais reputados compositores alemães contemporaneos — Harald Genzner —, hoje considerado o mais conceituado representante da escola de Hindemith. No dia seguinte, a magnífica orquestra efectua outro concerto, no Tivoli, também exclusivamente reservado aos sócios do Círculo de Cultura Musical

Documentários

de divulgação vitivinícola

CORUCHE, 23 — O Grémio da Lavoura de Coruche, em íntima colaboração com a Secção de Informação da Junta Nacional do Vinho, efectuou uma sessão de divulgação vitivinícola e das Adegas Cooperativas, no São João Cine, com a exibição de dois documentários coloridos que despertaram o maior interesse da parte dos vinicultores, especialmente o da produção da J. N. V., que, com óptima fotografia de Francisco de Assis, mostra, através da sequência das suas imagens, a acção preponderante que a Junta vem desenvolvendo, quanto á construção e ao funcionamento das Adegas Cooperativas.

Estiveram presentes a direcção do Grémio da Lavoura de Coruche, de que fazem parte como presidente, secretário e tesoureiro, respectivamente os srs. António Feliciano Branco Teixeira, Pedro Mexia Nunes Bordão e Manuel Casimiro, bem como o subdelegado da 3.ª Zona Técnica da J. N. V., Alvaro Piedade Abreu, representante da Corporação da Lavoura, e outras individualidades.

Esforços desesperados

para salvar os homens encerrados numa mina

(Continuação da 1.ª página)

nho através das galerias desmoronadas, podem ouvir o tecto estalar, indício de que os toros de protecção estão a ceder em vários pontos.

Entretanto, segundo notícias não oficiais, o numero de mineiros africanos emparedados na mina seria de 400. Parece, no entanto, faltarem 500 cartões de trabalho na repartição em que os mineiros, diáriamente, os entregavam á saída.

Na mina registaram-se recentemente alguns incidentes. Afirma-se que dez mineiros foram presos quando se recusaram a descer ás galerias na manhã de quinta-feira, o dia em que se deu o desastre. Outros setenta parece terem fugido para escarpar á prisão.

E' o terceiro mais grave desastre mineiro registado até agora em todo o Mundo. Em 1942, morreram 1.549 pessoas num desastre na Manchuria. Na França, no ano de 1906, 1.060 mineiros pereceram também devido a derrocada de uma mina. — (A. N. I.).

Renascem as esperanças

JOHANESBURGO, 23. — Alguns muares utilizados no fundo da mina de Clydesdale, foram encontrados vivos, esta manhã, pelas brigadas de socorro. «Se estas mulas e «poneys» tiveram ar suficiente para não morrer asfixiados, o mesmo pode ter acontecido aos homens» — declaravam os membros daquelas brigadas, que redobram de esforços para tentar salvar os companheiros.

Pela madrugada de hoje, os salvadores já tinham percorrido 1.050 metros em direcção aos emparedados, mas ainda lhes restavam 1.350 metros a transpor. Desabamentos constantes e emanações de metano afrouxam e tornam perigosas as operações de salvamento.

A derrocada parece ter provocado um poço de ar que poderá ter permitido a respiração dos mineiros emparedados. Por outro lado canários que durante a noite foram colocados no interior da mina regressaram vivos.

Isto significa que a concentração de gás metano está a diminuir.

Se os homens conseguiram sobreviver á falta de ar fresco podem fácilmente ter-se alimentado da carne de alguns cavalos que se encontravam na galeria da mina.

Ainda não se conseguiu entrar em contacto com os homens isolados. Resta saber se o tecto de ar provocado pela derrocada — entre o solo e a zona superior da galeria — bastará para manter vivos os mineiros até as brigadas de socorro terem tido tempo de abrir uma galeria para o exterior. — (F. P. e A. N. I.).

Nova derrocada

COALBROOCK, 23—As entidades oficiais da mina de Clydesdale mandaram suspender as operações de salvamento dos mineiros encurralados há 45 horas por uma derrocada. Esta tarde, abateu nova parte da mina e parece agora completamente impossível salvar os mineiros. — (A. N. I.).

DISCO-VOADOR

fácil de conduzir

e de curso moderado

CIDADE DO MÉXICO, 23. — Um antigo aviador italiano, Ricardo Vaccari, residente no México, inventou um disco-voador tão fácil de conduzir como um automóvel e capaz de transportar quatro passageiros.

Trata-se de uma plataforma circular de quatro metros de diametro, munida de quatro motores de explosão com a potência de 240 CV cada. O custo do engenho, que poderá ser construído em qualquer oficina, é moderado. O inventor já recebeu várias propostas de industriais estrangeiros. — (F. P.).

PROVAS DA A. F. L.

Terminou esta tarde

o campeonato de reservas

Com os encontros disputados esta tarde e dos quais damos a seguir alguns apontamentos, terminou o campeonato de reservas da A. F. L. com o triunfo final do Sporting.

Sporting, 1-Belenenses, 2

Jogo no Estádio «José Alvalade», arbitrado por António Xisto. As equipas:

SPORTING — Carvalho; Valente e Morato; Ferreira Pinto, Galaz e Pérides; Carlitos, Óscar, Monteiro, Carlos Manuel e Morais.

BELENENSES — Nascimento; Castro e Bento; Carlos Silva II, Figueiredo e João; Miguel, Carvalho, Vítor Silva, Chaves e Alemãozinho.

Aos quatro minutos de jogo, o Belenenses colocou-se em vencedor, golo da autoria de Miguel, com um golpe de cabeça.

A partida adquiriu feição de equilíbrio, mas Vítor Silva, perto do quarto de nora, perdeu excelente ensejo de aumentar o activo.

Aos 29 minutos, Alemãozinho aproveitando uma saída em falso, de Carvalho, fez o segundo tento da sua equipa.

Aos 40 minutos, o árbitro não validou um golo ao Sporting, por o rematador, Monteiro, estar «fora de jogo». Mas, dois minutos volvidos, os «leões» por intermédio de Carlos Manuel, puseram a marca em 2-1, resultado que se verificava ao intervalo.

A segunda parte começou com o Sporting ao ataque e, aos 6 minutos, Monteiro desperdiçou uma grande penalidade a favor dos «leões».

No final: Sporting, 1 — Belenenses, 2.

Oriental, 3-Estoril, 0

Jogo no campo «Eng.º Carlos Salema», dirigido por Jaime Azevedo.

As equipas:

ORIENTAL—Arnaldo; Carvalho e Ciborro; Cordeiro, Alfredo e Pipas; Libório, (Ferreira), Fernando, Carapinha, Raposo e Roque.

ESTORIL — Feliciano; Ferreiro e Hilário; Beijinho, Martins e Batalha; Felix, Matos, Cunha, Aragão e Américo.

O mau estado do terreno não permitiu que o jogo despertasse qualquer interesse.

Aos 17 minutos, Fernando logrou o unico «tento» deste primeiro tempo. Ao intervalo, Oriental.1-Estoril, 0.

Na segunda parte, o Oriental logrou mais dois tentos, aos 15 e aos 27 minutos, respectivamente, por Raposo e Roque. No final, portanto, Oriental, 3 — Estoril, 0.

Atlético, 6-Torriense, 0

Jogo no campo da Tapadinha, arbitrado por Fernando Martins.

As equipas:

ATLETICO — Pinho; Carlos Alberto e Barbosa; Fonseca, Henrique e Jalinho; Angeja, Mega, Apolinário, Brandão e Tomás (Palma).

TORRIENSE — Ferreira; Vítor e Portas; Belchior, Gilberto e Margaça; Jerónimo, Antunes (Quintino), Aníbal, Carlos António e Narciso.

Os alcantarenses, adaptando-se melhor ás condições do terreno, conseguiram três golos, aos 20, 36 e 43 minutos, respectivamente por Angeja, Mega e Angeja.

Aos 25 minutos, Belchior apontou uma grande penalidade de forma a Pinho defender. Ao intervalo: Atlético, 3-Torriense, 0.

Na segunda parte, ambos os guarda-redes foram substituidos, entrando Fura, para o Atlético e Adelino, para o Torriense.

Aos 24 minutos, Palma aumentou a conta para 4-0.

Angeja, aos 34 minutos, e Mega, dez minutos depois, fixaram o resultado final em Atlético, 6-Torriense, 0.

Arroios, 2-Olivais, 4

Jogo no campo «Alfredo Marques Augusto» dirigido por Fernando Soares.

As equipas:

ARROIOS — Amaro; Matos Cordeiro e Orlando; Camilo, Baptista e Peres; Valdemar, Patrício, José Luís e Borges.

S. L. OLIVAIS — Moutinho; Valdemar e Santos; Nunes, Carlos Alberto e Zeferino; Mordido, Vieira, Pinho, Lisboa e Américo.

Aos 10 minutos, Orlando introduziu a bola nas próprias redes, obtendo assim o primeiro golo do Olivais.

Os Olivalenses, entretanto, lograram mais dois tentos, aos 25 e 41 minutos, respectivamente, por Pinho e Vieira. Ao intervalo: Arroios, 0-S. L. Olivais, 3.

Na segunda parte, Camilo, aos 5 minutos, fez 1-3; aos 40 minutos, José Luís pôs a marca em 2-3; e Pinho, aos 44 minutos, fixou o resultado final em 2-4.

COMEÇARAM EM ROMA

as conversações italo-alemãs

ROMA, 23.—As conversações oficiais italo-alemãs começaram esta manhã na Presidência do Conselho. Do lado alemão, estão presentes, além do chanceler Adenauer, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o embaixador em Roma, o director-geral dos Negócios Políticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e um conselheiro diplomático. Pela Itália, participam nas conversações, o chefe do Governo, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o embaixador em Bonn, o director-geral dos Negócios Políticos e o chefe do serviço de ligação entre os Negócios Estrangeiros e a Presidência do Conselho.—(F. P.).

DOIS MORTOS

num desastre em Luanda

LUANDA, 23. — Caiu um andaime do oitavo andar de um prédio em construção, na Rua Luís de Camões, que arrastou diversos operários. Há dois mortos — um Europeu e um Angolano — e 24 feridos. — (A. N. I.).

Mais um morto

LUANDA, 23 — Faleceu mais uma vítima (de cor) do desastre do andaime. Contaram-se já 35 feridos, dos quais 15 só ligeiramente. Dos restantes, alguns estão em estado grave. — (A. N. I.).

Alastra em Argel

uma greve de protesto provocada pela demissão de Massu

ARGEL, 23. — Paul Delouvrier, delegado-geral do Governo na Argélia, e o general Challe, comandante-geral das forças armadas na Argélia, dirigiram esta manhã, pela rádio, um apelo á população para que mantenha a serenidade, e comentaram o comunicado distribuido ontem no final da conferência do Eliseu.

Por sua vez, os movimentos nacionais tiveram conferências pela noite adiante. Nada transpirou das suas deliberações. Parece que, como já havia sucedido ontem á tarde, se enfrentaram os partidários de uma manifestação imediata e os partidários da contemporização, que pensam que é preciso aguardar com serenidade a declaração que o general de Gaulle deve fazer em 29 do corrente.

O elemento novo, que apareceu esta manhã, e a acção de homens e de rapazes, membros de formações indeterminadas, que percorreram o bairro de Belcourt, primeiro, e a seguir o de Bad el Ued, limítrofe do Baixo Casbá, pedindo aos comerciantes que fechem os seus estabelecimentos, no que foram atendidos na proporção de setenta por cento.

As autoridades competentes tomaram decisões para garantir a ordem: três veículos da Polícia postaram-se no bairro de Bad el Ued, no sítio mais próximo do Baixo Casbá. Grupos de homens formam-se a uns duzentos metros de distancia.

A ordem de greve dos comerciantes parece alastrar agora aos bairros centrais desta cidade. Os transportes colectivos continuam a funcionar, mas nenhum veículo mais sairá dos depósitos e os que circulam devem parar ao meio-dia. — (F. P.).

O teor do apelo

ARGEL, 23 — Paul Delouvrier, no seu apelo, depois de se referir ao general Massu como um «grande soldado», que se viu envolvido «num lamentável incidente fortuito», declarou:

«Para afirmar o poderio da França, é necessário, primeiro que tudo, assegurar a autoridade do Estado. Esta autoridade não está, hoje, em causa».

Por sua vez, o general Challe afirmou na sua mensagem radiodifundida:

«Contem comigo, para vos guiar com paciência, mas sem fraquezas». — (A. N. I.).

A greve alastra

ARGEL, 23 — A greve de protesto contra a demissão do general Massu está a alastrar em toda a cidade de Argel, encontrando-se já encerradas muitas lojas e escritórios.

A Polícia estabeleceu barricadas em todas as entradas da cidade, onde são rigorosamente revistados todos os automóveis, tanto de Europeus como de Muçulmanos. — (A. N. I.).

Paul Delouvrier recebeu uma moção

ARGEL, 23 — Paul Delouvrier conferenciou perto do meio-dia com dez parlamentares que lhe entregaram uma moção cujo texto será publicado oportunamente.

Os círculos nacionalistas e activistas mostram-se muito discretos. Parecem encarar serenamente a evolução dos acontecimentos: a determinação parece haver sucedido á indecisão das ultimas horas. — (F. P.).

De Gaulle recebeu Massu

PARIS, 23 — O general Jacques Massu foi recebido esta manhã pelo general de Gaulle no Eliseu.

O antigo comandante do corpo de Exército de Argel demorou-se exactamente uma hora, mas soube-se mais tarde que a sua conversa com o presidente da Republica apenas durou vinte minutos. Deve ter esperado, portanto, uns 40 minutos antes de ser recebido.

Foi num «Peugeot 403» preto que o general Massu, fardado e com a boina azul dos pára-quedistas, chegou á Presidência da Republica. Apenas alguns fotógrafos o esperavam, havia horas, conversando a uma esquina da parada do palácio. O carro entrou a grande velocidade e parou brutalmente diante da escadaria. Em três passadas, o general Massu chegou á antecamara do Eliseu.

Os fotógrafos, surpreendidos, nem tiveram tempo de trabalhar. Correram para a escadaria, mas demasiado tarde. O general Massu, já estava no elevador que o levou directamente ao 1.º andar do palácio.

Os fotógrafos, cujo numero aumentara entretanto, não tiveram mais sorte á saída. Durante uma hora, esperaram pacientemente que aparecesse o antigo comandante-geral de Argel. Ficaram muito inquietos ao verem o coronel de Bonneval, oficial ás ordens do general de Gaulle, atravessar rápidamente o salão de entrada; a seguir, o coronel Dupuy, comandante militar do Eliseu, disse umas palavras em voz baixa ao motorista do general Massu. Saberiam, pouco depois, que outro carro tinha ido buscar aquele militar á porta do palácio que deita para a Rua do Eliseu.

No palácio presidencial, declara-se que não será distribuída qualquer nota oficiosa em relação com esta visita. — (F. P.).

Um funcionário de Argel era terrorista

ARGEL, 23 — Um membro de uma rede de terroristas argelina, funcionário muçulmano da Delegação-Geral, cuja identidade não foi divulgada, foi agora preso. Consta que vivia com identidade falsa, e havia sido contratado com essa identidade pela Administração. Correspondia-se com Si Ahmed, chefe da Wilaya II. — (F. P.).

PÉRON

vai residir na Suiça

BUENOS AIRES, 23 — O ministro dos Negócios Estrangeiros informou que o antigo presidente Juan Péron partiu de Ciudad Trujillo, onde se encontrava exilado há vários anos, para a Espanha.

O informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse que o Governo espanhol informara devidamente o gabinete argentino das diligências feitas por Péron para ir residir na Espanha e que lhe dera a escolher três cidades onde poderia fixar-se, tendo o antigo presidente argentino optado por Málaga. — (A. N. I.).

*

MADRID, 23 — Indica-se de fonte oficial que o antigo presidente Juan Perón chegará a Espanha amanhã, domingo. Passará um tempo perto de Málaga, prosseguindo depois a viagem para a Suiça.

O antigo chefe de Estado argentino é esperado, pela manhã, em Sevilha, vindo de Ciudad Trujillo, num avião particular. — (F. P.).

MOVIMENTO BRASILEIRO

a favor da candidatura de Torga ao Prémio Nobel

RIO DE JANEIRO, 23. — Um movimento a favor da candidatura do escritor português Miguel Torga ao Prémio Nobel da Literatura de 1960 está em curso no Rio de Janeiro. Numa das principais livrarias cariocas encontra-se um memorial a apresentar á Academia Sueca, no qual é proposta a candidatura do poeta e contista português. Entre os Brasileiros que subscreveram já o memorial conta-se Carlos Drumond Andrade. Entretanto, por ter sido também proposto o nome de Manuel Madeira, algumas figuras literárias não subscrevem a candidatura de Torga. — (A. N. I.).

VÁ TODOS OS DIAS AO
Restaurante «Imperial» do Carregado
Prato da casa: «Ensopado de enguias»
Diferente de tudo
Telef. 21

segredo alma do negócio!
NA
EMPRESA PREDIAL NORTENHA
Há Protecção e valorização do s/ capital
COMPRA · VENDA HIPOTECA TRANSACÇÕES
HIPOTECA DE s/ AUTOMÓVEIS RÁPIDAS · COLHAM
PROPRIEDADES SEGUROS REFERÊNCIAS
PORTO LISBOA
PRAÇA D. JOÃO I, 25-1.º-TELFS. 26706-30181 ★ PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º-TELFS. 366812-366731

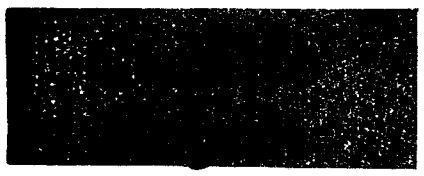
AÇORDA DE SÁVEL
FAMOSO PRATO
do Ribatejano de Salvaterra

A mulher que subiu mais alto no Mundo

Partida de um homem para o espaço

Foi agora revelado que os Russos enviarão um homem para o espaço mais cedo do que se esperava. O aparelho que transportará este viajante, voará a uma velocidade sete vezes superior á do som, e a temperatura subirá a 1.100°. O passageiro terá de ser defendido por um fato especial, não para o isolar do calor mas para o defender da superpressão a que vai estar sujeito.

Claude Kogan tem uns belos olhos azuis tão claros como os claros horizontes que descortina nas suas arriscadas ascensões e o seu rosto é suave e tão sereno como uma figura de Botticelli. Quem pode pensar, ao vê-la, a extraordinária energia deste corpo pequeno de 45 quilos de



peso apenas! E' inacreditável a força e a tenacidade desta silhueta nervosa capaz de escalar, na frente duma cordada, os mais difíceis e expostos pontos dos Alpes! Contudo, não lhe notamos a mais leve manifestação de masculinidade, natural numa mulher deste temperamento.

(Continua na pág. seguinte)

O CONGRESSO TRABALHISTA

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 80 Diario de Lisbôa

Crónica de Londres

por LUÍS DE SOUSA REBELO

(prof. da Universidade de Londres)

O que pensa o eleitor médio acerca do programa do trabalhismo britanico e as razões porque deu os seus votos aos conservadores.

Agora que se desmontaram as ultimas decorações da estação festiva e se voltou á austeridade prévida, que tem qualquer coisa do recato forçado de uma demi-vienge *após a fraqueza dos seus languidos abandonos, agora que os cabeçalhos dos jornais deixaram de tanger os candidos sinos da Boa Nova para nos sobressaltarem com a suástica ressurta, barrada a piche num muro aqui ao pé da porta, a que só as grinaldas, os adufes e os batuques da expedição africana do sr. MacMillan nos trazem a confiança reconfortante da aliança imperial, agora reiniciou-se nas fileiras laboristas o cruciante exame de consciência em que o partido imergiu em seguida á sua estrondosa derrota eleitoral.*

O momento não é naturalmente dos mais asados, pois as figuras mais eminentes do Directório trabalhista encontram-se fora da liça, Gaitskell em visita aos Estados Unidos, onde proferirá uma série de conferências, e Bevan imobilizado numa cama de hospital depois de uma melindrosa intervenção cirurgica. Todavia, o congresso de Blackpool, expressamente organizado para julgar das causas do desastre, não trouxe grandes esperanças aos delegados, mas antes lhes infundiu um profundo desapontamento. Assim se compreende que o debate se prolongue e continui, fazendo correr muitos rios de tinta nos vários periódicos sindi-

(Continua na página seguinte)

A. B. C.

Completou-se o «abecedário». B. B. teve um C., um crianço. O Mundo tremia. Nunca se tinha visto coisa tão importante desde as guerras punicas. Já se pensa no D. (divórcio). E quem se admira? Com os progressos na velocidade o divórcio acabará por vir antes do casamento

NO PAÍS DOS MUSEUS SUBMERSOS

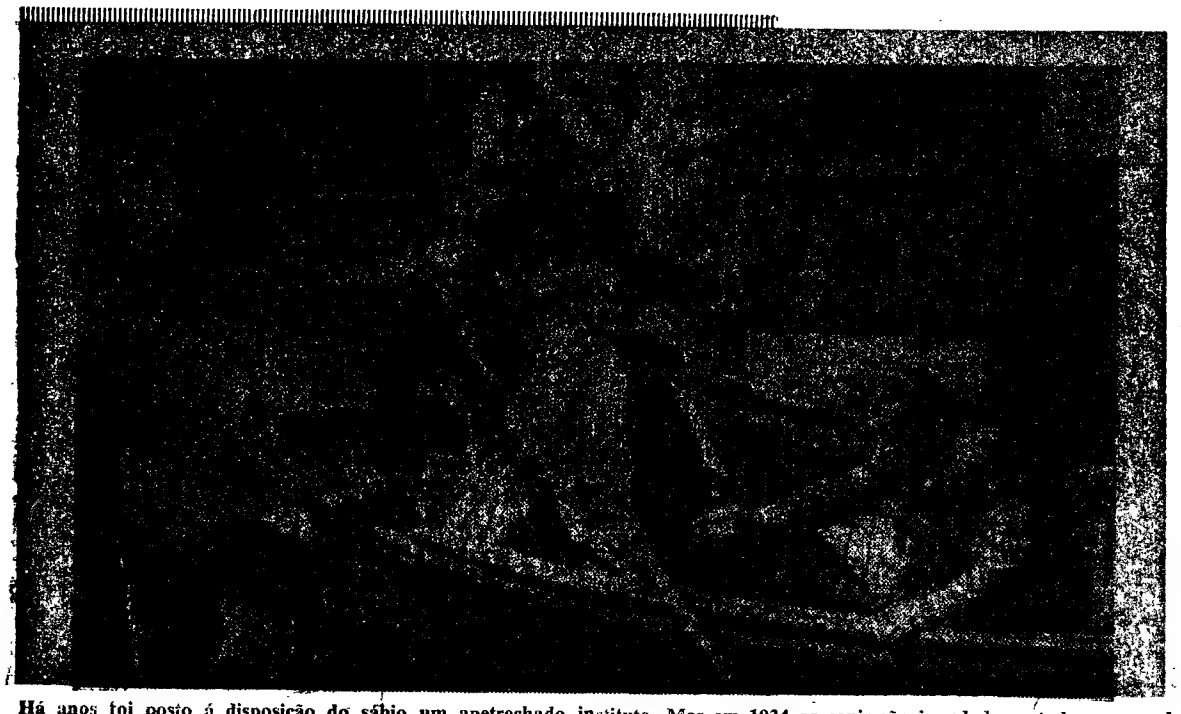
Não foi fácil localizar em toda a costa de Mahdia o sítio exacto onde se afundou a histórica Galera. Conheciam-se apenas dois dados seguros: o barco naufragado devia estar próximo do ponto assinalado no mapa encontrado no Museu Alaoni e estaria a cerca de 40 m., de profundidade, segundo os relatórios existentes.

por LLOYD THOMAS

Seguindo estas indicações foi dado início ás pesquisas começando as sondas a descer sistemáticamente a partir de um centro até cobrir uma área de 40 metros em redor, num fundo claro, quase da cor da prata. Fortes projectores espaçados 15 metros uns dos outros iluminavam uma superfície submarina de aproximadamente um hectare. Os mergulhadores um a um, seguiam as linhas dessa densa rede e nesse fundo silencioso e monótono era possível ter encontrado um simples relógio de pulso; contudo, do grande cargueiro romano, nem um simples vestígio. A seguir foi usado uma espécie de trenó submarino mas ao fim de 45 dias de extenuante trabalho, as investigações estavam tão adiantadas como no primeiro dia. Já o desespero se tinha apossado daqueles homens teimosos e persistentes quando um grito de alegria quebrou o silêncio, a bordo do barco de apoio. Uma pequena

(Continua na página seguinte)

Foi ele quem nos ajudou a conhecer-nos



Há anos foi posto á disposição do sábio um apetrechado instituto Mas em 1924 os canis são inundados e todo o pessoal com os professores e os alunos á frente, procura salvar os cães. Conseguem-no, finalmente, mas dai em diante os cães deixam de reagir como dantes. Criadas, artificialmente, as condições da catástrofe, os cães entram em letargia. Da observação destes fenómenos Pavlov deduz um novo método de cura das doenças mentais: — O sono e o electro-choque utilizados na psiquiatria

O mundo científico acaba de celebrar o centenário do nascimento do grande sábio Pavlov. Este nome ilustre é hoje familiar a quase toda a gente, principalmente quando se fala da sua célebre teoria sobre os reflexos condicionados, princípio sobre o qual assenta a prática do parto sem dor. É, aliás, esta descoberta que fala mais ao coração das pessoas e as leva a decorar o nome dor, uma das grandes descobertas médicas da nossa época, transformou a vida de numerosas mulheres para quem dar á luz um filho passou a ser um acto consciente, controlado pela sua inteligência, o que reforçou consideràvelmente a sua felicidade de ser mãe. Contudo, seria diminuir a figura de Pavlov reduzir os seus trabalhos apenas ao parto sem dor.

Ivan Pavlov era médico. Ainda estudante iniciou os seus trabalhos sobre o sistema nervoso, tra- desde notável sábio O parto sem balhos que continuou depois de formado. Após alguns anos de intensas investigações estabelece as leis fundamentais do funcionamento do cérebro. Foi esta uma das suas maiores descobertas. Com este trabalho Pavlov torna-se logo uma autoridade sobre o assunto. Da sua descoberta resultou toda uma série de consequências para a biologia e para a medicina.

Quando acabou os seus estudos Pavlov encontrou em Sima, sua noiva, uma mulher admirável que o viria a ajudar não apenas nos seus trabalhos científicos como também a ampará-lo e a

(Continua na 6.ª página)

(Continuação da página anterior)

casca de laranja bailava na leve ondulação do mar e esse era o sinal convencional de que um mergulhador tinha encontrado alguma coisa de importante. Na verdade uma cabeça surgiu, tirou o respirador e gritou:

— «Uma coluna! Encontrei uma coluna!».

Havia realmente indicação no relatório encontrado de que a alguma distancia da Galera tinha ficado uma coluna quando as operações foram suspensas. Tudo indicava, portanto, que o navio tinha sido localizado, e, nessa noite, no porto de Nahdia, o êxito foi festejado com champanhe. Através da costa e até para o interior, correu veloz a notícia de que tinha sido encontrada a virgem de oiro que há trinta anos vinha a perturbar a imaginação dos indígenas, e alguns «notáveis» vieram á costa par obter a confirmação do achado.

No dia seguinte cinquenta e oito colunas e não uma foram encontradas em perfeita ordem. Estavam amarradas no convés da Galera, cobertas de uma densa floresta marinha. E' necessário recorrer á imaginação para reconstituir mentalmente o que seria aquele navio que deveter sido um autêntico mastodonte da época. Foram medidas as colunas para calcular o comprimento do navio: — talvez 40 metros por 12 de largo, duas vezes o tamanho do barco que estava a servir de apoio aos exploradores.

O cargueiro estava afundado numa planície nua, feita de areia e de lama, que se estendia até ao infinito num horizonte muito claro. Para os peixes era um autêntico oásis. Alguns deles nadavam no museu submerso. Nem uma unica variedade comercial de esponjas existia já nas colunas. Os escrupulosos escafrandistas gregos tinham-nas, decerto, apanhado todas. Talvez com elas tivessem também levado alguns objectos de arte, a título de tardia recuperação da pilhagem romana!

A recuperação do navio levantava problemas de natureza quase industrial. Havia agora a experiência de todos os progressos realizados na arte de sondar o fundo dos mares desde a época do comandante Tavera. Dispunham-se também das tabelas de decomposição mais recentes e deles se podia deduzir com mais rigor a chamada curva de segurança, o que permitia estabelecer a duração limite para cada mergulho. Utilizando os novos métodos de trabalho foi iniciada a tarefa. Ao segundo dia um mergulhador recolheu um pequeno objecto brilhante o que provocou ansiedade. Tratava-se, unicamente, de uma peça caída das nossas espingardas.

A água é clara e os homens-rãs podem agora ver a Galera logo que entram na água. E' criado então uma espécie de processo de descida como que voo á vela submarina. Com objectos pesados nos pés ou nas mãos deslizam rápidamente como a patinar sobre o gelo em direcção ao objecto que desejam. A Galera da Mahdia repousa num mar azul, onde a carne toma a cor verde «martic». O sol longínquo faz brilhar os respiradores. O fundo claro difunde uma luz tão forte, que permite filmar a cores o trabalho dos mergulhadores. E', sem duvida, a primeira vez que se filma a cores a estas profundidades, sem o auxílio de luz artifical.

As peças de mármore formam uma massa esverdeada entre a fauna marítima. Quanto mais as pedras sobem mais as cores se avivam, balançando no ar, florescendo ao sol. Mas quando finalmente são depositados sobre o convés tornam-se coisas mortas, inertes, com toda a flora e fauna que as envolvem.

A mão humana traz do fundo dos mares, um a um, capiteis de mármore branco e mil outros objectos de arte que desde há dois mil anos não são beijados pela luz do sol. São também içados dois grandes blocos de chumbo, restos de ancoras antigas. Isto prova, portanto, que é verdadeira a versão de que o drama do afundamento se deu repentinamente. Pesam cada uma delas 250 quilos com um comprimento de 2 metros. São bem diferentes das ancoras actuais em resultado, naturalmente do tipo de navios e da diferença do cordame usado.

Feita uma tentativa no interior do carregamento, novos mármores foram encontrados, assim como peças maciças, pranchas cobertas de chumbo que cedia ao menor esforço. Com o tempo o costado do navio cedeu para o interior e o convés abateu com o peso das colunas.

Seria necessário muito tempo e muitos meios para conseguir recuperar tudo quanto lá se encontrava ainda. Os trabalhos foram abandonados, mas o que foi deixado sobre a ponte da célebre Galera ainda hoje se encontra a desafiar a audácia de novos aventureiros e investigadores.

(Continuação da página anterior)

Vêmo-la, sim, criar para seu uso os mais encantadores fatos de banho e ce que dirigia admirávelmente: criava os seus modelos, cortava, cosia, vendia, e ao mesmo tempo preparava as suas expedições ás quais se

Claude Kogan indica ás suas companheiras de aventura o monte Chô-Oyu para onde partiram á sua escalada e onde encontrou a morte com Claudine Van der Stratten uma das presentes nesta foto

lindos puloveres de «ski», cuidar carinhosamente dos cabelos de seu marido, preparar as refeições de ambos, etc. Mesmo, ao fim duma longa jornada de marcha, que fatigou toda a equipa, ela continua activa, indo de um lado para o outro, dando a um uma aspirina, um copo de reconfortante a outro, distribuindo a refeição da tarde e sem nunca perder o sentido da graça, dispondo bem toda a gente. E' uma mulher verdadeiramente encantadora e extraordinária.

* * *

Nicole Leinniger traçava este retrato de Claude Kogan em 1951, quando com Raymond Leininger, Georges Kogan e cinco companheiros, ela participou de uma expedição que acabava de vencer o Alpamayo, um maravilhoso monte situado num dos lugares mais selvagens e mais inacessíveis da Cordilheira Branca, do Peru.

No seio da equipa, Claude e Nicole decidiram fazer, em cordada feminina, a ascensão do Quitaraju (6 100 m.) que se ergue ao Sul do Alpamayo. Conseguiram-no, o que constituiu uma verdadeira proeza.

Georges Kogan, marido de Claude, havia de morrer pouco depois, vítima de uma hemorragia cujas causas não foram nunca definidas.

Nove anos depois da morte de seu marido, Claude Kogan desaparece também de uma forma trágica. Cob a sua companheira de cordada, Claudine Van de Stratten desaparece para sempre engolida pelas neves de Cho-Oyu, «A Deusa Turca» na cadeia do Himalaia.

Quem melhor que Nicole Leininger paa falar de Claude Kogan! Ouçamo-lo:

— Claude era uma mulher duma energia excepcional. De origem modesta, começou a sua vida como aprendiza de modista. Era já nessa altura uma rapariga aguizada, eficaz, cheia de tenacidade; muito rápidamente graças ás suas qualidades, montou uma oficina sua em Ni-

consagrava inteiramente. Claude era uma apaixonada da montanha.

— Porque é que Claude quis constituir uma equipa feminina?

— Para mostrar que, neste domínio, as mulheres são tão capazes de conseguir êxitos como os homens.

— Segundo a sua opinião uma expedição dessas corre mais riscos?

— Não julgo isso. Do ponto de vista fisiológico, as mulheres são mais resistentes que os seus companheiros. Quanto ao ponto de vista material, uma equipa feminina não encontra dificuldades maiores, o que precisava foi-lhe assegurado por Skeepas; Claude tinha recrutado os melhores e os mais dedicados.

Na realidade, quando a tempestade ataca um campo, não respeita ninguém: homens, mulheres ou material e as avalanches dão-se seja onde for e não apenas nos Alpes. Os melhores alpinistas podem ser vítimas delas.

Claude tinha já atingido a atitude de 7 500 m.

Sobe os flancos do Cho-Oyu, o que a classificou como a «mulher que mais alto subiu no Mundo». E' natural que tentasse atingir o cume a 8 100 m. pois para ela renunciar era difícil, não por orgulho puramente feminino mas por carácter próprio. Seria disso que foi vítima? Não creia porque ela era ao mesmo tempo destemida e cuidadosa, duas qualidades que devem aliar-se na montanha.

Aqueles que amam a vida arriscam-na fácilmente. E' no perigo que os alpinistas encontram a sua alegria: quanto mais a empresa é difícil, mais eles a sentem intensamente.

Claude e Claudine deixaram-na cheias de felicidade.

BABETTE vai à guerra

GILBERT BÉCAUD

MARCHA DE BABETTE
MARIE MARIE
A PRINCESA DE JULHO
CANÇÃO PARA ROSELINE

Gilbert Bécaud o mais famoso dos compositores-cantores da nova geração parisiense — a quem o público do nosso cosmopolita Casino Estoril não soube reconhecer o inegável talento que todo o Mundo lhe atribui — apresenta quatro novas canções de sucesso. Quatro apontamentos repassados de ternura e encanto. «A Marcha de Babette» pertence ao filme «Babette vai à guerra» e é um dos importantes elementos da deliciosa comédia de Christian Jaque.

DISCO
«A VOZ DO DONO»

publicado pelos **Est. Valentim de Carvalho, Lda.**

O bastão "criador"

Desde os alvores da civilização que o pau, digamos mesmo o cajado tem desempenhado um grande papel, não só como símbolo de propriedade ou instrumento de castigo mas também como instrumento criador.

Na velha India supunha-se que a ambrósia era produzida por uma montanha rodeada por uma serpente, isto é, por um tronco flexível enrolado. Batendo no leite com um pau, toda a gente sabe que se extrai a manteiga. E' sabido também que friccionando dois paus os Indios da América do Sul e outros obtinham o fogo.

Devido, sem duvida, a este atributo «criador» era costume antigamente jogar aos «pauzinhos» pelo Natal e pela Páscoa. Ainda não há 50 anos que em Turim, durante a Semana Santa, andavam batendo com paus ás portas das casas. Este costume observa-se, também, na Alemanha e na Russia, mas com a circunstancia agravante de que em vez de bater nas portas, os rapazes batem nas pessoas, hábito que se pratica no domingo de Ramos.

Gubernatis, escreve que o bastão de Perme, isto é, o raio, ao qual se faz referência em várias tradições russas, abre a Primavera com grande estrondo e é figurado na Terra por esses paus que se entrechocam e com os quais se bate ás portas das casas. O bastão lançado por Pernes na lenda russa, cai precisamente na ponte que atravessa o Volkhof. E' curioso ver, também, Xerxes bastonando o mar porque se opõe á sua passagem. O uso de bater no mar com paus para fazer com que chova é velho e já os antigos habitantes da ilha de Tenerife o justificavam. Moisés bate na rocha para fazer brotar água...

Quebrar um bastão indicou sempre separação e a entrega de uma nova vara foi um símbolo de prosperidade. Em muitas casas de Strasburgo os porteiros estão substituídos — com grande benefício dos inquilinos — por duas varas de bronze colocadas entre os pilares da escada. Dois paus cruzados na ombreira de uma porta significam, na India, que se não pode entrar, e um ramo colocado no mesmo sítio, que é proibida a saída aos seus moradores.

No Industão, no século XVI havia um costume que consistia no seguinte: o credor podia traçar com uma vara um círculo em redor do devedor e, uma vez dentro dele o desgraçado ou tinha que pagar acto contínuo ou não podia sair dai, sob pena de morte; e como ninguém se atrevia a transpor o círculo fatal, o devedor tinha que morrer ali de fome. Na Idade Média, a vara foi substituida pela espada, e daí o facto de os cavaleiros quando tinham de deitar-se perto de uma senhora que tivesse o marido ausente, colocavam junto dela uma espada, símbolo dos direitos do marido.

Crónica de Londres

(Continuação da página anterior)

cais e no orgão teórico dos laboristas ortodoxos, «Tribuna».

Alteração do Estatuto

O sr. Gaitskelle procurou persuadir os delegados de que o programa apresentado ao eleitorado era adequado ás circunstancias, moderado nas suas ambições e sensato no seu apelo ás classes médias e aos «indecisos», cujo voto marginal poderá decidir do resultado final. Ora se os trabalhistas travaram a campanha com um tal programa como se poderá explicar a catástrofe que se lhe seguiu?

Na opinião do sr. Gaitskell este monumento de excelência política pecou apenas pela forma confusa da redacção de certo passo, ainda ervado das ideias do socialismo militante. A nacionalização das grandes companhias e empresas industriais parece repulsar ao espírito da nação, e, assim, em conformidade com o pendor da opinião publica impunha-se a abolição de um artigo do estatuto do Partido, que levara a exarar tal medida no manifesto eleitoral. Aliás a actual situação económica da Inglaterra e o seu desenvolvimento social, mitigado nas suas formas mais duras de exploração capitalista pela influência reformista do próprio laborismo, já não justificam o processo; e agora compete ao Estado uma função interventora e suasória.

A Inglaterra entrou numa fase que permite a colaboração dos corpos gerentes com o Estado, que procederá desta sorte a uma conversão gradual da propriedade privada em património colectivo. Assim, sem atritos de maior e numa atmosfera a que não falta decoro, como convém a «gentlemen» que passaram pelos bancos da mesma «public school», a Grã-Bretanha transitaria para a «managerial society».

Por outro lado o Estado providenciaria então no sentido de sustar investimentos de capital que visassem a um alto lucro. E fá-lo-ia comprando acções na industria de propriedade privada, nova fonte de receita, além do caudal que lhe entra nos cofres através do imposto directo. Este Estado plutocrata, moderador económico e morigerador político de todos os conflitos de classe, auxiliando o industrial empreendedor e estimulando o trabalhador consciencioso, fautor de paz e concórdia, é o ideal do sr. Gaitskell e dos seus correligionários.

Keynes Redivivo

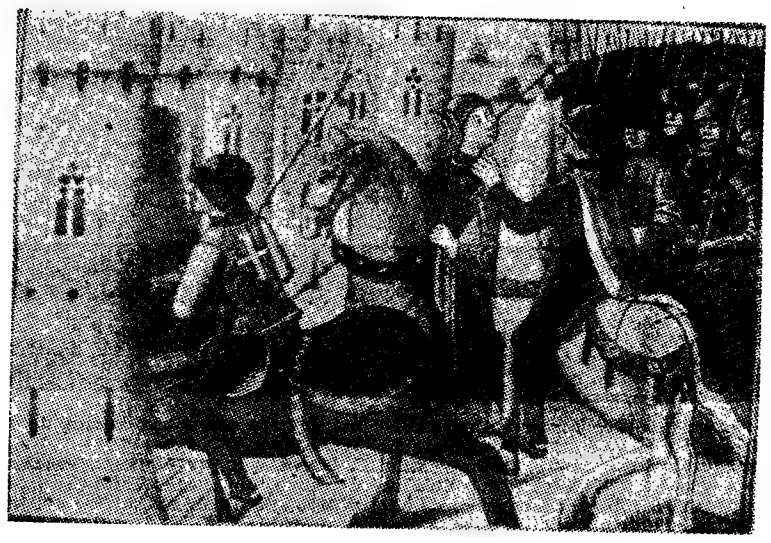
As reacções no Congresso a esta figura idílica e bonacheirona, que surgiu aos olhos de muitos como destituida da centelha de idealismo generoso capaz de galvanizar a mocidade arredia do Trabalhismo, foram diversas e discordes. Mas, en-

(Continua na página central)

Um dos grandes processos ilegais da história

Joana d'Arc

Por AUGUSTO DA COSTA DIAS



Ao entrar em Rúão — vimo-lo no nosso primeiro artigo — Carlos VII decidira ordenar um inquérito sobre a culpabilidade de Joana d'Arc e a forma como lhe fora instaurado o processo condenatório. O acontecimento causou, como se imaginará, na cidade — onde a Donzela morrera na fogueira — um grande alvoroço. O encarregado da devassa, Guilherme Bouillé, reitor da Universidade de Paris, designara sete testemunhas que poderiam, na realidade, prestar preciosas informações. A primeira, Guilherme Manchon, tinha sido o notário principal do processo de condenação; outros dois, frei Martinho Ladvenu e frei Isanibart, assistiram Joana em circunstancias muito especiais — o primeiro como confessor e ambos como seus acompanhantes espirituais até á hora fatal; os restantes frades ouvidos, Guilherme Duval e João Toutmouillé, haviam presenciado as derradeiras sessões do tribunal e o ultimo acolitara, ainda por cima, frei Martinho quando este ministrara á heroina os sacramentos. Todos eles podiam depor sobre a forma como Joana enfrentara a morte sem desfalecimentos, ao contrário do que os seus algozes tinham procurado, pois qualquer retratação realizaria os seus objectivos: desacreditar a missão em que Joana se dizia investida e, consequentemente, a causa do povo francês.

Havia mais um frade e João Beaupère, um dos juizes do processo. Fora este a quem a Donzela dera algumas das suas extraordinárias respostas. Uma delas, por exemplo (quem a esqueceria?) dizia respeito ao «estado de graça». Dissera a simples campónia:

— Se estou em graça, que Deus me conserve nela; se não estou, que Deus ma conceda.

nunca esquecera o desaire. Quando nunca esquecerá o desaire. Quando se refere, a Joana no depoimento, afirma, com rancor:

— Ela era mui subtil, daquela subtileza pertencente á mulher...

Que se concluira destes sete interrogatórios?

Em primeiro lugar que, simulando todo o respeito pelas regras jurídicas, se tinham praticado graves irregularidades. Era agora evidente a extrema parcialidade dos juizes e as pressões exercidas no decorrer de todo o processo.

Mas a mais sensacional revelação dizia respeito á peça-mestra do inquisitório que havia atirado Joana para a fogueira. Era relapsa — declarava a sentença. Porquê?

Deste inquérito inicial apurava-se o seguinte: Joana comprometera-se a não tornar a vestir trajos masculinos e voltara com a palavra atrás. Todo o peso da argumentação dos juizes caíra neste facto. Vinham agora explicar os depoentes a razão que levara a donzela a tal atitude: simples forma de se defender contra as miseráveis violências dos seus carrascos.

A outra conclusão não menos importante se chegou também: o processo, desde uma ponta a outra, apenas pretendera desacreditar na menina de Orleães a causa de França.

Apesar de tudo, porém, não era possível ir mais longe nas devassas: unicamente a Inquisição, que a condenara, podia reabilitá-la.

O concurso do tribunal eclesiástico só foi obtido dois anos mais tarde. Nessa altura fez-se um amplo e rigoroso inquérito que obedeceu a todas os normas jurídicas.

Antes de mais: em que motivos se haviam baseado os juizes para considerar Joana d'Arc como herética? A sentença apresentava nada menos que doze, redutíveis aos quatro seguintes:

1.º, Joana pretendia ter visões.

2.º, Usava fatos de homem e entrara em batalhos.

3.º, Considerava-se em graça e segura da sua salvação.

4.º, Recusava-se a submeter seus actos e crenços á jurisdição da Igreja militante.

Tratava-se de provar, pois, que Joana pecara em matéria de fé, blasfemara e rebelara-se contra a Igreja. Além disso, depois de reconhecer os seus erros voltara a cair neles, pelo que a sentenciaram «relapsa» e sujeita, assim, á fogueira.

Extensos foram os interrogatórios; escutaram-se dezenas e dezenas de testemunhas — os que tinham conhecido Joana desde pequenina, os seus companheiros de armas, os sacerdotes que a ouviram nas suas confissões infantis e de adolescente, a gente da corte, os altos funcionários, os juristas, os burgueses de Orleães, os confessores dos ultimos dias... Que impressionante galeria! Através desta multidão de depoimentos vai-se erguendo aos poucos e poucos uma extraordinária figura de mulher do povo, amando a terra com um amor místico e físico, comovida e chorosa — ela que dirigia, como chefe supremo, batalhas e cercos! — ao presenciar o morte dum soldado, amigo ou inimigo. E crente, com uma fé inabalável, na justiça e na vitória da sua causa.

O inquérito baseava-se, em grande parte, nos resultados obtidos pelo de dois anos antes. Os juizes elaboraram um questionário muito preciso destinado a apurar:

1.º Os vícios de fundo do processo, quer dizer a parcialidade dos condenadores tanto por razões pessoais como pelo seu apego ao partido inglês.

2.º os vicios de forma, com relevo especial para os factos seguintes: Joana fora julgada e perseguida por um tribunal eclesiástico pois apesar disso mantiveram-na numa prisão laica. Salientava-se ainda a evidente incompetência de Cauchon, juiz-mor do processo de condenação. Ele chamara a si, com efeito, o julgamento sob o pretexto de que Compienha, onde Joana caira prisioneira, pertencia ao seu bispado de Beauvais. Ora segundo as regras do direito canónico Joana d'Arc só podia ser julgada pelo bispo que superentendia na sua terra natal ou no sítio em que cometera a heresia.

3.º a inocência da Joana quanto ás acusações que lhe faziam, ou seja a sua fidelidade pessoal, a sua submissão ao Papa e á Igreja.

4.º a falsidade do crime de relapsa, que lhe era imputado, vistas as circunstancias que a levaram a voltar a vestir trajos femininos.

Dois dias depois de formulado este questionário os inquiridores redigiram vinte e sete artigos em que todos estes factos eram distribuidos de forma mais rigorosa ainda, insistindo nos seus aspectos fundamentais. Nele se acentuava, efectivamente o ódio dos Ingleses, a falta de liberdade em que se desenrolara o processo, as ameaças e pressões a que se sujeitaram os notários, a falta de advogado de defesa (contrário ao direito), os estratagemas empregados para fazer cair Joana em ratoeiros teológicas, a forma ilegal que estruturara os interrogatórios, as discordancias entre os textos latino e francês do processo, a espantosa contradição que representava o ministrar-se os ultimos sacramentos a quem se condenava como herética, os vícios jurídicos da sentença secular, a causa real do processo, isto é o desejo de desacreditar o monarca francês.

No próximo numero acompanharemos o depoimento das testemunhas, galeria monumental de depoimentos.

Quando ela pensa em malhas...

claro que é na

simples ou super-automática que está pensando.

Como todas as Donas de Casa portuguesas, também ela ficou rendida com as passagens de modelos executados na máquina de tricotar BUSCH.

Que beleza e que economia!

Consulte os Representantes

AGENCIA COMERCIAL SUECA, LDA.

Avenida Fontes Pereira de Melo, 45

A confusão dos números

por HUGO FERNANDES

Na nossa era existe uma preocupação, dominante no espírito dos homens que se prezam, que é a de conhecer o que vai além das fronteiras que limitam o seu próprio país. Deste modo, eles confrontam os diferentes padrões de vida, os usos e costumes, a natureza e eficiência das suas instituições, confronto esse que lhes permite, no seu conjunto, ponderar sobre a validade dos organismos postos em paralelo.

Apesar da facilidade de comunicação e deslocação se ter acentuado, principalmente a partir dos fins do século passado e princípios deste século, a verdade é que á grande maioria das pessoas não lhes é facultada a visita dos demais países, dada a exiguidade económica em que elas vivem. Parece que o próprio desenvolvimento dos meios de transportes, atrás referidos, comumente com outras industrias-chave, desabrochadas aproximadamente na mesma altura, provocou uma demarcação dos homens, como resultado da concentração do usofruto das citadas industrias, de um lado, contrapontando com a escassez de recursos-base no polo oposto.

Por esta razão, os que se inquietam com o conhecimento dos seres humanos, dispersos pelo Mundo em diferentes agrupamentos com leis próprias, costumam recorrer ao estudo de publicações e livros, quer literários, quer científicos, que lhes permitam apreciar não só as características éticas, reflexo de uma realidade material determinada, como também esta própria, isto é, a totalidade de princípios que a definem.

De uma observação mais demorada sobre esta, surge naturalmente uma melhor opinião sobre os fenómenos que se originam a partir dela, cuja natureza e amplitude poderá conduzir a uma afirmação ou negação dessa realidade de que vinhamos falando.

No entanto, nos ultimos anos principalmente, a ciência tem, em certos casos, servido para enganar os homens, de modo a dar de uma dada realidade uma feição completamente diferente e lisonjeira que consiga ganhar adeptos e defensores acreditados... apesar de colocada numa situação comprometida no tempo e no espaço. Sirva-nos de exemplo a Estatística, ciência ainda jovem, mas que oferece enormes perspectivas no estudo dos problemas. Tem-se, por vezes, lançado mão desta ciência para induzir em erro as pessoas, apresentando alguns aspectos em estudo sob uma forma despida de qualquer sentido racional e exacto. Assim, por exemplo, os organismos de vários países, relacionados com estes assuntos, dão o numero de escolas que devem ser construidas de acordo com as cifras relacionadas com o total de alunos que afluem a elas. Transcorrido determinado período, relativamente longo (5-6 anos), apresentam essas escolas construidas e permitem-se especular á volta do assunto, concluindo não só sobre o ritmo do movimento de construção como também sobre a satisfação dessa necessidade apontada. Se tivermos, no entanto, em conta que o numero de alunos, ao longo do período em questão, duplicou ou triplicou, já as conclusões não se nos apresentam luminosas, como poderiam parecer. O jogo dos numeros é traiçoeiro e requer que seja bom compreendido para que não se seja vítima de erros propositados ou inconscientes que desacreditam a Ciência Estatística, atribuindo-lhe falhas que são da inteira responsabilidade dos homens.

Um outro caso, muito interessante, que tem sido muito evocado — não menos vezes com erros na interpretação dos factos — é o dos Estados Unidos da América. Como sabemos, este país, segundo

(Continua na 6.ª página)

SAMARCANDA

POR

HENRI BATAILLON

A comunidade religiosa mais considerada em todo o Islão é a mesquita de Bibi-Khanim, cujas ruínas, cobertas de verdura, são ainda mais impressionantes e mais grandiosas. A curvatura do seu grande arco eclipsa, em beleza, a própria Via Láctea e o azul da sua cupula faz empalidecer a abóboda celeste. Que Tintans teriam cinzelado, no meio do pátio, o fabuloso pulpito de mármore branco? E porquê se construiu tão apressadamente esta obra gigantesca e num material que não resistiu ao tempo?

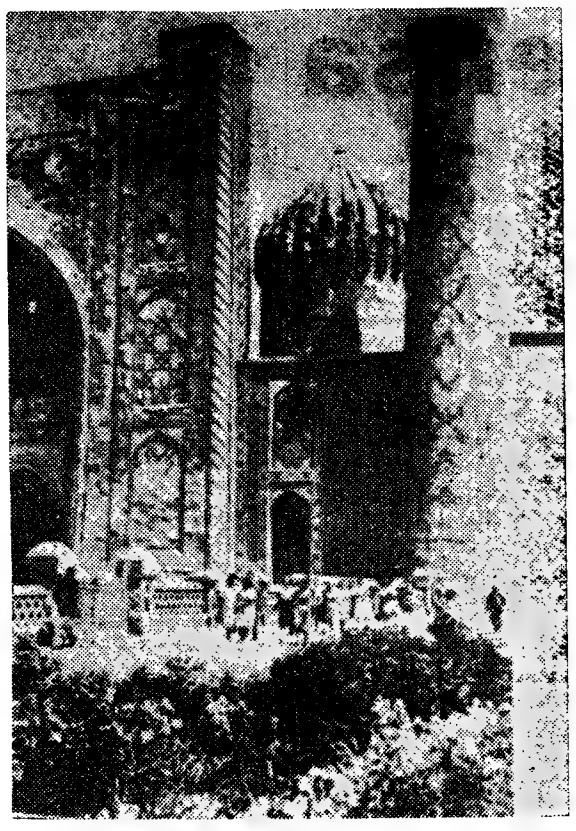
Se dermos crédito á lenda deve-se o facto a Bibi, jovem e bela esposa de Tamerlão (Khanim quer dizer chinesa e os historiadores insistem que Tamerlão não casou com uma chinesa). Ora Bibi desejou fazer uma surpresa a seu marido, ausente na conquista das Indias, mas uma surpresa á altura dos seus gloriosos exércitos. O arquitecto desenhou o plano, mas quando Tamerlão anunciou o seu regresso os trabalhos apenas tinham começado. Custasse o que custasse a obra tinha de terminar antes da sua chegada; ordenou a bela Bibi, mas o arquitecto exigiu um beijo em paga dos seus esforços. Em vão Bibi lhe ofereceu as suas lindas escravas. Um dia apresentou-lhe alguns ovos pintados de várias cores. Partiu-os e mostrou-lhe como todos eram iguais por dentro. O mesmo se passava com as mulheres. Em resposta o hábil arquitecto mandou vir dois frascos, um contendo água, outro, igual, cheio de vodka; um era frio e insípido enquanto o outro aquecia o coração. Que responder a isso?

Bibi não teve outro remédio senão ceder á exigência mas teve artes de antepor a mão entre a cara e os lábios do arquitecto. Mesmo assim uma marca vermelha infamante ficou na face, e Tamerlão exigiu que só a morte pudesse lavar o ultrage. Foi, por isso, o arquitecto condenado a subir as escadas do mirante para de lá ser precipitado; mas umas asas miraculosas o levaram em direcção ao Paraíso de Allah.

E' ainda mais antiga a lenda que deu o nome ao Chaub-i-Zind, o gato vivo, pois data do tempo em que o Islamismo foi pregado em Samarcanda. O próprio cunhado de Mahomet Koustan ibn Abbas, teria encontrado forte resistência dos fanáticos que o decapitaram. A cabeça chegou de facto a ser separada, mas segundo essa antiga lenda, o santo homem teria, naturalmente, apanhado a cabeça do chão e foi calmamente com ela meter-se num poço para aí se dedicar eternamente á oração. Vendo isto, todos se converteram ao Islamismo e, no local do suplício edificaram um amplo templo.

Foi á volta desta edificação sagrada, recosntruida no século XV, e mesmo sobre toda a colina santificada pelo profeta que os maiores senhores quiseram sepultar-se daí por diante. Apertados uns contra os outros são estes mausoléus mais belos, mais enternecedores e mais evocadores que quaisquer outros. E' verdadeiramente importante a riqueza das cores como a variedade dos adornos. Uma autêntica maravilha.

Também a cidade moderna merece atenção, com o seu belo parque cultural, a sua feira permanente, ao ar livre, de sapatos, cintos, móveis, instrumentos de musica, e até de livros (o nosso olhar surpreende fácilmente uma tradução dos Ensaios de Montaigne).



São admiráveis de colorido as vindimas nas herdades, com uvas de sabor tão doce e tão variado; são típicas as lojecas de campo onde toda a gente se senta á turca, paredes de terra, com grossos contrafortes, á sombra dos quais apascenta aqui uma vaca, ali uma cabra. Bem próximo o aeródromo! Bilheteiras escondidas entre a verdura esperando-se o avião á sombra de um carramanchão florido, multidão matizada e pitoresca de camponeses e camponesas rodeadas de crianças e carregadas de fardos como quem espera qualquer carroça, mas que aguarda ir pelos ares, para a capital da Republica vizinha tão naturalmente como nós vamos de autocarro.

O visitante, de regresso, evoca tudo isto como uma recordação maravilhosa. Recorda os habitantes, braços carregados de flores num pedido sincero: «Volte ao nosso país, a minha casa estará aberta para todos vós». Uma encantadora jovem ocupa-se das derradeiras formalidades. Insinuante e franzina como uma jovem parisiense, blusa de «organdi» branca e saia de lindos estampados coloridas como são as roupas femininas de Samarcanda. Mais parecia uma jovem saída de um estabelecimento dos Campos Elysios do que de um departamento de turismo de uma capital da Ásia.

— Voltais — disse-nos ela.

— E vós que organizais tantas viagens quando vindes a Paris?

Sentiu-se o grito do coração!

— E' o meu sonho! — E afastou-se, desenvolta.

Deixamos esta placa giratória do velho mundo onde se pode fácilmente atingir em algumas horas, Deché Hanoi, Pekin, Cairo, Paris, Roma ou Londres e onde um calor de humanidade toca todos, como se tivessem sido enterrados na terra todos os mal-entendidos, o velho machado de guerra, tivesse sido posto no museu das antiguidades para que os povos pudessem, fraternalmente unidos, conquistar a felicidade.

Crónica de Londres

(Continuação da 2.ª página)

fim, se no Mundo em que vivemos o signo da necessidade económica apontar a um caminho de óleas infloridas, não é lícito atacar no plano meramente espiritual um programa, que pretende prodigalizar o maior numero de bens materiais á comunidade. Persistiria, sim, a crise do Homem e muito provávelmente ao governo dos economistas viria a suceder um governo de metafísicos e taumaturgos.

No entanto, por ora seria inoportuno e absurdo remontar a tais esferas especulativas. As discrepancias brotaram do próprio solo da experiência e da análise dos factos, que já no decurso da gestação do programa lhe infligiram um ou outro entorse.

Houve quem chamasse a atenção para a míngua de ideias e de uma concepção verdadeiramente realista da situação económica da Grã-Bretanha por parte dos autores do projecto, que reflecte nitidamente o magistério de Lord J. M. Keynes. Ao mesmo tempo os velhos abencerragens socialistas, os patriarcas que presidiram ao nascimento do Partido expressaram apaixonadamente o seu desacordo quanto ao abandono da nacionalização. Recordaram o que foi a luta heroica para a organização legal dos sindicatos, em 1842, e a batalha enervante que foi necessário travar contra a teimosia do sindicalista britanico, que só em 1900 acedeu a unir a sua acção á dos grupos socializantes então existentes.

Frisaram depois que só em 1918, com o protesto e a vaga libertária saída da Grande Guerra, o Partido Trabalhista incluira nos seus estatutos a clausula que agora pretende deitar ás urtigas. Parecia-lhes uma vergonhosa abdicação e uma renuncia, tanto mais grave quanto é certo que a solidariedade operária é ainda frouxa na educação política do trabalhador britanico e a consciência sindical predomina nele sobre a consciência de classe. Fora, portanto, a tibieza em defender o princípio que desorientara as massas laboriosas e alienara um numero substancial de votos.

Nacionalização ou Socialização?

Mrs. Bárbara Castle e outros enfrentaram corajosamente o problema das nacionalizações, concluindo pela sua necessidade. A opinião publica não foi jamais devidamente esclarecida sobre o sentido verdadeiro das nacionalizações. O erro capital do Partido, durante a sua permanência no Governo, foi ter ficado no que se poderia chamar uma nacionalização, mas não uma socialização.

Os Trabalhistas de 1945 a 1949, período em que tiveram uma maioria esmagadora na Camara dos Comuns, não chegaram a tomar medidas que afectassem sériamente o poder dos grandes monopólios, senhores obsolutos da economia britanica. As duas primeiras industrias a serem nacionalizadas foram as minas de carvão e os caminhos de ferro, que há muito tinham deixado de dar lucro e que, em qualquer caso, não poderiam continuar a sua exploração sem ajuda do Estado.

As minas possuiam um equipamento deficiente e antiquado, que não só mantinha a exploração a baixo rendimento como era causa de insegurança no trabalho e de desastres frequentes. Com os subsídios do Estado entrou-se numa fase de mecanização que cedo aumentou a sua capacidade produtiva. Por outro lado o Governo, que herdava dos antigos proprietários uma industria velha, modernizava-a á custa dos dinheiros publicos e concedia-lhes indemnizações pródigamente generosas.

Esta falta iria ter graves consequências no futuro. O caso dos caminhos de ferro é evidente. Os ferroviários são os trabalhadores com o mais baixo índice de salário, e isto porque, de facto, não há fundos com que acudir aos seus pedidos. A razão aflitiva deste «déficit» está nos encargos que oneram a industria. Até ao ano 2008 ela terá de pagar aos antigos proprietários uma indemnização de 968 milhões de libras com um juro de 3 % sobre este capital.

Ao mesmo tempo vê-se obrigada a modernizar um sistema ferroviário vitoriano com carruagens desconfortáveis e sujas e estações desabrigadas, em que paira invariávelmente um relento a ácido de fénico e urina. Para isso terá de despender 1.580 milhões de libras, que reverterão indirectamente ás empresas particulares mediante contratos para electrificação, encomendas de locomotivas diesel e a construção de novas estações. Como, porém, não tem capital para proceder a tão profundas remodelações, está compelida a contrair empréstimos no mercado livre ao juro de 6 % ou mais, o que canalizará inevitávelmente 85 milhões de libras para os cofres de particulares.

Não surpreende, assim, que as nacionalizações se tenham tornado impopulares aos olhos do publico, que demais a mais tem delas a ideia que os Conservadores lhe apresentam através da cadeia da grande Imprensa. A unica industria em que o governo Trabalhista procurou atingir o alto monopólio foi a siderurgia nacional. Mas os Conservadores, ao chegarem ao Poder, conscientes do perigo que uma tal medida representava, ao criar as condições ideais para uma planificação geral da economia, restituiram-nas aos seus proprietários, mantendo a nacionalização das minas e caminhos de ferro e o sistema de Assistência Social a que os Trabalhistas deram realização.

De modo que houve vozes que se levantaram em Blackpool, contestando a legitimidade de indemnizações tão elevadas, quando o Estado adquire industrias dilapidadas, que já deram o melhor do seu rendimento a seus donos

Os críticos do sr. Gaitskell

Os críticos do sr. Gaitskell e da ala do Partido que o apoia disputam-lhe a boa razão do seu programa político e económico. Rejeitam redondamente a sua concepção de uma colaboração franca da «managerial caste» com o Governo, sabendo como é fácil, no mundo dos negócios, que os directores de companhia, a «casta gerencial» no plano Gaitskell, mobilizem votos com largos grupos de accionistas para fazerem frente, numa assembleia geral, a uma conjuntura que ponha em risco os seus interesses. O incidente ocorrido em Maio de 1956 com Sir Bernard Docker, que ambicionava reocupar o lugar de director-gerente da Small Arms Company, *ilustra claramente o funcionamento da máquina interna das grandes empresas.*

O Estado accionista e benevolente, em vias de plutocratização, foi também caricaturado como uma fagueira ilusão de reforma laborista. Além de parecer imoral aos patriarcas do socialismo que o Estado se apropriasse, como qualquer burguês honesto, de ganhos para os quais não contribuira e que são produto da nação laboriosa, o novo sistema de impostos drásticos a estabelecer sobre o lucro das transacções (os capital gains) *poderia implicar consequências desastrosas: a dissipação por parte dos grupos possidentes do seu próprio capital.*

Considerando, por outra banda, os réditos acumulados no tesouro publico por meio do sistema vigente de taxas e impostos, reconhece-se que os melhores cálculos apresentam um capital insuficiente para largos planos de investimento *e que, se á base dos dados de 1954-55 se esperava um aumento na produção industrial de 3 % ao ano, os factos provaram ser infundada uma tal estimativa, pois o governo conservador em 1955 enfrentou dificuldades na balança de pagamentos, tendo de recorrer a restrições proteccionistas, que foram causa de estagnação em 1956 e 57. De modo que os cálculos feitos para o rendimento do capital acumulado por exacção fiscal parbem de uma base, que subsequentemente provou ser falsa, e deixam numa situação muito precária a doutrina exposta e defendida pela ala do sr. Gaitskell.*

Numa atmosfera carregada de desilusão e acrimónia, Anaurin Bevan, vice-presidente do Partido, encerrou o Congresso, apelando para a unidade. Mas recebeu os maiores aplausos quando rejeitou totalmente as teses do sr. Gaitskell. Posteriormente, em entrevistas dadas á Imprensa e na Televisão, Bevan salientou sempre a importancia das nacionalizações, o que faz pensar a certos observadores que a sua posição no congresso foi pura manobra política. Porém, ainda que assim seja, em Blackpool deixou passár uma bela oportunidade. Entretanto a maioria do conselho executivo do Partido Trabalhista e os seus parlamentares endossaram o plano do sr. Gaitskell, enquanto se apresentavam certas propostas na ala direita tendentes a mudar o nome ao Partido ou a fundi-lo com o Partido Liberal.

Para o eleitor médio o actual programa político dos Trabalhistas continua a oferecer-lhe pouca diferença do dos Conservadores e numa tal identidade leva-o a dar o seu apoio ao Governo, que na política externa de desanuviamento internacional lhe pareceu até ir mais longe do que a Oposição.

Londres, 14 de Janeiro, 60.

LUIS DE SOUSA REBELO

...res

...emprés-
...juro de
...ará ine-
...e libras
...res. -
...que as
...tornado
...publico,
...delas a
...res lhe
...deia da
...indus-
...balhista
...onopólio
...Mas os
...a ao Po-
...que uma
...ao criar
...ma pla-
...a, resti-
...ietários,
...das mi-
...e o sis-
...a que
...zação.
...s que se
...contes-
...ndemni-
...o o Es-
...pidadas,
...seu ren-

...rkell
...ell e da
...a dispu-
...eu pro-
...o. Rejei-
...ncepção
...da «ma-
...erno, sa-
...ndo dos
...de com-
...no pla-
...tos com
...as para
...sembleia
...e ponha
...s. O in-
...de 1956
...que am-
...r de di-
...ns Com-
...funcio-
...rna das

...benevo-
...atização,
...mo uma
...laboris-
...aos pa-
...o Esta-
...qualquer
...os para
...que são
...o novo
...os a es-
...as tran-
...poderia
...desastro-
...dos gru-
...prio ca-

...banda,
...tesouro
...a vigen-
...conhece-
...os apro-
...nte para
...to e que,
...54-55 se
...rodução
...os factos
...uma tal
...conser-
...ificulda-
...tos, ten-
...protec-
...a de es-
...de modo
...a o ren-
...ado por
...na base,
...vou ser
...situação
...exposta
...r. Gaits-

...gada de
...urin Be-
...tido, en-
...do para
...maiores
...otalmen-
...l. Poste-
...dadas á
...Bevan
...ncia das
...pensar
...e a sua
...ura ma-
...ada que
...deixou
...ade. En-
...lho exe-
...sta e os
...saram o
...uanto se
...ostas na
...nudar o
...i-lo com

...tual pro-
...balhistas
...ica dife-
...e numa
...r o seu
...política
...o inter-
...ir mais

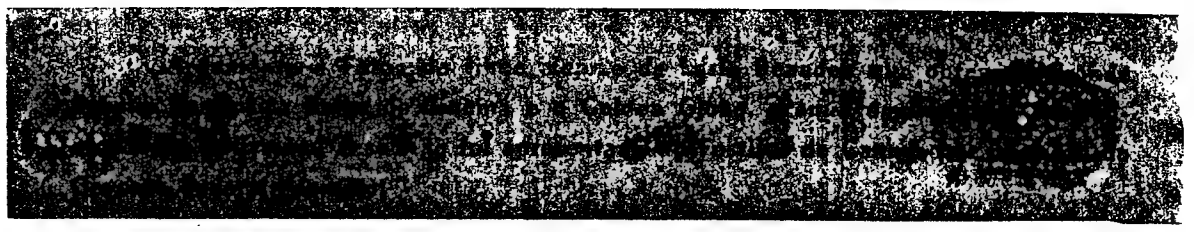
...60.

...BELO

Crianças

Mães...

E um general



Março de 1945; é a derrocada alemã. A frente está cada vez mais próxima e a população comprime-se na rectaguarda. Duas mulheres chegam a Stettin procurando dois filhos que tinham ficado na escola desde o princípio da guerra. Uma grande confusão reinava porque as crianças tinham sido evacuadas na véspera para Oeste. Contudo, entre elas, uma quinzena, de 14 a 16 anos tinham-se alistado, como voluntários para combater na frente. Um professor esclarece-as que entre os voluntários estão seus filhos.

Cheia de dor uma das mães toma uma decisão heróica: ir em busca dos seus dois filhos nem que seja á frente de batalha. Seguem-na mais 5 mães nas mesmas condições. Apesar dos perigos e das fadigas as 6 mulheres chegam ao Q. G. do general, que fica impassivel perante a dor dessas mães desesperadas. (Mas que seria da guerra se os generais pensassem como as mães?) Prosseguindo na sua marcha chegam, finalmente, ao batalhão onde se encontram os filhos. Falam com o comandante que se condói delas tanto mais que sabe que as suas forças devem estar condenadas. Permite que falem aos filhos, mas nenhum deles quer abandonar o combate. Um dos irmãos foi morto na luta. Estas crianças são agora apenas soldados. verdadeiramente estranhos para suas mães.

Desobedecendo ás ordens do general, o comandante cercado decide efectuar um recuo para oeste para salvar os seus homens. Consegue-o mas é preso ao chegar ao Q. G.

As mães, seguindo sempre as tropas, assistem á condecoração com a Cruz de Ferro dos seus filhos por actos de «heroismo» em combate. No decorrer da cerimónia sabe-se que a frente foi cortada por tanques e o general chama o comandante e envia-o com reforços para uma posição que de antemão estava perdida. O que restava do batalhão é metido nos camiões e entre os que partem vão os jovens voluntários. E' para a morte que tornam a partir, enquanto na estrada seis mulheres, seis mães os olham, impotentes, desesperadas, esquecidas.

Os abstémios são os melhores...

Um inquérito revelou que entre 2 079 alunos das escolas elementares: 63 % bebem vinho, 39 % também licores e 37 % são abtémios.

Ora os abstémios são os que melhores resultados obtêm, quer porque possuem melhor desenvolvimento muscular, quer porque apresentam melhor porte, quer, finalmente porque dão maior rendimento escolar.

Que será agora da velha frase que nos garantia que a água criava rãs na barriga?

Possui o segredo

A dr.ª Bárbara Moore, senhora de cinquenta anos, tornou-se célebre na Grã-Bretanha, não por ser ruiva, ou sardenta, ou bonita, ou musculosa, ou poliglota ou inteligente, mas apenas por possuir um segredo.

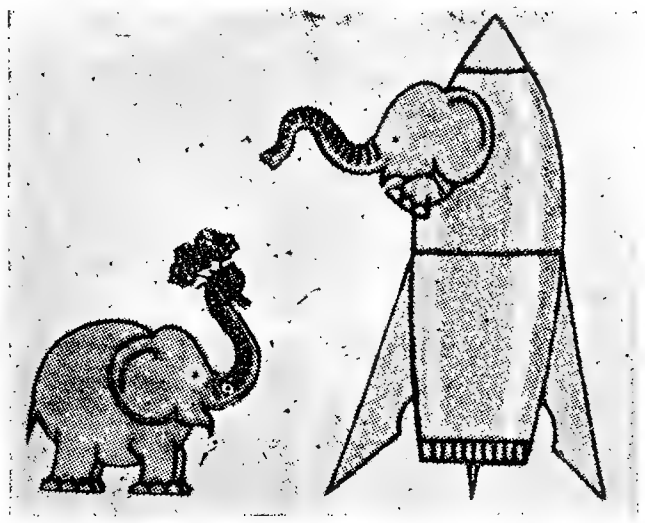
Que segredo será?

Diz a doutora que é o da juventude.

E como prova tal afirmação?

Fazendo nos fins de semana passeios de cerca de 100 quilómetros, a pé. Sexta-feira passada partiu de Edimburgo, na Escócia, com destino directo a Londres.

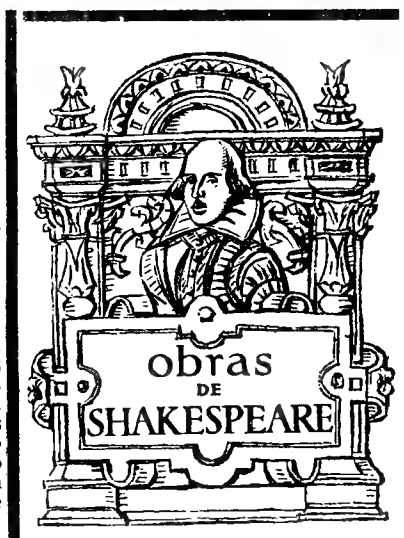
Só não revelou o segredo.



Despedida espacial

Autocarros voadores

Nos aeroportos de Moscovo apareceu agora o «autocarro voador», um helicóptero com duas hélices de 21 metros de comprido, que pode transportar 30 passageiros entre os dois campos da capital russa.



«Só na Renascença nos aparece uma figura culminante, SHAKESPEARE, que acusa sobre HOMERO alguma, não importa quanta, superioridade. Isto indica que a Renascença marca uma evolução real do Espírito humano, o atingir de um grau já super-grego do poder criador. Desde a Renascença, ninguém ainda apareceu de quem se possa pretender que é superior ou mesmo igual a SHAKESPEARE» — Fernando Pessoa.

Encontra-se à venda em todas as Livrarias o primeiro fascículo de

OBRAS DE SHAKESPEARE

Rua da Flores, 43

L I S B O A - 2

Porque não conseguiu a Alemanha fabricar a bomba atómica (2)

por ALFREDO BRAZ

No meu ultimo artigo procurei dar uma ideia da tremenda luta diplomática travada entre Franceses e Alemães para a obtenção do «stock» de água pesada da fábrica de adubos de Rjukan, na Noruega. Tentei igualmente mostrar como a audácia e a habilidade de um agente secreto francês, de parceria com os sentimentos francófilos do director-geral da referida fábrica, determinaram a cedência incondicional á França do almejado produto. Resta-me agora relatar a odisseia do transporte da água pesada, em plena guerra e sob a vigilancia rigorosa da espionagem alemã, da Noruega para Paris.

A dificilima viagem principia no dia 9 de Março de 1940. O sr. Nilsen, director-geral da fábrica de Rjukan, dispõe-se a transportar no seu próprio automóvel os recipientes que continham o precioso líquido. Toda a noite o auto rola através das montanhas de Telemark e na madrugada do dia seguinte, sem que tenha surgido qualquer percalço, a carga é armazenada num pequeno pavilhão, construído para esse fim, nos jardins da legação da França em Oslo. A primeira etapa estava vencida.

Oficiais franceses, mandados vir á pressa de Estocolmo, guardam o pavilhão durante dois dias e duas noites, enquanto se preparam as restantes etapas da viagem. O serviço de espionagem alemã parece estar alerta. A situação complica-se pelo facto da 5.ª Repartição da legação do Reich em Oslo ter as suas instalações nas proximidades do pavilhão onde se guarda a água pesada. Os Alemães trabalham toda a noite e os Franceses podem ver as suas janelas constantemente iluminadas. Os Franceses activam os preparativos, as pistolas colocadas sobre a mesa, prontos a perfurarem os recipientes ao primeiro sinal.

Como iria concluir-se o restante trajecto? Trocam-se inumeros telegramas cifrados com Paris. Encara-se a hipótese de enviar um contratorpedeiro á costa norueguesa, para embarcar clandestinamente os homens e a água. Resolve-se, por fim, que a água pesada siga a bordo de um avião da linha Noruega-Escócia.

Na manhã de 12 de Março, o agente secreto e um dos seus oficiais apresentaram-se, sem bagagens, no aeródromo de Oslo, diante dos dois aviões de linha prontos a descolar, um para a Escócia, outro para Amsterdão. Na véspera, subrepecticiamente, organizara-se um ensaio com idêntico cenário. Os viajantes para a Escócia tomam lugar no aparelho, com excepção do agente e do seu ajudante, que aguardam ao lado do avião de Amsterdão. No ultimo minuto, com as hélices do avião da Escócia já em movimento, um taxi chega a grande velocidade á entrada do aeródromo. O viajante, que leva consigo pesadas malas, barafusta exigindo que a barreira lhe seja aberta: ele está em risco de perder o avião. Perante tamanha insistência, acaba por abrir-se a barreira; o táxi vai até junto das pistas e coloca-se entre os dois aparelhos, de modo a furtar-se aos olhares indiscretos. O viajante em atraso — é um dos colaboradores do agente — dirige-se ostensivamente para o avião de Amsterdão. Entretanto, com a maior rapidez, as malas que contêm os tambores com a água pesada são colocadas no avião da Escócia, cujo piloto estava prevenido. O agente secreto e o seu ajudante sobem imediatamente para o avião, que logo descola. O aparelho atinge o seu destino e a água pesada passa essa noite em Edimburgo.

Enquanto o agente secreto, a água e a pasta contendo o texto do acordo firmado com a fábrica de Rjukan sobrevoavam o Mar do Norte, o avião para Amsterdão, saído alguns minutos depois do avião da Escócia, era aprisionado pelos caças da aviação alemã e forçado a pousar no aeródromo de Hamburgo, onde a Gestapo o revistava de alto a baixo. Os aliados tinham escapado de boa...

A preciosa carga chega, finalmente, a Paris, no dia 16 de Março. Durante muito tempo a Alemanha em guerra não disporá de um só grama de água pesada. O unico «stock» que existe no Mundo repousa nas caves do Colégio de França, á disposição de Joliot-Curie e da sua equipa de investigadores.

Depois, como toda a gente sabe, a Dinamarca e a Noruega foram invadidas. A esquadra alemã penetrou no fjord de Oslo. Esperou-se durante algum tempo que os aliados se conseguissem manter na província de Telemark; mas, não obstante a vitória franco-polaco-norueguesa de Narwik, á Noruega inteira caiu nas mãos de Hitler.

O Terceiro Reich é agora dono e senhor da unica fábrica do Mundo que produz água pesada, sòmente toda a existência desse produto se encontra longe da vista dos Alemães e logo que chega a vez de Paris ser ameaçada, a água é transportada clandestinamente para Riom.

Alguns dias após a conclusão do armistício do marechal Pétain, o ministro francês do Armamento telefona ao agente secreto e dá-lhe instruções para que os investigadores da equipa Joliot-Curie sejam convidados a ir para Inglaterra com o precioso «stock». Entretanto, os Alemães aproximam-se assustadoramente de Riom. O agente toma conta da água pesada e parte para Clermont-Ferrand, ao encontro de Joliot-Curie e seus assistentes. O professor decide permanecer em França e é bem conhecido o papel por ele desempenhado na Resistência. Mas os seus dois principais assistentes embarcaram para Inglaterra e com eles seguiu o misterioso produto da fábrica de Rjukan, que, por ser uma das matérias-primas indispensáveis para a fabricação da bomba atómica, deu origem a tão encarniçada batalha diplomática.

Esta vitória dos aliados não foi proclamada em alta berra pelos comunicados, nem anunciada a todo o Mundo pelas agências; mas sem ela os alemães teriam sido, muito provavelmente, os primeiros a fabricar a terrível bomba. E se assim tivesse acontecido...

Pode facilmente imaginar-se o que teria sido um brinquedo desses nas mãos de um louco furioso. A vitória da França na batalha diplomática da água pesada salvou a Civilização e no dia em que se conheça o nome do agente secreto que levou a cabo tal proeza, a Humanidade deverá exaltá-lo como aos dos seus maiores benfeitores. Devemos, entretanto, fixar o nome do sr. Nilsen, director-geral da fábrica de Rjukan, exemplo de decisão, honestidade e coragem.

[redacted]

É sempre possível o acordo

Henry Spangler, de Baltimore, Mariland (Estados Unidos da América do Norte), esbarrou na rua com um gatuno. O gatuno vinha acompanhado de um argumento de peso: uma formosa navalha de ponta e mola.

Disse o gatuno ao senhor Spangler:

— Preciso de cinco dólares para a minha mulher, que está doente.

O convidado olhou o hospitaleiro anfitrião, olhou a navalha muito nua, pensou na vida, na família, em várias outras coisas, procurou recordar-se de uma resposta célebre da História, mas resolveu apenas cingir-se á verdade. No receio, porém, de que talvez a verdade não fosse bastante, tomou um ar amável, amigável e respondeu:

— Ah, meu amigo, nem calcula a minha pena! Sinto perfeitamente a sua dor, pois também a minha pobre mulher está enferma.

Ambos fizeram uma expressão de sentidos pêsames, consolaram-se, depuseram uma palmada pacífica nas costas um do outro e o gatuno, profundamente comovido, propôs um acordo.

Cavaquearam um pouco sobre o assunto, discutiram preços, percentagens, falaram do preço dos remédios, da carestia da vida, das cotações da bolsa, esgotaram todos os domínios da ciência económica e acabaram por chegar a acordo.

O sr. Henry Spangler contribuia apenas com um dólar para a doença da esposa do gatuno.

A embriaguez é matéria para solistas

O sr. Antoine Blondin é escritor. Nessa qualidade produziu um romance. Depois ou antes, baptizou-o. Chamou-lhe: «Um macaco no Inverno».

Seguidamente, um juri concedeu ao romance e ao autor um prémio literário — o prémio Inter-aliado.

Agora chegou-se á conclusão que um dos aspectos mais importantes do romance era a seguinte observação:

«O homem bebe em companhia, mas embebada-se só. Por isso é que os bêbados são tristes, mal dispostos e mesmo furiosos».

O remédio é simples: nunca se deixe ficar só, caro amigo.

O que faz pôr os homens de pé

Na récita de gala «Avec Plaisir», no «Lido» juntaram-se resmas e resmas de pessoas célebres. Uma amostra, chega:

Marlene Dietrich, Laurence Olivier, Raf Valone, Martine Carol, Lena Horne, Maurice Chevalier, Françoise Arnoul, o indispensável duque de Windsor, etc., etc., etc.

Conforme entravam os «imortais» o publico batia mais ou menos as palmas. De repente tudo se ergueu numa homenagem vibrantemente patriótica.

Quer saber o motivo?

Acabava de chegar Sofia Loren.

E' preciso uma boa razão para pôr todo o mundo de acordo.

NUNCA SERÁ Callas-loura...

Rosalnia Neri, formosa cantora da TV londrina, tinha uma ambição: rivalizar com Maria Callas, ser mesmo a *Callas-loura*. Os críticos, contudo, cortaram o sonho á escovinha. De facto a sua estreia na ópera («Elixir de Amor», de Donizetti) foi bombardeada com as mais azedas críticas dos ultimos cinquenta anos.

Não *calhou*. Mas talvez *calhe* para a próxima.

A dança dos sexos

O prémio Pelman da Biologia foi atribuido em Paris a Charniaux-Cottou pelos seus trabalhos sobre a glandola androgena dos Custaceos. Charniaux-Cottou, filha da deputada Eugene Cottou, descobriu que esta glandola segregava das hormonas masculinas, isto é, da hormona que determina a masculinidade do indivíduo. Assim, segundo os seus trabalhos, se se retirar a um jovem a sua glandola masculina este deixa de evoluir no sentido masculino e torna-se neutro. Se, pelo contrário, for exertada esta glandola numa fêmea esta adquire gradualmente um comportamento masculino. Como é bem de ver esta descoberta de Charniaux-Cottou é de uma grande importancia para o estudo e compreenção dos fenómenos sexuais.

Novas vantagens do chá

Dizem de Itália: o chá bebido em abundancia pode ser um antídoto contra as substancias radioactivas libertadas pelas explosões nucleares e portadoras de gravissimos morbos, como o cancro e a leucemia. Continuam a fazer-se experiências sobre o caso.

Uma conclusão, porém, é já possível: a humanidade livar-se-á dos males atómicos, mas fica... chalada.

A confusão dos números

(Continuação da 3.ª página)

estatísticas oficiais fornecidas pelos organismos responsáveis, tem um índice de produção muito elevado, apresentando, por outro lado, uma alta remuneração do trabalho. Daqui nasce uma atracção irresistível pelo Novo Mundo, onde a vida parece decorrer fácil e num mundo cor-de-rosa.

De momento abordaremos sòmente o problema da remuneração, para o que apresentamos aos leitores um exemplo extraido das estatísticas oficiais americanas. Assim, em vencimentos médios (300 dólares), correspondente a um americano médio com três filhos, mais de um terço do vencimento é gasto na alimentação, destinando-se outro tanto, isto é, outro terço, para as despesas de habitação e vestuário. O remanascente canaliza-se para os impostos e pagamento das compras-a-crédito — TV, máquina de lavar, etc — as quais, como se sabe, constituem o processo vulgarizado e aceite pelos americanos médios — que remédio! — de adquirir o que lhes é indispensável (ou o que a publicidade propagandista lhes introduziu em casa). Deste modo, o americano vive numa aparente comodidade, na «doce» e constante ilusão de ter, não tendo e de gozar, não gozando... porque é difícil ter o espírito tranquilo sabendo que, de mês a mês, vencem as letras com que se pagam os objectos do lar. Do que fica exposto se verifica que a parte relativa ás economias da família, neste caso que desenvolvemos, raras vezes ultrapassa os cinco dólares (5 dólares=125 escudos aprox.). Dado que o trabalho não está garantido realmente — vejamos a estatística do desemprego, o fundo do desemprego, etc. — há que prevenir o futuro, o que se torna difícil com 5 dólares mensais.

Se, por outro lado, tivermos em consideração que há rendimentos bem inferiores ao que foi citado e discutido, concluiremos que persistem sérios e graves problemas na sociedade americana que estão bem longe de terem sido solucionados.

Há pois, normalmente uma interpretação precipitada dos dados estatísticos referentes a estes e outros casos, o que tem levado os próprios teóricos e, por vezes as pessoas em geral, a conclusões que, propositadamente ou não, estão distantes da verdade e, por isso mesmo, necessitam de ser rebatidas.

HUGO FERNANDES

FOI ELE QUE NOS AJUDOU A CONHECER-NOS

(Continuação da 1.ª página)

encorajá-lo nos maus momentos da sua vida.

Tornado célebre em 1894, Pavlov passa a ocupar-se dos delicados problemas da digestão. As investigações arrastam-se por muitos anos e no meio das maiores dificuldades: as subvenções do Estado são insuficientes, a família cresceu com um filho e uma filha, e passam então muitas privações, acrescidas do cepticismo e do escarnio de outros sábios.

Escarneciam dele, «desse fisiologista casmurro que queria fazer observações naquilo que ninguém ainda tinha conseguido encontrar».

Apesar de tudo Pavlov prossegue nos seus trabalhos e em 1904, depois de minuciosas observações, descobre a sua teoria dos reflexos condicionados e estabelece com ela os fundamentos da moderna fisiologia e psicologia. Obtém o Prémio Nobel e recebe de todo o Mundo emocionantes provas de simpatia.

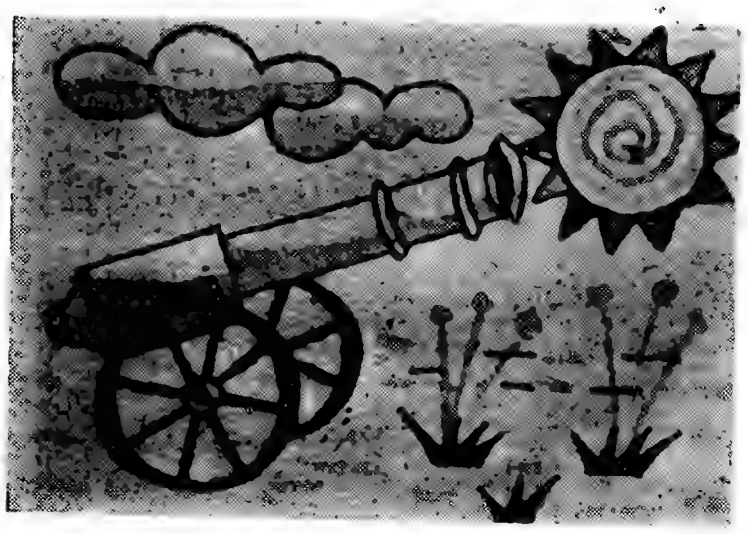
A descoberta dos reflexos condicionados por Pavlov abriu caminho para trabalhos da mais alta importancia, trabalhos que na hora presente se desdobram em dezenas de médicos e nos laboratórios de todo o Mundo.

Pavlov, muito doente, vai morrer; sabe-o mas não hesita em se entregar nas mãos do cirurgião para que tente uma operação delicada. A intervenção resulta e em resultado, disso pode, assim, continuar a sua obra tão fecunda. Graças a ele, o homem dispõe actualmente dos meios científicos que lhe permitem conhecer-se melhor.

Pavlov, brindando em honra de Sima, sua noiva e depois sua companheira dedicada no estudo e na vida

Em ALGÉS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AGENCIA CULTURAL. Avenida Combatentes da Grande Guerra.

Um canhão falante



No jardim do Palais Royal existe ainda hoje um pequeno canhão que é o mais antigo antepassado do relógio falante. Munido, na parte superior do cano, duma lente razoável, o Sol ao passar no Zénite atravessava o cano e vinha inflamar uma espécie de fulminante e aquele pequeno e pacífico canhão detonava, precisamente ao meio dia — hora a que os bons burgueses de Paris, no tempo de Luís FHipe vinham acertar os seus relógios.

Coragem sobre-humana

Ésquilo o maior de todos os trágicos gregos e o verdadeiro criador da tragédia antiga, tinha um irmão de nome Cynégire, o qual depois da famosa batalha da Maratona (430 anos antes de Cristo) e que terminou pela extraordinária vitória dos Gregos sobre os Persas, se distinguiu duma maneira verdadeiramente digna das mais nobres situações imaginadas por seu irmão.

Quando a frota persa se pôs em fuga Cynégire lançou-se em sua perseguição conseguindo agarrar um dos barcos com uma das mãos. Um dos ocupantes persas, num golpe certeiro decepou-lhe a mão, mas, corajosamente Cynégire consegue segurá-lo com a outra mão que teve a mesma sorte. Duplamente decepado, e perante o pasmo e a surpresa de todos o nosso herói consegue reter o barco inimigo usando os dentes.

Palavras de Mouzinho de Albuquerque

Passaram, agora, 64 anos desde que o capitão de cavalaria Joaquim Mouzinho de Albuquerque, levando consigo três oficiais, um sargento, quarenta e seis cabos e soldados europeus e alguns auxiliares e carregadores, numa corajosa e entusiástica arrancada de dois dias, quase sem descansar, através da selva e debaixo duma chuva constante, consegue surpreender e aprisionar, dentro da própria povoação, o chefe Gungunhana, em luta aberta contra Portugal.

Tem interesse, por isso, recordar algumas das suas afirmações sobre a sua própria profissão de militar e acerca da sua passagem por África.

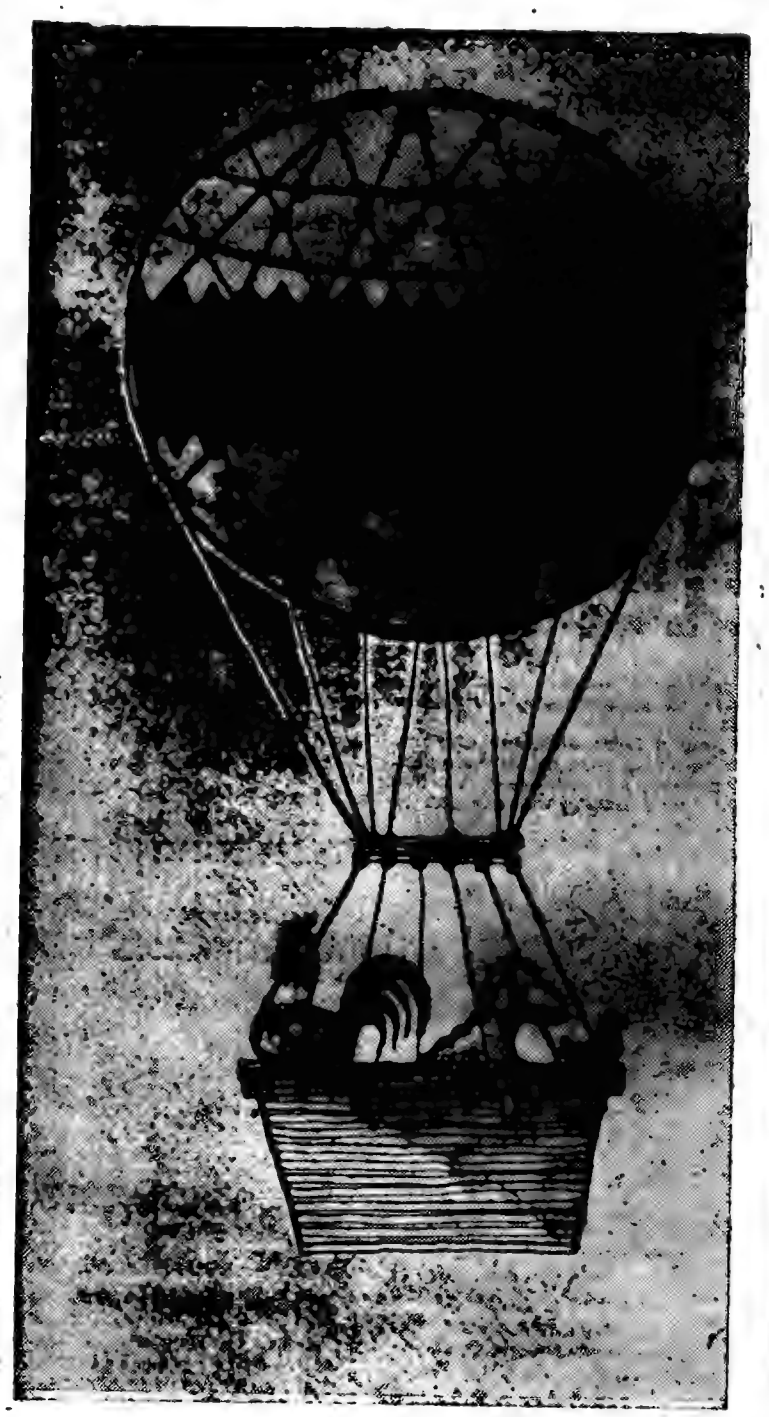
Numa carta, dirigida ao príncipe D. Luís Filipe, dando-lhe, de forma magistral, a definição do que é a vida militar, afirmava:

«Porque, ser soldado não é arrastar a espada, passar revistas, comandar exercícios, deslumbrar as multidões com os doirados das fardas. Ser soldado é dedicar-se por completo á causa publica, trabalhar sempre para os outros. E, para se convencer, olhe Vossa Alteza para o soldado em campanha. Porventura vê-o só a marchar e a combater? Cava trincheiras, levanta parapeitos, barracas e quarteis, atrela-se ás viaturas, remenda a farda, cozinha o rancho e, o que tem de seu, trá-lo ás costas, na mochila. Desde os mesteres mais humildes, até ao mais sublime (avançar de cara alegre direito á morte), tudo faz, porque todo o trabalho despido de interesse pessoal entra nos deveres da profissão».

São dos seus relatórios estas palavras:

«Pensam muitos que passei os meus dois anos de governador á cutilada a pretos. E' um engano; a melhor e a maior parte dessas cutiladas foram assente nas convenções, nas ficções, no enredo de falsidade com que nos pretendiam iludir...»

Três precursores da pequena Laika



Um canário, um galo e um borrego foram os primeiros animais a ter a honra de subir no espaço e muito antes da heroina Laika.

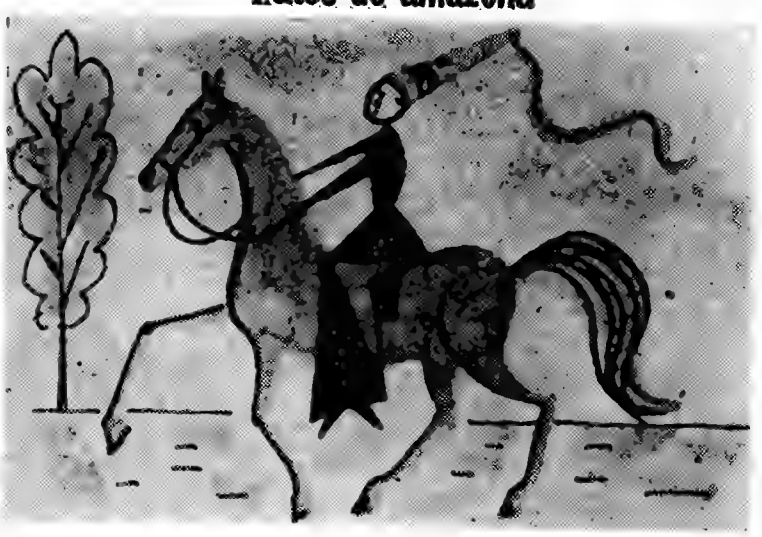
Quando em 1783, Pilâtre de Rozier deu por acabado o seu balão, Luís XVI não consentiu que qualquer ser humano se arriscasse nessa tentativa perigosa. Embarcou-se, por isso, o canário, o galo e o borrego.

O balão parece que subiu óptimamente com os seus passageiros a bordo e foi depois depositá-los e sem novidade de maior, ainda que um pouco violentamente, nas proximidades de Versailes onde o Rei, carinhosamente os mandou recolher... Mas, coitados, pouco tempo gozaram o privilégio de serem os primeiros viajantes espaciais, pois nessa mesma tarde, Sua Majestade fez-lhes a subida honra de os mandar servir ao jantar. Cairam do Céu na barriga de Luís XVI, que como se sabe não era assim tão pequena como isso.

As cruzadas e a bigamia

O conde de Gleichen foi um dos numerosos cruzados que se dispuseram a «reconquistar os Lugares Santos aos Infieis» como se dizia na época. Mas, feito prisioneiro pelos Turcos a sua sorte ameaçava tornar-se trágica, pois tinha sido destinado a escravo. Felizmente teve a sorte por ele, pois caindo nas lindas graças da amável filha do senhor turco que o comprou este prometia-lhe a liberdade na condição de casar com a filha. Havia, contudo, um problema sério a considerar, principalmente por um cavalheiro cristão: O conde era já casado e a condessa sua mulher esperava por ele na terra teutónica. No entanto o nosso homem não tinha tempo a perder: Resolveu aceitar por esposa a linda oriental, e, metendo-a no barco que o trouxe á terra de seus pais apresentou-a á outra esposa que também não teve dificuldade em compreender que o marido não tinha outra resolução a tomar. E foram todos felizes.

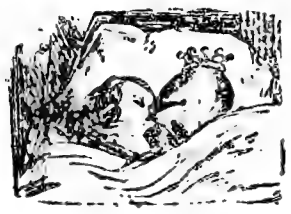
Fatos de amazona



Até ao século XV as mulheres cavalgavam sentadas completamente de lado sobre a garupa do cavalo com os dois pés poisados sobre um apoio. Foi a rainha Catarina de Médicis, grande amiga de cavalgar, quem criou a nova moda de equitação que consiste em apoiar o pé esquerdo no estibo e levantar o direito,... isto é, montar á amazona.

Moda muito atrevida, então, que punha a descoberto a perna até muito acima... Foi por isso necessário velar para que os vestidos de montar passassem a ser largos e compridos de modo a impedir todos os olhares indiscretos... Até lá algumas damas mais pudicas passaram a usar culotes por baixo dos vestidos; culotes que nessa época se designavam por, gateira ou ratoeira das damas (chatière des dames). (Perdoem-me as senhoras mas é o que leio).

Tudo agora está solucionado passando as senhoras a montar e a vestir como os homens.



O amor na idade média

por

JOÃO CAMPOS

De acordo com a brutalidade da época, com os seus usos e modos de vida, as manifestações amorosas durante «a grande noite feudal» não podiam deixar de ser brutais, violentas e desregradas.

Dentre todos os povos conhecidos da Idade Média parece terem sido os Gauleses os mais amoráveis: Bons faladores, brincalhões, aventureiros, homens práticos apesar de tudo, parece que consagravam ao amor o melhor do seu tempo. Também as mulheres gaulesas deram ao mundo antigo exemplos de fidelidade e de virtude, coisa pouco do uso na época. Inscrições funebres encontradas mostram como adoravam seus maridos: — «Amigo, diverte-te, goza o Mundo e vem depois juntar-te a mim».

A regra, contudo, não era essa, tanto entre os outros povos como nos tempos que se lhe seguiram. As mulheres tiveram durante muito tempo uma vida de aviltamento e de servidão completa. Durante séculos o seu papel foi o de «uivar como os lobos»: Foram favoritas de poderosos e de reis, satisfazendo os seus caprichos mais grosseiros ou descendo elas próprias ás piores torpezas. (Recorde-se por exemplo, o fim trágico de Brunchaut que já contámos aos nossos leitores). O bispo de Mans, Badegiule, critica a Gregório de Tous ter com ele «uma mulher ainda mais má e mais cruel que ele próprio e de, seguindo os seus conselhos, cometer graves iniquidades».

Do século VI até ao fim do século XI viveu-se numa anarquia moral quase completa. Os reis e os senhores feudais eram verdadeiros modelos de depravação total. Luís IV, de França, rodeava-se de cortesãs e Henrique IV, da Germania torna a vida impossível em Praxede, violando freiras e crianças. Alguns dos grandes senhores repudiavam e trocavam as mulheres perante a impotência da Igreja que se não cansava de condenar o rapto e o adultério. Repetia a todo o momento que «não era a violência mas sim o livre consentimento que levava ao altar» e que «as unicas causas possíveis de anulação dos casamentos eram a impotência e o muito próximo parentesco». No décimo livro da «Collectio Canomina», Anselmo de Lucques, lembra ainda que o casamento é «um bem que consiste na geração de filhos e na fidelidade conjugal pois que nem a mulher nem o marido são donos do seu próprio corpo».

Mas tudo isto seria, de facto, um freio de moral, unico para a época. se os próprios religiosos não pecassem também: — «Tenho vergonha de o dizer, mas seria ainda pior escondê-lo» — escrevia nos meados do século X, Atton, bispo de Verceil — «vários entre vós são de tal modo subjugados pelas paixões que se permitem cometer a obsenidade de viver com cortesãs, de lhe pagar o sustento, de se mostrarem com elas, de as ter a dirigir as suas casas e de fazerem dos bastardos seus herdeiros... e, para que essas mulheres possam andar bem enfeitadas, as igrejas são delapidadas e os pobres sofrem». (Epist. IV).

Acusada de responsável do pecado original e de aliada de Satanaz a mulher era, então considerada, um simples instrumento de prazer. Todos a tinham como uma criatura inferior, ignorante e desprezível.

Vieram depois as cruzadas e o contacto com o Oriente teve algumas estranhas consequências. O amor transformou-se, dum acto imediato e brutal num jogo divertido e habilidoso. A mulher que durante a ausência do marido e senhor ficou a gerir os bens da comunidade, beneficiou disso, adquirindo uma certa independência a que correspondeu quase sempre a conquista de prazeres que até ali lhe eram vedados. Assim nasceu o divórcio de Luís VII e de Alienor que, segundo parece, teria traído a fé conjugal por amor duns belos olhos mouros.

Outras circunstancias que teria favorecido a emancipação da mulher foram: a expansão do culto do casamento. E, digamos, a «invenção» do «amor cortesão». Por uns tempos, embora limitados, o amor foi exaltado no sentido dos melhores sentimentos e as damas viram, assim, aumentar o seu prestígio. É certo que isso não impedia Filipe Augusto de repudiar Irembour da Dinamarca em 1199 e de Luís X mandar estrangular Margarida de Borgonha. A bem ou a mal todos os soberanos queriam que as mulheres se submetessem á vontade masculina.

«Amor a Deus, obediência ao marido, decência para o manter e simplicidade da aparência» — eis o que Saint Louis recomendava a sua filha Isabel.

Toda a nossa visão da Idade Média foi manifestamente falsificada pela imaginação romantica baseada nas descrições da corte de Ricardo Coração de Leão, nos sacrifícios e exemplos de Abelard e Heloísa e pelas paixões puras dos pagens loiros adorando as suas damas á luz do luar e prontos a defendê-las contra dragões, tiranos e usurpadores. Os maravilhosos poemas de Guilhaume de Lorris, de Dante e de Petrarca, que preferem sublimar o amor profano — e extraconjugal — constituem verdadeiras excepções. De facto, a era medieval foi uma época pouco idealista, pouco dada a amores platónicos.

A luta pela vida em todos os momentos, a dureza e violência dessa luta é o que explica e justifica a franca e brutal sensualidade dos primeiros séculos, seguida duma era de perversões e de excessos.

Mas se a Idade Média terminou no meio de excessos e de brutalidades, é bem verdade que esse turbilhão louco deu lugar a uma nova época de emancipação feminina, e a mulher no século XV começa já a marcar um lugar destacado ao lado do homem [illegible] d'Arc, Iolanda d'Aragão [illegible] Agnès Sorel, na luta [illegible] por [illegible] política e na [illegible] artística.

Diario de Lisbôa

De uma semana para a outra

REVISTA HEBDOMADÁRIA DE FIGURAS E FACTOS

DIA 16

EM PORTUGAL — O ministro da Defesa da Alemanha Ocidental visitou a Siderurgia Nacional na Outra Banda. ✻ O sr. ministro da Presidência, dr. Pedro Teotónio Pereira, partiu de Goa para Karachi. ✻ Foi homenageado no Hotel Ritz, o dr. Felner da Costa, que deixa o cargo de chefe da Repartição de Turismo, do S. N. I.

NO ESTRANGEIRO — No Brasil, o marechal Idílio Dinis, que sucederá a Teixeira Lott no Ministério da Guerra, anunciou que transferirá o seu ministério para Brasilia logo que tome conta do cargo. ✻ No Peru há 60 mortos e mais de 400 feridos em consequência do terramoto. ✻ O chanceler Adenauer falou aos Alemães sobre as manifestações antijudaicas. Disse aos judeus: «Tendes ao vosso lado todo o poder do Estado Federal». ✻ No Governo francês terminou a crise provocada com a demissão de Pinay. ✻ Foi lançado o balão satélite na ilha de Wallops. ✻ O Papa patrocinou a construção de uma igreja dedicada a «Nossa Senhora das Estradas».

DIA 17

EM PORTUGAL — Foi anunciado que começam as obras para repor a Avenida da Liberdade no seu traçado primitivo. ✻ Partiu para o seu país o ministro da Defesa da Alemanha que convidou o ministro português da Defesa a visitar o seu país. ✻ Em Montemor-o-Novo foi inaugurado o Cine-Teatro Curvo Semedo. ✻ Em Santiago do Cacém foram inaugurados vários melhoramentos. ✻ No Campeonato Nacional de futebol o Benfica venceu o Braga por 2-0, a Académica empatou com o Sporting por 2-2 e o Porto ganhou em Guimarães por 1-0. ✻ Em Goa foi homenageado o dr. Vieira Machado, governador do Banco Nacional Ultramarino.

NO ESTRANGEIRO — O ministro da Presidência depôs em Karachi uma coroa de flores no monumento do fundador do Paquistão. ✻ Anuncia-se que o presidente Eisenhower visitará a Russia de 10 a 19 de Junho. ✻ Peritos militares americanos dizem que a Russia adoptou a estratégia da «retaliação maciça». ✻ Em Londres decorre a conferência sobre o futuro de Chipre. ✻ Parece que o Governo francês adopta os pontos de vista de Antoine Pinay, embora este se tenha demitido.

DIA 18

EM PORTUGAL — A Fundação Calouste Gulbenkian anuncia que vai ser criado em Paris o Instituto Cultural Franco-Português na casa que foi residência do rei do petróleo. ✻ O Ministério do Exército anuncia que a antiguidade do brigadeiro Santos Costa conta, a partir de 3 de Fev. de 1953. ✻ Foi publicada uma mensagem de 100 escritores e artistas, que apoiam a candidatura de Aquilino Ribeiro ao Prémio Nobel da Literatura. ✻ O palácio da Inquisição em Evora foi adquirido para a construção de um hotel.

NO ESTRANGEIRO — Principiou o «rallye» de Monte Carlo, tendo morrido em acidente o concorrente holandês A. Moggre. ✻ Em New Bedford vai ser erguido um monumento ao Emigrante Português. ✻ O secretário do Comércio de Portugal declarou em Paris que a agitação na economia mundial pode ser o começo de uma melhor vida para todos. ✻ O sr. ministro da Presidência disse á Imprensa do Paquistão que a posição de Portugal a respeito de Goa se mantém inalterável. ✻ O presidente Eisenhower enviou ao Congresso o novo orçamento que prevê um aumento de 27 milhões de contos de auxílio ao estrangeiro.

DIA 19

EM PORTUGAL — O governador geral de Angola foi homenageado pelos seus colegas de curso. ✻ O ministro das Obras Publicas visitou o Padrão das Descobertas, na Praça do Império. ✻ Na Assembleia Nacional, o eng.º Calheiros Lopes ocupou-se do problema da deslocação da industria para a península de Setubal.

NO ESTRANGEIRO — Nos Estados Unidos cairam dois aviões, havendo noventa mortos. ✻ O ministro da Presidência de Portugal visitou a barragem de Raval, no Paquistão. ✻ A rainha Isabel regressou a Londres, ida de Sandringham. O terceiro filho da rainha deve nascer depois de 29 de Janeiro. ✻ Narriman que foi rainha do Egipto, regressou ao Cairo.

DIA 20

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica condecorou o comandante e tripulantes do navio «Monte Brasil». ✻ O brigadeiro Santos Costa foi nomeado presidente da comissão para coligir os documentos relativos á política externa de Portugal durante a ultima guerra. ✻ O dr. Vieira Machado foi homenageado em Margão. ✻ Faleceu o agente reformado da Polícia Judiciária Custódio das Dores. ✻ Na Camara Municipal de Lisboa foram criados o gabinete de estética citadina e o gabinete de habitação.

NO ESTRANGEIRO — Em Paris o general Massu reafirmou a sua lealdade ao general de Gaulle. ✻ O ministro da Presidência de Portugal visitou a Universidade de Peshawar. ✻ Na Suíça está a ser julgado o dr. Jaccoud, acusado de assassínio, antigo bastonário da Ordem dos Advogados. ✻ O Mar do Norte ameaça a Holanda, pondo em perigo alguns diques. ✻ Começaram, no Pacífico, as experiências de foguetões russos. ✻ Chegou a Nova Delhi, o presidente da U. R. S. S., marechal Voroshilov. ✻ O secretário do Exército dos Estados Unidos disse não acreditar na redução das forças armadas soviéticas.

DIA 21

EM PORTUGAL — O ministro das Obras Publicas visitou Sintra. ✻ A Assembleia Nacional terminou o debate sobre a proposta de lei de abastecimento de águas ás populações rurais. ✻ Morreu o comerciante e industrial Vasco de Albuquerque Orey. ✻ O dr. António Lino Neto foi nomeado vice-presidente e director da comissão directiva da Junta de Acção Social. ✻ O Senado Universitário de Lisboa decidiu que o trajo profissional é a beca.

NO ESTRANGEIRO — Na Virgínia foi lançada uma cápsula «Mercurio» com uma macaca a bordo, sendo depois recolhida. ✻ No Pacífico caiu um missil russo que falhou o objectivo por algumas milhas. ✻ Em Cuba houve um acidente entre o chefe do Governo Fidel Castro e o embaixador de Espanha. ✻ Na Jamaica caiu um avião: 37 mortos entre os quais o toureiro espanhol Manuel Gimenez. ✻ Foi anunciada a anulação da experiência de suspensão dos voos na região do Sahará. ✻ Em Caracas foi descoberta uma conjura contra o Governo. ✻ Diz-se que estão em pé de guerra as tribos da Uganda.

DIA 22

EM PORTUGAL — A Fundação Raquel e Martin Sain comemorou o seu primeiro aniversário. ✻ Numa escada de Almirante Reis foi encontrado assassinado um homem.

NO ESTRANGEIRO — O ministro da Presidência de Portugal visitou Lahora. ✻ Numa galeria de mina de carvão, no Estado Livre de Orange, encontram-se soterrados 500 mineiros, a duzentos metros de profundidade. ✻ O Governo francês proibiu a visita de Georges Bidault, antigo presidente do Ministério, a Argélia. ✻ Diz-se que a União Soviética vai fornecer á India 2 biliões de rupias de auxílio para o III Plano Quinquenal. ✻ Continua grave o estado de saude de Aneurin Bevan, antigo ministro trabalhista britanico. ✻ O chanceler Adenauer chegou á cidade do Vaticano, sendo recebido pelo Papa.

Durante a sua visita ao Estado da India, o ministro da Presidência esteve em Velha Goa, para inaugurar as obras de restituição daquela cidade ao espírito da sua tradição histórica. Aqui vemos o dr. Teotónio Pereira, passando sob o arco dos vice-reis.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

A Argélia continua a ser o principal obstáculo que o general de Gaulle encontra no seu caminho

O episódio ocorrido com o general Massu só pode constituir surpresa para quem não tenha seguido, com atenção, a evolução dos acontecimentos na Argélia a qual é inseparável da transformação que se operou na política francesa nas vésperas e em seguida ao golpe de Estado de 13 de Maio de 1958, o qual levou ao poder o general de Gaulle. Bem pode chamar-se a esse dia a «journée des dupes» dos dirigentes dos partidos e agrupamentos da direita e da extrema-direita francesa. Não foi a primeira vez que esses elementos, na generalidade afectos ao regime de Vichy, se colocaram sob a protecção do chefe da Resistência e, portanto, na sua dependência.

O que se passou em 1946 e 47 com a formação da União do Povo Francês (Rassemblement) era, já por si, elucidativo. Nessa época os homens que, devido á sua actuação quando da ocupação da França, haviam sido práticamente eliminados do circuito político e da actividade cívica viram na atitude do general de Gaulle uma promessa de absolvição para as suas culpas e responsabilidades. Alinharam sob o pendão degaullista, na esperança de que assim lhes facilitassem um regresso que, de outra forma, só poderia dar-se em condições difíceis, após um severo apuramento de responsabilidades.

O resultado viu-se então e assistimos agora á sua reedição, que só causará estranhesa a quem desconheça a sua verdadeira origem. O «Rassemblement» não tardou a estalar ruidosamente sob a pressão das contradições que acompanharam e eram inseparáveis do seu aparecimento. O seu chefe regressou, desapontado, a Colombey e durante alguns anos meditou sobre a inconveniencia de fazer do equívoco o alicerce da ressurreição do espírito nacional. Esclarecido pela lição da experiência, que atrasou o seu regresso, agravou as condições em que este se operou e tornou problemático o seu êxito, o general de Gaulle, desta vez, recusou-se a ser chefe de fila dos seus adversários de 1940 e 1944.

Estes é que se não recusaram a reivindicar a sua égide para melhor agir e mais á vontade procurarem realizar os seus objectivos que nunca foram os do chefe da Resistência. O nome de de Gaulle serviu para apressar a liquidação da IV Republica, emprestando a essa liquidação o sentido de um protesto nacional. Para além do seu combate, travado num altivo isolamento contra o «sistema», nada havia de comum entre ele o os que invocavam o seu nome para, á sombra dele e do seu prestígio, tomarem posse de posições de mando de onde mais fácil lhes seria dominarem o País e as alavancas do poder. Decorrido um ano, essa contradição insanável volta a avultar e com ela a inviabilidade de uma colaboração que os factos registados no passado recente condenavam sem remédio.

Entre o homem do 18 de Junho e o de 13 de Maio havia uma incompatibilidade sem remédio. O primeiro falava na grandeza nacional, restabelecida sobre a base de uma reconciliação impossível. Os que diziam apoiá-lo tinham objectivos a curto prazo de que não desistiram, mesmo que para isso corressem o risco de um rompimento de consequências imprevisíveis. O rompimento deu-se há dias. Era anunciado há meses por indícios de uma eloquência sistomática. Antes que as ligas dos ultras argelinos entrassem em guerra aberta com o presidente da V Republica, a linguagem dos orgãos que, na Metrópole, interpretam o seu pensamento, revelava a sua hostilidade invencivel.

O grupo dos Independentes, no qual o sr. Pinay não dispõe de uma influência decisiva, é na sua maioria acaudilhado pelo secretário-geral Duchet, e já votara contra o orçamento antes do ministro das Finanças se incompatibilizar definitivamente com o general de Gaulle. Nesse grupo apenas uma escassa minoria, dirigida pelo antigo chefe do governo, Paul Reynaud, se conserva fiel á obediência degaullista. Aos Independentes seguiram-se outros elementos cuja permanência no gabinete Debré significa um recuo táctico que nada tem com o fundo dos seus propósitos. O alçar de escudos contra o chefe do Estado francês generalizou-se aos arraiais da direita e tudo indica que estes constituem actualmente a única posição séria aos seus planos e ás suas intenções.

Notícias ainda não publicadas

O marechal Montgomery continua a dar que falar. A' volta da sua viagem a Pequim têm corrido versões contraditórias, agravadas pelo comportamento do velho militar inglês. Segundo informações fundamentadas, essa viagem corresponde—como a que há tempo fez a Moscovo — a uma missão oficiosa. O Governo de S. M. deseja, por seu intermédio, saber: 1.º — se a China comunista deterá a sua penetração no continente africano, em troca da admissão na O. N. U.; 2.º — se para conseguir esse resultado chegou a altura de as representações diplomáticas dos dois países serem confiadas a embaixadores, o que não se dá.

Uma das grandes incógnitas da política francesa neste momento — e são elas em numero apreciável — é a que se resume na vila Soustelle. Trata-se da entidade conhecida, igualmente, pela designação de Centro Kleber, o qual, afastado dos grandes centros, está fortemente acautelado contra a hipótese de atentados ou violências de qualquer espécie. E' do centro Kleber que partem as emissões da R. T. F. para a Argélia e é de calcular a importancia de que se reveste se nos lembrarmos de que o seu inspirador teve sempre pontos de vista muito pessoais sobre o problema argelino.

O general de Gaulle informou o seu governo, durante a crise recente que levou ao afastamento do ministro das Finanças, Pinay, o qual se tornou o chefe visivel da oposição da direita á política interna e externa da V Republica, de que não tenciona durante o septenato para que foi eleito deixar Paris e regressar a Colombey. Ninguém tem duvidas de que aquela crise e os episódios que a caracterizaram foram devidos á eventual sucessão do chefe do governo Debré e do presidente da Republica, de Gaulle.

Um general americano, especializado em projecteis, formulou concretamente uma proposta para que o Pacífico seja, no futuro, não como está prestes a ser, um campo de experiências para a Uniao Soviética e os Estados Unidos separadamente, mas um local de competição entre os dois países no domínio das novas armas. A proposta não teve a sanção dos chefes militares que a consideram, pelo menos, audaciosa e pouco ortodoxa numa altura em que a sua principal preocupação consiste em actualizar a posição do seu país num dominio em que, por motivos diversos, ele se deixou atrasar em relação aos sovietes o que tem permitido a estes usarem de uma perigosa liberdade diplomática.

Meios americanos receberam a informação, que julgam digna de crédito, de que vai regressar a Moscovo, para ocupar um alto cargo, o actual embaixador da U. R. S. S. na Mongólia Exterior. Esse embaixador é Viacheslv Molotov. A simples evocação deste nome é de molde a inquietar no Ocidente os partidários do desanuviamento nas relações Leste-Oeste. Molotov foi sempre, como se sabe, o símbolo da oposição a essa política que contrariou quanto pôde, enquanto dirigiu a diplomacia soviética na era estaliniana e depois da morte do ditador russo.

Iniciaram-se negociações para a liquidação da dívida de guerra (empréstimo e arrendamento) da Russia aos Estados Unidos. De começo o valor dessa dívida foi calculado em 10 biliões de dólares. Posteriormente, baixou para 1,5 biliões, depois para 800 milhões e por ultimo o Governo americano propôs que se fixasse em 600 milhões. A oferta russa é de metade desta importancia, ou sejam 300 milhões, que será aceite como quantia simbólica para pôr termo a um dos motivos de irritação entre Washington e Moscovo durante os anos que se seguiram imediatamente ao fim da ultima guerra.

TABULETAS

Luminosas, gravadas, pintadas, plástico. Américo, Rua das Olarias, 3 Telef. 864647

Jornal
dos jornais

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

O acesso ao hospital de S. José

Quando, após a destruição do «Hospital de Todos os Santos» — por devorador incêndio — o Hospital de S. José foi instalado nos edifícios e dependências que ainda hoje ocupa, jamais se sonhara que o transporte de doentes fosse feito por velozes viaturas motorizadas.

Como nessas épocas não existiam problemas de transito, o acesso para aquele estabelecimento hospitalar, se não era excelente — era, pelo menos, sofrível, dado que os doentes eram transportados em macas, a pau e corda e, raras vezes, talvez, de sege ou de coche.

Porém, os anos foram passando, o transito aumentou e o numero de doentes que diáriamente se transportam para o hospital também cresceu na razão directa do acréscimo populacional...

Enfim, tudo se transformou, com excepção de uma coisa: o primitivo acesso ao Hospital de S. José (lado do Rossio). Ali o camartelo municipal, parece que nunca teve ensejo de intervir...

Diáriamente e a toda a hora, logo que um automóvel ou ambulancia inicia a subida da Calçada do Garcia, começa por encontrar algumas apertadas curvas o que origina a rodagem a pequena velocidade, seguindo-se o encontro de crianças que, despreocupadamente, brincam no meio da rua, de carros estacionados, de pessoas que, encobertas numa curva, conversam, de padiolas e cestos de vendedores ambulantes, etc., tudo isto a impedir a rápida circulação dos veículos.

O estado em que se encontra o piso do percurso — Largo de S. Domingos-C. do Garcia-Rua do Arco da Graça — até ao portão principal de S. José é lamentável, pois algumas pedras sobressaídas provocam constantes solavanços que, naturalmente, hão-de reflectir-se no estado dos feridos.

Também os lavadores da C. M. L. que ali fazem serviço, prejudicam, por vezes, a circulação das viaturas. Há dias verificámos que, se não fosse a perícia de um motorista, registar-se-ia ali um acidente motivado pela derrapagem das rodas dianteiras junto da agulheta que se encontrava atravessada na via, por sinal numa noite que chovia com abundancia...

Entendemos que as entidades competentes deveriam tomar as previdências necessárias para que o transporte de feridos para o Hospital de S. José fosse efectuado com a máxima rapidez.

Além de outros problemas que devem ser tomados em conta como, por exemplo, o do estacionamento de carros naquele percurso e o alcatroamento do mesmo, sugerimos a colocação de sinais sonoros — de alarme — no percurso, o qual poderia funcionar mediante comando instalado á porta da esquadra do Teatro D. Maria e que seria manejado pelo guarda de serviço quando ouvisse os «clackssons» ou as sirenes das viaturas que se dirigem para o Hospital de S. José.

Com esta simples medida, cremos que algo se ganharia... — O REDACTOR DE SERVIÇO

(«Os Transportes», de Lisboa)

A capela de S. Paio da Torreira

Não há ninguém que, conhecendo a Torreira, desconheça a capelinha do S. Paio. Simples e modesta, foi testemunha da fé dum povo, dum povo que lutou e luta, com valentia de heróis, para do mar arrancar o seu sustento.

Feita pelos pescadores, para eles serviu e muitos se lembram ainda, certamente, daquelas alas enormes de pescadores que, de bordão na mão, ali iam assistir á missa...

Os anos sucederam-se. Uma igreja ampla, quase urbanizada, veio dispensar a nossa capelinha. E, da dispensa, passou-se ao desleixo quase total, por mal parecer dizer total. E não está bem que assim se proceda. Ela faz parte do património que os nossos antepassados nos legaram. Temos que o respeitar, portanto.

Se ela foi edificada para servir os homens do mar, para eles nela prestarem o seu culto a Deus, para as suas famílias ali implorarem misericórdia para eles, quando em perigo, porque não há-de servir ela agora para agasalhar condignamente, «se tal for lícito», os corpos desditosos dos que perderam a vida lutando contra o mar e são arrojados a esta praia?

Mas, pondo de parte a referida utilidade, a capelinha possui uma beleza artística que não deve ser desprezada. Os seus altares, de estilo barroco, devem ser unicos no concelho. Depois, as suas imagens, antigas e raras, têm figurado já em exposições no estrangeiro. Poderemos ficar apáticos, ante o desleixo total a que sujeitaram a capela? Creio que não. Além de tudo, é a nossa capelinha, a capelinha do S. Paio, ermida da nossa terra, reliquia do nosso passado. Queixamo-nos, por vezes, de que a Murtosa não possui monumentos... Não deixemos, portanto, que se desmoronem e confundam com a terra um ou outro que possua. Demos o nosso óbulo e a capelinha será reparada. Surgirá novamente, branca e altaneira, como «ermida» da nossa terra, como evocação dum passado saudoso. — *F. A.*

(«O Concelho da Murtosa»)

A FIGURA DA SEMANA

General Massu

GENERAL MASSU

Dificilmente se concebe que o jornalista alemão que, em Argel, entrevistou o general Massu falseasse o seu pensamento. Este corresponde aos seus sentimentos abertamente confessados desde o golpe de Estado de 13 de Maio de 1958, e á tendência predominante nas fileiras do exército e dos colonos franceses da Argélia, de maneira especial aqueles que pela sua intransigência são conhecidos pela designação de «ultras». As hipóteses de o general ter sido enganado e de ter havido erros na interpretação das suas declarações, não são tomadas a sério em Paris e fora da França. Os desmentidos oficiais e particulares, posteriormente feitos á versão dada na Alemanha daquelas declarações, não conseguiram invalidá-las ou atenuar a sua gravidade e significação.

Que é lícito pensar do que disse o general que é hoje, sem duvida, o mais categorizado representante, nas fileiras do exército, do espírito do 13 de Maio e das intenções dos chefes militares e dirigentes políticos que, directa ou indirectamente, se lhe associaram? Esses elementos encontram-se em aberta oposição á política argelina definida pelo general de Gaulle na sua alocução de 16 de Setembro e que se consubstancia na palavra: autodeterminação. Convencidos de que na prática esta levará á independência da Argélia, propõem-se combatê-la antes de começar a ser executada pelo Governo do seu país.

Nesse combate o general Massu ocupa um lugar de relevo excepcional. Não há, certamente, entre os seus camaradas integracionista mais fervoroso e decidido. O seu passado, em que avultam feitos de guerra excepcionais, fala com bastante clareza da sua bravura para se justificarem os receios suscitados pela sua conduta recente. Há tempo falava-se da sua transferência para o comando das forças francesas da Africa Equatorial. Será essa deslocação possível e aconselhável, depois dos episódios que se desenrolaram á volta do seu nome e da sua personalidade da qual certamente ainda ouviremos falar nos próximos tempos?

A volta ao Mundo (31)

IRAQUE

Vista aérea da capital do Iraque

SUPERFICIE — 444 442 quilómetros quadrados.

HABITANTES — 6 538 000 habitantes dos quais 75 por cento árabes, curdos 15 por cento, iranianos, 3,75 por cento e 6,25 por cento de outras raças.

CIDADES PRINCIPAIS — Bagdá, capital (364 049 habitantes); Mosul (203 273); Karbala (122 719); Bassora (94 000).

CLIMA — O Iraque é constituído por um território de montanha, por um deserto e por um fértil vale dos rios Tigre e Eufrates. O seu clima muito seco e duro no deserto, verdadeiramente continental, é ameno nos planaltos. Foi outrora o centro das civilizações assíria e babilónica. A parte fértil é a da Mesopotamia, ou seja, a região entre os rios.

MONTANHAS — As mais importantes elevações de terreno são os planaltos da Arménia e os montes do Curdistão, a Norte, bem como os montes de Zagros, a Nordeste.

RIOS — Os mais importantes rios são o Eufrates, com 2 800 quilómetros, e o Tigre com 1 850. Ambos nascem no planalto arménio. Juntam depois suas águas e vão desaguar no Golfo Pérsico.

GOVERNO — O Iraque é uma republica desde que em Agosto de 1958 foi deposto e assassinado o rei Faisal e seu tio o príncipe herdeiro Abdul-Illah.

O presidente do Governo é Abdel-Karim Al-Kassim.

EDUCAÇÃO — A educação primária é obrigatória. Há 1 549 escolas primárias com 280 000 alunos. Há 197 escolas secundárias com 46 000 alunos. Além de várias escolas superiores há a Universidade de Bagdá.

AGRICULTURA E INDUSTRIAS — A agricultura é a base da economia do País. Exerce-se principalmente nos vales do Tigre e Eufrates. O Iraque fornece cerca de 80 por cento das tamaras do Mundo. Cultivam-se ainda os cereais, algodão e tabaco.

A industria é muito primária, havendo umas 100 firmas de materiais de construção, téxteis, óleos vegetais, sabões, vidros e cigarros.

RELIGIÃO — O Estado é oficialmente islamico, garantindo a liberdade de cultos. Há 53 por cento de muçulmanos, 35 por cento de muçulmanos sunitas, 2,8 por cento de cristãos, judeus e ainda outras religiões.

LINGUA — As línguas mais faladas são o árabe e o curdo.

MOEDA — A unidade monetária é o «dinar».

A par do [illegible] é preciso que Agualva-Cacém se faça!

A abertura da Escola Técnica de Sintra com sede em Agualva-Cacém veio trazer á mais nova freguesia do concelho uma série de probabilidades que, convenientemente aproveitadas, poderão dar largos e vantajosos proveitos áquela parcela do concelho.

E' preciso compreender-se que não é a escola em si, como tanto e ás vezes tão inconscientemente se tem apregoado, que vai encher de benesses a freguesia, ou o próprio concelho, através da tão necessária fixação populacional.

Haja em vista o Liceu de Oeiras que não arreigou populações ao concelho e que, da própria linha de Cascais não reune um numero de alunos que atinja um quarto da sua população escolar. No entanto, está superlotado, porque foi transformado em escoadouro dos liceus femininos e masculinos da capital. Quem lucrou com o facto foi a companhia dos caminhos de ferro que serve aqueles subúrbios de Lisboa.

— E' óbvio que não estamos a pôr em equação o problema das vantagens económicas das famílias da região, o problema da comodidade dos escolares e das famílias da linha de Cascais. O que estamos é a afirmar que aquele estabelecimento oficial de ensino, nem foi elemento de fixação populacional, nem, muito menos, elemento de atracção para novos habitantes, pelo menos em quatidade capaz de pesar demográfica e económicamente no relevo, na importancia do concelho.

Mas, reatemos o fio á meada: se não é a escola em si que vai encher de benesses a freguesia de Agualva-Cacém, ou o próprio concelho, pode ser o facto da sua existência, isto desde que todos saibam aproveitar convenientemente, para lá das ideias miríficas da fixação populacional ou dos princípios enganosos da importancia assumida pela freguesia, as oportunidades que agora se deparam de, mais do que deixar crescer, fazer Agualva-Cacém.

E se, em grande parte, sobretudo nos aspectos do desenvolvimento material, na criação e fomento de condições de comodidade, de conforto e de vida capaz, fazer Agualva-Cacém é acção que compete ao Município, no resto, que não é menos importante e em determinados aspectos, até, é problema muito mais grave, é da população e da autarquia local, é das forças vivas que tem de se esperar o maior quinhão.

Agualva-Cacém cresce rápidamente. Um pouco á toa. Um tanto desordenadamente Há, pois, que controlar as coisas metendo algumas nos eixos onde nunca estiveram ou donde sairam. Não é no rápido crescimento que está o seu progresso e até podem estar muitas complicações. Não só para si como para o Município.

A par do rápido crescimento, é preciso que Agualva-Cacém se faça.

(«A Voz Académica», de Queluz)

Que vamos fazer em Silves

Em Lagos, Vila do Bispo e Sagres estão em grande andamento os melhoramentos que serão inaugurados durante as comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique e cujas obras acabam de ser visitadas pelo sr. ministro das Obras Publicas.

Mais uma vez perguntamos o que vamos fazem em Silves, que era capital do Algarve quando o Infante morreu? Estas coisas costumam ser planeadas com tempo...

(Voz do Sul, de Silves)

ASSIM [illegible]

Prosseguiu, no passado sábado, com o encontro Clube Ferroviário-Sports Clube de Portugal, o Campeonato de Angola de Futebol, completando-se, com este jogo, a segunda jornada.

Numeroso publico afluiu aos Coqueiros, dando ao recinto um belo aspecto. E, diga-se de passagem, o publico vibrou e «ficou satisfeito»!... com o resultado.

Simplesmente lamentável que o publico «jogue» tão abertamente contra os representantes de Luanda. Eles não têm culpa de serem, por mérito próprio e incontestávelmente, os melhores!... O publico terá que reconhecer esta verdade, porque, sistemáticamente, a «jogar contra», não sai dignificado.

Os adversários do Ferroviário — que tão acarinhados são — ao mesmo tempo que agradecem os seus incitamentos, e devem fazê-lo sinceramente, não deixarão, bem no íntimo, de dar o devido relevo ao «Pouco desportivismo» que esses aplausos revelam, em relação ao Ferroviário, E' tempo de arripiar caminho!... E' o «desporto» que está em causa!

(«Noticia!», de Luanda)

Em ALHOS VEDROS e PINHAL NOVO o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por MANUEL DE SOUSA MELRO.

Carpetes Tapetes Tricana

Preços de Fábrica. Grandes descontos em saldos de balanço
Av. Praia da Vitória, 48-A
(Ao Monumental)

O RANCHO DAS DUAS CABEÇAS

Romance de aventuras em seis episódios

Folhetim semanal do Diario de Lisboa

por HONDO WELLS

RESUMO DOS EPISÓDIOS ANTERIORES — O doutor Barry Del Santos regressa, após dez anos de ausência ao rancho de seu pai, no México. Recebido a tiro pelos criados, a mando da madrasta, tem de abater um desses criados a tiro. Seu pai paralítico morre ao ver chicotear o filho por ordens de Pabla Alonso, jovem, bela e ambiciosa, com quem casara depois de separado da mãe de Barry. O testamento lega o rancho a Pablo e Barry, mas nunca poderá ser dividido. É o Rancho das Duas Cabeças. Barry casa com Isabel, de um rancho vizinho, e vacina os animais doentes que Pabla e o seu advogado Caslander vendiam, envenenando a saude publica. Incidentes sobre incidentes, resolvidos a tiro, á força e por astucia e Barry não desiste de vacinar o gado...

VI

O herdeiro de Don Ibarra

Barry del Santos seguiu com Jorge Gante para os currais onde tinham os animais infectados. Seis meses tinham passado. Tinha agora a vacina necessária bem acondicionada numa caixa de aço sobre a sela.

Previa dificuldades com Pabla e Caslander. O advogado não regressara ao rancho, mas Pabla ia á cidade encontrar-se com ele.

A's vezes, sem o querer, odiando-se pela sua fraqueza e sabendo que Isabel o aguardava, esperava na porta da rua até ouvir o galope do cavalo de Pabla, no pátio. Depois subia apressado as escadas, de forma que ela nunca o soubesse.

Que se passava com ele? Não tinha ele a felicidade completa com Isabel?

Os outros vaqueiros esperavam-no nos currais. Desta vez, Barry distribuira-lhes pequenas armas. As armas estavam sempre ao alcance.

Começaram com o trabalho da vacinação dos animais. Barry achou que talvez não houvesse complicações desta vez.

O mugido de uma vaca quase não

deixou ouvir o sibilar da primeira bala.

Um dos homens gritou de dor e terror.

Barry ergueu-se e imperativo:

— Peguem já nas armas. Não cedam!

Os vaqueiros atiraram-se ás armas e olharam em torno, vendo quão fraca era a protecção de que dispunham: o bebedoiro do gado, os sacos da merenda, os fracos postes da sebe.

O fogo vinha dos rochedos que se erguiam sobre eles, á frente.

Ajoelhado, a arma á mão, Barry perscrutava qualquer movimento nos rochedos. Nada.

Gritou bem alto:

— Acabe lá com isso, Pabla! Estes homens são trabalhadores. Matá-los, é puro assassínio!

— Pabla não é para aqui chamada! Esta voz vinha do meio dos rochedos. Reconheceu a de Caslander. A voz prosseguiu:

— Ela sabe do que se passa, mas nada tem com isso. Estou aqui eu. Esta terra é de Pabla e eu defendo-a para ela.

Houve uma subita barragem de fogo seco, como se Caslander tivesse dado o sinal na altura em que deixou de falar.

Atrás dele espojou-se um dos seus homens. A irritação tomou por completo Barry. Eram os seus homens e tinha a responsabilidade de todos eles e das suas vidas. Os assassinos a soldo de Pabla matavam-nos todos.

Tinham de assaltar esses rochedos. Levantou o braço.

— O velho Jorge está ferido. Muito ferido.

Era a voz do Angel. Alguma coisa alterou o espírito de Barry. Sentiu que não tinha direito de obrigar esses homens a entrar numa luta sem esperança.

Levantou-se e acenou com um lenço branco. Uma espingarda se fez ouvir e a bala levantou a poeira a seus pés. Alguém aparecia lá no alto da colina.

O velho Jorge murmurava:

— Patrão, por favor, corra-os da nossa terra.

Caslander, entretanto, chamava-o:

— Muito bem, doutor. O que é que deseja?

Nessa altura, Barry ouviu o tropear dos cavalos, o ritmo, a correria desenfreada que conhecia, desde que estava no rancho.

Pabla apareceu na colina e chamava por ele.

Barry avançou, a espingarda firme contra a perna direita.

Ela saltou do cavalo e correu para Barry.

— Graças a Deus que estás salvo, Barry. Apressa-te. Monta no meu cavalo. Isabel... está numa agonia terrível. A criança...

Barry olhava-a fixamente. Era ainda cedo demais, mas a violência podia muito bem ter motivado a perturbação. Pabla disse-lhe:

— Deixei uma parteira com ela. Mas de quem ela precisa é de ti.

Barry acenou afirmativamente. E, depois:

— Caslander ganhou, Pabla. Não posso obrigar inocentes a deixarem-se matar em luta insensata. Vou retirar, eu...

Mas ela, muito espantada, diante dele exclamava:

— Mas eu disse a Kenneth que tudo tinha acabado. Eu disse-lhe que tudo havia de ser como tu quisesses... ou então não seria nada neste Rancho das Duas Cabeças. Eu estava, de facto, cega, mas agora sei que só tu é que tens razão.

Voltou-se e gritou para o alto:

— Já lhe disse, Caslander. Eu não ficarei.

O estalido de uma espingarda e o cantar de uma bala a surpreenderam. Foi atirada para trás pela bala que a apanhou.

Ele amparou-a quando caía. Pabla olhou-o e tentou sorrir ainda:

— Alonso... Lembras-te deste nome, Barry?

— Lembro. Pediu a meu pai empréstimos sobre o seu rancho. Mais do que ele valia. Nunca pagou e foi apanhado a roubar gados.

E ela:

— Pabla Alonso... Sonhava ter um grande rancho. Não teria sido um casamento por amor, como o teu e o de Isabel... Mas seria bem tempestuoso... Barry...

Depois caiu-lhe nos braços, lívida e, pouco depois, estava morta. Amparando o corpo, ele sentiu que a irritação voltava. Era uma irritação concentrada agora.

Olhou a colina e viu os homens armados que fugiam. Olhou depois para os seus homens e eles responderam saltando para as selas e atirando-se atrás dos outros.

Barry saltou para o cavalo de Pabla. Avançou com uma ideia fixa. Procurava um homem entre todos. Tinham sido pagos por Pabla e fugiam com Caslander porque este não tinha coragem para morrer.

Barry via a perseguição. Por momentos receou que Caslander escapasse. Atirou-se sobre ele, que estava, de pistola em punho, fazendo fogo. Barry sentiu uma bala no ombro.

Avançou ainda e disparou sobre a cabeça do cavalo de Pabla.

Caslander cambaleou para trás; depois atirou o corpo para a frente e, por fim, caiu por terra.

Friamente, Barry fez o cavalo passar sobre o corpo e dirigiu-se para casa, onde Isabel o esperava.

Parecia-lhe que o velho Don Ibarra lhe sorria satisfeito. Finalmente Don Ibarra tinha o que sempre quisera. Barry Christian Santiago Del Santos regressava a casa.

FIM

CIRURGIA NAVAL...

Os navios também podem ser sujeitos a operações cirurgicas de natureza especial... E' o caso de 2 «gémeos» de 2750 toneladas—o «Grindefjell» e o «Rutemfjell» — que deram entrada no estaleiro, a fim de serem cortados ao meio!

Aqueles navios, com 83 metros de comprido, passarão a ter 100 metros, após uma enxertia.

Numismática

Primeiros passos em Numismática (2.º)

(Continuação do dia 3-1-60)

GRAU DE APARÊNCIA (ou estado de conservação) DAS MOEDAS

I

Para cada moeda, o *valor numismático* (ou seja: o valor *não* incluindo o metal a peso) depende do *estado de conservação* ou — mais correctamente — do *grau de aparência* dessa mesma moeda.

Não convém dizer «estado de conservação» porque as moedas *cunhadas a martelo* e as moedas *fundidas* já nasceram (algumas) com *aparência* má. Estas moedas *(cunhadas a martelo* ou *fundidas)*, por mais bem conservadas que estejam, nunca poderão ter melhor aparência do que no dia em que foram *fabricadas.*

II

Muitos coleccionadores costumam admitir *onze* «graus de aparência» das moedas, a saber

1.º — Destruída (D).
2.º — Quase destruída (QD).
3.º — Muito má (MM).
4.º — Má (M).
5.º — Regular (R).
6.º — Boa (B).
7.º — Muito boa (MB).
8.º — Bela (BE).
9.º — Soberba (S).
10.º — A flor do cunho (FC).
11.º — Nova (N).

III

Critério adoptado na F. N. A. T. para classificar moedas de «metais pobres».

MOEDA «DESTRUÍDA» (D)

Para classificar qualquer moeda é necessário conhecer-lhe, pelo menos, os seguintes *elementos fundamentais* (quando constem do catálogo):

1.º — *As legendas essenciais de carácter histórico e geográfico* (por exemplo: D. Luís I — Republica Portuguesa — Angola — Moçambique, etc.);

2.º — *A data;*

3.º — *A quantia* (ou valor facial).

Se algum destes três elementos fundamentais não for reconhecível (embora com partes ilegíveis) nem puder ser reconstituído, a moeda considera-se «Destruida (D) e nestas condições só muito excepcionalmente poderá ser coleccionável.

VALOR NUMISMATICO — O valor numismático da moeda DESTRUIDA (D) varia entre zero e 10 % do valor do respectivo metal a peso.

MOEDAS DO ESTADO NOVO

Série Alpaca
(Busto da Republica)
1 ESCUDO — ALPACA

(Busto da Republica)

Nesta série foram cunhadas duas «quantias»: «1 ESCUDO» e «50 CENTAVOS».

Decreto n.º 13.787, de 21-7-1927

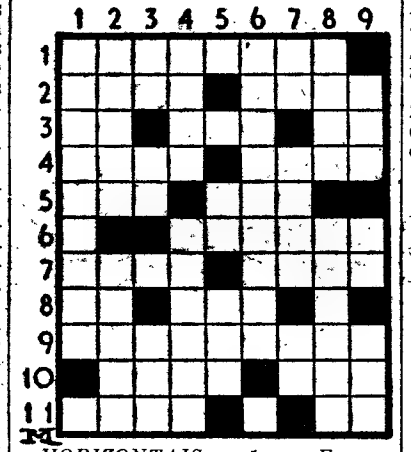
LIGA METALICA — 610 Cu + 200 Zn + 190 Ni.
EIXO VERTICAL.
COM SERRILHA.
PESO — 8 gramas.
DIAMETRO — 27 milímetros.
DEZASSEIS DATAS:

1927	1931	1944	1952
1928	1935	1945	1957
1929	1939	1946	1958
1930	1940	1951	1959

A mais rara é a de 1935.
Também relativamente raras: 1927, 1930, 1931 e 1944.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1842
(COM PROVERBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Escurecer. 2 — Maior quantidade. Rezem. 3 — Prefixo de dùplicação. Rio da França, afluente do Ródano. Nota de musica. 4 — Aplicar. Espadim. 5 — Cérceo. Senhor (inglês). 6 — Cuidar. 7 — Grande afeição. Criança recém-nascida. 8 — Avista. E o resto. 9 — Que causa enfraquecimento. 10 — Cidade da Russia. Moeda nacional do Japão. 11 — Símbolo da aviação. Apelido.

VERTICAIS: 1 — Dificultava. 2 — Condição. Excepto. 3 — Nome de letra grega. Artigo (pl) Época. 4 — Gastar. Tiritas. 5 — Senhor (abrv.). Sinal ortográfico. 6 — Familiaridade. 7 — Atmosfera. Habilidade. Símbolo químico do níquel. 8 — Resgatei. Arganéus. 9 — Pronome pessoal. Arguida. Eia!

Resolveu completamente este problema?

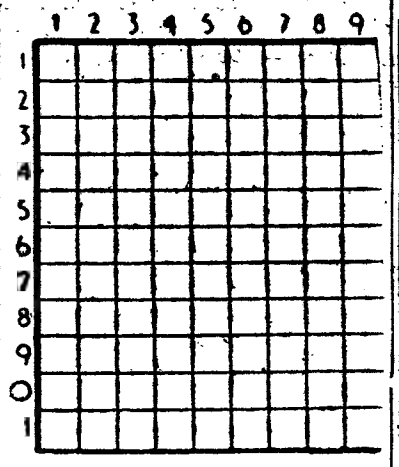
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1841

HORIZONTAIS: 1 — Apraz. Sic. 2 — QUEM. Sene. 3 — Unia. Arad. 4 — Ien. MUITO. 5 — Oveo. 6 — Tu. Pressa. 7 — An. Aru. 8 — SE. Servos. 9 — Os. Ore. 10 — Espevitai. 11 — Moam. RALA.

VERTICAIS: 1 — Aquietassem. 2 — Pune. Une. Só. 3 — Reina Opa. 4 Ama. Passem. 5 — MORRE. 6 — Sauveur. Ir. 7 — Séries. Vota. 8—Inatos. Oral. 9—CEDO. Anseia. (Provérbio: QUEM MUITO SE RALA MORRE CEDO).

Problema n.º 3890
NOVA MODALIDADE



HORIZONTAIS: 1 — Freguesia do concelho de Coimbra. 2 — Em a. Grande sala. 3 — Interjeição. 4 — Preposição. Porto interior. 5 — Pesas para abater a tara. Víscera. 6 — Figura. Pronome possessivo. Em partes iguais. 7 — Seguiam. Termino. 8 — Lavram. Amarro. 9 — Frequentavas. 10 — Freguesia do concelho de Lamego. Deus dos pastores. Acasalaremos.

VERTICAIS: 1 — Divisão do tempo. Freguesia do concelho de Valença. 2 — Freguesia do concelho de Monção. Suspender. Nota musical. 3 — Mágoa. Título de uma das obras de Eça de Queiroz. 4 — Artigo definido. Chefe etíope. Caixa forrada para roupas. 5 — Executa. Transpira. Senhor inglês. 6 — Içar. Sufixo pejorativo. 7 — Pôr ao nível. Mesmo. 8 — Rio da Guiné. Demo. Rio de Itália. 9 — Nome de um jogo. Fluido aeriforme.

Solução do problema n.º 3889

HORIZONTAIS: 1 — Lordelo. 2 — Saída. 3 — Na. Pai. Ou. 4 — Agia. Taça. 5 — Luís. Oral. 6 — Aí. As. 7 — Oval. 8 — Ia. Sal. Ar. 9 — Mias. Gula. 10 — Fogos. 11 — Suas Zero.

VERTICAIS: 1 — Anal. Simas. 2 — Água. Ai! 2 — Os. III. Afá. 4 — Rapas. Ossos. 5 — Dia. Eva. 6 — Édito. Algoz. 7 — Lá. Aral. Use. 8 — Ocas. Al. 9 — Qual. Arado.

CAFÉ CORUJA

Restaurante típico
Coruche — Telefone 114

Pratos regionais
Caldeirada á Sorraia
Ensopado de Enguias
Lampreia com arroz á moda da casa
Filetes á Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril á Coruja
Bifes de Vaca na Caçola
Cabrito á Moda da Casa

Todos os domingos, ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

DINHEIRO A 6%

Emprestamos sobre automóveis, no espaço de uma hora, pelo prazo de 3 a 18 meses, c/ amortizações facultativas. Máximo sigilo. Condições unicas.

Fazemos também empréstimos sobre Prédios, Moradias, Quintas e Terrenos, em Lisboa e Arredores, no espaço de 24 horas, ao juro de Lei e nas melhores condições.

Empresa Predial Nortenha
Lisboa — Praça da Alegria, 58-2.º, Sala C — Tels. 366812 - 366731

POLICLÍNICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.º
Telefone 66 99 84

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos.
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos.
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.
Dr. Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X.
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas.

HIPOTECAS

QUALQUER MARCA
QUALQUER SÉRIE
QUALQUER IMPORTANCIA
QUALQUER TEMPO

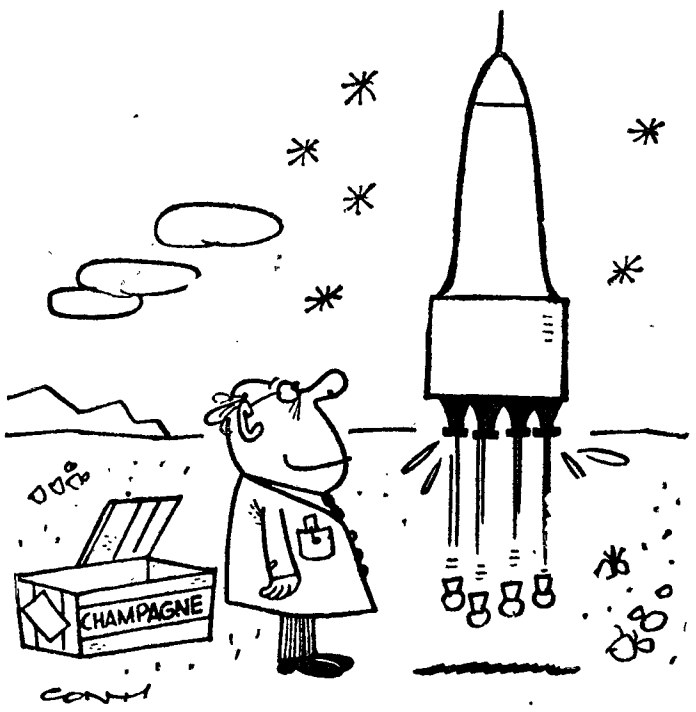
Sobre automóveis

RUICAR

RUA SANTA MARTA, 27-G, 1.º
Telefone: 53884

O RISO DA SEMANA

A ciência avança



A ultima novidade em foguetões

A MODA DAS SAIAS

Nesta coisa da moda do comprimento das saias curtas que sejam tão compridas que não pareçam curtas ou que sendo pouco curtas pareçam muito compridas, ainda os grandes costureiros não chegaram a um acordo mas uma coisa é o comprimento das saias e outra é ter vergonha. Onde termina esta começa o comprimento das outras.

OS RECEIOS DA SENHORA...

WASHINGTON — Uma senhora de Siracusa enviou uma carta ao senador Feating dizendo: «Não aprovo que se enviem os nossos homens para o espaço. Pode muito bem acontecer que fiquem por lá, e nós acabaremos pos ter cá em baixo mais solteironas do que nunca». — (De «Republica»).

Aquela boa senhora,
Com medo a ficar solteira,
Quer uma lei repressora
P'ra que não se vão embora
Os rapazes que ela queira.

Em qualquer parte do Mundo
E até mesmo em Siracusa
Se houver um ente jocundo
Que mereça amor profundo
Ninguém á certa o recusa.

Quer uma lei que os aguente
P'ra lhes dar os seus disvelos
Já que se acha incompetente,
Sem graça suficiente
P'ra junto dela prendê-los.

Ninguém pretende emigrar,
Ninguém pretende ir p'ra a Lua
Se porventura encontrar
O encanto dum doce olhar
Num canto da sua rua.

E, quando alguém recear
Que este Mundo fique um ermo
Sem rapazes p'ra casar,
Só pode ser por se achar
A si própria um estafermo!...

A. F.

Cuidado com o cão

SEM LEGENDA

Cena polar

Dois pinguins encontram-se sobre a neve, num radioso dia de Sol.

— Que lindo dia, disse um.

— E verdade, disse o outro, mas faz um bocado de calor.

Responda quem souber

Qual é o rio de Portugal que se tivesse menos uma letra já tinha sido imperatriz da Pérsia?

Contra vida cabeça

Dois bêbados. Uma estrada interminável! Dia ardente de Sol. Ao longe, muito ao longe, uma aldeia perdida numa prega da montanha. Os automóveis passam, levantando poeira, em grandes velocidades. E o Sol cada vez dardeja mais ardente. A certa altura um dos bêbados, deitando fora a ultima garrafa que acabara de esgotar, pergunta para o outro:

— Quantos quilómetros faltam ainda para chegar á aldeia?
— Uns oito, mais ou menos.
— Oh! co'os diabos, enganei-me na conta...
— Então quantas garrafas gastas tu aos cem quilómetros?

A AVENIDA

AGORA que a Avenida estava acabada, depois das obras do metropolitano, parece que acharam a obra incompleta e querem realmente acabar definitivamente com ela, com a obra, claro, não com a Avenida. Tinham-lhe deitado uma asa abaixo e arrependeram-se: vão pôr-lhe outra vez a asa em cima. Sempre é subir!... Quatro anos andou aquilo em revolução; pedras a baixo, pedras acima; valas abertas, valas fechadas, e o alfacinha a espreitar pelos buracos do tapume para ver a obra, porque o lisboeta tem o gosto, tem a paixão, da obra. Quando não há obra, o cidadão olisiponense não se sente bem, parece que tem lá dentro qualquer coisa que o assaralhopa, que o perturba, que o empanturra, e é para lhe ser agradável que todos os dias se abrem valas, buracos, regos, fossas, crateras, nas nossas ruas. E' obra! E há até o cuidado de nunca se fazerem simultaneamente obras de urbanização, obras do gás, obras da eleéctricidade, obras dos telefones, obras das águas, obras dos esgotos, para nunca se esgotarem as obras.

Cada coisa por sua vez!

Arrasar mas de vagar, que já era o lema do senhor D. Sebastião que Deus haja.

Logo que se acaba uma obra, começa-se logo a outra, porque já dissemos e repetimos, o lisboeta gosta de ver obrar. Para ele a obra é um sinal de vida.

Já estamos a pensar no que ele há-de gozar com a obra da Ponte sobre o Tejo, que, se calhar, ainda vai ser uma grande obra.

Arrasou-se tudo para enterrar o metropolitano, deitaram-se abaixo as árvores que davam tão boas sombras, deu-se cabo dos passeios e dos alegretes antigos, para dar lugar a novos alegretes aos altos e baixos e, agora, que estava tudo pronto, vamos voltar ao princípio, levantar as calçadas, aplanar as ruas que se tinham enchido de muros e degráus, plantar outras árvores, restaurar o velho perfil daquela bela artéria. E enquanto houver pedra sobre pedra a revolução continua.

Mas tem de ser assim.

Abençoado seja o meu homónimo Borges!

E' preciso que ressurja a velha avenida e é preciso que haja obras, senão morre-se de aborrecimento e já não há de que dizer mal.

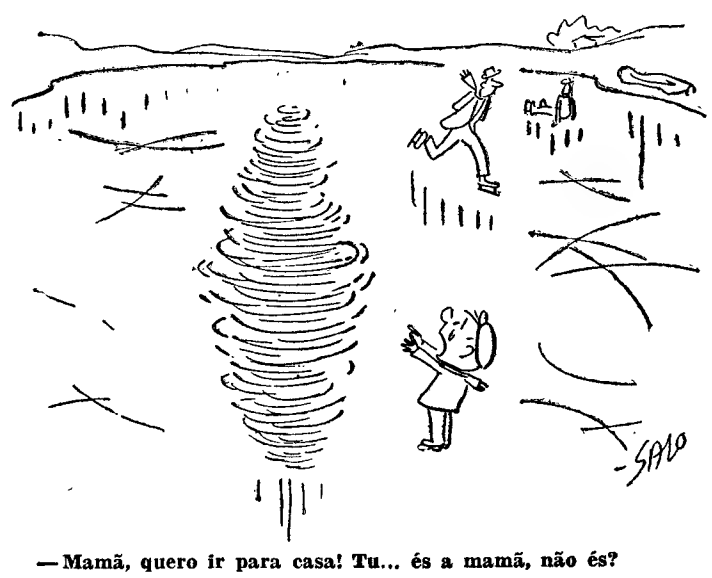
E quando a obra um dia estiver definitivamente pronta e restaurado o traçado antigo, iremos todos «fazer avenida», como antigamente, com as remanticas meninas de outrora já transformadas em meninas antigas, exibindo as mesmas olheiras e os mesmos suspiros, porque nós somos partidários duma integral restauração da Avenida da Liberdade em toda a sua impuresa, com todas as suas imperfeições dos outros tempos.

E, para não perder o velho sestro das obras, talvez então seja altura de se ir pensando em que é preciso fazer obras na Avenida.

Mãos á obra...

ALFREDO FRANÇA

NA PATINAGEM



— Mamã, quero ir para casa! Tu... és a mamã, não és?

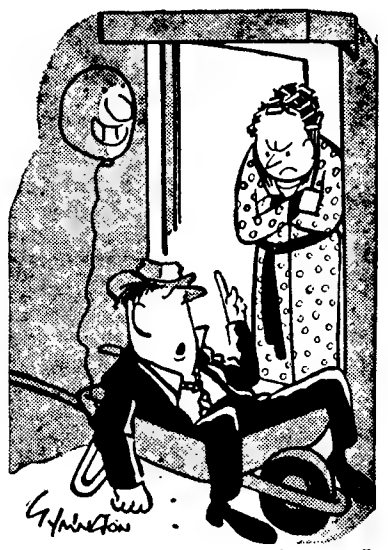
A primitiva tragédia

Quando o primeiro homem comeu a maçã que o havia de condenar a perder o Paraíso, não sabia o que estava fazendo. A mulher, essa, sim, é que fez aquilo tudo, combinada com a serpente. A própria serpente estava inocente. Julgava que aquilo era só uma questão de fruta.

Uma revista má

Aquela revista era tão má, tão má, tão má e foi tão pateada que quando representavam a segunda ainda o publico estava pateando a primeira que era tão má, tão má, tão m!...

A franqueza...



— Já sei o que vais dizer — não nego que estou com um copinho a mais...

A verdade dos provérbios

Ninguém diga desta água não beberei porque ás vezes pode ter necessidade de beber vinho.

Com papas e bolos se enganam os tolos... e os gulosos.

O que não mata engorda o médico e o farmaceutico.

Quem dá o pão dá a criação, diz o ditado, mas não é verdade. A criação vende-se e anda bem cara.

Amor com amor se paga mas ás vezes não é assim.

Longe da vista, longe do coração. Pudera. Não se ama de cór.

O amor deve ser cego. E' o que vale aos estafermos.

As paredes têm ouvidos mas só quando os homens têm bocas.

As grandes descobertas

O homem está muito vaidoso com as suas descobertas, uma das quais é o fósforo que tem uma cabeça que se percute contra uma lixa e dá fogo. Pois os homens do princípio do Mundo inventaram melhor: os fósforos sem cabeça; dois pausinhos que se esfregavam um no outro e acendiam o lume.

MIOPIA

— Não, não, querido conde, o cabide é deste lado ..

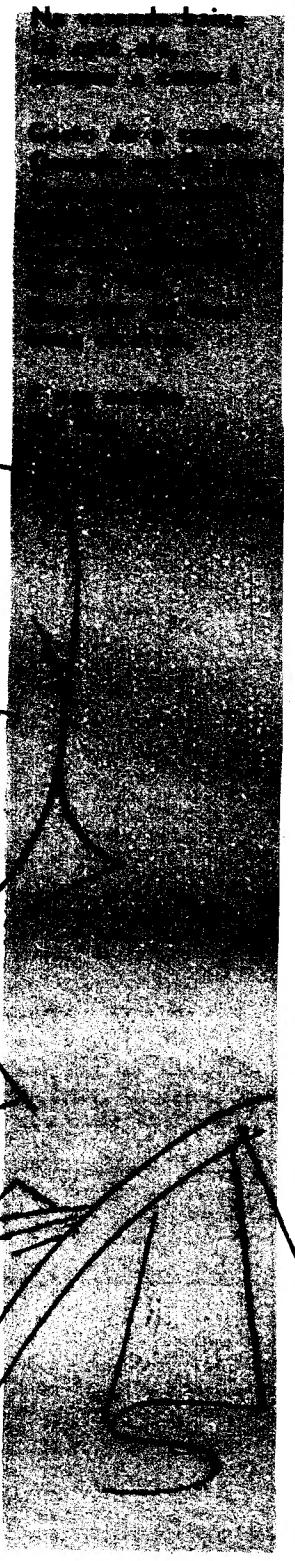
J U V E N I L

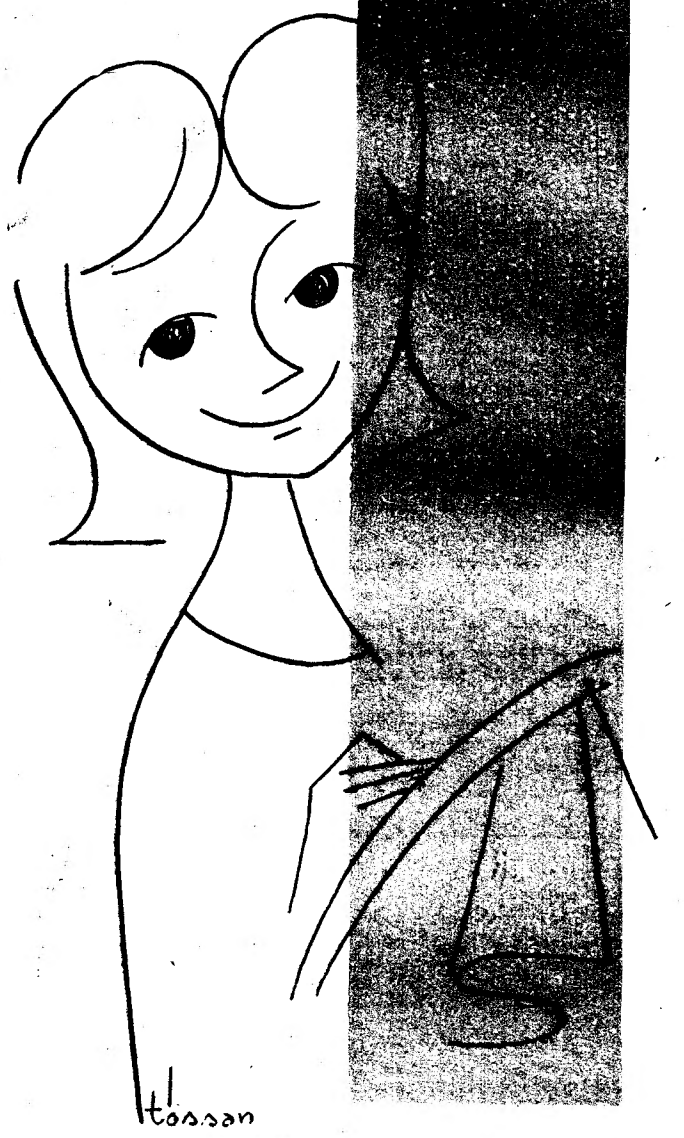
A MENINA FEIA

por **Maria Torres Romano Ventura** (16 anos)

É lindo
Aquele sorriso
Da menina feia
Com um dente podre
E na face
Uma cicatriz!
Aquele sorriso
Aquece-nos
A alma:
É um sorriso feliz.

A Menina é feia.
Tem as pernas tortas
Não pode correr.
Sentada





Sorriso lindo
Que nos faz sonhar...
Aquela menina
Tão doente e feia
Faz-nos pensar:

Menina bonita
Que passas por mim,
Teu sorriso é feio,
Duro, infeliz.
Não terás tu, na alma,
Chagada e doente,
Uma cicatriz?

(Amigo n.º 775)

CONVERSA DA SEMANA

Crítica da colaboração

Como prometemos, vamos fazer uma pequena crítica á colaboração que, ultimamente, nos tem sido enviada pelos Amigos:

1 — MÁ MEMÓRIA — ADEUS — PROBLEMA POLICIAL, *por José Eduardo Ferreira Ronco (17 anos), Amigo n.º 1808.*

Não publicaremos o teu primeiro trabalho, mas já o mesmo não sucederá com os restantes. «Má memória» tem alguns pedaços bem feitos (no início) que talvez nos denunciem que, com trabalho (não se escreve de um jacto, com palavras repetidas e expressões menos felizes) poderás fazer contos com interesse. Estudaste pouco aquele assunto; o diálogo dos pobres é

(Continua na ultima página)

GIGANTES DE PORTUGAL

O GRANDE autor de «As Farpas», «Holanda», «John Bull», etc., foi um excelente crítico da vida portuguesa do seu tempo, sobretudo nos primeiros volumes da obra acima mencionada em primeiro lugar. Não lhe escapava, tal como ao seu companheiro inicial de «As Farpas» (Eça de Queirós) os ridículos, atrasos e defeitos da vida nacional — costumes, ensino, instituições, literatura. Mas foi, além disso, um belo prosador e um enternecido amante das riquezas artísticas do nosso País.

As respostas devem estar na Redacção até sexta-feira, dia 29, acompanhadas do nome completo, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso já o possuam) e menção dos três artigos que mais apreciaram neste numero do «Juvenil».

Além dos prémios habituais, haverá um, especial, para o melhor trabalho sobre o grande escritor que hoje homenageamos.

PARIS VISTO E SENTIDO

por **Maria Fernanda de Brito e Silva** (18 anos)

Da névoa pesada do amanhecer surgiu, de repente, a massa escura duma cidade. Seria Paris? interroguei-me. Os preparativos que toda a gente fazia, davam-me a entender que sim.

Eis Paris- E dentro de mim uma voz cantava: Paris, Paris...

Chuva miudinha. «Bicha» ordenada para apanhar os txis. Um deles, leva-me através de ruas brilhantes da chuva para o próprio coração da cidade. Eis-me chegada!

Depois da instalação numa casa para estudantes estrangeiros, ensaio os meus primeiros passos na capital do espírito. De carta da cidade na mão, atenta ao nome das ruas, chego até uma pequena praça cuja frente é ocupada por um pesado edifício de pedra cinzenta, escura, a atestar os muitos anos que sobre ela passaram — a Sorbonne.

Muitos jovens dirigem-se a esta hora para lá. Começou um curso de férias e são muitos, imensos, os interessados.

Depois de uma inscrição fácil, oiço a frase mágica que, qual «abre-te sézamo» me abre as portas da vetusta Universidade da capital da França: «si vous voulez,mademoiselle, vous pouvez aller aujourd'hui même». E vou.

Uma sala enorme, rostos brancos, morenos, amarelos, escuros. Todas as partes do Mundo aí estão representadas. Um professor de aspecto severo mas simpático, dá-nos as

(Continua na página seguinte)

O que pensam os jovens do nosso país

COMENTÁRIO AO ARTIGO DE ANTÓNIO NUNES DE ALMEIDA

por EDUARDO DO PRADO COELHO (15 anos)

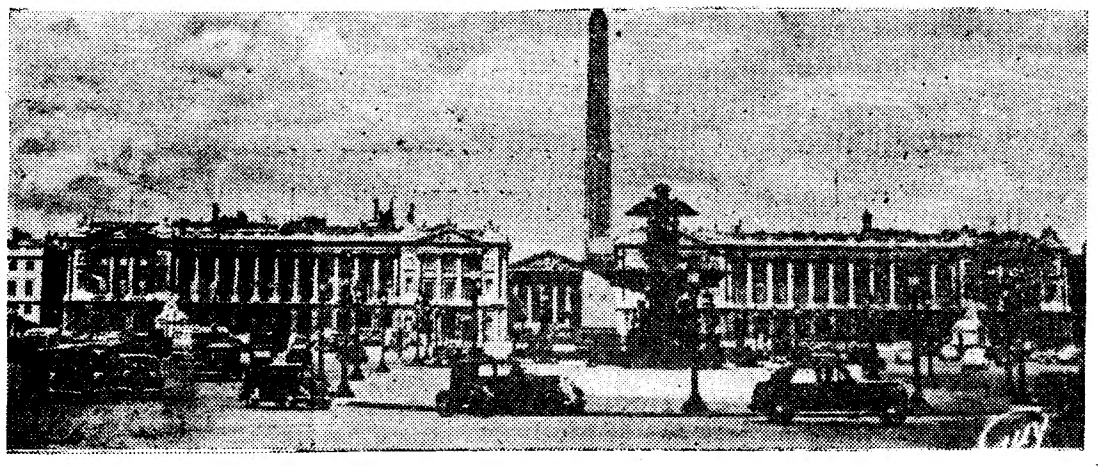
O teu artigo lembrou-me uma conversa que em tempos tive com dois colegas, quando projectávamos escrever em conjunto uma peça revolucionária. Tínhamos três ou quatro assuntos para desfiar, todos com crimes, terríveis zangas, complicados problemas íntimos (de folhetim), e lances inesperados, espectaculares e dramáticos. Então um de nós disse: «Porque será que não somos capazes de escrever coisas humorísticas?»

Não se voltou a falar nisso. No entanto, a pergunta continuou a ecoar em mim pelo tempo fora. Porque será que não somos capazes de escrever coisas alegres?

Más aconteceu-me também que, se alguma vez, em qualquer frustada tentativa literária, desejava desviar-me para o lado das coisas alegres e «juvenilmente» despreocupadas, sentia-me traído, falseado, em oposição ao que tu dizes: «a prosa deve ser também sentida». Se eu estava acabrunhado e infeliz, escrevia coisas tristes. E, se estava contente, que ironia!, não tinha vontade de escrever.

Há no teu artigo uma afirmação ousada e discutível. Só aos dezasseis anos é que se começará a ter problemas, enigmas de chaves pressentidas, períodos de intensa melancolia, quedas «nas redes da puberdade problemática?» Acredito sinceramente que na tua turma do 5.º ano tenha havido uma maioria de rapazes

(Continua na página seguinte)



Diário de Lisboa

Toda a correspondência deve ser dirigida a «Diário de Lisboa» — «Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44

OS CAVALEIROS DA TAVOLA REDONDA

PRENDAM ESSE MISERAVEL

AS portas de Chamalote surgiu, já manhã feita, aquela imagem de cólera e desespero. Ainda ao longe, o primeiro sinal que se avistou foi a capa em farrapos, adejando ao vento como um morcego ferido; depois, rápido, rápido, veio avultando todo o resto: o cavalo a transpirar a morte por borbulhões de espuma, o cavaleiro com a armadura amolgada e a cara descomposta por desvairamento e sangue. Passou pelos atónitos camponeses e artífices, tal qual o virolão despedido pelo braço forte de um besteiro; estacou de subito, á porta das muralhas e enquanto o cavalo se empinava, irrequieto, não disse á sentinela nem quem era nem quem deixava de ser: esquecendo todas as leis, bradou apenas:

— Quero passar!

Bem lhe perguntou o soldado o seu nome; mas em resposta, só recebeu o mesmo grito:

— Quero passar!

Ele «queria passar». A sentinela, receosa, bem percebeu que força alguma do Mundo impediria aquele homem de passar. Donde vinha, assim tão ferido e mais parecendo um louco? Quem procurava? Que desejava? Estas perguntas iam e vinham na cabeça da pobre sentinela, mas faltava-lhe coragem para as dizer. De mais, naquele dia e justamente áquela hora, rei Artur recebia, na sala do trono, os seus vassalos da nobreza para tratar daquele triste casodo cavaleiro Lançarote que o soberano de um dia para o outro passara a odiar como o seu pior inimigo. Dizia-se entre a gente do povo, que tanto amava o perseguido, que el-rei iria pôr a sua cabeça a prémio. Seria possível tão feia acção? A sentinela sente que, de subito, uma faisca o atravessa. Debruça-se nas ameias e serve com o olhar o estranho cavaleiro que só dizia «quero entrar!». Santo Deus! O senhor Lançarote! Como o não tinha logo reconhecido mesmo assim pobrezinho e sem amparo!... A boa sentinela sentiu os olhos rasos de água, olhou para a esquerda e para a direita, não fosse alguém estar a vigiá-lo, e seguro de que não, levou as mãos á boca como se fossem um funil e murmurou:

— Ah, querido senhor Lançarote, que vos vindes entregar nas mãos de vossos inimigos! Porque o fareis assim? Eu posso esconder-vos, senhor.

O cavaleiro olhou-o, indiferente, e tornou a gritar a unica frase que sabia:

— Quero passar!

Então a sentinela foi-se á roldana da ponte levadiça e desenrolou-a lentamente.

Ainda não estava de todo baixada, já os cascos do cavalo matraqueavam a ponte. A sentinela voltou-se para o lado de dentro do adarve e ficou como uma estátua a ver, pela ultima vez (um pressentimento lho dizia), o grande cavaleiro. Este, entretanto, tinha chegado á escadaria-mor do castelo, desmontara num voo e, sem um instante de pausa, subira a correr os degraus.

Custavam a subir. Doía-lhe o corpo como se a morte já dele se estivesse a apoderar. Tinha, porém, lá no fundo do seu animo, uma força invencível que o fustigava. Tão bem que conhecia aquela porta, lá em cima. Vezes sem conta por ela entrara, nos dias de festa em que o soberano recebia os seus vassalos. De cor sabia onde ficava o trono e as janelas e os enfeites nas traves de carvalho do tecto. Seria ali a sua sepultura?

Afinal num segundo, ali estava. Os dois guerreiros que vigiavam a porta cruzaram as longas lanças a impedir-lhe a entrada, mas o cavaleiro com um safanão atirou-os cada um para seu lado.

Ouviu-se em toda a sala um grito de espanto. Artur, ergueu-se. Os homens da sua corte ergueram-se também. Alguns desnudaram as espadas. E veio um manto de silêncio em que damas e homens de armas fitavam, hipnotizados, aquele vulto semi-louco, semi-humano. Por fim, Artur disse:

— Quem és tu, que te atreves a forçar a porta do meu castelo? Se sofreste uma injuria, poderei ouvir-te e ajudar-te. Mas a tua primeira obrigação é prestar-me homenagem e revelar o teu nome.

Sem despegar a vista do soberano, o cavaleiro foi descalçando o guante de ferro. Mas não respondia uma palavra, nem os seus lábios faziam menção disso. O silêncio apoderou-se de novo da sala e um arrepio de susto passou por muitos dos que assistiam.

— E's meu vassalo? — tornou Artur — E's meu amigo? Ou és meu inimigo? Não respondes?

Seguiu-se uma pequena pausa; o cavaleiro correu a vista por todos os circunstantes, um por um, lentamente e metiam medo, os seus olhos; sorriu com uma expressão de desprezo; depois, voltando-se para o monarca, exclamou com voz vaporosa e gelada:

— Tem pouca memória, rei Artur! Perguntas-me se sou teu vassalo... Não sabes, acaso, quantos vassalos tens? Perguntas-me se sou teu amigo ou inimigo... Não achas que essa pergunta deves fazê-la a ti próprio? Consulta o seu coração, as tuas mãos, a tua boca, os teus olhos; são eles que fazem ou desfazem os amigos.

Encostou-se com o punho á longa espada e deixou-se estar com os olhos desdenhosos no monarca. Cada palavra que o cavaleiro proferia era um estremecimento que perpassava pelo corpo do monarca; os olhos começavam a descompor-se-lhe; puxou pela espada e foi a custo que venceu a barreira de cólera que lhe embargava a voz:

— Prendam esse miserável!

Acendeu-se um borborinho ao redor da sala. Os expeditos deram os primeiros passos, mas todos ficaram presos ao solo quando o enorme braço do desconhecido se ergueu, de tal maneira o gesto era imperioso.

— Não prendes! — disse com a mesma voz gelada onde já começava a crepitar um fogozinho de indignação — Não prendes, rei Artur. Quando te habituaste a prender quem não conheces? Aonde é que fere a tua justiça, se não sabes a quem a diriges?

Num relampago levantou a mão e atirou o guante aos pés do monarca.

— Aí tens, rei Artur. A justiça, comigo, só tu a podes fazer. Foste tu quem traiu Lançarote do Lago, o teu melhor amigo. E esse Lançarote está aqui na tua frente, salvo dos cães que lhe açulaste.

— Lançarote! — gritaram dezenas de bocas.

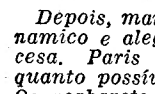
— Lançarote!—bradou o monarca. Mas a sua voz logo ficou sepultada pelo ruidoso alvoroço que ecoou por toda a sala.

M A

Foi preciso XIX para que plorações do da escuridão - didades marit lhas surgiram dinários anim plantas, toda cida e, contu pela novidad pturados, os hoje, qual a vivem, os se como se alim etc.

Vamos prin das grandes é que um pes fundidade a primeiramente coloridos e br águas superfi e descolorido espécies das sais. Os prim pre, o ventre çado — a sa segundos vive niacal das g são sombrios por vezes, c ou purpureas.

Mas nas águ contram-se ar



Quando D. castelo de Fa te lenda:

Parte das fo castelo de Far largo actualm Francico. Est mandadas po robusto e for Este oficial p são a formos governador n enamorado. A e o aspecto g cial não pass moura, e esta tava em rela valente oficia

O que pensam os jovens do nosso País

(Continuação da 1.ª página)

alegres e livres de quaisquer duvidas acerca do que se os rodeava. Ou, pelo menos, que o aparentassem. Mas achas que algum desses já teria pensado em escrever fosse o que fosse? Eram vivos, modernos e dinamicos, gostavam de «records» desportivos, marcas de automóveis, espingardas e aviões, endeusavam a Ciência, mas nunca tinham pegado num bom romance ou nuns livros de versos (excepção: «Os Lusíadas»). Nunca se tinham interrogado sobre a existência de Deus.

Aos quatorze anos, todavia, já se faz introspecção. E as exteriorizações de que falas são muitas vezes plumagens barulhentas que ocultam e mascaram violentamente a desordem que vai em cada ser. «Consciente ou inconscientemente, tentava com as brincadeiras encher o vazio». Quem disse isto foi Anne Frank. Quer-me parecer que grande parte dos colaboradores do «Juvenil» são aquelas raras excepções a que tu te referes. Ou, poderá ser?, não passam de autores insinceros que incham (e não «enchem») as suas páginas de artifícios meramente intelectuais, para imitarem os adultos.

Podes crer que aos quatorze anos há muita coisa que se não percebe e que se quer perceber, há um mundo emaranhado que se precisa de simplificar, há o primeiro choque entre pais e filhos que se não compreendem. Não queiras fazer parte daquele género de pessoas que nos supõem descansados e felizes, gozando maliciosamente a parte ensolarada da Vida e que julgam serem só os furunculos do braço esquerdo e o espelho da sala partido as unicas preocupações que se podem ter. Não. Aos quatorze anos, começamos a pensar. E começamos a verificar que «mal estão a germinar em nós ideal, sonhos, belas esperanças, logo a realidade cruel se apodera de tudo isto para o destruir totalmente. Foi Anne Frank quem o disse. Não são as «águas passadas» que nos perturbam, mas as que passam, sejam cristalinas ou turvas, porque ainda as não sabemos desfrutar. O que não impede que oficialmente apaentemos uma confiança e certeza absotas, um ar superior para todas as coiss. Os pequenos artigos de jornal; ou os que ficaram rasgados no cesto de papéis, são os refugios humildes e hábilmente disfarçados desse estado de espírito. «Tenho medo de que todos os que me conhecem, tal como costumo ser, possam descobrir o meu outro lado, o mais belo, o melhor. Tenho medo de que trocem de mim, me achem ridícula e sentimental e não me tomem a sério». Quem disse isto foi Ann Frank.

Ainda por cima, achamo-nos sós e queixamo-nos das amizades futeis obtidas com as nossas exteriorizações. «No fundo, a juventude é mais solitária que a velhice» (1). E' verdade. E' tudo isto verdade, podes crer, mesmo muito antes dos dezasseis anos. Queres uma prova? Lê o «Juvenil». Vê os artigos mais votados. E seria razoável que, para justificarmos a idade, escrevêssemos muitas vezes o que não sentimos? Era fazer como um certo sujeito que conheci que queria erros de ortografia nos nossos trabalhos para sermos naturais.

Que os artigos do «Juvenil» sejam verdadeiros testemunhos dos seus autores. Que quem está alegre, se mostre alegre. Mas não tenha a alegria brutal e odiosa dos que a sorvem esfaimados e insaciáveis. Que quem está triste, se mostre triste, sem que tu venhas dizer que não concordas. Mas que em nós todos haja um gesto invencível de esperança. Que se grite nos olhares e nas vozes, nas linhas cinzentas de um jornal, aos rostos baços do autocarro, aos passos mecanicos do senhor mumificado, que procuram a felicidade nos espelhos côncavos de feira, a incondicional alegria de viver, não pelo prazer imediato e boçal, mas pelo que há de eterno em cada dia, porque «alguma coisa de belo resta sempre: a Natureza, o Sol, a Liberdade e um pouco de nós próprios» (2).

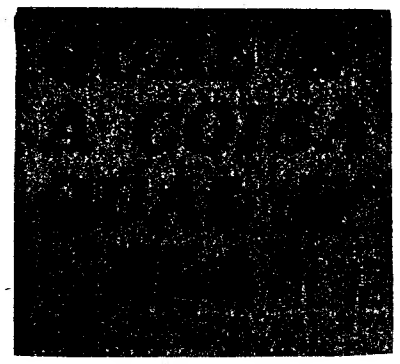
AMIGO N.º 1666

(1) Frase transcrita por Anne Frank de um livro que não indica.

(2) Quem escreveu isto foi também Anne Frank.

*

Na próxima, publicaremos mais dois depoimentos sobre o mesmo assunto e indicaremos os prémios que couberem a esses amigos.



Vamos dar, hoje, lugar ás senhoras. E quem sabe, se assim será mais fácil, pelo menos para as leitoras?

Uma dama no seu prado
Com seu vestido bordado
Nem talhado, nem alinhavado;
Quem a vê fica assustado...

Esta é que todos vão adivinhar; nem temos mesmo duvidas nenhumas. É uma engraçada adivinha, de resto como todas as que vimos publicando, do interessante livro Fernando Pires de Lima «Qual é a coisa, qual é ela?»

As respostas devem estar na nossa redacção, Rua Luz Soriano, 44-48, até o dia 29, acompanhadas do nome completo do concorrente, idade, morada, e bem assim dos três artigos que mais apreciaram neste numero.

COMO EU VI E ENTENDI PA

(Continuação da pág. anterior)

boas-vindas na língua que é agora a de nós todos.

Começou o trabalho!

No curso de Civilização e História Francesas, que engloba uma série de conferências do máximo interesse, a França está também representada por um grupo, embora não grande, de Franceses.

Amáveis, simples, os estudantes franceses querem fazer-nos acreditar que estamos em nossa casa, oferecem os seus préstimos como sicerones e como amigos.

A nossa primeira impressão é de que nos vamos entender todos bem, que o povo francês nos aceitará como irmãos.

Até certo ponto, assim é. Nas aulas, nos passeios, são maravilhosos. Mas, quando chegamos á altura de penetrar em suas casas, tornam-se reservados, esquivos.

«Voulez-vous dîner avec moi? Je connais un restaurant merveilleux»! Nunca o convite é feito para sua casa. Porquê? perguntava-me frequentemente.

Não é logo de princípio que se entra no conhecimento deste povo. Agora, depois de muitos dias de convivência, compreendi, finalmente, a luta que o povo francês tem consigo mesmo, para se mostrar sem reservas, para fugir á influência que através dos anos, desde a guerra que suportou, se vem mantendo sobre eles. Ainda se não recompuseram do abalo sofrido, falta-lhes ainda confiança para convidarem alguém a visitar o seu «appartement» nem sempre bastante espaçoso.

E, sabendo que, nós, a todo o momento, convidamos os amigos para nos visitarem em nossa casa, não podem seguir este hábito, e não nos convidam, portanto, para a sua companhia.

É esse o ponto fraco dos Franceses, no que respeita á hospitalidade. Não compreenderam ainda que, um estrangeiro, fora da sua pátria, não necessita de convites para comer, mas de compreensão, de amizade, da tal fraternidade que vemos escrita em todo o lado.

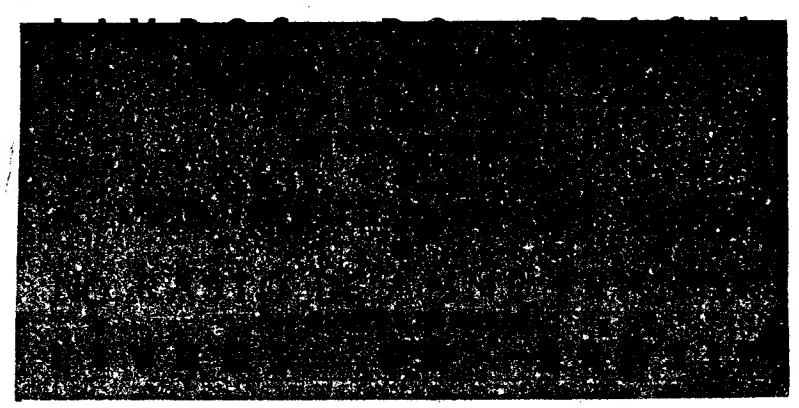
Em Paris, faz-se a vida de relação no «café» ou no jardim. Convidam-se os amigos para um passeio ou para tomar qualquer coisa «dans un café».

A própria vida de família se ressente com o estado do pós-guerra, que os Franceses ainda não conseguiram superar. Os jovens, ao saírem das aulas, comem num restaurante, porque durante todo o dia o pai e a mãe trabalham e a casa fica só. Criadas, são um luxo a que 80 % dos Franceses se não podem dar. E eis, consequentemente, a dispersão familiar acarretada pelas dificuldades de vida.

Paris é para os estrangeiros e os pobres Parisienses suportam um custo de vida que não é feito para eles.

Fora disso, o nível geral de cultura, por exemplo é bastante elevado. Os estudantes têm muitas facilidades e uma liberdade quase absoluta.

Apetece-lhes fazerem dois anos



num? Porque rados? Quer que um curs para isso, pod

Ao seu di museus, expo tar, têm uma mar a Paris

A saída da cam-se impre tempo aprese são esclareci

Depois, ma namico e ale cesa. Paris quanto possív Os «cabarets» são para os E estrangeiros. fama apenas, guntar a este Paris se con maior parte negativa e ve

Claro que t pómeno da so dy boys» ma passam de...

Enfim, naq dias voam, or dado observa dade de sonh vens são igu estudiosos, sé vertirem e r suidores daqu finem a moci

Os dias en pressa. No re ção trazia g ciosidades, se dada a Torre altura, o tum tainebleau e mente contar mais riqueza.

França de les! Ao recor qual se desen som e de luz sailles ne to Terre, mais jours autou creio que tan o Mundo gira

MARAVILHAS DA NATUREZA

por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

O mar impenetrável

Foi preciso chegarmos ao século XIX para que começassem as explorações do mundo do silêncio e da escuridão — as grandes profundidades marítimas. E que maravilhas surgiram daí, os mais extraordinários animais, as mais variadas plantas, toda uma vida desconhecida e, contudo, cheia de entanto pela novidade. Pelos animais capturados, os pescadores sabem, hoje, qual a profundidade em que vivem, os seus hábitos conjugais, como se alimentam, como pescam, etc.

Vamos principiar pelos animais das grandes profundidaddes. Como é que um pescador conhece a profundidade a que vivia? Pois bem, primeiramente, pela cor. Uns são coloridos e brilhantes e vivem nas águas superficiais; outros sombrios e descoloridos, sem brilho e são espécies das profundidades abissais. Os primeiros têm, quase sempre, o ventre branco ou esbranquiçado — a sardinha, a cavala; os segundos vivendo no silêncio monacal das grandes profundidades são sombrios dum negro uniforme, por vezes, com tonalidades roxas ou purpureas.

Mas nas águas de 300 metros, encontram-se animais vermelhos. Como explicar este facto? A luz azul, é a unica a atingir as profundidades; e sendo o vermelho a sua cor complementar, os animais assim coloridos escapam, com mais facilidade, aos olhos ávidos dos inimigos. Os peixes de cor parda, os crustáceos, as anémonas do mar, de um branco puro, e outras espécies descoloridas habitam, sobretudo, o fundo marinho. O que não quer dizer que, em pleno seio das águas, se não encontrem espécies descoloridas e transparentes, através as quais, podemos ver os alimentos nos intestinos.

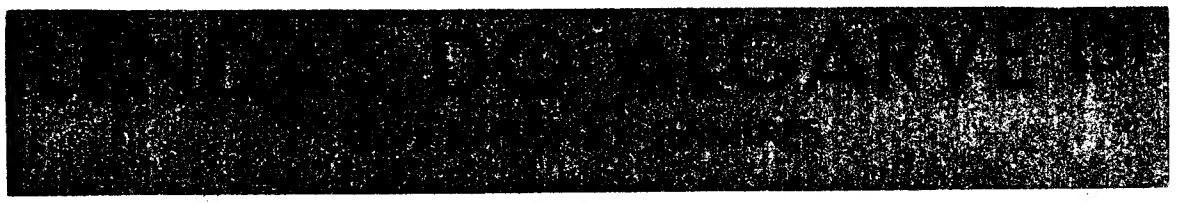
O fundo dos mares, os poucos rochedos que neles afloram, são habitados pelos corais e pelas anémonas. Por toda a parte, a vasa, semi-líquida, onde só sobrevivem aquelas espécies capazes de não se afundar nela. Esses animais, claro está, apetrecharam-se para viver aí: ou deitaram mão de superfícies largas semelhantes aos esquis da neve, ou usam patas compridas, semelhantes ás andas dos garotos que lhe aguentam o corpo no ar ou ainda grampos que fixam, na vasa, o corpo erguido no cimo de uma longa haste. Há, ainda, os animais planos, impossíveis pela sua forma, de enterrar-se no lodo, ou aqueles eriçados de espinhos e longas sedas com a mesma função.

Os animais que vivem em cima de uma longa haste, semelhando plantas de longo caule, são extremamente frágeis e necessitam da tranquilidade da vasa submarina para viver; e nela buscam, sem perigo, o alimento. Nunca poderiam subsistir em águas agitadas da superfície. A sua fragilidade é devida á falta de cálcareo que desaparece, totalmente, cerca dos 3 000 metros. Por isso, as conchas, as carapaças, os esqueletos, peças que têm necessidade de calcareo para se formar, são muito reduzidos e, por vezes, de consistência gelatinosa. São animais que dificilmente se transportam á superfície, pois entram depressa em deterioração.

Mas, perguntarão vocês: sendo assim tão frágeis e desprotegidos, porque resistem ás formidáveis pressões das fossas abissais?

Muito bem, mas aqui está uma pergunta de difícil resposta. Os animais estão, sempre, em perfeito equilibrio com o meio em que vivem, portanto em equilibrio, também, com a pressão ambiente. Não é pela forma que os animais das profundidades se adaptam a uma pressão que atinge uma tonelada por centímetro quadrado, mas pelas suas propriedades físicas e químicas das suas células, os humores, os enzimas (substancias especiais fabricadas pela matéria viva). Mas pouco se sabe a este respeito. Em 1930 foram efectuadas as primeiras experiências: animais marinhos de superfície foram submetidos a grandes pressões. Regra geral não resistem a mais de 300 atmosferas ou seja a pressão dos 3 000 metros. Uma solha colocada, durante vinte minutos, a uma pressão de 200 atmosferas morre quase imediatamente. As conchas suportam 600 atmosferas e as estrelas do mar, 1 000 — mas são casos de excepção.

E porque morrem? Se se comprimem as células vegetais isoladas ou glóbulos vermelhos é quando se atingem as 700 atmosferas se observa a sua destruição. Ora nós sabemos que os animais suportam pressões mais fracas, muito mais fracas. Já se demonstrou que esta contradição aparente se deve á fragilidade dos musculos do animal intacto. Comprimidos apenas a 300 atmosferas, tetanisam-se, isto é, tomam a contracção da doença chamada tétano; ao mesmo tempo enchem-se de água e perdem os sais, fosfatos e cloretos. Esta tetanisação dos musculos parece fazer-se por intermédio do sistema nervoso e leva a uma morte rápida.



VI
PARIS

Quando D. Afonso III tomou o castelo de Faro conta-se a seguinte lenda:

Parte das forças, que atacaram o castelo de Faro, foram colocadas no largo actualmente chamado de São Francico. Estas forças eram comandadas por um brioso oficial, robusto e formoso rapaz, solteiro. Este oficial pôde ver em certa ocasião a formosa e atraente filha do governador mouro, e dela ficou enamorado. A presença agradável e o aspecto guerreiro do nosso oficial não passaram despercebidos á moura, e esta, em breve tempo, estava em relações amorosas com o valente oficial, por intermédio de um seu escravo, também mouro.

Em certo dia conseguiu o oficial que a sua namorada o recebesse dentro do castelo, combinando-se que o mouro intermediário lhe abrisse alta noite a porta.

Antes de anoitecer dirigiu-se o oficial a alguns camaradas e disse-lhes se ele não voltasse depois de pequena demora é porque tinha caido numa armadilha; e se o castelo fosse tomado que não maltratassem a sua noiva.

À hora marcada entrou o oficial no castelo e ali se entreteve em enlevado colóquio com a dama dos seus sonhos. À hora de sair, acompanhou ela o namorado até á porta do castelo, levando consigo um irmão de 8 anos.

Quando se aproximavam da porta, disse-lhes o escravo, que da parte de fora estava muita gente pois que mais de uma vez lhe chegavam aos ouvidos vozes abafadas. A gentil moura estremeceu.

— Não tenhas medo: respondo pelos que estão de fora —; disse o oficial á moura dando-lhe o beijo de despedida.

Neste momento o criado destrancou a porta, fazendo um pequeno ruído, mas foi então que a porta foi repelida e um grupo de soldados portugueses entraram chamando em altas vozes pelo seu oficial. A este impulso gigantesco, o brioso oficial susteve nos braços a sua noiva, colocando-a sobre os ombros, dizendo em voz alta:

— Para trás... para trás! Estou aqui.

Já por esta altura soava por todo o castelo a voz de alarme. Armados até aos dentes afluiram os mouros á porta do castelo (uma porta labela teral de pequeno tamanho). O oficial então avançou para fora com a moura e, quase ao transpor a porta, notou que tinha nos braços não uma formosa jovem, mas apenas uns farrapos, que se desfaziam á mais pequena e leve aragem. Olhou para o lado e não viu a criancinha. Então teve a profunda e tristissima compreensão da sua desgraça. Caiu no chão sem sentidos.

Passadas horas voltou a si e viu-se deitado tendo ao lado um amigo. Ansioso perguntou ao amigo onde se encontrava a filha do governador, e como este não soubesse dirigiu-se á porta do castelo (que já tinha sido tomado pelos Portugueses).

Chegado á porta do castelo, viu o irmão da sua namorada e ao perguntar-lhe pela irmã lhe respondeu que estava encantada até o mundo ser mundo. O oficial, um valente, não pôde suster as lágrimas e desde então, nunca mais ninguém viu o oficial rir.

Terminado o cerco, pediu licença ao rei e recolheu-se a um convento, onde professou, adoptando outro nome.

num? Porque não, se estão preparados? Querem frequentar mais que um curso? Se têm condições para isso, podem fazê-lo livremente.

Ao seu dispor estão libliotecas, museus, exposições e, para respeitar, têm uma tradição que faz chamar a Paris a «capital do espírito».

Á saída das aulas discute-se, trocam-se impressões. Durante muito tempo apresentam-se duvidas que são esclarecidas.

Depois, manifesta-se o aspecto dinamico e alegre da mocidade francesa. Paris é dela. Divertem-se quanto possível mas decentemente. Os «cabarets», os «snack bars» não são para os Franceses mas para os estrangeiros. Os Franceses têm a fama apenas; mas se formos perguntar a este e a outro jovem de Paris se conhece um «cabaret» a maior parte das vezes a resposta é negativa e verdadeira.

Claro que também lá há esse fenómeno da sociedade moça «os teddy boys» mas são poucos e, não passam de... um fenómeno.

Enfim, naquela cidade onde os dias voam, onde em cada dia nos é dado observar coisas novas, na cidade de sonho que é Paris, os jóvens são iguais aos de Portugal: estudiosos, sérios, amigos de se divertirem e risonhos também, possuidores daqueles atributos que definem a mocidade.

Os dias em Paris passaram depressa. No regresso, se na imaginação trazia gravadas as suas preciosidades, se via a dormir e acordada a Torre Eiffel de 300 m. de altura, o tumulo de Napoleão, Fontainebleau e as Tulleries, espiritualmente contava também com muito mais riquezas.

França de Paris, Paris de Versailles! Ao recordar a frase á volta da qual se desenrola o espectáculo de som e de luz em Versailles: «Versailles ne tourne pas autour de la Terre, mais la terre tourne toujours autour de Versailles», eu creio que também se pode afirmar: o Mundo gira á volta de Paris!

Soluções do Concurso do *Juvenil*

Gigantes de Portugal — VERNEY

Qual é a coisa, qual é ela? — O ANZOL

Prémio para o melhor trabalho sobre ANTÓNIO VERNEY:

12. — Amigo 428 — Branca Ida Leitão Serra (Lisboa).

12. — «COSETE», por Vítor Hugo, da Portugália Editora.

«A GATA», por Collette, de Estudios COR.

Prémio para o trabalho mais votado, «O TALENTO» (pedimos para se identificar).

VENCEDORES

1. — Amigo 1828 — Laurinda Ferreira Canavilhas (Amadora).

2. — Amigo 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes (Lisboa).

3. — Amigo 1580 — Maria da Piedade Gandarez (Amora).

4. — Amigo 1820 — António José Barbosa de Oliveira (Porto).

5. — Amigo 1299 — Carlos Manuel da Silva Duarte (Porto).

6. — Amigo 1204 — Emílio Aquiles de Oliveira.

7. — Amigo 962 — Maria Alzira Seixo (Moita do Ribatejo).

8. — Amigo 1647 — Carlos Miradores (Lisboa).

9. — Amigo 1826 — Aura Correia Martins Carvalho (Quarteira).

10. — Amigo 1799 — António Carlos Morais Nunes (Coimbra).

11. — Amigo 1819 — António Pedro Garcia Lema (Porto).

PRÉMIOS

1 a 3. — «Reflexos nuns Olhos de Oiro», por Carson McCullers, de Estudios COR.

4 a 7. — «O NAVEGADOR», por Jules Roy, de Estudios COR.

8 e 9. — «SCARAMOUCHE», por Sabatini, da Portugália Editora.

10. — «ROBIN DOS BOSQUES», colec. dos Rapazes, da Portugália Editora.

11. — «UMA FENDA NA MURALHA», por Alves Redol — Colecção Contemporanea — Portugália Editora.

13. — «Os melhores contos portugueses», da Portugália Editora.

NOTA — Pedimos aos premiados de Lisboa e arredores o favor de levantarem os seus prémios dentro da data marcada — cinco dias após esta publicação e dentro de trinta dias, no fim dos quais perderão o direito aos livros. Os da Província continuam a receber os livros pelo correio, como é hábito. Pedimos aos Amigos premiados que ainda não levantaram os prémios a que têm direito, o favor de o fazerem o mais depressa possível; também pedimos aos da Província que acusem a recepção dos livros logo que os recebam.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 14 — António Coelho Peça (Leiria): não há duvida de que o livro se extraviou, pois os prémios estão em dia, com excepção dos livros de Estudios Cor que vão seguir agora. Mas vamos providenciar para que recebas outros exemplares.

Amigo 1766 — Fernando António Simões Coutinho (Porto): vi pelo cartão do teu irmão que ainda não recebeste o livro. Qual era e em que Juvenil saiu? Diz na volta do correio, sim, para vermos o que há.

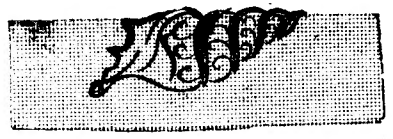
Amigo 1817 — Maria Fernanda Leal Lopes (Lisboa): Mas, boa Amiga, como poderias mandar artigos por postal? Claro que só poderás fazer por carta, não? Se te queres referir ao concurso, então sim, pode ser postal.

Do amigo sincero

TROTE

Amigos novos entrados:

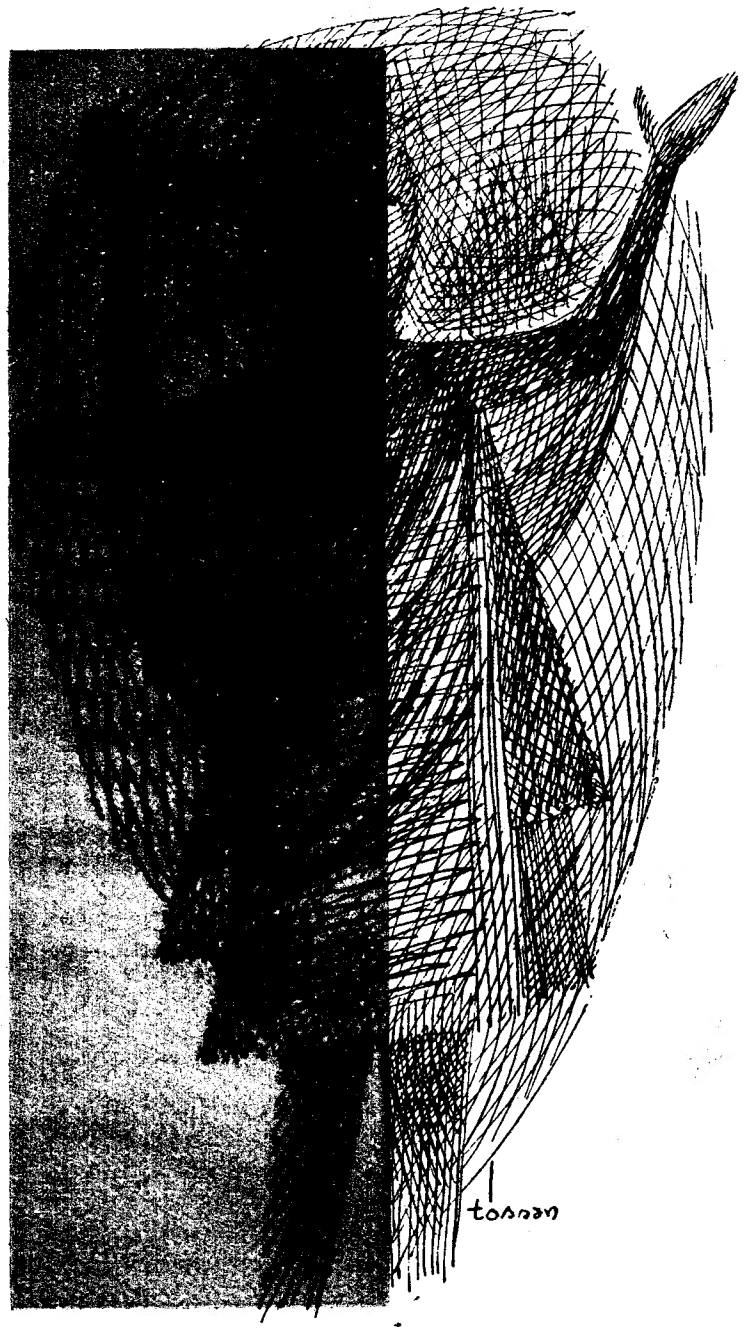
1819 — António Pedro Garcia Lima (Matosinhos); 1820 — António José Barbosa de Oliveira (Porto); 1821 — António Jorge Pimenta de Macedo (Porto); 1822 — João José B. Mendes (Queluz); 1823 — Maria Lisete Coelho Lebreiro (Porto); 1824 — Luís Filipe Ribeiro Caixinhas (Lisboa); 1825 — Maria Henriqueta Vila-Lobos Santos (Lisboa); 1826 — Aura Correia Martins Carvalho (Quarteira); 1827 — Viviana Pacheco Miranda (Lisboa); 1828 — Laurinda Ferreira Canavilhas (Amadora).



UM JUIZ

Por JOSÉ MANUEL PALMINHA (19 anos)

Há um mundo de gente á minha volta. Procuro orientar-me. E' em vão que o faço. Empurram-me. Sou levado aos encontrões sem saber para onde. E porquê, isto? Sempre esta divisa acompanhando-me. Sou homem. Não livre! Dou alguns passos sem ter ninguém a incomodar-me. Estou rindo. Que fazer hoje senão rir? Perto de mim há homens. Há braços que se abrem, outros que se fecham. Caras bem vivas, mas no interior mortas. Encolho os ombros, que faço? A solidão apoderou-se de mim. Agora sou eu. Ontem não fui. Amanhã? Procuro ver claro os factos. Disponível. Sempre me apontaram dois caminhos. Condenar, não condenar. Agora estou parado. Mão na algibeira do sobretudo, encostado a um muro. Olho quem passa. Há gente apressada e não apressada. Uns que sorriem, outros que o não fazem. Procuro afundar-me na consciência de cada um que vejo. E então, que noto? Opiniões diversas, opostas ás minhas. E porquê, bebida que pedi. Espuma. Levanto o copo. Olho através dele. O mundo é amarelo, diferente, não fascinante. Deturpou as figuras que me rodeiam. O homem magro que fala alto a meu lado é agora gordo. O outro que o escuta é disforme. E se os nossos olhos, o nosso cérebro, deturparem o meio onde estamos? E' possível! Puxo uma fumaça. Será? Um sentimento indefinivel apossou-se de mim. E' estranho. Semicerro os olhos. Estou abatido. Tenho vontade de sair daqui mas não o faço. Pouco apuro das conversas dos outros, mas isso é suficiente para julgar. Julgar, o quê? As nossas acções? As acções de um homem não se julgam, não se comparam. Pouso o olhar em qualquer coisa. Não sei o que é. E' uma bandeira. De que cor? Não sei. E' verde. E' estranho não saber a cor e chamar-lhe verde. Que me pode despertar uma bandeira? Nada, para dizer a verdade. Olho apenas. O homem do «café» não desvia de mim os olhos.



este caos? Apalpo-me. Não sou igual aos outros? E' inutil pensar deste modo. Ir ao âmago das coisas é no fim absurdo. Depara-se-nos sempre caminhos sem saida. Que faço aqui parado? Nada. Será lícito pensar assim? E'! Hoje estou certo de que é. Por mais que procure descortinar á minha volta a resposta e só essa. Nada! ... Volto a andar. Está frio. Desaperto os botões do meu sobretudo. Tiro as luvas. Gelam-me as mãos. Mas não as ponho nos bolsos. Deixo-as estar assim. Porque é que t endo frio não me recolho? O ar frio faz pensar. Tenho horror a tudo isto e não posso fugir. Quero ar sobretudo muito ar. Vou até a um «café»... Eu sei que não é o sitio mais indicado, mas vou... Hoje sinto-me absurdo. Quero ter gente perto de mim. Sento-me. Olho. Que vejo? Fumo. Fumo de tabaco e de conversas. Sonambulos! No fundo eu também me acho um sonambulo. As nossas conversas, não têm nexo. A actualidade não tem sentido. Falta essência ás nossas acções. Que podemos fazer? Tudo! Tudo? Não quero pensar assim. A minha resposta é: Nada. Amanhã se verá. Não me vejo reflectido na Frio, sr. doutor? Não o conheço. Será comigo que estará a falar. E' com certeza. Não há aqui mais ninguém. Está frio, está. Mas que disse ele? Doutor? Claro! Mas eu nunca o vi. Aos outros também não. Estou fazendo juizos de pessoas que não conheço. Serão certos? Talvez! Mas, talvez é apenas uma suposição. Não há dados concretos! Claro, não há nem nunca houve. Dados concretos? Filosofias, nada mais. Como se pudéssemos ter a certeza das nossas acções das acções dos outros, buh? Continuo estranho, absorvido. O homem do bar não me despertou. Só tenho agora espuma no meu copo. Sopro, desfaz-se. Existia, agora não existe. Isso que importa? Levanto-me. Pago. Quero sair pela porta de trás, mas saio pela da frente. Porquê? Não tenho mão em mim, é isso. Será melhor dizer, não somos senhores de nós próprios. E' falso pensar assim? De modo algum. Talvez nos pese pensar desse modo, porque ainda não fomos ao fundo do poço!... Há bocado pensava que isto seria absurdo. Parti de um absurdo e cheguei... não, não, cheguei também a um absurdo! E depois que concluir? Encolho os ombros. Estou na rua. Voltou o frio a bater na minha cara. Procuro esclarecer-me. Descortinar o que fiz nesta semana. Os dias passam na minha mente. E' isso!!! Foram pesadelos tremendos. O homem há bocado chamou-me sr. doutor. Na altura não pensei acertadamente. Só agora vejo claro. Penso hoje de maneira diferente... Mas porque nunca o fiz anteriormente? Sim... as nossas acções são absurdas. E' isso! Será justo que eu...? De modo nenhum. Não poderei condenar o homem. Talvez ele tenha roubado, morto. Mas, só... talvez. Houve um homem que ditou a sua inocência, outro a sua culpabilidade. Estava tentado a seduzir-me por este. As provas eram quase concludentes... quase! Só isso! Mesmo que fossem, eu não teria o direito de condenar.

O tribunal estará cheio. Todos esperarão a sentença. As atenções estarão em mim. O advogado vai berrar, mas... estou a rir só de pensar o que dirá, os artigos que irá buscar. Recorrerá para algum tribunal superior? Talvez. Deixá-lo. As acções serão também absurdas. Não vê isso, como não vê que o tipo que acusava é desculpável. Ah, ah! O homem não será condenado, garanto!

Amigo n.º 1658

UM ASSALTO INTERESSANTE

por AUGUSTO M. S. DIAS

— Quem se mover é um homem morto!

— Todos para ali para o canto, ao pé do elevador!

— Tom abre o cofre e retira todo o dinheiro que encontrares, tu Jerry recolhe o dinheiro que encontrares dentro dos «guichés» dos caixas.

Quem dava as ordens era um homem alto, forte, com o rosto velado, assim como todos os companheiros.

Entre os clientes do banco que estavam no canto da sala ao pé do elevador, encontrava-se um ex-agente da Polícia. O ex-polícia ficou intrigadíssimo, quando um dos bandidos desarmou o polícia de serviço, e este, em vez de reagir, ou pelo menos mostrar-se contrariado, esboçou um sorriso enigmático.

Muito mais ficou, quando os bandidos saíram, com os comentários sorridentes do gerente.

— Muito bem engendrado, estes rapazes têm muita imaginação!

O ex-polícia não podendo aguentar mais aquele cenário ridículo, dirigiu-se ao gerente:

— Senhor...

— Norton, respondeu o gerente sorrindo.

— Então o senhor acaba de ser assaltado e em vez de avisar a Polícia ainda se ri e acha engendroso o plano de acção dos bandidos.

— Mas, não me diga... o senhor... o senhor acreditou. Ora vejam lá se eu não tenho razão para achar o assalto formidávelmente bem executado (continuava o gerente rindo cada vez mais).

— Bem, já que o senhor não quer avisar a Polícia irei eu, e não me esquecerei de mencionar a forma como o senhor reagiu.

— Calma, calma, ena o que aí vai. Eu explico-lhe tudo. Há aproximadamente uns cinco anos que o F. B. I. utiliza o banco como... digamos, centro operacional. Os futuros agentes para melhor verem como reagem os bandidos durante os assaltos aos bancos, formam grupos e assaltam eles próprios o nosso banco. O nosso papel consiste em nos deixarmos roubar e depois ir buscar o dinheiro ao F. B. I. O que acaba de presenciar, meu caro amigo, não foi, nem mais nem menos, mais do que uma das suas aulas práticas.

— Bem, sendo assim, espero que aceite as minhas mais sinceras desculpas, mas é que foi tão real, que apesar de ter sido polícia fiquei convencido de que era a sério.

— É o que lhe digo meu caro, desta vez os rapazes estiveram formidáveis.

— Desculpe retirar-me, senhor Norton, mas estou com imensa pressa, boa tarde.

— Boa tarde e espero que não tome agora todos os assaltos a brincar (despediu o gerente rindo).

O senhor Norton dirigiu-se para o seu gabinete, depois de se sentar na confortável cadeira da sua secretária, respirou fundo, e ao mesmo tempo que pegava no telefone, sorrindo ainda mais uma vez, comentou:

— Sim senhor, muitos bandidos com larga experiência, não teriam feito melhor.

— Está, menina ligue-me para a F. B. I. se faz favor.

— ..... — diga-lhe que é do Banco Smith Comp. Ld.ª

— Viva inspector, parabens.

— ..... Porquê?, ora essa, os seus rapazes estiveram fantásticos.

— ..... O quê?, não compreende a que é que me estou a referir? Ora, ao assalto ao banco.

— .....O quê?... mas... mas não foram vocês, então não foram os agentes da F. B. I. Mas não é possivel... não, não... não chamei a Polícia, pois julgava que fossem vocês, então era mesmo verdade.

A CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da 1.ª página)

exagerado e negativo. Não digo que *na realidade de todos os dias* não se possa surpreender aquela conversa. Mas então terás de a apresentar como caso singular. Ora tu generalizas e deixas a impressão de que os pobres são uns invejosos que, melhorando de situação, se tornam os piores tiranos para os seus ex-colegas... E' preciso conhecer melhor a gente simples e fornecer, como escritores, áqueles a quem nos dirigimos, uma visão do Mundo ao mesmo tempo justa, esclarecedora, humana, sem facciosismos e capaz de tornar, quem nos lê, aptos para compreender os problemas que os cercam e ter a coragem de os enfrentar decididamente.

Queres um exemplo de precipitação, que poderás fácilmente evitar desde que releias conscientemente o teu trabalho?

«O velho batia-lhes nos *trapos* e entrava pelos *buracos* dos *farrapos*, enchendo-os de frio».

A tua poesia «Adeus» podia também ser mais trabalhada. O conto policial é de bum humor.

2 — ALEGRIA — AS ARVORES, *por Ana Maria Simões, amigo n.º 1789 (18 anos).*

Destas duas poesias, a primeira é francamente a melhor, embora necessite que a medites e trabalhes melhor. Só fica, em arte, o que é fruto de muito trabalho. As qualidades naturais (quando existem), por muito geniais que sejam, não chegam. Ora a tua poesia, com momentos belos, tem descuidos como este:

Alegria
.....
é ser feliz
sem felicidade

Se me deres licença publicar-se-á esta poesia, cortando-se o passo acima transcrito.

3 — VISLUMBRE — SENTIR — DÚVIDA, *por Francisco da Silva Carvalho (19 anos), Amigo n.º 1775.*

E' evidente que através da leitura de três poesias não se pode saber se um jovem possui qualidades de poeta. O juizo que faço não é, pois, definitivo. Por ora só posso afirmar que o teu caminho não será talvez (digo talvez) o da poesia. Gostava de conhecer mais trabalhos teus, em prosa ou em verso. Mandas?

Na próxima semana continuaremos a publicar impressões sobre os trabalhos dos nossos amigos.

Correio de Leitores

Recebemos esta semana a colaboração seguinte:

1 — «Sonhando. chorei...» e «Na Bruma», do Amigo 266 — Maria Fernanda de Brito e Silva. *Serão publicados.*

2 — Peça-poema em 1 acto, «Tão verde era a cor» e «Poema perdido», do Amigo 1580—Maria da Piedade Gandarez. *Serão publicados.*

3 — «Carta ao Amigo n.º 1680», «Falei com um Marciano», «Quando a vejo», «Noite do Sul», «Aqueles olhos verdes», «Juventude», do Amigo n.º 1299 — Carlos Manuel Duarte. *Serão publicados, menos o ultimo.*

4 — «Encontrei o caminho», «Pôr do Sol» e «Alguém», do Amigo n.º 1644 — Maria Elisa Gonçalves, *Os dois primeiros serão publicados.*

5 — «Poema», do Amigo n.º 1748 — Nuno Brederode Santos. *Será publicado.*

6 — «A Lenda de S. Pedro de rir-a-Corça», «O poder da sugestão» e «Morreu Albert Camus», do Amigo n.º 1494 — António Degois Pereira. *Os dois primeiros serão publicados.*

7 — «O animal feroz», do Amigo n.º 1703 — Manuel Neves Mendes. *Será publicado.*

Depois faremos a estes trabalhos os respectivos comentários críticos.

Artigos preferidos

No «Juvenil» n.º 140, os artigos mais votados foram:

O Talento	372
Lendas do Algarve	303
Artigos tristes e artigos juvenis	217
Os cavaleiros da Távola Redonda	147
Maravilhas da Natureza...	138
Ter-nura	104
Cinema de animação	39
A Conversa da Semana	39
Desenho de Vítor Ferreira	39
Passatempo	15

Infelizmente, por lamentável gralha, o nome da autora de «O Talento não foi publicado Sabemos que é uma jovem. Mais nada. Que ela nos escreva a esclarecer a questão e veja entretanto, na secção respectiva, o prémio que lhe coube.